



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Ciências Econômicas - FACE
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Pós-Graduação em Demografia

WILLY NEY OTAÑEZ REYES

**O IMPACTO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA FECUNDIDADE DAS
MULHERES RESIDENTES NA REPÚBLICA DOMINICANA, 1996-2010**

Belo Horizonte

2015

WILLY NEY OTAÑEZ REYES

**O IMPACTO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA FECUNDIDADE DAS
MULHERES RESIDENTES NA REPÚBLICA DOMINICANA, 1996-2010**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Demografia, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientadora: Professora Ana Paula de Andrade
Verona

Co-orientador: Professor Dimitri Fazito

Belo Horizonte

2015

Ficha catalográfica

R457i
2022

Reyes, Willy Ney Otañez.
O impacto da migração internacional na fecundidade das
mulheres residentes na República Dominicana, 1996-2010
[manuscrito] / Willy Ney Otañez Reyes. – 2022.
193f.: il., gráfs. e tabs.

Orientadora: Ana Paula de Andrade Verona.
Coorientador: Dimitri Fazito.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
Inclui bibliografia (f. 167-174).

1. Demografia – Teses. 2. Fecundidade – Teses. 3. Migração –
Teses I. Verona, Ana Paula de Andrade. II. Fazito, Dimitri. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento
e Planejamento Regional. IV. Título.

CDD: 304.6

Elaborada por Rosilene Santos CRB6-2527
Biblioteca da FACE/UFMG. RSS – 137/2022



Curso de Pós-Graduação em Demografia da Faculdade de Ciências Econômicas

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE WILLY NEY OTAÑEZ REYES Nº. REGISTRO 2013663158. Às dezesseis horas do dia vinte e sete de maio de dois mil e quinze, reuniu-se na *Faculdade de Ciências Econômicas* da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de DISSERTAÇÃO, indicada “*ad referendum*” pelo Colegiado do Curso em 13/05/2015, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado “**O impacto da migração internacional na fecundidade das mulheres residentes na República Dominicana, 1996-2010**”, requisito final para a obtenção do Grau de *Mestre em Demografia*, área de concentração em Demografia. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Ana Paula de Andrade Verona, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Comissão aprovou o candidato por unanimidade. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 27 de maio de 2015.

Profa. Ana Paula de Andrade Verona
(Orientadora) (CEDEPLAR/FACE/UFMG)

Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende
(Coorientador) (CEDEPLAR/FACE/UFMG)

Profa. Laura Lídia Rodríguez Wong
(CEDEPLAR/FACE/UFMG)

Prof. Everton Emanuel Campos de Lima
(NEPO/UNICAMP)

Prof. José Irineu Rangel Rigotti
Subcoordenador do Curso de Pós-Graduação
em Demografia

Ao Deus Eterno por ser a substância de nossa vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente à orientadora Professora Ana Paula de Andrade Verona e ao co-orientador Professor Dimitri Fazito, pelo apoio e dedicação na elaboração desta dissertação. Sem seus oportunos conselhos e recomendações este trabalho teria sido um aborto desde sua fase inicial. Minha gratidão pelo grande esforço que fizeram ao me orientar e pelas palavras de estímulos, para continuar adiante.

Aos professores que fizeram parte da banca de avaliação, pelas contribuições para a melhora e o afinamento deste trabalho.

Às pessoas que me ajudaram na facilitação e nos trabalhos das bases de dados utilizadas, especialmente a Mildred Martinez, Leonel Salantle e Julimar Santos Pinto. Também agradeço a Janaína T. Guiginski por me ajudar na revisão do português.

Infinita gratidão a todos os professores do CEDEPLAR, especialmente a Simone Wajnman, Eduardo Rios-Neto, Gilvan Guedes, Bernardo Q. Lanza, José Alberto Magno de Carvalho, Ana Paula de Andrade Verona, Dimitri Fazito, Laura R. Wong e José Irineus Riggoti, por colocar à minha disposição o manancial do saber demográfico. Especial destaque merece Ana Paula de Andrade Verona, por me incentivar e me direcionar adequadamente durante todo o curso.

Ao pessoal administrativo do CEDEPLAR, especialmente a Maria Cecília e ao Sebastião Guedes. Obrigado por facilitar com muita amabilidade e eficiência todos os assuntos relacionados aos processos administrativos.

Gostaria de expressar minha gratidão ao CAPES pelo sustento financeiro, sem o qual teria sido impossível para mim realizar o mestrado.

Agradeço aos colegas da turma de 2013 pela ajuda e por compartilhar comigo, durante estes dois anos, os momentos agradáveis e difíceis. Obrigado Ana Júlia Allen González, Janaína T. Guiginski e Melissa Lima, por sua amizade sincera e por me incentivar com palavras e fatos durante todo o mestrado.

Agradecimento a todos os meus amigos africanos, Serafim Kamphambe, Edson Fernandes Raso, Raitone Armando, Salvador Grande, Azido Mataca Junior, Destinado Artur Guite e Virgínia José Baptista Cá. Sou grato com vocês por me acompanhar e ajudar durante minha estadia no Brasil.

Saliento a extrema importância que tiveram Francisco Irineo Cáceres Ureña, Laura Rodríguez Wong e Walter Cavero Dagha, pelos incentivos e apoios para que eu fosse estudar no CEDEPLAR. Gostaria de enfatizar ainda mais a grande importância que tem tido Francisco Irineo Cáceres, que além de me estimular para estudar Demografia, tem se convertido no meu principal exemplo profissional e laboral. Obrigado Francisco I. Cáceres por teus conselhos e recomendações, tanto de palavras quanto de testemunhos.

Aos companheiros de trabalho na Oficina Nacional de Estadísticas por sua constante motivação e apoio. Obrigado Mildred Martinez, Maria Rita Parra, Shelila Ruiz e Belkis Lopez por seu extraordinário exemplo laboral e profissional, o qual tem sido uma das principais fontes para meu crescimento como profissional.

Agradeço à Oficina Nacional de Estadísticas da República Dominicana, na pessoa de seu diretor Lic. Pablo Tactuck, pelo suporte concedido nos últimos tempos ao meu crescimento e desenvolvimento acadêmico.

Aproveito também para agradecer a todos os meus amigos, de maneira especial a Yoshie Mukai Peralta e ao Rvdo. P. Joaquin Alberto Pérez, que, além de motivar e me recomendar dar o melhor de mim, sempre estiveram presentes oferecendo suas palavras de forças e ousadias, nos momentos críticos, para perseverar até alcançar o objetivo final.

Finalmente, estendo o agradecimento a meus pais Maria Reyes e Ramón Antonio Otañez, e aos irmãos Lidia Betania, Rosa Mary, Israel Antonio, Manuel del Carmen, Ramón Gustavo, José Eduardo, Rocio Lisset e Omar Odenny. Vocês são os principais protagonistas de todos os sucessos que eu possa lograr. Obrigado pelo incentivo incondicional e por fazer presença em todos os momentos.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a relação entre a migração internacional com o comportamento reprodutivo das mulheres imigrantes residentes na República Dominicana, especificamente as procedentes de Haiti entre 1996 e 2010. Para atingir este objetivo, se consideram neste estudo os siguientes grupos populacionais de residentes na República Dominicana de acordo ao país de nascimento: 1) nativas na República Dominicana; 2) nativas no Haiti; e 3) nativas em outros países diferentes a República Dominicana e ao Haiti. Além de isso, se fiz uma comparativa com as estimativas dos indicadores analisados para o Haiti. A principal fonte de dados que este estudo utiliza foi o Censo 2010. Também, utilizaram se outras fontes de dados auxiliares como pesquisas de amostragem e estimativas de população. Em primeiro lugar foram analisados o nível e a estrutura da fecundidade por faixa etária estimadas com o método dos filhos próprios, segundo características sociodemográficas, tempo de residência na República Dominicana e ciclo de chegada ao país (antes dos 15 ou depois dos 14 anos de vida). Em seguida, foi analisado o risco de ter tido um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 para estudar a fecundidade recente. Considerando as principais teorias que explicam a vinculação da migração com a fecundidade, os resultados deste trabalho sugerem que a migração impacta o comportamento reprodutivo das estrangeiras residentes na República Dominicana através da ruptura, adaptação, do status da minoria e da migração familiar. Estes halhazgos são percebidos, na tendencia do nível da fecundidade, a estrutura etária da fecundidade e tanto nas imigrantes de origem haitianos quanto as outras imigrantes residentes na República Dominicana. A relevância deste trabalho se faz presente nas suas contribuições com relação às evidências empíricas apresentadas para explicar as relações teóricas entre migração e fecundidade, contextualizadas para a República Dominicana. Desta forma, poderemos avançar no debate sobre a experiência da fecundidade das imigrantes em países em desenvolvimento.

Palavras-chave: Fecundidade. Migração. Adaptação. Ruptura

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the relationship between the international migration and the reproductive behavior of immigrant women residing in the Dominican Republic, specifically the women from Haiti between 1960 and 2010. To achieve this objective, the following population cohorts of women aged 15 to 49 residing in the Dominican Republic were considered in this study, according to country of birth: 1) natives of the Dominican Republic; 2) natives of Haiti; and 3) natives to countries other than the Dominican Republic and Haiti. Furthermore, a comparison was made of the estimates of the indicators analyzed with Haiti. The main data source used in this study was the 2010 Census in the Dominican Republic. Also, other auxiliary data sources were used, as sample surveys and population estimates. First, the level and structure of fertility was analyzed by age groups, estimated through the Own-Children Method (OCM), according to sociodemographic characteristics, timelength of residence in the Dominican Republic and the cycle of arrival to the country (before the age of 15 or after the age of 14). Following, the risk of having had a child between December 2009 and November 2010 was analyzed to study recent fertility. Taking into consideration the main theories that explain the link between migration and fertility, the results obtained from this study suggest that migration impacts the reproductive behavior of the Dominican Republic's residents through rupture, adaptation, minority status and family migration. These findings were perceived in the fertility level tendency, the age structure of fertility both in immigrants of Haitian origin and in other immigrants residing in the Dominican Republic. The relevance of this study lies in its contributions regarding the empirical evidence presented to explain the theoretical relationships between migration and fertility, contextualized for the Dominican Republic. In this degree, we will be able to advance the debate on the fertility of immigrants in developing countries.

Keywords: Fertility. Migration, Adaptation. Rupture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1- Distribuição percentual da população de RD por sexo, segundo faixa etária.....	24
Gráfico 2- REPÚBLICA DOMINICANA: Composição porcentual da população por área de residência, segundo ano do censo, 1920-2010	25
Gráfico 3- Taxa de fecundidade total da República Dominicana, 1950-2015	26
Gráfico 4- Porcentagem de mulheres casadas ou unidas usando contraceptivos, segundo o ano da pesquisa, 1975-2007	27
Gráfico 5- Taxa específica de fecundidade da República Dominicana, segundo fonte de estimativa, 1965-2009	30
Gráfico 6- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) para as nativas da República Dominicana, 1996-2010	80
Gráfico 7- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das nativas residentes na área urbana da RD, 1996-2010.....	83
Gráfico 8- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das nativas residentes na área rural da RD, 1996-2010	83
Gráfico 9-Taxas específicas de fecundidade (em porcentagem) das nativas na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010.....	87
Gráfico 10- Taxa de fecundidade total por quinquênio no Haiti, 1950-2010.....	90
Gráfico 11- Taxas específicas de fecundidade, por quinquênio, no Haiti, 1950-2010.....	91
Gráfico 12-REPUBLICA DOMINICANA: Estrutura etária da população residente nativa no Haiti	99
Gráfico 13-Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana, 1996-2010	105
Gráfico 14- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes no Haiti ..	105
Gráfico 15- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) das mulheres de qualquer outras nacionalidade diferente á haitianas residentes República Dominicana, 1996-2010	106
Gráfico 16- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na área urbana da República Dominicana, 1996-2010.....	110
Gráfico 17- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes na área urbana do Haiti, 2000-2010.....	110
Gráfico 18- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na área urbana da República Dominicana, 1996-2010.....	111
Gráfico 19- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na área rural da República Dominicana, 1996-2010	115

Gráfico 20- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes na área rural do Haiti, 1996-2010.....	115
Gráfico 21- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na área rural da República Dominicana, 1996-2010	116
Gráfico 22- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por nível de instrução, 1996-2010	123
Gráfico 23- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010	125
Gráfico 24- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010	131
Gráfico 25- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010	134
Gráfico 26- Contribuição da TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010.....	139
Gráfico 27- Taxas específicas de fecundidade (em porcentagem) das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010.....	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- População e taxa de crescimento média anual da República Dominicana.....	23
Tabela 2- Participação porcentual da fecundidade de cada grupo etário na fecundidade total, segundo fonte de pesquisa, 1965-2009.....	29
Tabela 3- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas na República Dominicana, 1996-2010	79
Tabela 4- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas residentes na República Dominicana, por área de residência, 1996-2010	82
Tabela 5- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas residentes na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010	85
Tabela 6- Características sócio-demográficas da população residente no Haiti em 2012 e da imigrante haitiana em República Dominicana, em porcentagem.....	102
Tabela 7- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais na República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010.....	103

Tabela 8- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não nativas residentes na área urbana da República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010.....	109
Tabela 9- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais residentes na área rural da República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010.....	113
Tabela 10- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana e no Haiti, por nível educacional, 1996-2010.....	121
Tabela 11- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais no Haiti residentes na República Dominicana por nível educacional, 1996-2010.....	121
Tabela 12- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010	129
Tabela 13- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010.....	132
Tabela 14- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010.....	137
Tabela 15- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana, por tempo de residência, 1996-2010.....	140
Tabela 16- População feminina no período reprodutivo residente na República Dominicana, segundo nacionalidade da origem e características sócio-demográficas, 2010.....	146
Tabela 17- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem (Odd-ratios)	148
Tabela 18- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem segundo coorte de chegada à República Dominicana (Odd-ratios)	150
Tabela 19- Modelo de regressão logístico para a chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010, segundo país de origem e coorte de chegada (Odd-ratios).....	151
Tabela 20- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem segundo ciclo de chegada à República Dominicana (Odd ratio)	153
Tabela 21- Modelo de regressão logístico para a chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010, segundo país de origem e ciclo de chegada (Odd-ratios).....	154

LISTA DE ABREVIATURAS

CELADE-Centro Latino-Americano de Demografía
DHS-Demographic and Health Surveys
ENDESA-Encuesta Demográfica y de Salud
ENHOGAR-Encuesta Nacional de Hogar
IDH-Índice de Desarrollo Humano
ENI-Encuesta Nacional de Inmigración
IMF-Idade Média da Fecundidade
IXCNPV-IX Censo Nacional de Población y Vivienda
LATAM-Latinoamérica
MFP-Censo- Método dos Filhos Próprios Censo
MFP-ENI- Método dos Filhos Próprios Com ENI
ONE- Oficina Nacional de Estadísticas
ONU- Organización de las Naciones Unidas
PNPF- Programa Nacional de Planificación Familiar
RD- República Dominicana
TEF- Taxa Específica de Fecundidade
TFT- Taxa de fecundidade total

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CONTEXTO DEMOGRAFICO DA REPÚBLICA DOMINICANA.....	21
2.1 Contexto geográfico e demográfico.....	21
2.2 Contexto econômico.....	21
2.3 Contexto demográfico.....	22
2.3.1 <i>População: distribuição espacial e estrutura</i>	22
2.3.2 <i>Contexto da fecundidade</i>	25
2.3.3 <i>Contexto da mobilidade interna e internacional na República Dominicana</i>	31
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	38
3.1 Transição da fecundidade, transição da migração e feminização da migração.....	38
3.1.1 <i>Transição da fecundidade</i>	39
3.1.2 <i>Transição da mobilidade e principais teorias migratórias</i>	42
3.1.3 <i>Feminização da migração</i>	45
3.2 A fecundidade das migrantes.....	47
3.2.1 <i>Hipóteses ou canais através dos quais a migração afeta a fecundidade</i>	49
4 METODOLOGIA.....	62
4.1 Conceitos e unidade da análise.....	62
4.2 Fontes de dados.....	62
4.2.1 <i>O IX Censo Nacional de Población y Vivienda 2010</i>	63
4.3 Técnicas.....	64
4.3.1 <i>O método dos filhos próprios</i>	67
4.3.2 <i>Modelo de regressão logístico</i>	72
5 FECUNDIDADE DAS NATIVAS E AS IMIGRANTES HAITIANAS NA REPÚBLICA DOMINICANA.....	74
5.1 Avaliação geral dos resultados.....	74
5.2 Fecundidade das nativas da República Dominicana 1996-2010.....	79
5.2.1 <i>Fecundidade geral</i>	79
5.2.2 <i>Fecundidade por área de residência</i>	81
5.2.3 <i>Fecundidade por nível educacional</i>	84
5.3 A fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana 1996-2010.....	88
5.3.1 <i>Contexto da migração haitiana e perfil do migrante haitiano residente na República Dominicana</i>	89

5.3.2 Fecundidade geral.....	102
5.3.3 Fecundidade por área de residência.....	107
5.3.4 Fecundidade por nível educacional	117
5.3.5 Fecundidade por estágio do ciclo de vida ao migrar	127
5.3.6 Fecundidade por tempo de residência	135
5.4 A fecundidade recente: nascimento de filho vivo no último ano	145
5.4.1 A incidência do lugar de origem	147
5.4.2 O impacto do período de chegada ou amplitude do tempo de residência	148
5.4.3 A influência do ciclo de chegada	152
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
BIBLIOGRAFIAS.....	168
ANEXOS	176

1 INTRODUÇÃO

A transição da fecundidade na América Latina e nos países do Caribe apresenta importantes peculiaridades em relação às outras regiões do mundo. A passagem de altos para baixos níveis de fecundidade ocorreu de forma muito intensa e rápida em comparação aos países desenvolvidos. De maneira geral, uma grande redução da fecundidade começou a ser percebida durante a segunda metade do século XX, período no qual muitos países da América Latina apresentavam uma taxa de fecundidade total (TFT) superior a cinco filhos por mulher. No entanto, já no final da década de 90, alguns tinham alcançado uma TFT pouco acima do nível de reposição populacional (2.1).

Considerando as mudanças na estrutura da fecundidade, boa parte da América Latina e do Caribe passou por um processo conhecido como rejuvenescimento do seu padrão etário. A principal explicação para este fenômeno é o declínio da fecundidade relativamente maior nos grupos etários mais velhos, observado principalmente no início e na fase intermediária da transição. Além disso, em alguns países como Brasil, República Dominicana e Haiti, foram observados períodos de aumento da taxa de fecundidade entre as adolescentes, o que contribuiu também para o rejuvenescimento da estrutura da fecundidade nestes países (Chackiel, 2004).

A República Dominicana é um dos países da Região que apresentou maior velocidade na redução da fecundidade. No final da década de 50, a sua TFT era de aproximadamente 7.6 filhos por mulher. Não obstante, já no ano de 2010, o número de filhos, em média, das mulheres em idade reprodutiva estava entre 2.3 e 2.4. Essa acelerada diminuição da fecundidade constitui uns dos principais acontecimentos da história demográfica do país. Também, a estrutura da fecundidade na República Dominicana, como em outros países da Região, experimentou um rejuvenescimento ao longo da transição, tendo atualmente um padrão relativamente jovem quando comparado ao dos países desenvolvidos do ocidente.

Paralelo a essa transição da fecundidade, desde a segunda metade do Século XX, a migração interna e a migração internacional, também vem tomando maior preponderância na República Dominicana por sua intensidade e impactos na dinâmica demográfica e na redistribuição espacial da população. Esse fator tem sido um dos principais motores da urbanização e do

desenvolvimento econômico no país. As mudanças na mobilidade espacial interna foram os resultados das transformações do mercado de trabalho, ao passar de uma economia com maior representatividade no setor primário para uma economia industrializada e de serviço. Essas transformações econômicas levaram a um aumento das desigualdades econômicas entre as cidades e as áreas rurais, que, por sua vez, induziram a um êxodo massivo da população dos campos para as cidades (RAMIREZ, 1988). Além disso, a intensa mobilidade espacial da população foi intensificada por uma maior entrada das mulheres no mercado laboral, principalmente no setor serviço.

O êxodo massivo da população nativa dominicana, especialmente para os USA, começou depois de 1960, com a eliminação das barreiras migratórias que existiam entre os dois países. Contudo, esse tipo de migração internacional era praticamente masculino. A mobilidade internacional tomou outro reposte depois de 1995, com o aumento do fluxo migratório para vários países da Europa, principalmente para a Espanha. A diferença desta com a anterior, é que esta última migração tem sido muito mais feminina (ROMERO, 2003; RAMIREZ, 1988).

Por outro lado, a maior parte dos imigrantes não naturais na República Dominicana é originária do Haiti, país no qual a transição da fecundidade tem sido mais lenta. Entretanto, a outra parte é natural de países desenvolvidos, especificamente de Europa e os Estados Unidos, com níveis e padrões no comportamento reprodutivo pós-transicional.

Segundo as cifras do IX Censo de População e Vivenda de 2010 a população de imigrantes internacionais, não natural, que vive na RD, representa 4% ou menos da população total do país. Desta porcentagem, quase 90% é natural do Haiti e o restante originário dos Estados Unidos, da Espanha, Venezuela, Etc. No caso das mulheres em idades reprodutivas, a população feminina de imigrantes internacionais não naturais representava, em 2010, 5% do total da população feminina de 15 a 49 anos de idades.

As mudanças de maneira paralelas entre a fecundidade e a migração na República Dominicana, sugere que ambas poderiam estar vinculadas. Essa ideia poderia se sustentar por várias razões, classificadas desde um enfoque micro e macro. Em termo micro, o migrante em potencial, quando olha a migração como um projeto de vida, adia outras metas de sua vida para realizá-las depois do ato migratório. Isso poderia inferir que as não naturais da República

Dominicana, como consequência de ter a migração como um projeto futuro de vida, podem ter adiado sua maternidade.

Desde o enfoque macro, o processo migratório poderia ter influenciado no descenso do nível da fecundidade do país através da difusão de novas normas e condutas reprodutivas importadas pelos imigrantes internacionais. Como mencionamos anteriormente, a maior parte dos emigrantes dominicanos tem tido como países de destino Espanha, Estados Unidos, Itália, etc.; os quais tem níveis de fecundidade muito baixo.

Considerando que as transições da fecundidade e da migração no país ocorreram de maneira paralela, a caberia se perguntar: quais têm sido os impactos da migração internacional na transição da fecundidade da República Dominicana? Sem dúvida, essa pergunta é muito complexa e difícil de responder, porque não temos os elementos e recursos necessários como dados longitudinais da população que tem residido, tanto a que tem migrado quanto a que não, desde a década de 1960 até a atualidade. Esses tipos de dados são necessários para pesquisar, por um lado, as incidências das normas importadas pelas imigrantes nativas de retornos e as não naturais, e por outro, para estudar os impactos do processo migratório, através dos diferentes canais, no comportamento reprodutivo.

Considerando esta limitação, o objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar a associação entre a migração internacional e o comportamento reprodutivo das imigrantes na República Dominicana entre 1996 e 2010. Devido à carência de informações e as limitações existentes, este objetivo considera a população nativa, sem fazer distinção se tem sido migrante de retorno internacional ou não, e como população não natural, considera, em especial, a originária do Haiti, devido à sua preponderância relativa.

O principal arcabouço conceitual para explicar a relação entre a fecundidade e a migração, estabelece que esta última pode afetar à primeira através da seletividade, da ruptura, da assimilação, da adaptação e/ou da difusão das normas importadas pelos próprios migrantes (GOLDSSTEIN, 1983; LINDSTROM e GIORGULI, 2002). Tendo presente o contexto sociodemográfico e econômico dominicano, assim como as características da imigração haitiana, os objetivos específicos para atingir o geral são:

- 1- Descrever, analisar e comparar o nível e a estrutura da fecundidade das nativas e das

haitianas, entre 1996 e 2010, tanto no aspecto geral, quanto discriminado por:

- a) Atributos sóciogeográficos como: área de residência e nível educacional.
- b) Variáveis de exposição às normas e valores da cultura dominicana, tais como: tempo de residência e período do ciclo de vida em que chegaram.

- 2- Determinar e comparar a chance de ter um filho no último ano, entre as imigrantes e as dominicanas, desde dezembro de 2009 até novembro de 2010.

A unidade da análise deste trabalho é a população de mulheres nativas na República Dominicana e a população de imigrantes haitianas em idades reprodutivas. Também vamos examinar a população não natural procedente de outros países que residiam na República Dominicana e a residente no Haiti durante o período do estudo.

Os dados para realização deste trabalho incluem as informações de migração captadas no IX Censo Nacional de População e Vivenda 2010, levando em consideração as informações sobre o país de nascimento e ano de chegada à República Dominicana. Além disso, serão utilizadas informações sobre fecundidade das DHS- 2000 e 2012 do Haiti, que será comparada com a fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana.

A República Dominicana não dispõe de um bom registro civil ou de uma pesquisa contínua representativa para estudar o impacto que poderia ter o projeto migratório, no comportamento reprodutivo das migrantes no país. Além disso, os dados de fecundidade do Censo 2002 e 2010 impedem a obtenção de estimativas diretas relativamente confiáveis. Considerando estas limitações, se utiliza o método dos filhos próprios que tem como objetivo realizar estimativas indiretas da fecundidade para os 14 anos anteriores em que se realizou a pesquisa utilizada. Este método consiste em uma retroprojeção dos filhos aos anos de seus nascimentos e das mães às idades em que tiveram seus filhos para calcular a estrutura e o nível da fecundidade nestes 14 anos.

Uma limitação do método dos filhos próprios para a população de migrantes é que este não permite determinar se a fecundidade estimada corresponde a um período antes de imigrar ou a um período pós-migração. Contudo, este trabalho tenta aproximar tal distinção ao controlar

pelo tempo de permanência ou pelo ciclo de vida de chegada, ou seja, distingue entre a fecundidade que corresponde aos períodos pré-migratório e pós-migratório.

Além do método dos filhos próprios, se utiliza o modelo de regressão logístico binário para estimar o risco de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 controlando por algumas variáveis sociodemográficas.

Na República Dominicana, os trabalhos para estudar a relação entre a fecundidade e a migração não são abundantes. Por conseguinte, este trabalho seria pioneiro nesse tema pouco abordado para o contexto dominicano, representando um ponto de partida para pesquisas que fariam abordagens mais amplas. Além disso, este trabalho pode motivar a realização de outros estudos, mais profundos sobre os possíveis determinantes e os impactos da migração no comportamento reprodutivo das migrantes internacionais dominicanas nos principais países ou regiões de destinos. Finalmente, esta pesquisa também pode dar início ao estudo da fecundidade e do comportamento reprodutivo das migrantes internas, tema também pouco abordado no país.

Além de ser um trabalho precursor, sua relevância também radica nas contribuições de evidências empíricas das relações teóricas entre migração e fecundidade contextualizadas na República Dominicana, um país caribenho com muitas singularidades.

Por fim, conforme o que foi achado pela pesquisa, o estudo abre uma janela de oportunidades para os planejamentos de políticas populacionais eficientes a respeito da fecundidade. Estas poderão ser focalizadas a partir dos grupos populacionais levando em conta sua condição de imigrantes internacionais ou não, suas características socioeconômicas e demográficas.

Para atingir os objetivos, este trabalho se divide em cinco partes além desta introdução. O capítulo dois está destinado à contextualização demográfica da República Dominicana. A revisão bibliográfica sobre os tópicos relacionados com a vinculação entre o comportamento reprodutivo e o processo migratório é apresentada no capítulo três. O quarto aborda tudo que está relacionado com a parte metodológica, como a definição da unidade da análise, a população objetivo, a descrição das bases de dados e as explicações dos métodos. Os resultados e suas discussões são apresentados no capítulo cinco. Finalmente, o último está destinado às considerações finais e às recomendações para futuras pesquisas.

2 CONTEXTO DEMOGRAFICO DA REPÚBLICA DOMINICANA

2.1 Contexto geográfico e demográfico

A República Dominicana, junto com o Haiti, compartilha a Ilha Santo Domingo que faz parte do arquipélago das Antilhas Maiores e é a segunda em extensão territorial depois de Cuba. Localiza-se no hemisfério norte e ao sul do trópico de Câncer. A extensão territorial da Ilha é de 77.914 quilômetros quadrados, dos quais, 48.310,97 km² correspondem à área principal do território da República Dominicana, incluindo os 265 km² da área do Lago *Enriquillo*. A República Dominicana está dividida em um Distrito Nacional e 31 províncias, 155 municípios e 231 distritos municipais. A um nível de maior agregação geográfica, o país é dividido em 10 regiões administrativas criadas a partir do Decreto Presidencial No. 710-04 de junho de 2004, as quais estão nucleadas em três macrorregiões: Cibao, constituída pelas regiões Cibao Norte, Cibao Sul, Cibao Nordeste e Cibao Noroeste; a Sul-oeste, formada pelas regiões Valdesia, Enriquillo e Valle; e ao Sul-este, composta pelas regiões Yuma, Higuamo e Ozama ou Metropolitana (ONE, 2011).

2.2 Contexto econômico

Desde a segunda metade do século XX, a economia da República Dominicana tem crescido a uma taxa de 5% anual, aproximadamente. Contudo, esse processo de expansão econômica foi marcado por alguns períodos de queda e outro de estancamento. Estes foram superados de maneira expedita, sem alcançar a persistência apresentada em outros países de América Latina e do Caribe (GUZMÁN e LIZARDO, 2003).

O crescimento econômico na República Dominicana foi o resultado das mudanças estruturais. Por um lado, pela estabilidade política, que preparou o cenário para a execução de algumas reformas que ajudaram as mudanças de modelos econômicos, e por outro, pela mudança da estrutura produtiva nacional, no aparelho produtivo do país o principal setor da economia era o agrícola. Entre os 70s e 90s do século passado, o setor industrial, principalmente pelo crescimento da indústria do açúcar e as zonas francas, representou o setor mais representativo do cenário econômico nacional.

Em sintonia com as mudanças dos padrões de relações internacionais e comerciais, a economia dominicana desde os 90s para adiante tem se convertido em uma economia de serviço, sendo dentro desse setor o turismo e as telecomunicações as áreas mais dinâmicas.

Por outra parte, apesar de a República Dominicana ter experimentado um sustentido crescimento econômico, ainda persiste uma enorme iniquidade na distribuição do ingresso. De acordo a um informe do Banco Mundial (2014) o coeficiente de Gini sobre a distribuição da renda no ano 2000 era 0.51 e 0.48 para o 2011. Além de isso, o 42,2% da população dominicana era considerada pobre em 2004, e a mesma porcentagem se apresenta para o ano 2011 (Morillo, 2004; Banco Mundial 2014), segundo o informe do Banco Mundial (2014). Com isso se evidenciam a resistência à diminuição dos níveis de pobreza no país.

2.3 Contexto demográfico

2.3.1 População: distribuição espacial e estrutura

A dinâmica da população da República Dominicana tem se manifestado na mudança da fecundidade, na distribuição espacial da população, na estrutura etária e também na taxa de crescimento e o stock populacional. De acordo com os dados da Tabela 1 em 1920, a população dominicana era de 894.666 habitantes e 90 anos depois, é dizer em 2010, esta se elevou a 9.445.281 de habitantes. Isso significa que nos últimos 90 anos a população multiplicou-se por dez.

Apesar de que a República Dominicana tenha tido um oceânico crescimento no estoque populacional, em quase um século, a taxa de crescimento á qual tem aumentado dita população, desde o ano 1960, vem desacelerando-se. Em 1960, o país cresceu a uma taxa média anual equivalente a 3,56%. No entanto, já para o ano de 2010, a população variava por ano a uma taxa de 1,21% (Ver Tabela 1). Isso evidencia que a taxa á qual cresce a população dominicana tem estado diminuendo. Este fenômeno é explicado, por uma diminuição da fecundidade. Isso também explica-se em menor medida, pelo saldo migratório negativo nos diferentes períodos intercensitários.

Tabela 1- População e taxa de crescimento média anual da República Dominicana
1920-2010

Ano	População	Taxa de crescimento anual
1920	894.665	
1935	1.479.417	3,56
1950	2.135.872	2,44
1960	3.047.070	3,61
1970	4.009.458	2,98
1981	5.545.741	2,76
1993	7.293.390	2,35
2002	8.562.541	1,79
2010	9.445.281	1,21

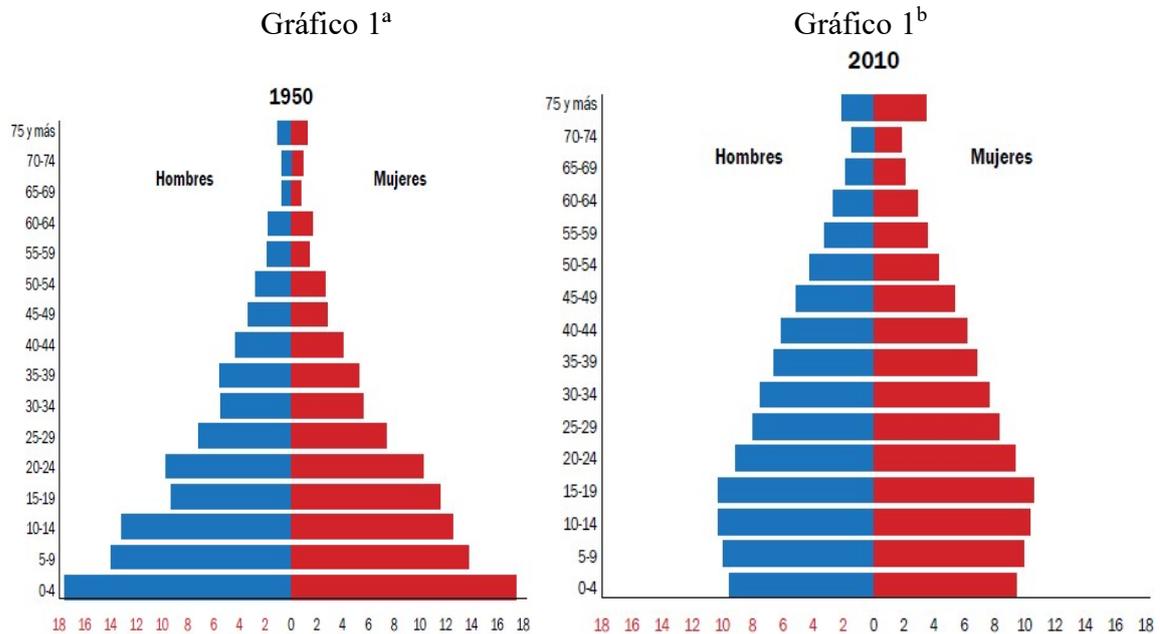
Fonte: ONE, Informe general del IX CNPV 2010, Sto. Dgo., 2012

No referente à estrutura etária, esta tem mudado vertiginosamente nos últimos 60 anos, pois passou de relativamente jovem, em 1950, para outra muito mais envelhecida em 2010. A idade mediana populacional aumento de 17.1 em 1950 a 24.8 em 2010 (ONE, 2015). No ano 1950 a participação relativa da população menor de cinco anos representava 17,5%. No outro extremo, a população idosa de 65 anos ou mais, constituía para esse ano menos de 3%. Sem embargo, já para o ano de 2010, a proporção de cada um desses grupos era totalmente diferente. A população dos dois primeiros representava alrededor de 9,5% e 30,0%, consecutivamente, enquanto que o grupo dos idosos 6,0% (Ver Gráfico 1^a e 1^b).

A evidente convergência para o envelhecimento da população dominicana fica evidente também na mudança das razões de dependências nesse lapso de tempo. Segundo as estimativas e projeções de populações do CELADE (2012), as relações de dependência jovem e adulta passaram de 90,4 e 8,2 em 1950, a valores em torno a 48,7 e 16,0, respectivamente, para 2010.

A mudança na estrutura etária tem sido o resultado dos ganhos em matéria de diminuição da mortalidade, experimentados pela população, pois a expectativa de vida ao nascer passou de 46,0 em 1950 a 71,9 para 2010, e da queda da fecundidade, que sem dúvida, tem sido o principal fator causador dessa mudança.

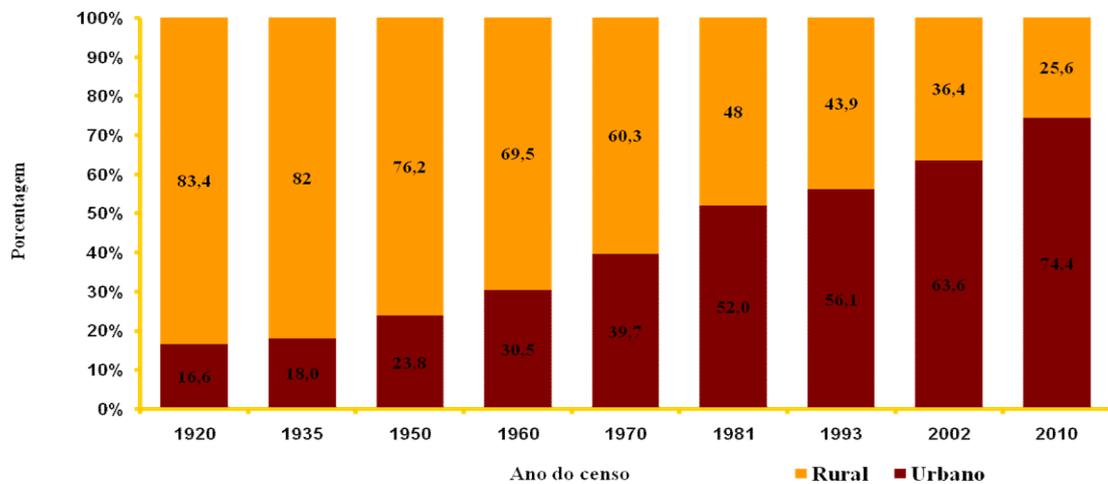
Gráfico 1- Distribuição percentual da população de RD por sexo, segundo faixa etária 1950 e 2010



Fonte: ONE, 2010: p. 20-21

No caso da distribuição espacial da população segundo área de residência, na República Dominicana a condição urbana de uma demarcação ou área política, é definida pela Lei N°. 5220, Sobre Divisão Territorial de 1992; a qual considera como tal a parte cabeceira de um município, ou distrito municipal, de maneira que o resto é definido como rural. O país, igual a muitos países de América Latina e do Caribe, tem tido um acelerado processo de urbanização desde 1950. Para o ano de 1920 a população urbana representava 16,6% do total. Sem embargo, já em 1981, 60 anos depois, 52,0% viviam em área urbana e no 2010 esta proporção foi de 74.4% (Ver Gráfico 2).

Gráfico 2
 REPÚBLICA DOMINICANA: Composição porcentual da população por área de
 residencia, segundo ano do censo, 1920-2010



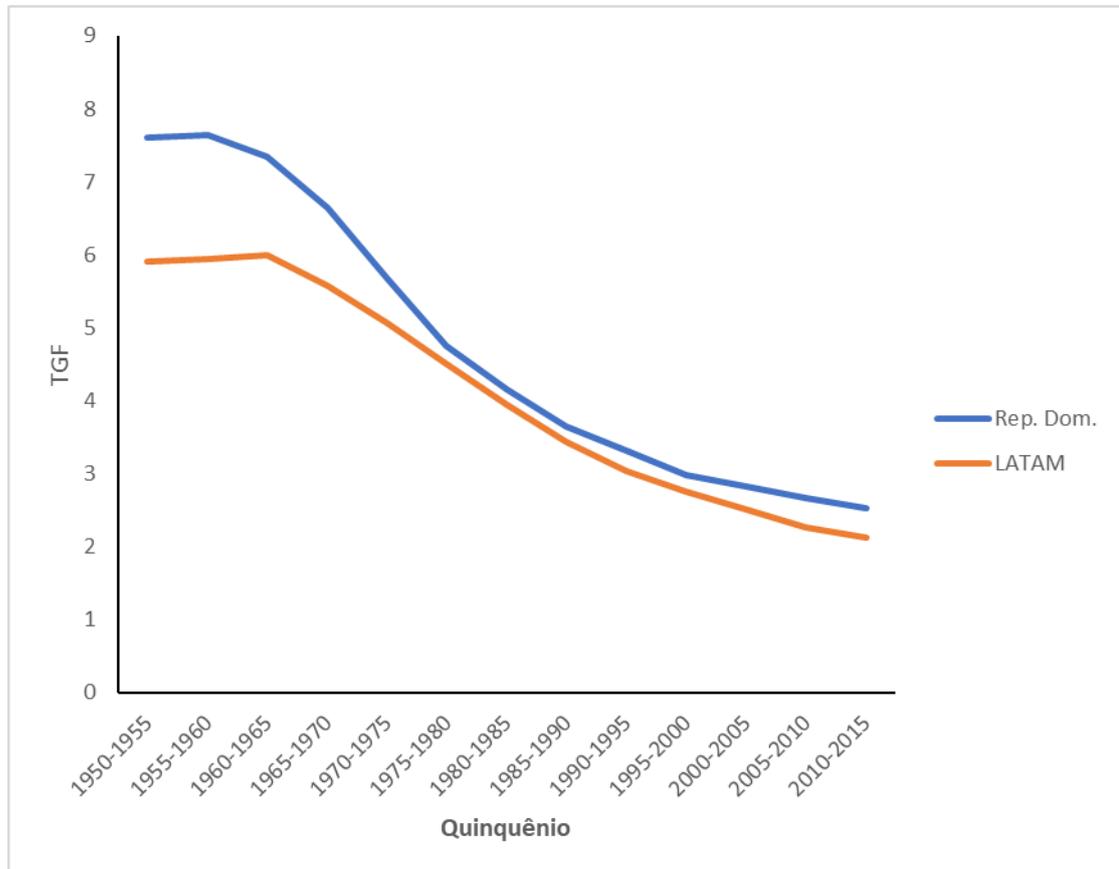
Fonte: Replicado de Cáceres, Francisco I . 2012

São vários os fatores subjacentes que explicam o rápido processo de urbanização na República Dominicana, porém, o mais importante de todos é o grande aumento do fluxo de emigrantes rurais para as áreas metropolitanas. O aumento do número de emigrantes, nas áreas metropolitanas e nas principais cidades, se explica pela industrialização da economia dominicana, desde a segunda metade do século XX (RAMÍREZ, 1988).

2.3.2 Contexto da fecundidade

O principal fato da história demográfica da República Dominicana é a queda da taxa de fecundidade, desde níveis altos para baixos, sendo uns dos países em América Latina, com a maior velocidade no descenso (GUZMÁN e RODRÍGUEZ, 1992), citado por Morillo (2000). De 7,6 filhos por mulher em 1960, o país alcançou ter uma taxa total de fecundidade, em 2000 menor do que 3,0 filhos por mulher. A partir do segundo quinquênio do século XXI, apresentou uma tendência para a estabilização, já que passou de 2,6 em 2005 a 2,5 no ano de 2010 (Ver Gráfico 3), para uma variação de 0,41% por ano. Os valores apresentados da TFT para alguns anos a partir de 1960 demonstram que a intensidade do descenso pdo país foi uma da mais rápida da Região de América Latina y el Caribe (MORILLO, 2000). Entre 1965 e 1990 a taxa de fecundidade diminuiu em 1,3% em média, por ano; e entre 1990 e 2013, em aproximadamente 1,2 %.

Gráfico 3- Taxa de fecundidade total da República Dominicana, 1950-2015



Fonte: CELADE,2011

São várias as causas que levaram à queda da fecundidade. A respeito de tais fatores, Morillo (2000), ressalta que:

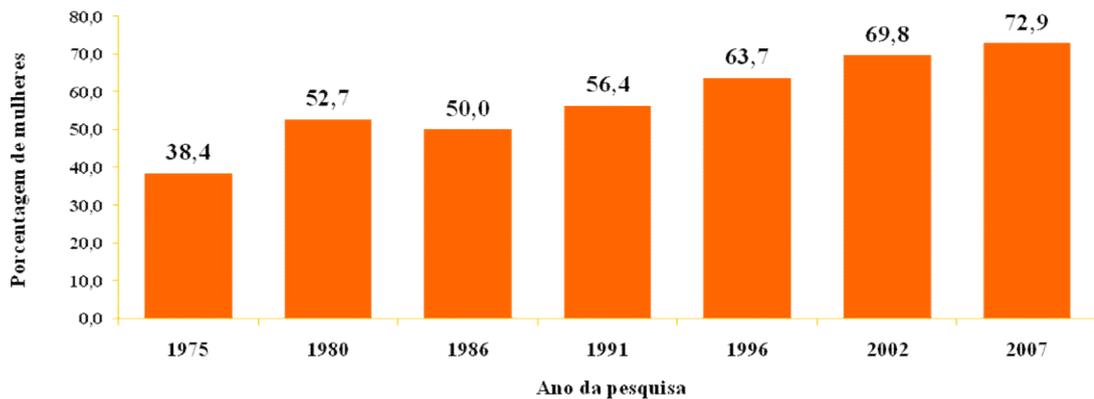
La caída de la fecundidad en la República Dominicana... puede insertarse entre un conjunto de transformaciones sócio-económicas y culturales verificadas en la sociedad dominicana a partir de la década de los 60s. Entre estas se cuentan, un rápido proceso de urbanización, incrementos significativos en el nivel educativo de la mujer y una mayor inserción de la mujer en el mercado laboral; cambios culturales asociados con la migración hacia otros países, los avances en los medios de comunicación; y las crisis económicas en algunos años (Morillo, Ant. Transición de La fecundidad y sus factores determinantes en la República Dominicana, CONAPOFA, Sto. Dgo. 2000, página 27).

Por outro lado, a incidência de algumas variáveis intermediária fizeram possíveis a queda da fecundidade no país, principalmente o uso de contraceptivo (TACTUK et Al. 1990). Por exemplo, o aumento da prevalência no uso de contraceptivo para o ano de 1973 entre as mulheres casadas ou unidas era de 38,4%. No entanto, já para os anos 1991 e 2007 a

porcentagem de mulheres em união que usavam contraceptivos, era de 56,4% e 72,9%, respectivamente. (Ver Gráfico 4).

Gráfico 4

REPÚBLICA DOMINICANA: Porcentagem de mulheres casadas o unidas usando contraceptivos, segundo o ano da pesquisa, 1975-2007



Fonte: Replicado de Cáceres, Francisco I. 2012

O aumento da frequência de uso de contraceptivos esteve relacionado com a mudança de alguns valores, além dos programas de planificação familiar executados pelo Estado Dominicano e algumas ONGs. A princípio, os programas de planificação foram apoiados pelas ações privadas canalizadas através da “Asociación Dominicana por El Bienestar de la Familia (PROFAMILIA)”, desde o ano 1966, cujos principais objetivos tem sido promover e educar sob a importância da planificação familiar, além de, também, proporcionar o acesso gratuito aos métodos contraceptivos para homens e mulheres de bairros marginados e das áreas rurais (RAMÍREZ et al., 1988).

Os programas de planejamento familiar no país tiveram um rumo considerável a partir do ano 1968 com a formação do “Consejo Nacional de la Población y Familia (CONAPOFA)”. Esse organismo estatal motorizou desde o ano 1968 o “Progama Nacional de Planificación Familiar (PNPF) focado principalmente em um princípio de entrega de forma massificada de contraceptivos como pílulas, dispositivos intrauterinos, preservativos e espumas vaginais. De forma excepcional, só era permitida a esterilização se uma gravidez colocava em perigo a vida da mulher. No entanto, essa situação mudou a partir de 1977 quando houve demanda de se incluir no PNPF a esterilização, fruto do aumento do nível de conhecimento das mulheres sob

esse método contraceptivo (RAMÍREZ et al., 1988). Como resultado da implementação do plan, a prevalência no uso de contraceptivos entre as mulheres casadas aumento significativamente, como se percebe no Gráfico 4.

Por outro lado, em referência à inserção laboral das mulheres residentes da República Dominicana, que também tem incidido na queda da fecundidade, sua participação no mercado de trabalho tem experimentado um crescimento vertiginoso, como resultado de uma mudança estrutural nos papéis de cada gênero na sociedade, mas também como decorrência do aumento da importância relativa do setor de serviços na economia, já que muitos dos empregos nesse setor são mais adaptáveis para as mulheres. Para o ano de 1960, a porcentagem de mulheres que estava no mercado laboral representava 6% da população feminina economicamente ativa (População de 10 anos de idade ou mais que estava inserida no mercado laboral ou que procurava se inserir). Enquanto em 1970, o indicador aumentou para 14%. Por sua vez, no ano de 1990 se multiplicou por três, alcançando um valor não menor que 36%. Na segunda metade da primeira década do novo milênio, a porcentagem era 1,5 vezes maior que o apresentado em 1990, já que 54 de cada 100 mulheres da população economicamente ativa estava participando no mercado laboral.

Apesar dos ganhos das mulheres em matéria laboral e em outras áreas como em educação, ainda persistem enormes iniquidades de gênero no mercado de trabalho, pois a taxa de desemprego tende a ser maior entre as mulheres, além disso, as brechas salariais entre os homens e as mulheres, na atualidade, são oceânicas, característica que se acentua mais levando em consideração algumas particularidades como: área de residência, escolaridade, status migratórios etc. (LIZARDO et al, 2007; GARCÍA, 2012).

A queda da fecundidade na República Dominicana, como nos demais países de América Latina e do Caribe, significou uma diminuição no número dos nascimentos diferenciado por idade, como se percebe na mudança da estrutura da fecundidade mostrada no Gráfico 5. A curva das taxas específicas de fecundidade, não só tem ficado mais plana com o tempo, como também seu ponto mais elevado mudou para a esquerda, significando uma mudança desde um padrão de fecundidade tardio, para um padrão de fecundidade precoce, no qual a maior parte dos nascimentos ocorre nas idades mais jovens, representando um rejuvenescimento da fecundidade e um aumento da importância relativa das taxas correspondentes às mulheres menores de 30 anos.

No caso da República Dominicana, a estrutura da fecundidade não mudou desde o começo da transição, quando a taxa de fecundidade diminuiu de 7,6 no quinquênio 1960-1965 a 5,2 nos anos 1969-1971, como mostram as duas curvas correspondentes, estimadas a partir das ENF-1975 e ENF-80. A mudança aconteceu a partir do segundo quinquênio da década de 1970, quando a curva para cada ano de referência das pesquisas, apresenta um padrão da fecundidade rejuvenescido (Ver Tabela 2 e Gráfico 5).

Tabela 2- Participação porcentual da fecundidade de cada grupo etário na fecundidade total, segundo fonte de pesquisa, 1965-2009

Grupos de Edad	ENF-75	ENF-80	ENF-80	DHS-86	DHS-86	DHS-86	ENDESA-91
	1964-66	1969-71	1974-76	1975-79	1979-81	1984-86	1989-91
15-19	11,3	11,0	11,0	11,7	12,3	13,5	13,2
20-24	24,3	24,1	25,3	26,0	24,2	27,6	31,4
25-29	23,9	24,5	22,7	24,0	24,3	26,8	26,2
30-34	19,4	21,2	20,8	18,7	16,6	18,1	17,3
35-39	13,6	12,6	12,8	12,9	13,2	9,1	8,5
40-44	6,8	5,9	4,8	5,1	8,7	4,1	1,8
45-49	0,7	0,8	2,6	1,7	0,7	0,7	1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

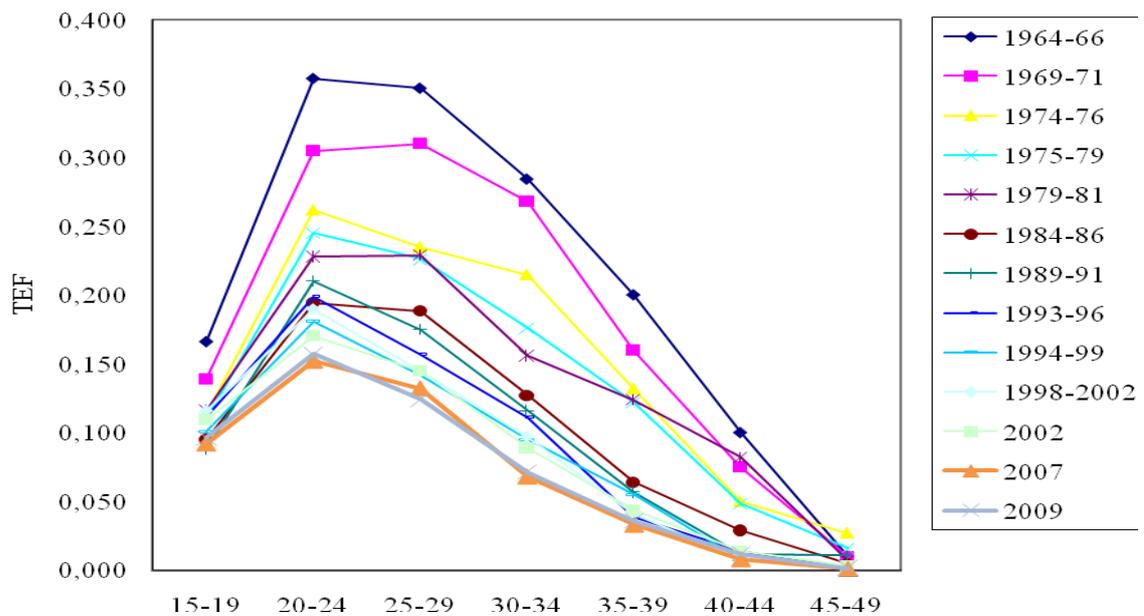
Grupos de Edad	ENDESA-96	ENDESA-99	ENDESA-02	Censo02	Endesa 2007	ENHOGAR 2009	
	1993-96	1994-99	1998-2002	2002	2002-2007	2009	
15-19	17,7	17,3	19,4	19,1	19,2	19,2	
20-24	31,4	31,0	31,8	29,7	30,7	31,4	
25-29	24,8	24,4	24,2	25,3	24,7	24,8	
30-34	17,5	16,3	16,2	15,5	15,9	14,3	
35-39	6,2	9,4	6,9	7,6	7,2	7,2	
40-44	2,2	1,4	1,3	2,3	1,8	2,3	
45-49	0,2	0,2	0,2	0,6	0,4	0,3	
Total	100	100	100	100	100	100,0	0,0

Fonte: Elaboração própria com dados ONE de RD

Em consequência dos descritos anteriormente pode se inferir que a velocidade da queda tem sido diferencial entre os grupos de idades. No início da queda da fecundidade, os grupos correspondentes às idades adultas foram os que tiveram a maior intensidade no declínio. Isso é coerente com a literatura que argumenta que, frequentemente, quando a fecundidade começa a reduzir, a intensidade da queda tende a ser superior nas mulheres mais velhas, associando isso à maior propensão que poderiam ter à restrição da fecundidade com o motivo de limitar o tamanho da família. Desde o final da década de 1970 até a década de 1980, as mulheres que tiveram uma maior queda na taxa corresponderam às de 35 anos ou mais, as quais passaram de ter uma participação relativa de 24% nos anos 1979-1981 a 12,0% aproximadamente, em 1989-1991. No caso dos grupos 20-24 e 25-29, durante esse lapso de tempo, ficaram sem ter mudanças consideráveis na fecundidade, como se pode perceber na Tabela 2 e no Gráfico 6.

Contudo, desde o final da década de 1990 até o ano 2009, estes grupos apresentam ganhos significativos na diminuição da fecundidade, a diferença das mulheres de 35 anos ou mais, que apresentam poucas mudanças nesse período.

Gráfico 5- Taxa específica de fecundidade da República Dominicana, segundo fonte de estimativa, 1965-2009



Fonte: ENF-1975; ENF-1980; ENDESA 1986; 1991, 1996, 2002, 2007, ENHOGAR 2009; Censos 2002 e 2010

Morillo (2000) ressalta que a tendência diferenciada na estrutura da fecundidade pode estar associada com as mudanças no padrão do uso de contraceptivos durante a transição da fecundidade. Na década de 1980 e parte da década de 1990, a esterilização era o método com a maior prevalência, o qual era mais frequente entre as mulheres mais velhas. Sem embargo, desde o ano 1995 produziu-se um aumento significativo na prevalência de mulheres que tomavam contraceptivos orais, especialmente as mais jovens.

Por outro lado, a fecundidade na adolescência sempre tem sido um tema de preocupação para organismos públicos e privados da República Dominicana, porque representa uma expressão da pobreza, por sua maior prevalência nos estratos econômicos mais baixos. Também tem sido uma preocupação, porque seu ritmo de descenso tem sido menor em comparação com os outros grupos etários.

Depois dos ganhos tidos na diminuição da fecundidade das adolescentes nos primeiros 20 anos do começo da transição no país, foram poucas as variações até o ano 2000. Ao contrário,

houve um notável aumento ao passar de uma TEF igual a 86 filhos por mulher em 1986 a outra de 116 em 2002, segundo os dados da ENDESA para os referidos anos. Em 2007 houve um decréscimo ao apresentar valor de 92. Apesar dessa queda, a fecundidade na adolescência no país é relativamente alta se compararmos com outros países da América Latina. Pois há vários, como o Haiti, Bolívia e o Salvador, que apesar de ser mais pobres e terem tido uma transição mais devagar, apresentam uma frequência menor de filhos nascidos vivos por adolescentes para diferentes anos (RODRIGUEZ, 2014).

A alta fecundidade nas adolescentes, que tem prevalecido na República Dominicana, é associada a diferentes fatores que estão interconectados, sendo o principal deles, o estado de pobreza. As mulheres que têm sido mães nessa etapa são procedentes, em sua maioria, de domicílios pobres com baixos níveis de escolaridade e uma limitada renda disponível, que por sua vez, as limitam a ter acesso aos diferentes contraceptivos para prevenir as gravidezes indesejadas. Evidência clara de que a alta fecundidade nas menores de 20 anos no país está relacionada com as restrições econômicas são apresentadas por Pérez, Miric e Vargas (2011). Neste trabalho, os autores apresentam que as adolescentes de estrato pobre têm uma chance de ser mãe maior do que aquelas do estrato rico. Quando comparado por área de residência, as menores de 20 anos que vivem em áreas rurais têm uma possibilidade de entrar na maternidade 45% maior do que aquelas das áreas urbanas. Por fim, enquanto aos diferenciais educacionais, os autores demonstraram que quanto maior é o nível, menor é a chance de ser mãe durante a adolescência.

Além de fatores sociais, os culturais têm representado um papel significativo na alta fecundidade nas adolescentes. Sabe-se que, por questões religiosas, a relação sexual antes dos 20 anos é um tema tabu na sociedade dominicana. É comum ver impedimento do desenvolvimento da educação sexual no currículo do sistema educativo de diferentes épocas, o que, por sua vez, tem incidido para que uma parte representativa dos adolescentes seja analfabeta em matéria de saúde sexual e reprodutiva (VARGAS, 2011).

2.3.3 Contexto da mobilidade interna e internacional na República Dominicana

A migração tem sido parte inerente na definição da identidade cultural e social da República Dominicana, já que a fonte originária da sua idiossincrasia cultural vem da mistura dos *taínos*, os espanhóis e os negros africanos durante a colonização europeia, entre o final do século

XVI e o século XVII. Outros processos migratórios históricos que tiveram importância na formação cultural e social dominicana tem sido a forte imigração dos chamados “*cocolos*”, desde mediados do século XIX e começo do século XX, procedentes das ilhas do Caribe circundantes, para trabalhar na indústria do açúcar. Além desses fatos migratórios históricos, inclui-se a chegadas de milhares de marines militares estadunidenses entre 1916 e 1924, com o propósito de ocupar o país militarmente.

Outros processos migratórios internacionais que tiveram forte incidência no “*modus operandi*” do povo dominicano são os altos fluxos emigratórios internacionais no contexto da globalização econômica e da abertura dos mercados internacionais. Essa nova migração tem contribuído com a importação de remessas, e, por sua vez, com a difusão de costumes e valores próprios dos países de destino, que, em certo sentido, poderiam ter impactado os comportamentos e atitudes tradicionais dos dominicanos.

O Lozano (1993) realizou uma periodização dos movimentos internos e internacionais na República Dominicana entre 1950 e 1990. Como a classificação só inclui os fatos migratórios até 1990, agregamos as duas etapas compreendidas entre 1990-2000 e 2000-2010.

Antes de 1950 a taxa de crescimento populacional era alta (ONE, 2013). Simultaneamente nesse período, a mobilidade interna era limitada aos movimentos populacionais estacionais entre áreas rurais. Esses movimentos foram causados pela demanda de trabalhadores, durante a preparação da produção e da colheita, por parte dos capitalistas do setor agrícola (LOZANO, 1993). A emigração internacional também era muito restringida a um grupo muito seletivo, devido às circunstâncias políticas que imperavam e pelos poucos motivos que tinham os dominicanos para emigrar.

Com o início da década de 1960, a nação experimentou novos cenários políticos, econômico e demográfico que deram início e dinamizaram a mobilidade espacial da época, caracterizada pela consolidação e intensificação da migração rural-urbana e da emigração internacional. Esta é a segunda etapa segundo a classificação de Lozano da migração e coincidiu com a desaceleração da taxa de crescimento populacional, embora ainda fosse alta, causada pelo início do declínio da fecundidade.

Com relação à migração rural-urbana, houveram várias singularidades durante essa etapa. Por um lado, está a intensidade, já que, segundo Ramirez (1988), citado por Balzo (1992), o saldo migratório da área urbana para a década 1960-1970 é 389.288 pessoas, representado esse balance mais do 55,0% do crescimento urbano. Aliás, esse crescimento esteve, em sua grande parte, concentrado nas duas principais cidades em termos econômicos e demográficos, *Santo Domingo* e *Santiago*. As duas províncias foram as mais beneficiadas pela reformulação do modelo de substituição de importações, o qual tinha como propósito a industrialização do país. Por essa mesma industrialização, a migração rural-urbana durante esta etapa foi ligeiramente mais inclinada para o sexo masculino, porque pelas características dos trabalhos, os homens eram mais demandados no mercado laboral. A maior proporção de migrantes rurais era procedente das regiões mais pobres do país: *Cibao* e *Suroeste* (RAMIREZ, 1988).

A massiva migração rural-urbana entre 1960 e 1970 foi de caráter econômico. A modernização que foi produzida nas indústrias, concentrada em maior proporção nas cidades, não ocorreu nas zonas agrícolas o que levou a um atraso do setor e uma perda da competitividade. Essa obsolescência fez com que o setor não fora o suficientemente competente para gerar o número de empregos necessário para equilibrar o mercado de trabalho rural. Este último fator, a crescente demanda de mão de obra e os salários relativos maiores no setor industrial urbano, foram os agentes que motivaram a forte onda migratória interna durante a segunda etapa.

Nesta segunda etapa, a emigração internacional já não era um fato isolado de àquelas pessoas exiladas politicamente porque não comungavam com as ideias políticas da ditadura do Trujillo, essa emigração era extensível à sociedade geral. Esta começou a se intensificar a partir de 1965. Além do contexto da divisão internacional do trabalho, o contexto político dominicano teve muito que ver com o aumento da exportação da população nativa. Nesse ano, o país esteve imerso em uma guerra civil, que tinha como objetivo o restabelecimento do governo derrocado em 1963. Devido a essa situação, USA, para evitar a instauração de uma nova Cuba no Caribe em contubérnio com o Estado Dominicano, flexibilizou e apoiou a emigração dominicana, especialmente para New York (BISSAINTHE, 2003). Segundo Ramírez et al (1988), no ano do Censo de 1960 foram numerados 11.900 migrantes dominicanos nos Estados Unidos, no entanto, a quantidade registrada no ano 1970 foi 61.228.

A década 1970-1980 se desenvolveu, a diferença da anterior, em estabilidade política e econômica. Nesta se consolidou o modelo de industrialização através das substituições de importações e começou a ter maior preponderância o subsector têxtil. No plano demográfico foi mais evidente, como se aborda no subitem anterior, o começo do declínio da fecundidade, depois de ter alcançado um pico no nível próximo a 7,5 filhos por mulher, em 1960. Nesse cenário desenvolveu-se a terceira etapa da mobilidade interna e internacional da população dominicana, cujos traços mais salientes são: continuação da migração rural-urbana, surgimento de forma mais significativa da migração urbana-urbana, consolidação da emigração para os Estados Unidos e o incremento do fluxo de imigrantes procedentes do Haiti (ISA, 2007; RAMIREZ, 1988; LOZANO, 1993).

Embora nesta etapa, a migração rural com destino para área urbana seja alta, sua participação no crescimento urbano diminuiu com respeito à importância apresentada na anterior. Segundo Ramírez et al (1988), de cada 100 pessoas que aumentou na população da área urbana, entre 1970 e 1981, aproximadamente 51 foram resultantes da migração rural-urbana. No entanto, isso não significou uma queda das trocas populacionais internas.

A década de 1970 foi o cenário para a criação de um número importante de empresas na indústria têxtil. Dado que este tipo de indústria se caracteriza por ser intensiva em mão de obra e de baixo custo, existiu uma alta demanda de trabalhadores pouco qualificados, o que incentivou a migração urbana-urbana. Os migrantes deste tipo de migração eram originários de cidades pequenas e tinham como destino cidades médias e grandes, as quais concentravam a maior proporção das empresas têxteis. Dentro desse grupo de cidades estão *Santiago*, a *Romana*, *San Pedro de Macoris*, *San Cristobal*, etc. Embora em *Santo Domingo*, para este período, a maior parte dos migrantes seja de origem urbana, a migração resultante da indústria não teve grande importância porque a parte mais importante dessas empresas estava concentrada nas províncias previamente mencionadas. Por outra parte, pelo tipo de tarefas realizadas, as empresas demandavam mais pela população feminina. Por essa razão, a diferença da migração rural-urbana, a migração urbana-urbana tem sido mais feminina (LOZANO, 1993; RAMIREZ, 1988).

Neste período da mobilização da população dominicana, as redes migratórias dos emigrantes para New York, iniciadas no primeiro período, foram consolidadas, pois o aumento do número de nativos que estabeleceram sua residência nessa cidade foi substancial. Para o ano

de 1980, nos Estados Unidos, foram numeradas pelo censo 169.700 pessoas de origens dominicanas. Essa quantidade é 10 vezes maior do que as residentes na década de 1950 e quase o triplo das numeradas no Censo de 1970. Enquanto a imigração de estrangeiros, devido ao fato de que, entre 1970 e 1980, foi o período melhor em termos de rentabilidade para a indústria do açúcar e a reduzida oferta de nativos para trabalhar no setor agrícola, o fluxo de haitianos aumentou importantemente (TORRES, 1991).

O período 1980-1990 é conhecido na história econômica da América Latina como a década perdida. Durante esse lapso a República Dominicana teve pouco crescimento econômico e o modelo de industrialização por substituição de importações fracassou (DESPRADEL, 2006). No contexto demográfico, a taxa de crescimento populacional continuou o ritmo descendente e a intensidade da queda do nível da fecundidade diminuiu substancialmente em comparação com as décadas anteriores. Nesses contextos desenvolveu-se a quarta etapa da migração em RD, marcada pela desconcentração da imigração urbana para as grandes cidades, aumento significativo da imigração haitiana para o mercado agrícola diferente do açucareiro, surgimento de novas correntes de imigrantes internacionais procedentes dos Estados Unidos, Porto Rico, Venezuela, etc. e a “articulación de um sistema de mano de obra internacional compuesto por emigrantes dominicanos” (LOZANO, W: página, 259).

Devido ao custo econômico e social que implicava e à desaceleração econômica da década de 1980, o modelo de substituição de importações para a economia dominicana se tornou inviável. Este, ao estar mais desenvolvidos em *Santiago* e *Santo Domingo*, as quais concentravam as maiores partes das empresas, levou a uma queda das migrações há duas cidades. A desconcentração das migrações para essas duas cidades também se deveu à crescente indústria têxtil cujas empresas estiveram mais concentradas nas cidades intermédias periféricas a *Santo Domingo* (ARIZA, 2004).

A característica mais importante nesta etapa, sem dúvida, foi a formação de um “sistema de mano de obra internacional composto por emigrantes dominicanos”, denominação utilizada por Lozano (1993) para se referir ao transnacionalismo formado pelos emigrantes dominicanos nos Estados Unidos, especialmente em New York. Os quais experimentaram o maior crescimento na década 1980-1990. Segundo estimativa de Grammage e Schmitt (2004), citados por Ariza (2012), 75% dos emigrantes dominicanos nos Estados Unidos, ingressou nessa década para uma média de entrada por ano de 36.000.

A emigração dominicana para os Estados Unidos desde a década de 1980 tem a singularidade de se desenvolver em um contexto transnacional. A diáspora dominicana tem mantido um vínculo constante com suas redes familiares no país, o qual se faz mais factível com a globalização. Os nativos mantêm estreitos vínculos com suas famílias no país através dos suportes econômicos com o envio de remessas, através do contato afetivo, desenvolvimentos de negócios entre os dois países, etc (GHASMANN, 2003).

Por outra parte, na década final do Século XX desenvolveu-se a quinta etapa da mobilidade da população dominicana. Suas características definidoras são: no âmbito interno produz-se um aumento da prevalência da migração de retorno e dos migrantes de ao menos duas etapas. Enquanto que no plano internacional, cabe mencionar a diminuição do fluxo migratório para os Estados Unidos, devido às fortes políticas anti-migratórias elaboradas pelo governo norte-americano. Porém, os fatos mais importantes na mobilidade internacional foram a diversificação dos destinos migratórios dos dominicanos e a mudança do padrão imigratório haitiano no país. Durante essa etapa da mobilidade populacional a economia dominicana se caracterizou por ser praticamente de serviço e na qual o setor turismo passa a ser o de maior importância relativa. Também, nessa mesma etapa, embora em uma intensidade menor, a taxa de crescimento populacional continuou diminuindo e o declínio da fecundidade foi maior que na anterior.

Devido à perda de competitividade e à abertura do mercado dos Estados Unidos para alguns países de Centro América e do Caribe, algumas indústrias têxteis dominicanas tiveram que fechar. Isso levou a que essas empresas tiveram que reduzir o pessoal empregado. Segundo o Censo de 2002, a região *Norte* do país, que tem se caracterizado como a que menos mantém sua população, para esse ano, quase 50% de seus imigrantes eram de retorno. Entanto que na *Sureste* a prevalência de imigrantes de retorno foi de aproximadamente 15%.

No âmbito da migração internacional, ante as dificuldades para migrar aos Estados Unidos pelas leis migratórias e por sua vez, pelas flexibilidades nos novos destinos, começou a ter maior prevalência a emigração de dominicanos para vários países europeus, especialmente para a Espanha. Uma das características principais da migração dominicana para a Europa é a de ser praticamente feminina. Além disso, quase todas as mulheres são originárias das áreas

rurais dominicanas, especialmente da região *Suroeste*, caracterizada por ser a mais pobre e menos desenvolvida do país (GHASMANN, 2003).

Por fim, na primeira década do Século XXI, o contexto econômico foi caracterizado por uma severa crise interna, em 2003, e pela crise internacional na parte final. Como ponto positivo nesta década, consolida-se o setor turismo como a principal atividade econômica do esqueleto produtivo dominicano. Enquanto que no contexto demográfico o principal acontecimento representa a estabilidade do nível da fecundidade. Com estas circunstâncias demográficas e econômicas, desenvolveu-se a última etapa da migração dominicana. Suas principais singularidades, em diferença das anteriores são: aumento importante da imigração de nativos de retorno; consolidação do novo padrão haitiano; e no aspecto interno, as migrações de retorno e de ao menos duas etapas têm importância.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender o comportamento reprodutivo de uma população específica é necessário conhecer o contexto dos fatores relacionados, as teorias e os principais resultados encontrados sobre o fenômeno. Tendo isso presente, nesta parte sintetizam-se as principais teorias, hipóteses e evidências empíricas sobre o comportamento reprodutivo esperado na população migrante. Antes de falar sobre o arcabouço teórico da fecundidade dos imigrantes, se aborda brevemente sobre o processo da transição da fecundidade e migração para uma melhor vinculação dos dois componentes.

3.1 Transição da fecundidade, transição da migração e feminização da migração

Nos séculos anteriores ao XVIII o tamanho da população não mudava muito porque apesar de que a natalidade era alta, a vida do ser humano era muito curta. Aliás, depois de tal século, em paralelo com as transformações na estrutura econômica, social e cultural da sociedade, muitas regiões começaram a experimentar uma acelerada mudança demográfica sem precedente. Sendo essa mudança um dos principais fatos da história mundial (LEE, 2003). A transição demográfica é o arcabouço conceitual utilizado pelos cientistas sociais para denominar esse processo.

Na transição demográfica clássica enfoque desenvolvido primeiro nos países industrializados, a dinâmica da população passou por várias etapas. A primeira etapa caracterizou-se por uma diminuição acelerada da mortalidade, motivada por um maior controle das doenças infecciosas, através da melhora na higiene. A diminuição da mortalidade também se deu através de uma melhora na nutrição. Pelo motivo de que na primeira etapa a natalidade era alta, a população cresceu geometricamente. Na segunda etapa da transição demográfica, a fecundidade começou a diminuir devido a fatores como a industrialização, a mudança dos valores e normas da sociedade, maior inserção laboral da mulher, diminuição da mortalidade infantil, etc. Durante essa etapa, no princípio, o ritmo de crescimento da população era alto, para depois se desacelerar até atingir uma taxa de crescimento negativa. Por fim, a terceira caracterizou-se por uma dessaceleração do crescimento populacional devido ao declínio intensivo da fecundidade (NOTESTEIN, 1945; LEE, 2003; REHER, 2004).

Grande parte do mundo em começou o processo da transição demográfica a partir da segunda metade do século XX. Nesses países, a transição da fecundidade e da mortalidade tem sido muito mais rápida do que nos desenvolvidos. Pois nestes o processo levou quase dois séculos para se completar, enquanto naqueles em desenvolvimento que estão na fase post-transição tomou-lhe apenas décadas. Outra grande diferença entre a transição dos países desenvolvidos e a dos países em desenvolvimento está nas causas. Nos primeiros, a industrialização, os avanços na medicina e econômicos tiveram um papel preponderante, enquanto nos segundos, o fator desencadenante teria sido o beneficiadas melhoras e baixos custos da tecnologia de contraceptivos e da medicina que, já nas últimas décadas, estavam disponíveis (CHACKIEL, 2004; REHER, 2004).

3.1.1 Transição da fecundidade

A mudança da fecundidade é a parte na qual a maioria dos demógrafos tem colocado maior atenção. Desde que começou a busca por marcos explicativos até a atualidade, tem se formulado várias teorias para explicar as causas da queda da fecundidade, desde abordagens econômicas e sociológicas, tanto isoladas como combinadas.

Os estudos críticos sobre as principais teorias focadas a explicar a mudança da fecundidade, coincidem em que a forma clássica da transição demográfica é o ponto de partida que tem sido utilizado como modelo para os desenvolvimentos teóricos seguintes (MASON, 1997). Segundo o enfoque clássico, cujos principais propulsores são Thomson (1929) e Notestein (1945), a alta fecundidade prevalecente na família pré-transição já não era compatível com a mudança do estilo de vida na sociedade produto da modernização, expressada pelo desenvolvimento econômico, urbanização, industrialização, melhora na educação, na saúde, etc. Sendo assim, desde a abordagem clássica, o contexto social subjacente na modernização foi o principal fator que levou à redução do número de filhos.

A queda da mortalidade teve muita incidência na que redução da fecundidade durante a industrialização. Isso significou um aumento do número de filhos sobreviventes e, por conseguinte, do tamanho da família. Como o tamanho das famílias já não era coerente com o novo contexto econômico e social da sociedade produto da modernização, as famílias diminuíram o número de filhos.

Desde outro ponto de vista, a modernização, focada mais para o progresso tecnológico, é a condição necessária e suficiente para a queda da fecundidade. Mas, como argumentam Knodel e Van de Walle (1980), em uma crítica feita a este modelo, existem áreas próximas, com idêntico desenvolvimento econômico e culturas similares, cujo *início* da transição da fecundidade é semelhante, enquanto que há outras, com realidades econômicas iguais e culturas diferentes que entraram no processo em períodos diferentes. Também, outros autores não têm encontrado correlação forte entre o começo da queda da fecundidade e a modernização.

Na área econômica também está a teoria microeconômica neoclássica da fecundidade, formulada por Becker (1960). Este modelo aplica os instrumentos básicos da teoria sobre a preferência do consumidor. Como a família age racionalmente, escolhe o número de filhos que maximiza sua utilidade sujeita a uma função definida pelo ingresso, custos da qualidade nas crianças dos filhos e os custos dos outros bens. Assim, se a família decide pelo consumo de outros bens é evidente que deve reduzir o número de filhos. Entretanto que se a família prefere investir mais em cada filho, a fecundidade dentro do domicílio será menor. Tendo isso presente, devido à mudança estrutural do mercado laboral e a mudança dos papéis de gêneros, a família prefere uma melhor vida para seus filhos. De maneira que essa é uma das razões pelas quais decidem ter menos filhos. Esta teoria tem sido criticada, especialmente pelos sociólogos e demógrafos, porque não leva em consideração os fatores contextuais e institucionais que produziram as mudanças da preferência, dos custos e ingressos que levaram à mudança do comportamento reprodutivo das mulheres.

Uma melhora do modelo beckeriano, representa a proposta do Easterlin e Crimmins (1985), ao aderir à teoria neoclássica, a oferta de filhos para explicar a queda da fecundidade através de determinantes próximos. A disponibilidade de filhos, que é o número de filhos que o casal poderia ter em ausência de uma limitação consciente da fecundidade, constitui uma variável sociológica que junto à demanda por filho (número de filhos sobreviventes) e aos custos psicológicos, sociais e monetários, explicam a mudança da fecundidade. Porém, além da melhora, a proposta do Easterlin e Crimmins (1985) tem a deficiência de não considerar concretamente os fatores contextuais e institucionais ao igual que a abordagem do Becker (MASON, 1997).

Opostos aos modelos econômicos surgiram os sociológicos, que dão mais importância aos fatores culturais, contextuais e institucionais. Os dois principais a se destacar dentro deste grupo são: a teoria sobre o fluxo intergeracional de riqueza do Caldwell (1978) e a teoria ideacional de Cleland e Wilson (1987).

A teoria do fluxo intergeracional de riquezas foi desenvolvida pelo Caldwell (1978) a partir de suas experiências nos estudos de campo na sub-região da África Subsaariana. Ele faz uma comparação entre as sociedades pré-transicionais, dominada pela produção familiar, e as sociedades modernas, marcadas pelo mercado de trabalho. Com base nessa narrativa, esboça as vantagens econômicas de uma fecundidade alta própria de sociedades pré-transicionais e as vantagens econômicas de uma baixa fecundidade das sociedades modernas (MEDINA e FONSECA, 2005). Em síntese, para Caldwell, a reversão do fluxo intergeracional de riquezas é a principal causa da diminuição do número de filhos. Isso significa que deve existir uma mudança desde uma sociedade em que os filhos produzem para os parentes (sociedade pré-transicional) para outra na qual os parentes produzem para os filhos (sociedade moderna). A principal crítica a este enfoque é sua limitação ao contexto da África Subsaariana, de maneira que é pouco aplicável aos países europeus.

No caso da teoria ideacional de Cleland e Wilson (1987), esta argumenta que a transição da fecundidade além das forças econômicas é o resultado da difusão de novas informações e normas culturais para limitar o número de filhos sobreviventes. Esta teoria, com o tempo, vem ganhando muita importância entre os demógrafos. Semelhantes às anteriores, esta teoria tem certas limitações ao não explicar as causas que levaram às sociedades pioneiras a diminuir a fecundidade. Também, o modelo ideacional apresenta dificuldades no momento de sua operacionalização.

Existem outras teorias, derivadas a partir da mistura do enfoque econômico com o sociológico, entre a que cabe mencionar a desenvolvida por Lesthaeghe e Van de Kaa (1985) denominada “reorientação dos valores”, e o enfoque de gênero (McDonald, 2000).

Finalmente, nenhuma das teorias esboçadas aqui para explicar a transição da fecundidade é melhor que outra. Nenhuma oferece um esquema e panorama completo para esboçar porque as famílias têm decidido limitar o número de filhos. Isso significa que suas efetividades dependem da circunstância temporal e contextual de cada sociedade. De modo que pode

ocorrer a situação em que para uma sociedade, uma teoria específica seja efetiva, mas para outra sociedade, esse mesmo arcabouço talvez não seja muito útil.

3.1.2 Transição da mobilidade e principais teorias migratórias

Desde século XIX, com a industrialização e as mudanças estruturais na economia global, os processos migratórios têm tomado muita preponderância (ABU-WARDA, 2008) e desempenhado importante papel na dinâmica populacional.

Os processos migratórios têm se intensificado. Por um lado, os países das regiões com nível de desenvolvimento baixo estão sendo ainda mais expulsos líquidos de pessoas, enquanto que os industrializados estão sendo ainda mais receptores líquidos de imigrantes. Por outro lado, cada vez mais as razões para migrar são de índoles laborais e políticas (OIM, 2010) e o índice de masculinidade dos migrantes a nível mundial é muito mais equilibrada que no passado. O que significa que a migração já não é um fato exclusivo dos homens. Essas e outras mudanças no sistema migratório internacional e seus impactos na sociedade, têm aumentado os interesses dos cientistas de todas as áreas da Ciência Social por construir um arcabouço para explicar os processos migratórios como: a relação da migração com o desenvolvimento, os vínculos da migração com a multi-culturalidade, a migração desde a perspectiva legal, os papéis de gênero na migração, etc. (PEDRAZA, 1991).

Autores clássicos como Zelinsky (1971) e Davis (1945) tentaram incluir a migração no marco da teoria da transição demográfica. O primeiro dos autores faz uma integração da teoria da transição demográfica com a difusão espacial da inovação através de um modelo espaço-temporal. Zelinsky, citado por De Hass (2010), levando em consideração o crescimento dos movimentos espaciais e o processo de modernização no entorno mundial, chega à conclusão que cada forma de mobilidade muda ao passar de um tipo de sociedade a outra, e por sua vez muda também, em cada etapa da transição demográfica. A partir desse contexto, ele deriva as cinco fases para enquadrar os comportamentos migratórios padrões na história da humanidade, as quais são: 1) Sociedade tradicional pré-moderna; 2) Sociedade tradicional na fase inicial da transição; 3) Sociedade tradicional na fase final da transição; 4) Sociedade avançada; 5) Sociedade superavançada do futuro.

No modelo, durante a etapa pré-moderna da sociedade tradicional, a mobilidade era praticamente limitada à migração temporal. Países como os da África Subsaariana, partes da Ásia Central e da América Latina se enquadram dentro desta etapa. A segunda fase ou sociedade na parte inicial da transição se caracteriza porque todas as formas de mobilidade ou migração (temporal, colonização fronteira em áreas rurais, rural-urbana, internacional) se incrementam. Em termos espaciais o México, o Marrocos e o Egito são os países com as características próprias desta fase. Já para a última sociedade tradicional, a migração internacional se desacelera, a migração rural-urbana se mantém constante de forma estacionária, em altos níveis, e os movimentos temporais aumentam. No final desta fase, os movimentos migratórios desde a área rural para a urbana diminuem. Os países classificados dentro desta etapa são: o Oeste da China, Sul África, o Este da Europa e a Turquia. Quando a sociedade passa à quarta etapa ou avançada, tanto a mobilidade residencial, a urbano-urbano, quanto a migração temporal, aumentam. Durante essa fase os países também passam de ser expulsões líquidos de emigrantes a receptores líquidos de trabalhadores com baixos níveis de qualificação. Os países que se encontram nessa fase são os da Europa ocidental, América do Norte, Japão, etc. Por fim, a última fase do modelo, correspondente à sociedade super avançada, tem como principais traços distintivos uma maior prevalência da migração urbano-urbano. Também, nessa última fase, a migração laboral continua. Ainda nenhum país se encontra nesta fase (DE HASS, 2010).

Com base ao contexto histórico da mobilidade espacial, nas transformações econômicas e na transição demográfica nos últimos 50 anos, apresentadas no capítulo anterior, evidencia-se que o modelo zelinskiano se insere bem na República Dominicana. A primeira etapa, sociedade pré-moderna, se estende aproximadamente até a década de 1940, na qual o padrão migratório era o rural-rural, e a mobilidade estacional, por motivo agrícola, era ainda importante. Mas, durante essa etapa, o país recebeu durante diferentes momentos do período, um fluxo importante de imigrantes internacionais para trabalhar na indústria do açúcar e por motivo político. A sociedade na fase inicial da transição poderia se dizer que começou por volta de 1950, ano no qual o crescimento demográfico era ainda alto porque a mortalidade do país especificamente a infantil começou a descer e a fecundidade não tinha iniciado a queda. Nesta etapa, a migração rural-urbana começa a cobrar força pelo desenvolvimento na primeira etapa do modelo de industrialização por substituição de importação. Como ainda o latifúndio agrícola era importante, a migração temporal era importante. Também a imigração de haitianos cumpria um papel importante. A terceira etapa, sociedade tradicional na fase final da

transição, começa na segunda parte da década de 1960 e termina na década de 1980, período no qual o país teve a maior intensidade na queda da fecundidade. No princípio, a migração rural-urbana alcançou o maior pico, pela reformação do modelo de industrialização por substituição, se apresentou um êxodo massivo de nativos para outros países e a imigração de haitianos continuou sendo alta. Esta etapa terminou aproximadamente em 1990 quando já começou a diminuir a intensidade da imigração rural-urbana por causa da crise de 1980, que afetou muito o modelo de industrialização.

Entre a década de 1990 e 2010, se desenvolve a sociedade avançada. Durante essa etapa se destaca que o nível da fecundidade do país era estável, especialmente desde o ano 2000, e o nível da mortalidade continuou diminuindo, embora ainda menor do que em períodos anteriores. Pela perda de atração das cidades para a população da área rural, a migração urbana-urbana começou a ter muita importância. Também pela melhora do transporte e das infraestruturas, especialmente nas cidades de tamanho médio e grandes, a mobilidade residencial aumentou. Se destaca também que nesta fase, devido à imigração de nativos de retornos e de imigrantes haitianos, o país tendeu a aumentar o saldo migratório.

Finalmente, a sociedade superavançada não tem começado porque a TFT do país ainda não está abaixo do nível de reposição. Porém, se apresentam algumas características próprias dessa etapa, como a alta incidência da mobilidade urbano-urbano e da mobilidade residencial.

Apesar da inovação do modelo do Zelinsky (1971) ao inserir a migração dentro da transição demográfica, este não apresenta uma relação de causalidade entre os três componentes da mudança populacional. Isto é, não leva em consideração a incidência que poderia ter a mortalidade e a fecundidade na transição da migração ou vice-versa. Também, o modelo não fala sobre as consequências finais da migração na dinâmica populacional das sociedades, como é bem descrito no modelo clássico da transição demográfica com relação à fecundidade e a mortalidade. Finalmente, indiretamente apresenta, como a transição demográfica clássica, uma relação lineal entre a mobilidade e o processo de modernização, focado desde um ponto de vista econômico, de maneira que não leva em consideração as mudanças culturais que têm tido as sociedades no tempo.

Por outro lado, como nos outros componentes da dinâmica demográfica, na migração não há uma teoria coerente sob a migração internacional. Até hoje, têm se desenvolvido vários

modelos para explicar o que leva as pessoas a mudar de sua residência habitual. Os primeiros esforços teóricos são de natureza econômica, levando em consideração os níveis das análises: individual, domicílio, nacional e transnacional. Para o arcabouço economicista os movimentos migratórios são causados pelos diferenciais no desenvolvimento entre as sociedades, os quais afetam as decisões dos agentes econômicos a nível microeconômico e macroeconômico. Em contraposição com o enfoque economicista surge o ponto de vista estruturalista-histórico conformado por neo-marxistas e teorias dos sistemas mundiais. Neste ponto de vista, os fatores contextuais e institucionais, tanto na origem quanto no destino, são as causas intrínsecas que motivam a migração (MASSEY, 1993).

Além das duas teorias mencionadas anteriormente, há um grupo de teorias que se focalizam em explicar o porquê das migrações e sua perpetuação no espaço e no tempo. Entre esse grupo de propostas, cabe mencionar a teoria das redes, teoria institucional e teorias dos sistemas migratórios (MASSEY, 1993; DE HASS, 2008).

Acresce que, grande parte das teorias têm sido desenvolvidas em um contexto no qual o homem era quem tomava a decisão de migrar. Mas não sempre a decisão de migrar e o impacto da migração são similares entre os homens e as mulheres. Disso surgiu a interrogativa: se esse arcabouço é suficientemente idôneo para os estudos da migração feminina (MARTIN, 2004).

3.1.3 Feminização da migração

Com o tempo o índice de masculinidade de todos os migrantes, a nível global, tem tendido a ficar perto de 100, ou seja, o número de homens e de mulheres migrantes está se equiparando, o que poderia indicar uma feminização da migração (OIM, 2010).

A feminização da migração é uma evidência de que os padrões da migração vêm mudando, já que as razões para migrar das mulheres, provavelmente são diferentes às dos homens. Em décadas anteriores, grandes partes das mulheres eram migrantes atreladas a seus esposos. No entanto, agora com sua inserção laboral e os maiores acessos à educação, esse padrão tem mudado. No entanto que ainda têm mulheres que migram por razões de reunificação familiar, na atualidade, uma parte importante toma a decisão de migrar de forma individual (PEDRAZA, 1991).

Em anos anteriores os temas migratórios estavam frequentemente relacionados com a mobilidade do homem, quem era considerado o ente que tomava a decisão de migrar. No entanto, a feminização da migração tem levado aos pesquisadores de muitas áreas das Ciências Sociais a terem maiores interesses nos estudos sobre os vínculos entre a migração e os papéis de gêneros. Porque cada vez a migração é mais seletiva por sexo e a relações de gêneros tem um papel central na hora de migrar. Além de isto, os impactos da migração são diferenciais por sexo. No caso dos impactos na comunidade da origem as mulheres são mais propensas a terem uma maior vinculação com seus familiares e em muitos dos casos, a ser sua principal fonte de ingresso econômico, já que a evidência apresenta que a chance nas mulheres de enviar remessas é maior do que nos homens (PEDRAZA, 1991; MARTIN, 2004).

A migração da mulher também incide nela mesma, especialmente em seus papéis, tanto no domicílio quanto na comunidade da origem e destino. Pode afetar sua participação no mercado laboral, sua vida religiosa, seus desempenhos no matrimônio, sua autonomia etc. Os impactos da migração na mulher são complexos porque a migração pode levar à autonomia e ao empoderamento. Já que, quando a mulher vai para uma sociedade com níveis de desenvolvimentos maiores do que em sua sociedade da origem, experimenta novas normas que poderiam ser favoráveis ao garantir o respeito a seus direitos. Também ela nesse país tem maiores oportunidades de ter um emprego e de acessar recursos financeiros. No entanto, por outro lado, pela condição de migrante é mais vulnerável a ser vítima da discriminação e do acoso laboral (PEDRAZA, 1997; MARTIN, 2004).

O ajuste das mulheres migrantes às normas culturais no país de destino nem sempre acontece, como fala Martin (2004), principalmente por factores relacionados com a sociedade de destino, quanto por motivos pessoais. Entre os primeiros, cabe citar a intolerância racial e a discriminação sexual, para as mulheres, que poderia existir no país receptor. Outro fator, dentro desse grupo é o status legal. As mulheres que estão em umas indocumentadas têm maiores chances de que seus direitos sejam garantidos do que aquelas que não têm permissão para estar no país. Por outro lado, entre os factores individuais que prejudicam o ajuste das mulheres imigrantes na sociedade de destino estão: os conflitos familiares, os traumas sofridos durante a viagem, não falar a língua do país hóspede, restrições religiosas, etc. (MARTIN, 2004).

Por fim, as circunstâncias em que ocorre a migração das mulheres, os motivos dos movimentos, suas características pessoais, as diferenças entre os países, os papéis de gêneros e seus ajustes no país de destino, são fatores transcendentais para entender suas decisões de fecundidade. Genereux (2007) em um trabalho realizado para vários países da África (Senegal, Camarões, Gana e Nigéria) sugere que um marco conceitual coerente para explicar a fecundidade das migrantes deve vincular as forças motoras da migração, os fatores relacionados com a fecundidade, o contexto das relações de gêneros e o contexto histórico-económico dos países vinculados.

3.2 A fecundidade das migrantes

Com o tempo, a migração é um fenômeno que vem ganhando preponderância na definição da dinâmica demográfica de muitos países, principalmente entre os desenvolvidos, que vêm experimentados uma significativa baixa na fecundidade e, portanto, um envelhecimento em sua estrutura etária desde o século passado (LUTZ e SCHERBOV, 2002; SOBOTKA, 2008). A migração tem representado a válvula de escape pela baixa dos nascimentos (LESTHAEGHE, 2010). Disso infere-se que este componente da mudança populacional afeta diretamente ou indiretamente as trajetórias demográficas (ARANGO, 2004), citado por Rodriguez (2012), não só das áreas de destinos dos migrantes além os locais de origem.

Os impactos da migração sobre a dinâmica da população poderiam se classificar em duas partes. A primeira está relacionada com a mudança da taxa de crescimento populacional; enquanto a segunda com o comportamento reprodutivo (WILSON e RUSHTON, 2014).

Umadas camadas de demógrafos reconhecem a importância da vinculação entre a migração e a fecundidade (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983). Em decorrência disso, há uma grande quantidade de estudos que tentam explicar essa relação (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; WILSON e RUSHTON, 2014). Muitos deles tradicionalmente têm se focalizado sobre os impactos da migração de longo prazo de pessoas procedentes de áreas de alta fecundidade para aquelas com baixos níveis (LINDSTROM e SAUCEDO, 2002).

A literatura sobre o impacto da migração na fecundidade tem uma longa data. Os primeiros estudos que tentam explicar a relação entre a migração e a fecundidade foram desenvolvidos principalmente nos Estados Unidos desde o começo do século XX, segundo Myers e Macisco

(1975) citado por Ben e Wilson (2014). O foco desses trabalhos pioneiros foi estudar o impacto da migração na fecundidade da área urbana.

Depois da Segunda Guerra Mundial duas são as principais razões que motivaram os estudos da fecundidade dos migrantes. A primeira faz referência ao desejo de entender a dinâmica agregada da população, especialmente o impacto dos migrantes internacionais sobre a composição e a estrutura da população no país receptor. A segunda refere-se à migração interna, especialmente tentar explicar os diferenciais de fecundidade entre a população imigrante e a de destino (WILSON e RUSHTON, 2014). Na atualidade, ante o iminente envelhecimento da estrutura etária de muitos países receptores de imigrantes e seus níveis de fecundidade por de baixo do nível de reposição, os estudos têm ressurgido novamente (FRANK e HEUVELINE, 2005).

Apesar de ter mais de um século estudando-se o enlace entre a migração e fecundidade, na atualidade as literaturas são contraditórias. Isso deriva-se entre outras coisas porque a migração impacta sobre a fecundidade a través de distintos caminhos (SABOTKA, 2008; WILSON e RUSHTON, 2014). Também porque os dados para estudar a direção dos efeitos da migração sobre o comportamento reprodutivo não são de boa qualidade.

As dificuldades que interferem no conhecimento da incidência que tem a migração sobre a fecundidade, só poderiam ser superadas construindo um arcabouço conceitual coerente (WILSON e RUSHTON, 2014; ANDERSSON, 2004), que leve em conta as especificidades diferenciadoras entre os países da origem e os países de destino, porque a intensidade do impacto depende das divergências dos indivíduos e sua sociedade de origem, com as pessoas e a sociedade de destino (HARBISON e JONG, 1980; RINDFUSS, 1975).

Segundo Harbison e Jong (1980), as fontes que causam variabilidades e divergências nos impactos da migração sobre a fecundidade são:

- 1) A magnitude das divergências entre a população de origem e destino em torno das características culturais, demográficas e econômicas.

- 2- A relativa exposição à população de origem em oposição a população de destino.

3- As características dos migrantes que tendem a se isolar na sociedade de destino, ou ao contrário, os traços dos migrantes que os conduzem a se expor à influência da nova área de residência.

4- As características dos migrantes que tendem a contra-arrestar a adaptação à sociedade destino.

3.2.1 Hipóteses ou canais através dos quais a migração afeta a fecundidade

Relacionadas com as quatro fontes de variabilidade, que se mencionam nas linhas anteriores, estão as principais hipóteses ou canais através dos quais a migração afeta a fecundidade: assimilação, ruptura, seletividade e adaptação (HARBISON e JONG, 1980; GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; OCHOLA e AYIEMBA, 2003; CHATTOPADHYAY et al., 2007; JENSE e AHLBURG, 2004). Goldscheider (1969) considera também a hipótese do “minority group status” para explicar essa relação. No caso de Lindstrom e Saucedo (2002), em sua intenção de pesquisar o impacto da imigração de retorno procedente dos Estados Unidos na fecundidade do México, incluem a hipótese da difusão. Enquanto Blau (1991), em seu arcabouço conceitual para os estudos dos diferenciais de fecundidade entre os imigrantes de diferentes regiões do mundo residentes nos Estados Unidos, realiza indiretamente um enlace entre as hipóteses mais aceitas entre os pesquisadores (assimilação, seletividade, ruptura e adaptação) com a teoria microeconômica de Becker sobre os fatores econômicos que levam as famílias a terem filhos.

O trabalho que serviu de impulso para as subsequentes pesquisas e os desenvolvimentos das hipóteses mais reconhecidas entre os especialistas na área foi o realizado por Goldscheider e Unlenberg (1969) intitulado “Minority Group Status and Fertility (WILSON e RUSHTON, 2014). Nessa investigação, os autores sugerem a hipótese denominada “minority group status” a qual argumenta que a fecundidade dos grupos minoritários no tempo deve refletir suas características socioculturais, econômicas e demográficas. Aliás, mediante o processo de aculturação e adaptação o comportamento reprodutivo dos grupos minoritários converge ao da população total (GOLSDCHEIDER e UNLENBERG, 1969).

Por outra parte, autores como Goldstein e Goldstein (1982; 1983) e Herwitz (1985) são pesquisadores pioneiros na utilização de maneira explícita das hipóteses sobre as quais têm

sido direcionados os estudos para explicar a fecundidade dos migrantes: Adaptação, assimilação, ruptura e seletividade.

3.2.1.1 Hipótese sob a seletividade dos migrantes

A hipótese da seletividade sugere que as características dos migrantes são diferentes às dos não migrantes de sua sociedade de origem, pelo que o comportamento reprodutivo também é diferente. Em decorrência disso, os migrantes não são aleatoriamente escolhidos e com frequência procedem de grupos com baixos níveis de fecundidade (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; FELICIANO, 2005).

Entre os migrantes, normalmente existem características relativas ao sexo, idade, educação, status laboral e disposição a correr riscos que os diferenciam do resto da população na origem. Os processos de seleção em tais características ocorrem pelas vias de vários níveis, que, por sua vez são complexos e inter-relacionados. Primeiro, os migrantes se auto-selecionam desde que só algumas pessoas querem migrar ou têm os recursos para fazerem o ato de mudança de sua área de residência. Segundo alguns países historicamente têm tido políticas de saídas restritivas que só permitem migrar a indivíduos seletos. Terceiros, as condições dos contextos econômico e político do país da origem que influem na natureza dos fluxos migratórios. Quatro, a demanda por alguns trabalhadores em específico, que impacta a seletividade dos migrantes por motivos econômicos. Cinco, as relações históricas entre o país de envio e de destino também guia a seleção dos migrantes. Finalmente, muitos dos migrantes sem documentos nos países são selecionados pelas políticas de imigração prevalentes entre os países (FELICIANO, 2005).

A seleção dos migrantes muda com o tempo e no espaço. Isso significa que a seletividade dos migrantes não somente depende de suas características demográficas, econômicas e educativas. Além disso, depende de outros fatores que estão vinculados entre si os quais são: os motivos e causas da migração, as políticas migratórias dos países da origem e destino e a extensão das redes migratórias no país de destino. Com respeito aos motivos da migração, é provável que os migrantes, por razões laborais, sejam diferentes aos que são refugiados por questões de guerras, conflitos, etc. (WILSON e RUSHTON, 2014). No caso das políticas migratórias nos países de destino, existem estados que incentivam a migração de pessoas com baixos níveis de qualificação para trabalhar em áreas com empregos poucos demandados

pelos nativos, por considerá-los de baixa rentabilidade e aviltantes. Porém, também há situações de países com políticas para incentivar a migração de pessoas altamente qualificadas, como tem acontecido nas últimas décadas no Canadá. No que tem a ver com as redes, na medida em que o número de migrantes da mesma origem aumenta os custos de migrar, diminuem o que poderia impactar para que a migração seja menos seletiva (MASSEY, 1993).

Vários estudos sobre a seletividade das migrantes e seu comportamento reprodutivo, têm apresentado resultados divergentes. Blau (1991), em um estudo sobre a fecundidade das mulheres procedentes do Oriente Médio da Ásia, América Latina e do Caribe no USA, usando dados dos censos de 1970 e 1980, sugere que as diferenças achadas com as nativas reflexam que as imigrantes são selecionadas em grupos com baixo nível de fecundidade em seu país de origem. Como evidência ele apresenta que são positivamente escolhidas em termos de educação porque grandes partes delas tinham uma escolaridade maior que a média de seus respectivos países. Controlando pela idade, se descobre que as imigrantes têm uma menor fecundidade do que as nativas e as mulheres do país da origem com seu mesmo nível de escolaridade.

Utilizando como medida de fecundidade a parturição média com dados censitários, Young (1991), mostra que as imigrantes procedentes de países em desenvolvimentos da Austrália, no período que ele considera, têm uma fecundidade completa menor do que as não emigrantes das sociedades das origens. Como possível explicação, ele supõe que as imigrantes poderiam ser um grupo com característica muito diferente às mulheres da sociedade da origem. A similar argumento chega Gomes et al (2012), quando não acha impactos dos fatores estruturais na fecundidade das imigrantes internas de data fixa do DF do Brasil, utilizando como indicador de fecundidade a parturição média com dados do Censo Demográfico 2010.

O Goldstein e Goldstein (1983), encontrou evidências que suportam a hipótese da seletividade das imigrantes para explicar sua fecundidade em um estudo realizado para Malásia. Ele supõe que as imigrantes não são aleatoriamente escolhidas na população da origem ao comprovar que, controlando pela educação, têm uma probabilidade maior em realizar o movimento migratório e, além disso, de ter nível de fecundidade menor. O Landale e Singley (1998) ao apresentar que as emigrantes de Porto Rico no USA, têm uma probabilidade de transição para o primeiro filho menor do que as nativas em USA e as não migrantes de Porto Rico, sugerem

que isso se explica pelo efeito seleção. Entretanto que outros autores, como Kulu (2004), Lindstrom e Saucedo (2002), e Andersson (2004), etc., não acharam evidências empíricas para suportar a hipótese da seletividade.

3.2.1.2 Assimilação

O ato de migrar leva ao indivíduo a aprender um conjunto de costumes e atitudes próprias do país de destino. A assimilação é o termo utilizado pelos cientistas sociais para denominar esses processos mediante o qual os imigrantes apreendem as normas e valores das sociedades de destino até convergir na maneira de agir com as pessoas que a integram. Coerente com essa perspectiva a teoria clássica da assimilação argumenta que este é um processo em que diferentes grupos étnicos participam da cultura central para obter igual acesso à estrutura de oportunidades sociais da sociedade de destino (ZHOU, 1997).

Com a assimilação, os imigrantes incorporam-se à nova sociedade até não se distinguir dos não nativos. Os fatores que levam à redução da heterogeneidade entre ambos os grupos e que combinados com os status socioeconômicos aceleram o processo da assimilação são: cor da pele, linguagem do país da origem, religião, tempo de residência etc. Porém, esse processo de convergência não é tão simples nem linear como aparenta. O Zhou (1997), propõe as seguintes tipologias para explicar a complexidade do processo: assimilação cultural, estrutural, marital, de identificação, atitude-recepcional, comportamental-recepcional, assimilação cívica, etc. Dessa tipologia Gordon considera que a assimilação cultural é a primeira etapa necessária para que os imigrantes se inseriram, porque com ela começam a se adaptar ao novo país. A assimilação cultural poderia tomar lugar e continuar de maneira indefinida, porque a assimilação depende também do grau de aceitação dos grupos étnicos na população dominante.

Levando em conta as tipologias do Gordon, o ser humano não só assimila a cultura do país de destino, além disso, apreende e recebe os modos comportamentais como as condutas reprodutivas dos nativos. Tendo isso presente alguns autores utilizam a assimilação para explicar a fecundidade das migrantes. Eles surgiram que os imigrantes assumem o comportamento reprodutivo da área de destino. No entanto, essa convergência não se realiza em um tempo curto senão depois de um considerável período de residência na sociedade hóspede. Por essa razão muitos argumentam que os diferenciais com a população nativa só

poderiam se eliminar depois de várias gerações de migrantes, significando esse fato uma relação proporcional entre o número de gerações de imigrantes e a convergência com a fecundidade do país de destino (GOLDSTEIN, 1983; JENSE, 2004; CHATTOPADHYAY et al., 2007; WILSON e RUSHTON, 2014;).

Há muito trabalhos que têm apoiado a hipótese sobre a assimilação da fecundidade, entanto que outros não apresentam evidências empíricas. O estudo de Parrado (2011), que tem como objetivo demonstrar que a alta fecundidade das mulheres de origem hispânico/mexicana nos Estados Unidos é devido ao tipo de migração e às estimativas de períodos utilizadas, com dados das estatísticas vitais desde 2000 até 2008, e medidas acumuladas de fecundidade, descobre que esta converge para o nível de reposição e, além disso, que é mais baixa do que a obtida por indicadores de períodos. A partir desse resultado chega à conclusão de que hipótese da assimilação é a mais coerente com seus resultados obtidos, devido a que os níveis de fecundidade das imigrantes hispânico/mexicana se assemelhar mais ao nível de fecundidade das mulheres estadounidenses.

Para um estudo sobre a fecundidade das imigrantes internacionais no Oeste da Alemanha, cujo objetivo era estimar a transição do segundo ao terceiro nascimento, usando modelos de regressões intensivas, Milewki (2010) apresenta que a hipótese da socialização/assimilação é a que maior suporta os seus resultados. Ele encontrou que os padrões da fecundidade das descendentes de imigrantes são mais convergentes com a fecundidade das naturais do Oeste da Alemanha do que os padrões de fecundidade das mulheres da primeira geração. Contudo, ele também sugere que a convergência varia muito por países da origem, sendo mais parecida a transição do segundo ao terceiro nascimento, naquelas mulheres da segunda geração de imigrantes procedentes de países com características culturais similares às da Alemanha.

Utilizando modelos de contagem com dados da German Socioeconomic Panel de 1996 Mayer e Riphahn (1999), em um estudo sob o ajuste da fecundidade das imigrantes também para a Alemanha, encontram que o comportamento reprodutivo destas converge com o das nativas através do tempo. Pois seus resultados mostram que as imigrantes quando chegam ao país têm taxas de fecundidade superiores aos níveis das nativas, mas os diferenciais baixam na medida em que seu tempo de residência aumenta.

Abbasi-shavazi e McDonald (2000) em um trabalho que examina os padrões da fecundidade para a Austrália no período 1977-1991, em um contexto no qual as políticas de integração ou assimilação à cultura central foram obviadas para dar abertura às políticas multiculturais, usando medida de período, encontram, de maneira geral, que anteriormente ao multiculturalismo, a fecundidade das imigrantes tende para os padrões da Austrália. O estudo conclui que a assimilação dos padrões da Austrália ainda tem muita preponderância para explicar a fecundidade das imigrantes, com exceção das procedentes da Itália e da Grécia, que apresentam padrões próprios de tais países.

A etapa da vida na qual chegou uma pessoa ao país de destino é um fator chave para explicar seu processo de assimilação cultural, devido ao fato de que existe diferença entre os que migram antes da adolescência e aqueles que o fazem durante a etapa adulta. Adserá et al (2012) para vários países da OECD tentam examinar a medida na qual a fecundidade das imigrantes que chegaram como crianças e como pessoas adultas diverge com fecundidade das nativas. Coerentes com a assimilação, apresentam que aqueles que entraram como crianças têm níveis de fecundidade mais semelhantes com os níveis de fecundidade das nativas, dos três países, do que aquelas que chegaram quando eram maiores de idade. Aliás, os resultados foram diferentes entres os países escolhidos (Canadá, França e Inglaterra). Para o Canadá as diferenças entre a fecundidade das naturais e a fecundidade das imigrantes são pequenas e não mudam muito com a idade à imigração. Isso se explica pelo fato de que em Canadá se promovem políticas para uma migração mais seletiva em favor de pessoas com alta escolaridade. Para a Inglaterra e a França, a etapa no ciclo de vida em que chegaram fez muita diferença para explicar as divergências da fecundidade das imigrantes com a das nativas. Resultados similares são apresentados por Rodrigues (2012), controlando pela etapa de chegada aos USA para as imigrantes cubanas.

Outros trabalhos têm achado poucas ou nenhuma evidências a favor da assimilação da fecundidade no país de destino. Krishnan e Krotki (1992) em seu trabalho que avalia a importância da assimilação e das características sociais no comportamento reprodutivo dos imigrantes no Canadá, para as mulheres que durante a pesquisa estavam casadas, sugerem que a assimilação quase não teve utilidade para explicar a fecundidade das mulheres consideradas, a diferença das características sociais que em grande parte explicaram sua mudança especificamente nas gerações mais jovens. Frank e Heuveline (2005), que em sua pesquisa comparam a fecundidade das mexicanas não migrantes com a fecundidade das mexicanas e

mexico-americanas residentes nos USA, com dados de seis pesquisas nacionais desde 1975 até 2002, encontraram resultados contraditórios com a assimilação. A terceira geração de imigrantes mexicanos nos USA apresentou níveis de fecundidade superiores aos mostrados pela segunda geração. Hill e Johnson (2004), em um estudo também para as descendentes de mexicanos nos USA, não atribuem o declínio da fecundidade entre as gerações à assimilação. Mas bem apresentam, controlando pelas características pessoais e o entorno sociogeográfico, que esta poderia aumentar da primeira à terceira geração de imigrantes, se não ocorre um aumento das escolaridades, uma diminuição da pobreza e da porcentagem de casados intergeracionalmente.

3.2.1.3 Adaptação

A hipótese da adaptação afirma que os imigrantes se diferenciam minimamente com a população da origem e que levam com eles ao momento de emigrarem as normas da fecundidade que caracterizam o país de envio. A adaptação depende das diferenças culturais, socioeconômica e políticas do país de origem e o país de destino do imigrante, pelo que na medida em as diferenças sejam grandes, mais tempo levará ao imigrante se adaptarem às normas e ao comportamento reprodutivo da nova sociedade de residência (GOLDSTEIN, 1983; JENSE e AHLBURG, 2004).

A diferença de outras hipóteses, a adaptação considera que os dois principais fatores que influenciam na fecundidade das imigrantes são o econômico e as normas culturais. Entre os fatores econômicos estão os custos de vida e os custos de oportunidade, associados com a comunidade receptora, tais como os custos de alimentos, restrições nos locais de moradia, o trabalho da mulher por um salário, etc. (KULU, 2005 citado por GENEREUX, 2007).

Kulu (2005) sugere utilizando modelo de regressão intensiva, com dados da Family and Fertility Survey de 1994 da Estônia, para estimar os diferenciais de fecundidade entre as imigrantes e não migrantes, que a adaptação é a hipótese que mais explica o comportamento reprodutivo das mulheres levadas em conta em seu estudo. Porque muitas delas assumem seus planos familiares a partir de suas novas condições socioeconômicas e do grau de apreensão das normas culturais da sociedade hóspedes. A Vila e Castro (2007) apresentam empregando medida de fecundidade de período e modelo de regressão logística, para determinar a probabilidade de ter um filho no ano anterior com informações do padrão municipal e o censo

demográfico 2001, que a fecundidade das imigrantes na Espanha, procedentes de vários países, tende a ser similares ao padrão espanhol na medida em que o tempo de estada aumenta.

Ao contrário dos autores anteriores, Mussino e Raalte (2013), utilizando dados de eventos históricos, em um estudo comparativo entre a Rússia e a Itália, para determinar se há diferença entre as nativas e as imigrantes dos referidos países, não acharam fortes evidência sobre a adaptação. Em decorrência elas atribuíram as divergências a fatores socioeconômicos. Carter (2000) em um estudo que tenta provar as quatro hipóteses para as imigrantes naturais do México nos USA também não encontrou resultados satisfatórios que confirmem a adaptação.

3.2.1.4 Ruptura

Das quatro principais hipóteses para explicar o comportamento reprodutivo das imigrantes, a mais relacionada com a demografia é a ruptura. Esta especifica que o simples fato de migrar já faz com que as pessoas estejam expostas a fatores que vão influenciar o tempo e o quantum da sua fecundidade (ALLEMAN-VELEZ, 2004). Assume que o ato de migrar interrompe o processo reprodutivo, se considerarmos que este pode implicar um adiamento da formação de união ou na separação do casal por determinado período de tempo. Além disso, a ruptura do comportamento reprodutivo pode ser o resultado da preparação e da antecipação do movimento migratório, que também dificulta a adaptação ao novo lugar de residência, devido ao surgimento de dificuldades econômicas e psicológicas (KAHN, 1988; NG e NAULT, 1997; JENSE e AHLBURG, 2004). Como consequência, a mulher tem poucos filhos pós-imigração para depois ter vários, recuperando de tal maneira a fecundidade perdida (GENEREUX, 2007; MAJELANTLE e NAVANEETHAM, 2013). Ao assumir que o impacto da imigração sobre a fecundidade é imediato, esta hipótese está relacionada com o curto prazo.

Muitos dos trabalhos empíricos para explicar a fecundidade das imigrantes têm confirmado mais a hipótese da interrupção do que as outras hipóteses. Os resultados de Blau (1992) evidenciam que a fecundidade das mulheres da América Latina nos Estados Unidos correspondentes àquelas recém-chegadas é mais baixa do que a correspondente às mais velhas. Também o trabalho de Carter (2000), para as imigrantes Mexicanas nos USA,

apresenta evidência que as mulheres para os anos imediatamente depois da imigração têm o risco de ter filho, relativamente menor em comparação com as que têm maior tempo, especificamente na transição do segundo ao terceiro filho. O Lindstrom e Giorguli (2002), em um trabalho cujo principal objetivo é estudar o impacto da imigração sobre a fecundidade nos USA, no curto e longo prazo, principalmente para as mulheres de origem mexicano, apresentam que seus resultados são coerentes com a hipótese da ruptura. Já que revelam que a separação do esposo por migração temporária reduz a probabilidade de nascimento no curto prazo. Eles também argumentam que no longo prazo passa o contrário na fecundidade marital. Também suporta as hipóteses da ruptura, a pesquisa de Persson e Hoem (2014) para as imigrantes na Suécia entre 2000 e 2011; e o trabalho de Roig e Castro (2007), com dados do censo de 2001, para as imigrantes da Espanha. Aliás, Ng e Nault (1997) em sua pesquisa que tem como objetivo estudar a hipótese da ruptura do comportamento reprodutivo nas imigrantes para o Canadá, utilizando como medida a razão de criança, com informações do censo de população de 1991, não encontraram nenhuma evidência que suporte a hipótese. Em decorrência, eles apresentam que as mulheres que chegaram ao Canadá entre 1986 e 1985 têm fecundidade superior às que chegaram em períodos anteriores. Resultados similares são obtidos por Andersson (2004), para a Suécia. No entanto, ele atribui a alta fecundidade das imigrantes, imediatamente depois da chegada, à imigração de reunificação familiar.

3.2.1.5 Difusão

Outra hipótese que ainda não tem sido abordada o suficientemente é a difusão, a qual indica que, dentro da migração temporal, o contexto cultural é um potente mecanismo que leva ao declínio da fecundidade. Sugere que quando os migrantes retornam a seu lugar de origem poderiam levar novas ideias e novos comportamentos adquiridos na sociedade de destino (LINDSTROM e SAUCEDO, 2002). Mas, pela complexidade relacionada à migração de retorno, nem sempre os migrantes que regressam provocam uma mudança na sociedade da origem. As possíveis mudanças no comportamento reprodutivo, como consequência do retorno de sua população, dependem do tipo de migração de retorno, das suas causas, das características dos retornados, do contexto social e cultural em que desenvolveram no lugar de destino e por igual da circunstância social e pessoal que enfrentam quando voltam a sua terra da origem (CASSARINO, 2005).

A migração internacional de retorno nem sempre garante a difusão de novos comportamentos reprodutivos no lugar da origem. Isso vai depender do tipo de migrante de retorno e do grau no qual o contexto da sociedade da origem seja propício para que eles se readaptem e para difundir as novas normas e valores aprendidos na sociedade destino. Quando os migrantes de retorno voltam por fracassos, seus impactos no comportamento reprodutivo são insignificantes, porque durante o período de estância não apreenderam as normas e valores que definem o comportamento reprodutivo da sociedade de destino. O mesmo ocorre com aqueles que correspondem ao grupo dos retornados conservativos, pois estes, além de terem assimilado novas normas, preocupam-se mais por manter aquelas da sua sociedade da origem.

Por outra parte, as hipóteses descritas não são mutuamente exclusivas porque estão interconectadas, pelo que uma apenas não explica o comportamento reprodutivo das migrantes. A seleção ocorre no país de origem e a migração em si mesma poderia causar ruptura na fecundidade; e no caso do país de destino, este poderia influenciar aos migrantes com a adaptação dos valores característicos de sua fecundidade (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; CARTER, 2000).

Muitos dos estudos realizados apresentam debilidades nas hipóteses para explicar de forma convincente o impacto da migração sobre a fecundidade, pelo que se necessita de outros canais e de um arcabouço conceitual coerente. Contudo, apesar das suas debilidades Goldstein e Goldstein (1982) sugerem a necessidade de determinar quais combinações dos processos subjacentes entre o enlace das hipóteses poderiam oferecer uma melhor combinação. Aliás, desde o trabalho de Goldstein e Goldstein (1982) apesar do mar de estudos existente, é pouco o que tem se avançado.

Wilson e Rudsten (2014), em suas propostas de um arcabouço conceitual lógico, ressaltam claramente as principais deficiências subjacentes em todas as propostas, que até o momento têm sido desenvolvidas para explicar a gradiente migração-fecundidade. Começando com a adaptação, esta hipótese tem uma ambiguidade durante a determinação do tempo que tomará a fecundidade das migrantes para convergir com a fecundidade dos países de destino tanto na primeira geração quanto nas seguintes. No que concerne à assimilação, não fica claro até que tempo o nível de fecundidade do país de origem é mantido entre os migrantes de primeira geração. Enquanto a predição do tempo de convergência para os níveis dos nativos, por parte dos descendentes, também não é definido.

Na hipótese da ruptura não está delimitado a quais níveis tenderão a fecundidade dos migrantes da primeira geração (se aos níveis do país de destino ou aos da origem) quando recobrem sua fecundidade depois do movimento migratório. Nessa mesma hipótese pode-se prever também, que para os descendentes a migração vai ter um efeito limitado ou nenhum impacto. Porém, não determina qual poderia ser o efeito quantum. Por fim, a seletividade não específica qual será a trajetória da fecundidade depois do ato migratório em todas as gerações de migrantes.

Além das quatro hipóteses, o motivo da migração explica muito a fecundidade das imigrantes, porque se esperaria que o comportamento reprodutivo das mulheres que migram por motivo de reunificação familiar seja diferente ao das mulheres que migram por razões laborais. Quando a migração está relacionada a causas familiares espera-se que o risco de maternidade seja alto. Este poderia ser maior, imediatamente depois da chegada, se antes do ato migratório a mulher não tinha filho. No caso das mulheres que migram por razões de emprego, se elas chegam a ser *breadwinners* e têm que se preparar para a chegada de alguns membros da família, poderiam postergar os nascimentos de seus filhos para alguns anos depois da mudança do país de residência (ANDERSSON, 2004; MUSSINO e ESTROZZA, 2012). Contudo, os resultados também dependem da origem das imigrantes porque os papéis de gêneros são diferenciais entre os países. Mussino e Estrozza (2012) encontraram resultados que evidenciam que as mulheres que migraram por razões familiares procedentes de alguns países da África apresentaram fecundidade muito mais elevada do que as de outros países que migraram pelas mesmas razões.

Dos descritos anteriormente infere-se que o contexto atual e histórico, tanto no país da origem quanto de destino, influi no comportamento reprodutivo porque os indivíduos não tomam a decisão de migrar e de ter filho isoladamente. Já que, como argumenta Genereux (2007), cada pessoa tem diferentes posições sociais, que são partes de algumas hierarquias de características que estão interconectadas, desde as quais entendem o mundo. Essas posições impactam suas opções de vida como o fato de migrar e o número de filho que desejam ter. Por essa razão o contexto, tanto no país da origem quanto do destino, em que se desenvolver a história de vida da mulher é importante para entender sua fecundidade.

O arcabouço para explicar o impacto do projeto migratório no comportamento reprodutivo das migrantes tem sido inferido em contextos nos quais as correntes migratórias são os países

desenvolvidos e as contracorrentes os países menos pobres. Países que também são divergentes nos tópicos relacionados aos papéis de gênero, pois nos países desenvolvidos as mulheres têm procurado se posicionar na sociedade, enquanto que, nos países pobres, os papéis das mulheres ainda são limitados aos tradicionais. Por essas razões deve se esperar, que quando elas mudem se para uma sociedade nos quais seus direitos estejam garantidos e os papéis que jogam sejam diferentes aos que tinham na sociedade da origem, seus comportamentos mudem, entre eles os reprodutivos. Contudo, quando a migração ocorre entre países que ainda estão no umbral do desenvolvimento cabe se questionar pelas efetividades das principais propostas teóricas para estudar as incidências do projeto migratório no comportamento reprodutivo das mulheres. Dentro dessa situação se enquadra o contexto da migração de haitianas para a República Dominicana. Pois além que este último tenha um melhor nível de bem-estar do que o Haiti, os dois países não superam o umbral do subdesenvolvimento e os papéis das mulheres são mais limitados, apesar dos ganhos nos últimos períodos, em comparação com os países desenvolvidos. Também não menos importantes, a migração realiza se em um contexto em que as duas repúblicas têm tido muitos conflitos através do tempo o que impede uma melhor integração dos haitianos à sociedade de dominicana.

Por outro lado, a emigração de nativas surge em um contexto caracterizado pelo transnacionalismo, no que as mulheres depois de terem migrado mantêm fortes vínculos afetivo com seus familiares e amigos residentes na República Dominicana, e em ocasiões são os suportes de um domicílio na sociedade de origem e de outro na sociedade de destino. Com essa realidade os impactos do projeto migratório através dos canais propostos deveriam ser diferentes aos frequentemente esperados. No entanto, como o transnacionalismo não se apresenta por igual entre os nativos residentes nos Estados Unidos e os que moram em países europeus, é de esperar que o projeto migratório tenha impacto diferenciado pelo destino no comportamento reprodutivo.

Apesar da singularidade dos contextos em que produz a migração de haitianas para a República Dominicana e a emigração das nativas para outros países, é de esperar-se que o projeto migratório impacte em seus comportamentos reprodutivos através dos canais propostos pelas teorias consultadas. Pois a migração é um fenômeno que envolve fatores pessoais, contextuais e institucionais, que variam no espaço e no tempo, mas que geralmente são os mesmos levados em contas pelos teóricos. Contudo, determinar qual das propostas

teóricas é a mais idônea para explicar o impacto da migração sobre a fecundidade, é uma tarefa complicada, porque além dos fatores envolvidos, a parte metodológica é importante na hora de derivar as conclusões, pois para uma população podem se derivar inferências diferentes aplicando diferentes métodos com os mesmos dados.

4 METODOLOGIA

As preocupações dos capítulos precedentes estiveram focadas por um lado, em contextualizar a migração e a fecundidade na República Dominicana, e por outro, em revisar as principais hipóteses e teorias que tentam explicar a relação entre os dois componentes para orientar as análises. A principal conclusão à que se chegou faz referência a que as hipóteses da relação entre a migração e fecundidade não são mutuamente exclusivas e que não estão isentas de limitações, como as relacionadas ao tempo que tomariam as mulheres migrantes para convergir com a fecundidade do país de destino.

Neste capítulo, tem-se como objetivo discutir a especificação e a definição da unidade da análise, fazer breves descrições das fontes dos dados e apresentar os métodos a empregar e as limitações do estudo.

4.1 Conceitos e unidade da análise

Antes de especificar a unidade da análise em nosso estudo, é oportuno fazer uma definição de migração. O CELADE (1998), define o termo como o movimento com traslado de residência desde um lugar de origem, para um lugar de destino ou chegada, o qual, por sua vez, implica atravessar os limites de uma divisão geográfica. Em termos operacionais a definição de imigrante depende muito dos objetivos do estudo e dos dados disponíveis. Em função disso, para este trabalho são consideradas imigrantes mulheres que na pergunta sobre lugar de nascimento declararam ter nascido em um território diferente ao dominicano.

Levando em consideração o termo, nossa principal unidade da análise são as mulheres entre os 15 e 49 anos de idade, residentes na República Dominicana no ano de 2010. As mesmas foram classificadas em vários grupos: imigrantes nativas do Haiti, imigrantes de outros países e nativas da República Dominicana.

4.2 Fontes de dados

A principal fonte que vamos utilizar de acordos com os objetivos é o “IX Censo Nacional de Población y Vivienda 2010”. Como busca-se comparar a fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana com as de suas conterrâneas no Haiti, também utilizam-se as

estimativas das DHS realizadas no período 2000-2012 e as projeções de 2013 do CELADE para o Haiti. Este é, no momento, a melhor fonte disponível embora uma das principais deficiências que têm enfrentado os pesquisadores, ao momento de estudar o impacto do processo migratório sobre a fecundidade, é a carência de uma base de dados oportuna, que leve em conta o período pré-migração e o pós-migração. Goldstein e Goldstein (1982), em seu livro “Techniques for analysis of the interrelations between migration and fertility”, mencionam que os dados mais oportunos são aqueles sobre a história de vida completa. Os quais deveriam incluir as histórias migratórias e de fecundidade, combinados com diferentes características sociais, econômicas e culturais das pessoas em diferentes pontos no tempo de seu ciclo de vida. Esses tipos de dados são importantes porque permitem avaliar se os migrantes divergem dos não migrantes. Também com os dados da história de vida, poderia se determinar como as diferenças mudam com o tempo.

Com o propósito de avaliar as estimativas realizadas com o censo os níveis e as estruturas da fecundidade para as três populações comparam-se com as calculadas aplicando o método P/F de Brass, aos mesmos dados censitários, e com as obtidas da Encuesta Nacional de Inmigración 2012. No caso das correspondentes às nativas, também comparam-se com os níveis e estruturas apresentados pelas DHS realizadas no período 1996-2010 e as publicadas na projeção de população de 2014, realizada pela Oficina Nacional de Estadística.

4.2.1 O IX Censo Nacional de Población y Vivienda 2010

O IX Censo 2010 foi realizado desde o 29 de novembro até o 7 de dezembro do mesmo ano. Este foi de caráter universal, já que aplicou-se um único questionário a todas as pessoas que durante o período censitário moravam habitualmente na República Dominicana.

Na República Dominicana, nos censos, são captados desde várias décadas atrás os movimentos migratórios tanto internos quanto internacionais. Para o Censo 2010 pesquisaram-se tanto a migração acumulada (corresponde ao estoque de imigrantes) segundo o país de nascimento e ano de chegada, quanto a migração internacional para uma data fixa. No entanto, como com a informação para uma data fixa não pode se fazer inferência sobre quais das hipóteses (adaptação e ruptura) poderia explicar o comportamento reprodutivo das imigrantes, os dados dos migrantes internacionais identificados a partir da pergunta país de

nascimento do censo serão o que vamos utilizar. Também, do censo vamos a utilizar os dados obtidos com a pergunta sobre o ano de chega ao país.

È muito provável que muitas das imigrantes não naturais tenham morado, em mais de uma ocasião, na República Dominicana, principalmente os nativos do Haiti, pois uma parte importante deles, segundo a “Encuesta Nacional de Inmigración de 2012” é migrante circular devido à proximidade dos dois países. Aliás, pelo motivo a que com o censo não se pode discriminar o número de vezes em que uma pessoa tem morado no país, neste trabalho vamos fazer o pressuposto de que a fecundidade das imigrantes internacionais não naturais enumerados no Censo de 2010 independe da eventuais entradas e saídas do país.

As variáveis de fecundidade que vamos empregar são: filho nascido vivo nos últimos 12 meses e total de filhos e filhas sobreviventes. O interesse de usar a primeira é com o propósito de construir a variável dependente do modelo de regressão logístico binário a estimar, segunda parte dos resultados.

4.3 Técnicas

A complexidade relacionada com o processo migratório e as decisões na fecundidade fazem com que nem sempre um mesmo método e tipo de dados seja adequado para avaliar as hipóteses. Isso significa que poderia se apresentar a situação em que para cada hipótese necessite de dados e métodos diferentes. Porque devido às inter-relações entre as hipóteses, quando se estudam juntas, em ocasiões não pode se isolar os efeitos de cada uma. Para diferentes momentos, contextos e tipos de migração há vários estudos que têm chegado a conclusões contraditórias e em ocasiões erradas, precisamente pelo tipo de dados e modelos empregados. Por exemplo, Ng e Nault (1997) para Canadá, acharam que o incremento da fecundidade para os imigrantes recentes não foi produto de uma ruptura do comportamento reprodutivo senão do uso de dados e métodos inadequados. Parrado (2008) para as imigrantes naturais do México nos Estados Unidos, em contradição aos achados por outros estudos, argumenta que as conclusões sobre a alta fecundidade das mexicanas, em ocasiões têm sido erradas devido a três possíveis fontes de vieses relacionados com a composição etária das migrantes mexicanas, os métodos utilizados e o sub-registro das imigrantes que tende a diminuir os denominadores empregados para as taxas.

O ideal é estudar a fecundidade das imigrantes através da metodologia causal, com informações de histórias retrospectivas, tendo em conta o contexto do país da origem durante a etapa pré-migratória e do destino, depois da mudança de residência. No entanto, ante a carência de informação longitudinal os pesquisadores têm tido que utilizar dados de períodos que apresentam limitações (KULU, 2005).

Tradicionalmente, ante as carências de dados longitudinais e as limitações dos dados de cortes transversais, para realizar estudos de causalidades, vem-se utilizando medidas de fecundidade acumulada (parturição total, a parturição média, etc.), e indicadores de período como a TFT, TEF, a razão de criança a mulher, etc. A parturição total permite a comparação do número de filhos ao final do período reprodutivo entre grupos, que pode ser entre migrantes de diferentes origens, ou com os não migrantes. Também pode se determinar com este indicador, o potencial impacto na fecundidade no país hóspede. Contudo, há muitas limitações na hora de avaliar os efeitos reais da migração sob a fecundidade. Uma primeira restrição da parturição total é que, como tal, não corresponde à fecundidade real porque sua população objetivo está constituída pelas mulheres que estão na etapa final de seu período fértil, as quais tiveram uma experiência de fecundidade diferente das que têm as mais jovens. Também, com esse indicador não é possível estudar se o timing da fecundidade das imigrantes difere do timing das não migrantes e, além disso, não permite avaliar a hipótese da ruptura. Com relação à informação da medida acumulativa, nos censos de população, os dados sobre o total de filhos vivos podem ser sub-enumerados especialmente nas mulheres mais velhas devido a problema de memória. Esse problema na informação pode conduzir a cálculos de taxas subestimadas (GOLDSTEIN, 1982; PARRADO, 2013).

As medidas de períodos de fecundidade para a população de imigrantes como a TEF e a TFT podem ser mais abrangentes do que as medidas de estoque. Além de que dão a oportunidade de inferir sobre o papel de cada hipótese, incluem a experiência da fecundidade tanto das coortes mais velhas quanto das mais jovens. Também podem se comparar os diferenciais no início da fecundidade das migrantes com as não migrantes. Sem embargo, essa última bondade também constitui um ponto negativo para os estudos com as medidas de período. Pois as migrantes podem decidir mudar o início da fecundidade como consequência da migração e retomá-la a sua chegada, conduzindo a uma medida da TFT mais alta do esperado, algo que não ocorre com a medida acumulativa que representa uma história completa da maternidade da mulher. Ou seja, o timing da migração leva a um aumento da fecundidade

porque as mulheres retomam a fecundidade quando chegam ao país de destino produzindo uma TFT com viés (ANDERSSON, 2004; FRANK e HEUVELINE, 2005; PARRADO, 2013).

A migração é um evento que na maioria dos casos ocorre na transição para a vida adulta. Também, em algumas situações o ato migratório é prosseguido com a formação de união. Isso significa que o grupo de imigrantes pode apresentar uma proporção maior de mulheres em união nas primeiras idades da vida adulta do que a população não migrante. Em consequência, como a probabilidade de engravidar é inversamente proporcional com a idade e proporcional com a união, por efeito composicional, a TFT das imigrantes poderiam ter viés quando compararmos com as nativas. Por fim, o nível de sub-registro nos imigrantes é maior do que nos nativos por fatores conhecidos. Essas omissões de imigrantes se traduzem em diminuições dos denominadores utilizados para os cálculos das taxas de períodos que em consequência as inflam (PARRADO, 2013).

As limitações das medidas básicas de períodos e as de coortes, para estudar a fecundidade das imigrantes, deveriam se levar ambas em conta apesar que as conclusões entre elas sejam divergentes. No caso de nosso estudo, por falta de disponibilidade de dados longitudinais, só vamos utilizar medidas de períodos.

Para responder as perguntas se calculam e analisam vários indicadores. Para o nível da fecundidade entre os diferentes grupos populacionais vai se calcular a taxa de fecundidade total de período entre os anos 1996 e 2010. Enquanto que o padrão vai se analisar com as taxas específicas de fecundidades por grupos de idades e a idade média da fecundidade. Já para a probabilidade de ter um filho no ano anterior ao Censo 2010, vai se utilizar um modelo de regressão logístico binário.

Com o objetivo de fazer alguma inferência, sobre as possíveis hipóteses que poderiam estar detrás dos diferenciais de fecundidade entre as imigrantes haitianas, as demais imigrantes, as residentes no Haiti e as naturais de República Dominicana para os períodos temporais correspondentes, vão se calcular os indicadores mencionados levando em conta o tempo de residência no país, o nível educativo, a área de residência e a etapa do ciclo de vida em que chegaram. No caso da variável tempo de residência, construída com a pergunta sobre o ano de chegada à República Dominicana, as imigrantes foram agrupadas em quatro grupos: menos de

1 ano, 1-4 anos, 5-9 e 10 anos ou mais. Para os modelos de regressão logísticos, a variável tempo de permanência, foi identificada como coorte de chegada, a qual foi classificada em quatro categorias segundo os anos de chegada à República Dominicana: antes de 1990, 1990-2000, 2000-2005, 2005-2010.

Para a variável etapa do ciclo de vida em que chegou a mulher, foi utilizada a classificação empregada pela Rodriguez (2012) a qual divide as migrantes de sua amostra em dois grupos: as que chegaram antes dos 15 anos e as que começaram a morar no lugar de destino com 15 anos ou mais. Esta divisão é realizada porque o processo de assimilação ou aculturação entre os dois grupos poderia ser diferente. As que chegam antes dos 15 anos poderiam ter um processo de apreensão da cultura do país receptor mais rápido e mais genuíno do que as que chegam depois dos 15, por questões fisiológicas e sociais. Também porque o entorno social no que se desenvolve a mulher antes dos 15 anos influi muito no seu comportamento reprodutivo futuro.

Na RD não existem registros históricos de nascimentos confiáveis para fazer estimativa de fecundidade para o período 1996-2010. Ante essa situação, o método dos filhos próprios torna-se o mais atrativo para atingir nosso propósito de estudar os diferenciais da fecundidade, entre os grupos especificados, desde 1996 até o 2010. Uma limitação da aplicação do método para a população de migrantes é que não permite distinguir se a fecundidade estimada corresponde a um momento antes de imigrar ou a um momento depois de migrar. Aliás se agente controla pelo tempo de residência no país de destino pode se superar essa limitação. .

Pelo motivo a que no Censo 2010 da RD só pode se distinguir a primeira geração de migrante, no estudo não se realizarão as estimativas por gerações de imigrantes. Também, como o tipo de dados que vai se utilizar é de período, neste trabalho não vai se provar nenhuma das hipóteses sugerida no marco conceitual. O que vão se realizar são algumas suposições a partir dos resultados obtidos, sobre as hipóteses que poderiam explicar a fecundidade das imigrantes na RD.

4.3.1 O método dos filhos próprios

Pela carência de dados e a limitadas qualidades dos existentes, diferentes autores têm utilizado o método dos filhos próprios com o propósito de estudar a fecundidade da população

de migrantes. Para examinar a hipótese da ruptura nos imigrantes não naturais de Canadá, Ng e Noul (1997) empregam esse método. Igualmente, Jalal e McDonald (2000), em um estudo sobre multiculturalismo e fecundidade na Austrália também utilizam este método. O Dubuc (2012) o utiliza para pesquisar a convergência há fecundidade do Reino Unido entre as gerações de imigrantes procedentes de países de alta fecundidade. Para esse mesmo país, Waller e al. (2012) fazem uso do MFP em seu trabalho sobre a fecundidade dos imigrantes recentes.

As idéias básicas do método foram desenvolvidas por Cho e Grabill nos 1960s e aperfeiçoadas por Cho, Retherford e Choe (1986). Este método tem como objetivo fazer estimativa indireta da fecundidade para os 14 anos anteriores em que se realizou a pesquisa utilizada. Sua lógica geral consiste em uma retroprojeção dos filhos aos anos de seus nascimentos, e das mães nas idades em que lhes tiveram para calcular a estrutura e o nível da fecundidade.

O método dos filhos próprios requer cinco condições conhecidas para sua aplicação: 1) Os dados dos filhos devem ter acuracidade; 2) Os filhos deveriam morar com suas mães e a relação com o chefe do domicílio deve ser clara; 3) A população deveria ser fechada à migração internacional; 4) Que a cobertura das mulheres e dos filhos no censo ou nas pesquisas de amostragens seja a máxima; 6) O status ou características socioeconômicas das pessoas no momento da pesquisa seja aplicável para os 15 anos precedentes. Este último pressuposto foi denominado por Rinfuss (1976, 1977) citado por Jalal (1997), “*constancy of group membership*”. A violação desses pressupostos produz vieses nas estimativas do método, pelo queo que deveriam se realizar alguns ajustes para minimizar os erros introduzidos pelo não cumprimento deestes.

O método dos filhos próprios tem várias vantagens que fazem deles atrativos (CHO, RETHERFORD e CHOE, 1986):

1) Os países pobres e em desenvolvimento caracterizam-se por ter um sistema estatístico deficiente. Os registros civis, os censos e as pesquisas de amostragens apresentam altos níveis de sub-enumerações e a qualidade das informações não é boa. Antes essas evidentes limitações para as estimativas da fecundidade o método dos filhos próprios é uma boa opção.

- 2) Tem a oportunidade de estudar a trajetória recente da fecundidade, já que com ele se pode obter os níveis e as estruturas para os últimos 15 anos anteriores à pesquisa.
- 3) Com o método dos filhos próprios as estimativas podem ser obtidas por características básicas como educação, idioma, categoria ocupacional, religião, etc. Essa oportunidade não se tem com os registros vitais porque normalmente o sistema não coleta esse tipo de informação.
- 4) Não é altamente dependente de pressupostos e condições demográficas.

As desvantagens e limitações do método estão conectadas às qualidades das informações, às violações dos pressupostos sob os dados e a migração. Um dos obstáculos que tem mais importância é a má declaração da idade. Porque pode enviesar as estimativas dos níveis e padrão da fecundidade para cada ano. Nas mães, além da má declaração da idade causar vieses sistemáticos nas taxas específicas de fecundidade calculadas, os efeitos na taxa total de fecundidade tendem a ser mínimos porque os erros se compensam. No caso dos filhos, os erros causam muita distorção nos indicadores estimados para cada período, sendo estes mais influentes do que os erros da declaração da idade das mães. Estes podem produzir sobre-estimativa da fecundidade em um ano e subestimativa em outro. Por exemplo, uma sobre-enumeração dos filhos com três anos porque a idade dos que tinham dois anos completados foram arredondadas para três, causa uma sobre-estimativa da fecundidade no três-antepenúltimo ano anterior ao da pesquisa e uma subestimação no antepenúltimo. Embora existam várias técnicas demográficas para minimizar os erros da má declaração da idade, como agrupação da população em grupos de idade de 5 anos, essas devem ser utilizadas com muito cuidado, porque a distorção causa na estimativa da fecundidade com o método dos filhos próprios não só vieses para cada ano, mas também, vieses não aleatórios na TEF e TTF no longo prazo (CHO, RETHERFORD e CHOE, 1986; ABBASI-SHAVAZI, 1997).

Uma segunda desvantagem do OMC é sua sensibilidade com a migração. Aliás, quando a população migrante representa uma parte insignificante da população, os vieses causados por ela não são importantes. Porém se a migração é alta e, além disso, mais seletiva para um grupo em específico, pode causar sérios problemas nas estimativas. Por exemplo, quando os imigrantes são procedentes de áreas com fecundidade mais alta do que a fecundidade da área de destino, a desta última para os anos de altos fluxos migratórios tende a ser alta. Sem embargo, quando não existem diferenças entre os migrantes e não migrantes, os efeitos da

migração sobre as estimativas são mínimos. Por outra parte, se as migrantes tiveram seus filhos no lugar de origem os efeitos da migração sobre sua fecundidade são nulos (CHO, RETHERFORD e CHOE, 1986).

Uma terceira limitação do método é causada pelos erros produzidos no mau aparelhamento das crianças, embora os vieses produzidos por estes tendem a ser menores do que os ocasionados pela má declaração da idade. Os erros no aparelhamento podem se classificar em três tipos: 1) Mau aparelhamento do filho com sua mãe; 2) Má alocação dos filhos não próprios; e 3) O fracasso ao registrar alguns filhos porque eles estavam morando em uma área geográfica diferente à de sua mãe ao momento da entrevista. Essas três classes de erros se traduzem em sobre ou sub-aparelhamento, dependendo do caso. No que concerne à sobre-alocação, tem várias situações que os produzem, entre elas o aparelhamento de filhos adotivos. Como as pesquisas e os censos quase não colocam uma categoria para esse parentesco, estes são vinculados erroneamente as suas mães não biológicas. O sub-aparelhamento é possivelmente causado na medida em que os filhos não estejam morando com as mães. Este fato poderia ser mais repetido entre a população de migrantes que deixam suas crianças no lugar da origem, o que poderia subestimar sua fecundidade. Por outro lado, uma alocação errônea dos filhos não próprios às mães mais velhas é outro erro de mau aparelhamento. Na alocação assume-se que a distribuição por idade da mãe dos filhos não vinculados é a mesma daqueles cujos filhos foram identificados. No entanto, as crianças não alocadas, poderiam, em sua maioria, serem filhos de mães mais jovens que por seu lado poderiam estar morando em família secundária. Como consequência dessa alocação, dos filhos não próprios às mulheres mais velhas, infla-se as TEF das idades mais avançadas e subestima-se nas mais jovens (CHO, RETHERFORD e CHOE, 1986).

Por fim, os erros na estimativa da mortalidade usada no método dos filhos próprios também causam vieses nas taxas calculados a través do referido método. Aliás, segundo os estudos realizados as estimativas da fecundidade com o método têm pouca sensibilidade com estes. No estudo, ele empregou tabelas de vida modelo, com diferenças na expectativa de vida de até 10 anos e as TFT que obteve diferiam entre elas em menos de 5% (JALAL, 1997).

4.3.1.1 Procedimentos básicos

A aplicação do método dos filhos próprios compreende várias etapas: 1) Aparelhamento dos filhos de 0 a 14 anos com suas respectivas mães; 2) Alocação dos identificados como não próprios; 3) Estimativa das razões de sobrevivência para ressuscitar através da retroprojeção àqueles filhos e mães que estavam vivos nos 14 anos anteriores ao da pesquisa; 4) Estimativa do padrão e nível da fecundidade para cada um dos 14 anos. Nos parágrafos seguintes se explica brevemente cada procedimento:

1. **Aparelhamento dos filhos e as mães:** No banco de dados do censo ou da pesquisa de amostragem, conforme os registros de cada domicílio puro, devidamente identificados com um código, os filhos presentes no domicílio são vinculados com sua mãe levando em consideração alguns critérios de identificação sobre a base de algumas informações básicas como sexo, idade, estado conjugal, número de filhos sobreviventes, relação com o chefe de domicílio etc. (CHO, RETHERFORD, KIM, 1986; ONU, 1986).
2. **Alocação dos filhos identificados como não próprios:** este procedimento só pode se realizar se algumas crianças ficaram sem identificarem sua possível mãe biológica. Este procedimento é necessário porque se não se levam em consideração esses filhos, poderia ser subestimada a fecundidade, em caso que a porcentagem seja muito alta (CHO, RETHERFORD, KIM, 1986; ONU, 1986).
3. **Estimativas das razões de sobrevivências:** as probabilidades de sobrevivências são necessárias para retroprojetar os filhos de 0-14 e as mães entre 15-65 anos de idade, no ano do nascimento. Este procedimento é necessário porque parte dos que contribuíram com a fecundidade dos anos anteriores à pesquisa tinham morrido.
4. **Estimativa do padrão e nível da fecundidade para os 14 anos anteriores à pesquisa ou censo:** Depois da vinculação dos filhos com sua respectiva mãe, a alocação dos não próprios e os cálculos das razões de sobrevivências, a etapa seguinte é a estimativa do número de nascimentos e de mulheres que contribuíram com a fecundidade para cada ano dentro dos 14 anteriores à data da pesquisa. Por fim,

calculados os nascimentos e retroprojetadas as mulheres entre os 15 e 65 anos ao momento em que foram mães, o passo seguinte é a obtenção da estrutura e do nível da fecundidade para os 14 anos anteriores à pesquisa.

Neste trabalho, para as estimativas da fecundidade dos grupos considerados pelo MFP, empregaram-se os aplicativos desenvolvidos pela East-West Center Research Program (1992), chamados *Fertility estimate programs*. Para mais detalhe ver EASWESPOP (1992).

Por outro lado, para este estudo, as tabelas de vida, para cada ano foram calculadas utilizando as tabelas regionais da família Coale Demeny, para o que era necessário ter o nível da mortalidade para cada ano da população. Para as haitianas se utiliza o nível de mortalidade estimado pelo Banco Mundial em cada ano para o Haiti, enquanto que para as naturais da RD e demais migrantes internacionais empregaram-se as estimativas da Oficina Nacional de Estatísticas. No anexo II apresentam-se as expectativas de vida utilizadas para cada ano e as respectivas probabilidades de morte estimadas. Cabe resaltar que não se realizou correções por omissão devido a que não tem informação fiável para o cálculo de tais fatores.

Os resultados principais obtidos ao aplicar o método dos filhos próprios são as medidas de fecundidade para cada ano e período especificado nos 14 anos prévios à pesquisa. Para minimizar os erros da má declaração da idade nas mães e filhos se decidiu obter os resultados para período de cinco anos: 1996-2000, 2001-2005, 2006-2010.

4.3.2 Modelo de regressão logístico

Como se fala na parte introdutória, um dos objetivos deste trabalho é analisar os diferenciais nas probabilidades de ter filho no ano anterior ao censo, ou seja, desde dezembro de 2009 até novembro de 2010, entre as imigrantes nativas do Haiti, as naturais de outros países e as originárias da RD. Para esse propósito estimam-se vários modelos de regressões logísticas binárias: uma geral sem nenhuma variável de controle, e as outras controlando-se pelo tempo de residência no país e ciclo de vida em que chegou a migrante à RD. Para minimizar o efeito composição, os modelos são ajustados pela idade, estado conjugal e nível educativo. Outras variáveis, como a condição de ocupação, não são incluídas porque variam muito com o tempo.

O modelo geral logístico a estimar fica definido por:

$$Y_i = \beta X_i + u_i$$

Onde:

Y_i : é a variável dependente que representa a probabilidade de ter filho ou não. Nesse sentido, pode assumir dois valores: (1) se a mulher teve filho nascido vivo no período especificado, e (0) no caso contrário.

X_i : é um vetor que representa as variáveis explicativas de cada modelo.

Neste trabalho não se procura encontrar relações causais sobre os fatores que explicam a fecundidade dos imigrantes e seus diferenciais com a população da origem. Para esses são necessárias informações retrospectivas sobre a história migratória, como se recalca em páginas anteriores. Os modelos obtidos limitam-se só ao risco relativo de ter filho ou não entre os três grupos especificados (imigrantes haitianas, imigrantes de outros países e nativas na RD). Os modelos estimados são os seguintes:

1. Um conjunto de modelos que só leva em conta a nacionalidade da origem sem ajustar e controlados pela idade, estado conjugal e educação.
2. Um grupo de modelos que só leva em consideração o ciclo de vida em que chegaram as migrantes sem controlar e controlando com as mesmas variáveis dos modelos anteriores.
3. Vários modelos que captam o efeito da corte de chegada segundo nacionalidade de origem.

Nesta parte a amplitude do tempo de residência é identificada pela coorte de chegada, a diferencia das taxas de períodos estimadas, na qual se usa diretamente o número de ano que tem cada mulher não natural morando na República Dominicana.

5 FECUNDIDADE DAS NATIVAS E AS IMIGRANTES HAITIANAS NA REPÚBLICA DOMINICANA

A fecundidade entre 1995 e 2010 das nativas e das haitianas residentes na República Dominicana é apresentada neste capítulo. Este divide-se em quatro partes, sendo a primeira uma avaliação das taxas de fecundidade estimadas com o MFP, especialmente para o ano 2010, para toda as mulheres residentes na RD. Na segunda e terceira, são avaliados os níveis e a estrutura da fecundidade das nativas e das haitianas em geral, segundo algumas características sociodemográficas. Na terceira também se apresentam os valores e diferenciais desses indicadores para as imigrantes internacionais não haitianas e para as residentes no Haiti. Por fim, na última parte, apresentam-se os modelos logísticos estimados para determinar a chance de ter um filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010.

5.1 Avaliação geral dos resultados

A ausência de antecedentes de pesquisas focadas no estudo da fecundidade das imigrantes não naturais residentes na República Dominicana e sua histórica subenumeração nos censos, faz com que seja difícil ter segurança sobre os verdadeiros valores das taxas obtidas para tentar estudar o seu comportamento reprodutivo. Para sua validação, os níveis e as estruturas calculadas com o MFP, a partir dos dados censitários de 2010, foram comparadas com as obtidas com o método P/F de Brass para o ano de 2010, com os resultados das projeções 2014 e as DHS realizadas entre 1996 e 2012. Para as imigrantes que são naturais do Haiti, os resultados também foram comparados com aqueles obtidos a partir da ENI-2017, utilizando igualmente método dos filhos próprios.

No Anexo I são apresentadas as tabelas e os gráficos comparativos das taxas obtidas, tanto a nível geral quanto por características sociodemográficas para as três populações (nativas, haitianas e demais imigrantes).

As fontes de informação são diferentes em termos de qualidade, e, por isso, são esperadas algumas divergências entre as taxas de fecundidade calculadas a partir de cada fonte. No caso das nativas, somente a TFT calculada para o quinquênio 1996-2000 é maior (22%) que a apresentada pela DHS deste quinquênio, pois para os dois quinquênios adjacentes, 2001-2005

e 2006-2010, a TFT é ligeiramente menor (6,4% e 3,3%, respectivamente). Entretanto, comparando a TFT das projeções realizadas em 2014 pela Oficina Nacional de Estadística, somente a correspondente ao quinquênio 2006-2010 é menor do que a apresentada pelas projeções, fato que também acontece com a TFT ajustada com o método P/F de Brass (Ver Tabelas A1 e A3).

A fecundidade para o quinquênio 2006-2010 é calculada através do método dos filhos próprios, com a população menor de 5 anos de idade. Sabe-se que esta é uma população que frequentemente apresenta os maiores níveis de omissões. Por isso, poderia se esperar que o nível calculado para o quinquênio 2006-2010 com o MFP é menor do que o apresentado pela DHS-2007, pela projeção de 2014 e por P/F de Brass com os dados do Censo de 2010.

A estrutura da fecundidade obtida para a população nativa com o MFP, para os diferentes períodos de estimativa, converge, em termos gerais, com a apresentada pela DHS correspondente a cada quinquênio e com a estrutura da projeção 2014. Da mesma forma que a apresentada por essas duas fontes, a estrutura em todos os períodos é precoce. Destaca-se também que as taxas específicas de fecundidade das mulheres com menos de 30 anos obtidas com o MFO são menores do que as apresentadas pelas três fontes de comparação. Entretanto, com relação às TEF, para as mulheres que têm ao menos 30 anos, sucede praticamente o contrário, pois as correspondentes ao MFP são substancialmente superiores, especificamente as correspondentes à DHS, já que com as taxas da projeção, as diferenças são menores (Ver Tabela A1 e Gráfico A1). As causas dessas divergências poderiam ser:

1. No caso das taxas específicas das mulheres menores de 30 anos, as correspondentes ao método dos filhos provavelmente são menores, especificamente nos dois últimos quinquênios, devido ao problema de omissão da população menor de cinco anos, pois grande parte das crianças nesta faixa de idades são filhas das mulheres que têm entre 20 e 29 anos. O fato de que as divergências serem maiores no quinquênio 2006-2010 corrobora esta possível causa. Também é evidente quando comparamos com as estimativas ajustadas com o método P/F de Brass, utilizando os mesmos dados censitários, pois estas taxas são consideravelmente maiores (Ver Tabela A3).
2. Com referência à divergência no grupo das mulheres maiores de 29 anos, as estimativas do MFP são significativamente superiores por duas possíveis razões. Em

primeiro lugar, devido à deficiência do método na técnica da distribuição dos filhos não alocados. Conforme se ressalta na parte metodológica, no MFP os filhos não vinculados com suas possíveis mães dentro do domicílio são alocados proporcionalmente em função da distribuição por idade da mãe e dos filhos que estão vinculados. Além disso, as mães jovens são muito mais prováveis de que se separem de seus filhos temporariamente (possivelmente por migração laboral), pelo que se esperaria que a maior parte dos filhos não alocados correspondesse às mães jovens. Diante disto, infere-se que, ao alocar os filhos não vinculados atribuídos a problemas de alocação, através do fator de ajuste, elaborado segundo a distribuição dos filhos vinculados, uma parte dos filhos das mães jovens é atribuída às mães mais velhas. Como resultado, as taxas de fecundidade das mulheres mais jovens são subestimadas e das mais velhas são superestimadas (CHO et al., 1988). Outra possível razão (no caso das divergências com a DHS) poderia ser pela amostragem, pois nessa pesquisa as mulheres mais velhas estão menos representadas, já que o tamanho da sua amostra é pequeno. Esta baixa representatividade poderia levar a uma subestimação das taxas nestes grupos etários. O fato das taxas da projeção de 2014 serem também maiores do que as correspondentes às DHS favorece esta hipótese (Ver Tabela A1 e Gráfico A1).

3. Os resultados para o nível da fecundidade em cada quinquênio, para as mulheres naturais do Haiti residentes na RD, obtidos com o método dos filhos próprios, a partir da ENI-2010 e do Censo 2010, são coerentes enquanto à tendência, e também ao valor, embora em menor dimensão. Para os dois primeiros períodos, as estimativas realizadas a partir das duas fontes não divergem muito. Os níveis apresentados no Censo de população para os quinquênios 1996-2000 e 2001-2005 são, respectivamente, 6% e 3,2% maiores do que os correspondentes à pesquisa de amostragem para os mesmos períodos. No entanto, para o último quinquênio, o nível TFT obtido com a ENI-2012 é significativamente maior, em quase 20%. Em esta diferença para o último período poderia subjazer provavelmente um problema de amostragem, especificamente uma sobrerrepresentação das mulheres mais jovens, que são as que estão em pleno período reprodutivo e que, além disso, representam a maior proporção na população de imigrantes. Também poderia subjazer uma importante omissão de crianças filhas de naturais do Haiti no Censo 2010, conforme se argumenta na avaliação das taxas correspondentes às nativas (Ver Tabelas A4 e A9).

Enquanto à estrutura etária das haitianas, nas estimativas para as duas fontes com o MFP, não há uma grande divergência. Em quase todos os quinquênios, utilizando a tipologia da ONU, a estrutura apresentada em cada fonte é do tipo tardia. Somente no primeiro quinquênio se apresenta a maior diferença, pois nesse período a correspondente ao MFP-ENI é muito atípica. No padrão etário deste quinquênio, a estrutura das haitianas é bimodal porque tem duas cúspides quase similares no grupo 25-29 e 40-44. Esta anormalidade do padrão para este período explica-se principalmente pelo tamanho da amostra para o grupo do qual se calculou. A fecundidade das mulheres do grupo etário 40-44 anos do quinquênio 1998-2002 é derivada daquelas que tinham entre 56 e 59 anos no 2012. O número de mulheres nesse grupo é relativamente pequeno e, como o MFP é sensível ao tamanho da população, espera-se que os resultados tenham vieses. Para esse mesmo período, em quase todos os grupos etários, a diferença percentual não chega a 4%, com exceção dos grupos 40-44 e 45-49 anos, nos quais as estimativas do MFP-Censo são superiores às do MFP-ENI, em 8% e 22%, respectivamente (Ver Tabela A9 e Gráfico A10).

Por fim, no último quinquênio, apesar das estruturas serem similares, os valores das taxas de cada fonte de estimativas são marcadamente divergentes. Os valores do MFP-Censo são muito inferiores aos correspondentes às taxas MFP-ENI, com exceção do grupo 40-49, que é superior. As maiores divergências apresentam-se nos grupos compreendidos entre 20 e 34 anos (Ver Tabela A9 e Gráfico 10A). Assim, evidencia-se que a grande divergência no nível no último quinquênio entre as duas fontes poderia se dar devido a um problema de sobrerepresentatividade destes grupos na amostra utilizada na ENI-2012 e/ou por problema de omissão de crianças.

Comparada com a estrutura ajustada com o método P/F de Brass, a partir dos dados censitários, a estrutura da estimativa MFP-Censo do quinquênio 2006-2010 é muito mais envelhecida. Na primeira, a estrutura é mais precoce do frequentemente esperado (Ver Tabela A4 e Gráfico A5). Se destacar que para os dados de fecundidade durante o processo de validação da base de dados do Censo de 2010, a Oficina Nacional de Estadística da República Dominicana decidiu imputar os casos não declarados ou quando as informações do número de filhos nascidos vivos não eram coerentes. A partir disso, deduz-se que a estrutura ajustada pelo P/F é mais jovem do que seria esperado, devido a possíveis vieses causados pelas imputações. Isto fica evidenciado também com a estrutura das nativas, pois nessa população,

a fecundidade das adolescentes ajustada com o P/F é consideravelmente maior do que a apresentada pela DHS-2007 e a estimativa da projeção de 2014 para o quinquênio 2005-2010.

Devido ao pequeno número de casos de imigrantes internacionais não nascido no Haiti identificado na ENI-2012, decidiu-se não realizar as estimativas com o MFP para avaliar os resultados correspondentes ao MFP-Censo para a mesma população. Isso porque quando o número de casos é pequeno, com o método dos filhos próprios obtém-se resultados muito voláteis e com vieses. Em decorrência disso, para se ter uma ideia clara da coerência das taxas estimadas com o MFP-Censo para o quinquênio 2006-2010, a comparação se fez com as ajustadas com o P/F de Brass.

O nível calculado com MFP-Censo das imigrantes não haitianas para 2006-2010 é apenas 1,33% maior do que o ajustado com o PF Brass (Ver Tabela A13). Isso sugere que nos dados da demais imigrantes o nível de enumeração da população menor de cinco anos foi melhor do que para as nativas e as haitianas.

A estrutura etária também é parecida com a do método P/F para o mesmo período 2006-2010. Entretanto, como sucede com a população nativa, no MFP-Censo as taxas específicas das mulheres mais velhas têm uma maior preponderância. Pois nos grupos compreendidos nas idades maiores do que 29 anos as taxas do MFP são superiores, porém nos menores que 30 anos ocorre o contrário porque as estimativas ajustadas com o P/F são maiores. As possíveis causas pelas quais isso acontece como sugerimos para as nativas são: os vieses causados pelas técnicas de alocação dos filhos não próprios e a omissão na população menor de cinco anos (Ver Gráfico A14 e Tabela A13).

Finalmente, os resultados obtidos por características sociogeográficas e de exposição ao lugar de destino com o MFP-Censo foram também avaliados com as estimativas derivadas a partir das outras fontes. Entretanto, como o objetivo do nosso trabalho não é apresentar uma análise da avaliação das estimativas de fecundidade, por país de nascimento, das residentes na República Dominicana, entre as fontes de dados, só nos limitamos a apresentar uma avaliação das taxas gerais. No Anexo I, titulado “Comparativa das taxas de fecundidade entre as fontes de estimativas”, apresentamos todos os gráficos e tabelas, tanto a nível geral quanto pelas características já mencionadas para as três populações. Conforme mencionamos na parte metodológica, também se apresentam os gráficos e tabelas comparativas das taxas da

população natural do Haiti, residente no país, com as apresentadas pela DHS-Especial 2007, realizada especificamente nos *Bateyes*, lugares onde a maior parte da população é de origem haitiana.

5.2 Fecundidade das nativas da República Dominicana 1996-2010

Depois de apresentar uma breve avaliação das taxas derivadas como o método dos filhos próprios para os grupos, segundo país de nascimento, residentes na República Dominicana no ano 2010, nesta parte apresentamos o comportamento temporal do nível e padrão da fecundidade das nativas. De acordo com os objetivos específicos deste estudo, esta parte está dividida em três subitens: no primeiro abordamos o nível e a estrutura geral das dominicanas, no segundo apresentamos as taxas de fecundidade total (TFT) e as taxas específicas de fecundidade (TEF) e os diferenciais por área de residência. Enquanto no terceiro apresentamos os resultados por nível educacional.

5.2.1 Fecundidade geral

Entre o quinquênio 1996-2000 e o 2006-2010, as nativas experimentaram um sustentado e intenso declínio no nível da fecundidade. Este passou de 3,259 em 1996-2000 a 2,354 para o quinquênio 2006-2010 (Ver Tabela 3). Isto significa que, durante os últimos 14 anos, o nível da fecundidade das nativas diminuiu 27,773%.

Tabela 3- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas na República Dominicana, 1996-2010

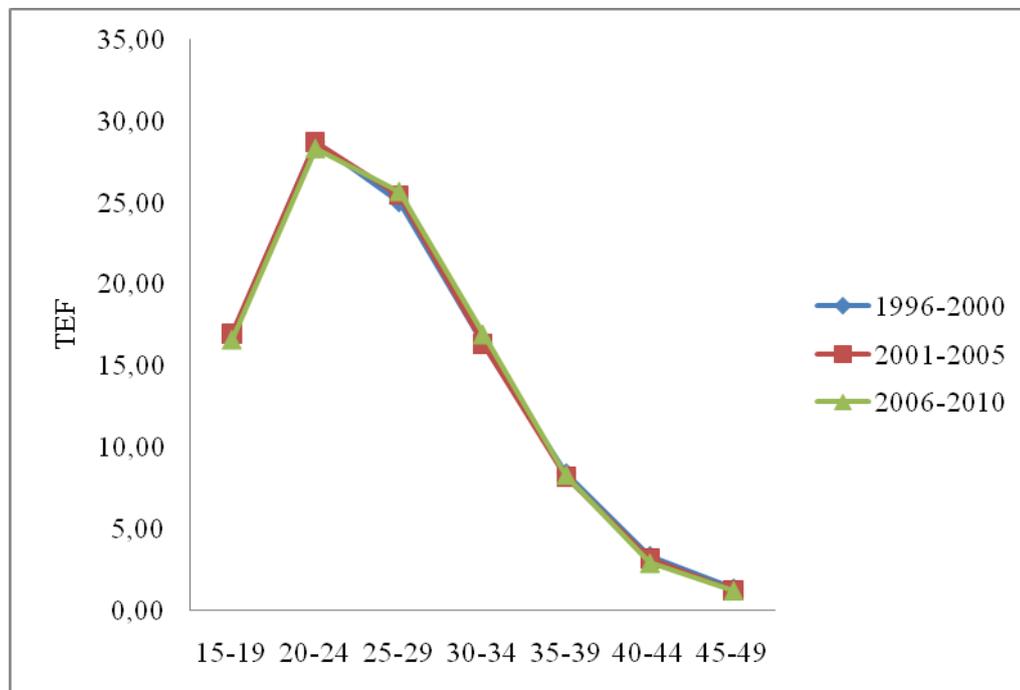
Idade	1996-2000	2000-2005	2006-2010
15-19	0,110	0,096	0,078
20-24	0,187	0,162	0,133
25-29	0,163	0,144	0,121
30-34	0,107	0,092	0,080
35-39	0,055	0,046	0,039
40-44	0,022	0,018	0,014
45-49	0,009	0,007	0,006
TFT	3,259	2,824	2,354
IMF	26,817	26,720	26,778

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Diferentemente do nível, o padrão etário da fecundidade geral não teve mudança ao passar de um período a outro. Nos três períodos, este padrão é praticamente igual, já que nenhum grupo etário experimentou um aumento em sua importância relativa que possa mudar tal padrão. Este tem se caracterizado por ser muito jovem, com a idade modal da fecundidade no grupo 20-24 e com uma maior participação percentual das TEF dos grupos menores de 30 anos. Isso também fica comprovado com a idade média da fecundidade (IMF); para os três períodos a idade média na qual as dominicanas tiveram os seus filhos não superou os 26,817 anos (Ver Tabela 3 e Gráfico 6).

No que se refere à fecundidade nas adolescentes, conforme observado no capítulo sobre o contexto dominicano, o país desde o começo da transição tem se caracterizado por apresentar valores na fecundidade das menores de 20 anos relativamente altos. Nesse grupo a mudança tem sido menos intensa; entre 1996-2001 e 2006-2010, sua TEF diminuiu de 0,110 a 0,078(Ver Tabela 3), uma variação percentual de 29,090%.

Gráfico 6- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) para as nativas da República Dominicana, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 201

Com base nos resultados apresentados anteriormente, fica evidente que as nativas ainda vêm experimentando ganhos na diminuição da fecundidade, embora a intensidade seja menor do

que em décadas anteriores. Contudo, não é possível afirmar que nesse ganho prováveis projetos migratórios tenham algum grau de importância. Sem embargo, não se podem descartar, pois, depois de 1995, o fluxo de mulheres emigrantes aumentou consideravelmente. Essas mulheres como consequência da migração poderiam ter adiado a maternidade antes de sair. Com respeito a isso, conforme se argumenta na contextualização da mobilidade interna e internacional, no quinquênio 1995-2000 a República Dominicana teve o maior fluxo de imigrantes de retorno devido à crise econômica que experimentaram os Estados Unidos e alguns países da Europa. Dos três quinquênios deste estudo, o de 2006-2010 foi aquele no qual a TFT teve maior declínio.

5.2.2 Fecundidade por área de residência

A Tabela 4 apresenta os valores da taxa de fecundidade total para as nativas, segundo área de residência. Dela se pode apreciar claramente que, para as residentes em cada área, o nível diminuiu substancialmente nos últimos 14 anos. Para a área urbana, a TFT mudou de 3,128 em 1996-2000 para 2,304 em 2006-2010, isso significa que houve uma diminuição percentual de 13,061%. Além disso, a queda para a área rural foi relativamente mais intensa, seus níveis no período inicial e final são 3,670 e 2,529, respectivamente, e a porcentagem de queda entre estes foi de 31,090%. Embora a TFT na área urbana tenha sido sempre menor do que na rural, por ter tido uma transição mais acelerada, os resultados da Tabela 4 mostram claramente que a diferença no nível entre as duas não tem sido muito grande nos últimos 14 anos. Essa diferença fica ainda menor ao passar de um quinquênio a outro porque a queda do nível, durante o período do estudo, foi mais rápida na área rural. A TFT na área rural é 17,309% superior à urbana para o quinquênio 1996-2010, enquanto para o quinquênio 2006-2010 a diferença é de 9,780%.

Tabela 4- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas residentes na República Dominicana, por área de residência, 1996-2010

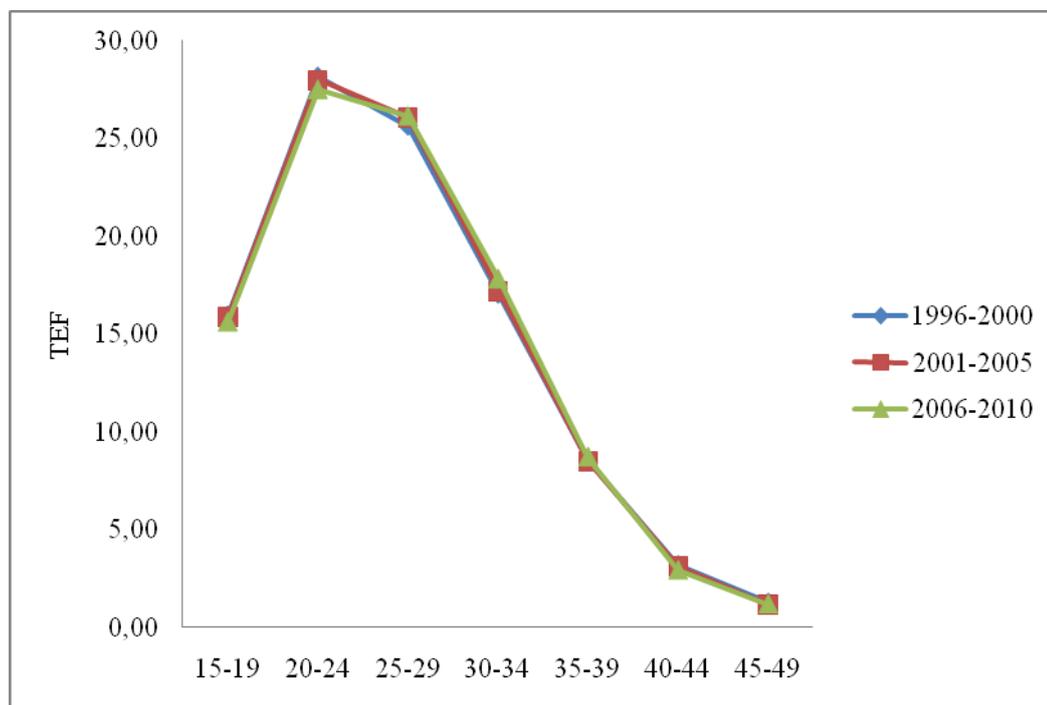
Idade	Urbana			Rural		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,100	0,086	0,072	0,143	0,130	0,099
20-24	0,176	0,152	0,127	0,221	0,197	0,157
25-29	0,161	0,142	0,121	0,169	0,150	0,122
30-34	0,107	0,094	0,082	0,104	0,088	0,071
35-39	0,054	0,046	0,040	0,059	0,046	0,036
40-44	0,020	0,017	0,014	0,028	0,021	0,015
45-49	0,008	0,006	0,006	0,011	0,008	0,007
TFT	3,128	2,720	2,304	3,670	3,194	2,529
IMF	26,949	26,923	27,004	26,412	26,076	26,082

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

No padrão etário, a variação da estrutura nos três quinquênios para as duas áreas foi inexistente e, além disso, não distam muito da correspondente ao total geral. Desta maneira, a forma da curva e a importância relativa em termo relativo é praticamente a mesma nos três quinquênios. Começando com a área urbana, a maior parte da fecundidade ocorre na população menor de 30 anos para todos os períodos e o grupo que tem a TEF com a maior contribuição percentual na TFT é o 20-24 seguido por 25-29 (Ver Gráfico 7). No caso da área rural, sua estrutura é ainda muito mais precoce do que a correspondente à área urbana em cada período porque as contribuições relativas da TEF do grupo 25-29 e a TEF de cada grupo compreendido entre os 30 e 49 anos são muito menores. Isso também fica evidenciado no diferencial por área na idade média na qual todas as mulheres têm seus filhos para os três quinquênios. Na área rural, a idade média da fecundidade é menor do que na área urbana, sendo a diferença mais acentuada em 2006-2010, respectivamente (Ver Tabela 4 e Gráfico 8).

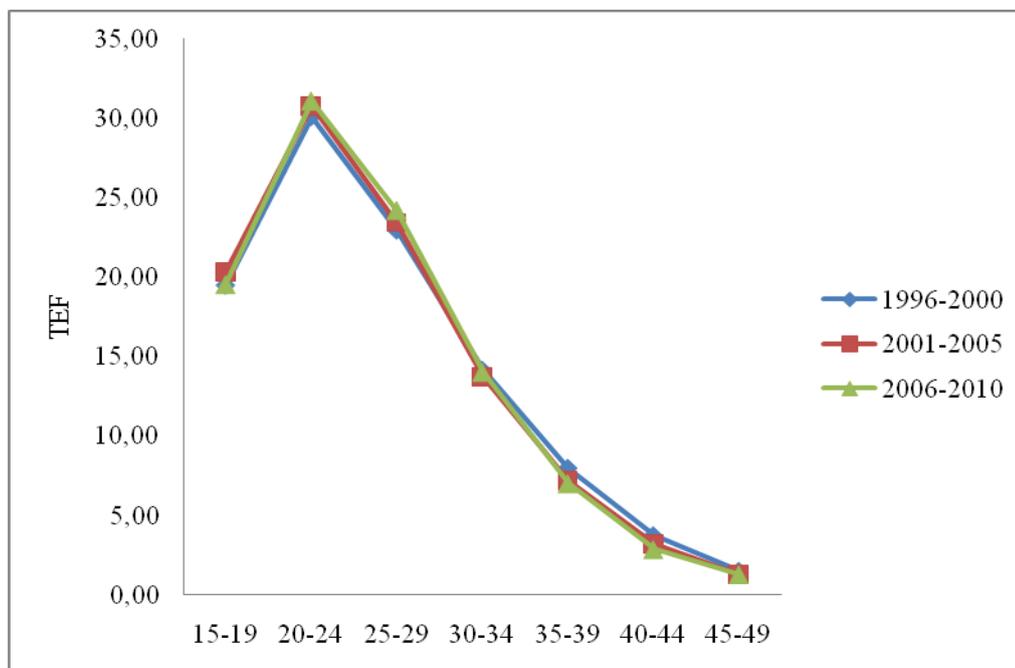
Por fim, entre as nativas, a área de residência faz muita diferença na fecundidade das mulheres menores de 20 anos. Para os três quinquênios, a fecundidade das adolescentes que moram na área rural é consideravelmente maior do que a apresentada pelas residentes da área urbana (Ver Tabela 4), em 43,200%, 50,347% e 37,222%, consecutivamente. Estes valores são reflexos claros da condição socioeconômica desfavorável das residentes na área rural, em comparação com as que moram na área urbana. Estes resultados corroboram uma das conclusões de Varga et al (2007), que sugerem que a persistente alta fecundidade no grupo mais jovem do período reprodutivo é uma manifestação mesma da pobreza.

Gráfico 7- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das nativas residentes na área urbana da RD, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico 8- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das nativas residentes na área rural da RD, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Entre 1996 e 2010, a área de residência quase não fez diferença tanto no nível quanto no padrão etário da fecundidade. Em comparação com anos anteriores, as divergências entre a área urbana e a rural são muitos menores, ainda mais para o período 2006-2010. Essa convergência do comportamento reprodutivo das mulheres da área rural com aquelas da área urbana é um sinal claro do impacto que poderia estar tendo os projetos migratórios. Já que, depois de 1995, a maioria das nativas que saíram para estabelecer suas residências em países europeus era procedente das áreas rurais. Por isso, é provável que ao retornarem uma parte dela na década de 2000 tenham difundido as normas reprodutivas que assimilaram nesses países. Mas, o nível para a área rural, conforme mencionado, está um pouco subestimado, por omissão de crianças no Censo de 2010, o que significa que, talvez, o papel da migração não seja tão importante.

5.2.3 Fecundidade por nível educacional

Para a população feminina nativa e residente na República Dominicana, a taxa de fecundidade total, para cada nível, diminuiu consideravelmente entre o quinquênio 1996-2000 e 2006-2010 (Ver Tabela 5). Aquelas com menos que o nível básico, experimentaram uma queda entre os dois períodos de 19,008%. Enquanto as que tinham alcançado ao menos o ensino secundário tiveram uma diminuição de aproximadamente 24,815%. No entanto, as que provavelmente tiveram uma porcentagem maior no declínio entre os dois quinquênios foram as que declaram não ter nenhum nível de instrução no Censo 2010, com 32,339%.

Pareceria que por nível educativo quase não há diferença entre a TFT das nativas, nos últimos 14 anos anteriores ao Censo 2010. Isto porque as taxas de fecundidade total tendem a convergir entre os níveis educacionais para cada quinquênio. Tomando como grupo de comparação aquelas com educação básica ou menos, as mulheres com ao menos ensino médio têm uma TFT 9,238%, 2,186% e 15,745% menor para os quinquênios 1996-2000, 2001-2005 e 2006-2010, respectivamente. Se comparamos com aquelas sem instrução, estas últimas apresentam, para os dois primeiros períodos, taxas 2,798% e 5,808% maiores e 14,122% menor para o terceiro. Embora o nível de instrução não faça diferença na fecundidade da República Dominicana, como também argumenta Di Cesare (2007) num estudo que trata de vincular os novos padrões de fecundidade na América Latina e o Caribe com a pobreza, os resultados aqui apresentados estão muito exagerados devido à subestimação das taxas naquelas que não têm nenhum grau de instrução e nas que têm educação básica ou menos.

Pois as taxas calculadas com o método dos filhos próprios, especialmente no segundo e terceiro quinquênio, nesses dois grupos, são muito inferiores com as apresentadas pelas DHS e a ajustada com o método P/F Brass (Ver Tabelas A3)

Essa subestimação poderia ser atribuída a dois fatores: 1) a uma considerável omissão de crianças no Censo 2010, pois é muito provável que o grau de subestimação dos filhos menores de cinco anos seja maior entre as mulheres com menor nível educacional e sem instrução; e 2) ao nível de mortalidade utilizado na aplicação do método dos filhos próprios para esses grupos, o qual foi o correspondente para o total país, conforme abordamos na parte metodológica. Com respeito ao segundo fator, é muito provável que o nível de mortalidade nesses dois grupos seja maior do que para o total país. Assim, ao aplicar o nível do total do país, para retroprojetar as crianças no MFP, é possível que se tenha subestimado o numerador utilizado para o cálculo das taxas. Isso porque, entre os sem instrução e aqueles com educação básica ou menos, a mortalidade das crianças é relativamente maior. Mas, se fosse por erro no nível da mortalidade, as diferenças das taxas entre os níveis deveriam ser maiores nos primeiros quinquênios. No entanto, em nossas estimativas ocorre o contrário, no último quinquênio é que se apresentam as maiores divergências. Com isso, fica possivelmente comprovado que a subestimação das taxas entre as mulheres sem nenhum grau de ensino se explica por omissões de crianças.

Tabela 5- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das nativas residentes na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010

Idade	Sem instrução			Básica ou menos			Ao menos secundário		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,151	0,129	0,104	0,187	0,184	0,146	0,078	0,071	0,061
20-24	0,191	0,167	0,132	0,228	0,207	0,175	0,163	0,145	0,122
25-29	0,151	0,128	0,106	0,160	0,141	0,115	0,166	0,147	0,124
30-34	0,100	0,081	0,066	0,093	0,079	0,063	0,118	0,102	0,090
35-39	0,058	0,046	0,037	0,048	0,040	0,032	0,061	0,051	0,044
40-44	0,030	0,023	0,017	0,021	0,017	0,013	0,020	0,017	0,014
45-49	0,013	0,009	0,008	0,009	0,007	0,006	0,007	0,006	0,005
TFT	3,472	2,914	2,349	3,731	3,378	2,753	3,066	2,693	2,305
IMF	26,515	26,226	26,227	25,398	25,010	24,980	27,581	27,429	27,454

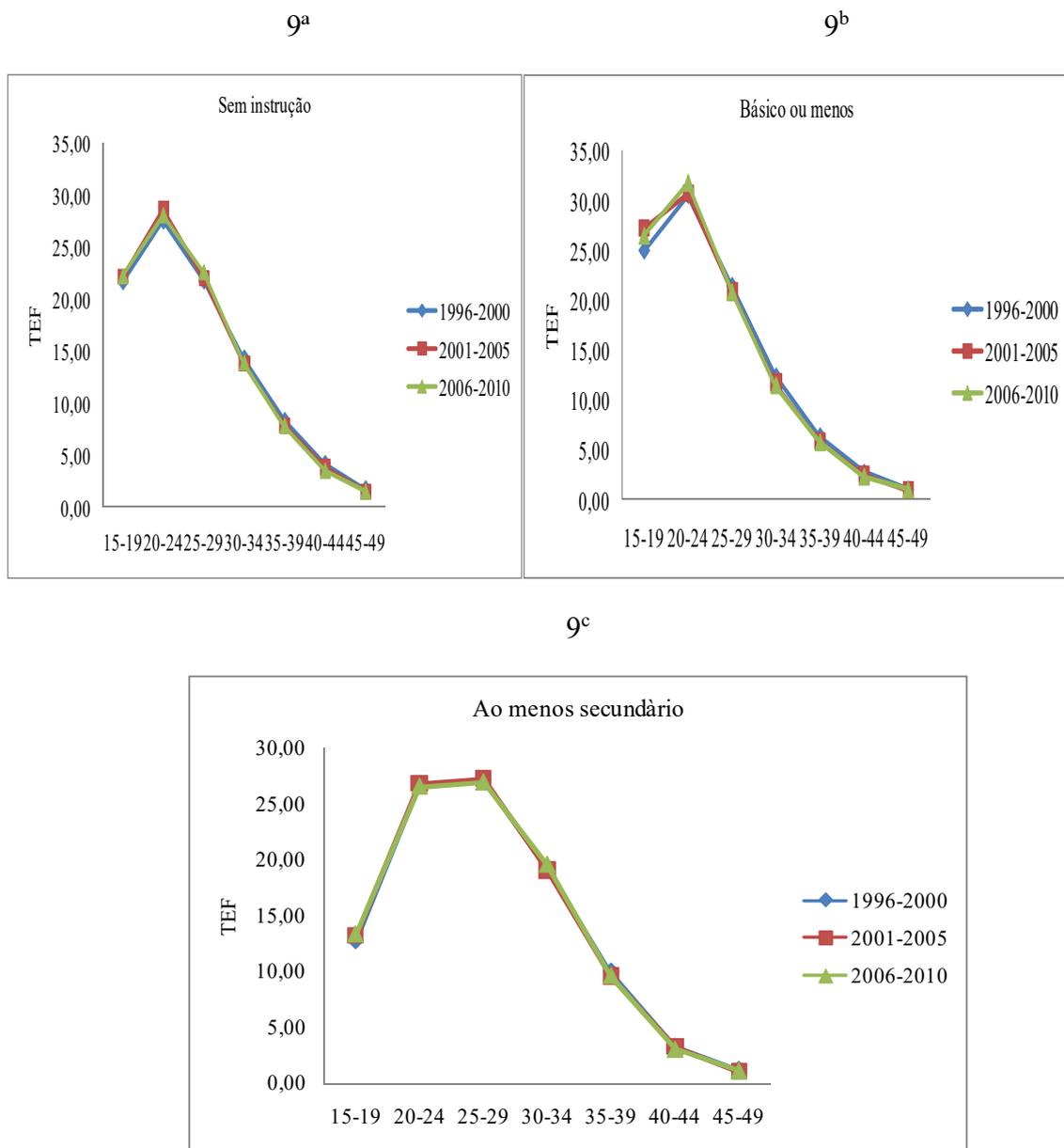
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Para as nativas, começando primeiro com a tendência temporal, o padrão não teve modificação importante por nível educacional, já que as mulheres de cada nível apresentam o mesmo tipo de estrutura em todos os quinquênios. Por outra parte, quando analisamos e comparamos as estruturas entre os níveis de instrução, podemos perceber que há certas diferenças, principalmente entre a que corresponde às sem instrução e às de ensino básico ou menos e a daquelas que têm ao menos nível secundário. Isto porque as estruturas das mulheres dos dois primeiros grupos não diferem consideravelmente. Mas, a estrutura das mulheres com educação básica ou menos é ligeiramente mais precoce, como sugerem os Gráficos 9^a e 9^b, pois apresentam, para cada quinquênio, uma maior contribuição da TEF dos grupos 15-19 e 20-24 na sua TFT. Também têm menor idade média da fecundidade que as sem instrução como se pode apreciar na Tabela 5.

Diferentemente da estrutura das mulheres sem instrução e de ensino básico ou menos, a estrutura das mulheres com ao menos ensino secundário é tardia. As TEF dos grupos 20-24 e 25-29 têm uma contribuição percentual quase similar, porém, neste último é ligeiramente superior. Também neste, as taxas daquelas com idade superior aos 29 anos têm uma maior contribuição com relação às que não têm nível de instrução e às com educação básica ou menos. Por essa razão, apresentam uma maior idade média da fecundidade, sendo 27,581 anos em 1996-2010 e 27,454 para o período 2006-2010 (Ver Gráfico 9^c e Tabela 5). Ao respeito, se poderia inferir que a estrutura das nativas com o maior nível de instrução é mais envelhecida devido ao efeito tempo. Pois, provavelmente, têm adiado a fecundidade por motivos educacionais ou por outro projeto, como uma possível emigração a outros países, para depois recuperá-la após terem terminado tais estudos ou terem realizado o ato migratório.

Por outra parte, pela importância da educação como variável diferenciadora na fecundidade das adolescentes (RODRIGUEZ, 2005), se faz nesta parte uma breve apresentação da trajetória e dos diferenciais para as nativas. Em todos os níveis educacionais, a taxa específica das mulheres menores de 20 anos experimentou uma queda importante em todos os grupos de mulheres classificadas por nível educativo (Ver Tabela 5). Para as mulheres com educação básica ou menos, a taxa diminuiu entre os dois períodos extremos, numa porcentagem de 21,788%, enquanto entre aquelas que têm ao menos educação secundária e nenhuma instrução, a taxa reduziu-se 21,079 e 30,769%.

Gráfico 9-Taxas específicas de fecundidade (em porcentagem) das nativas na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Com as estimativas por educação pode-se perceber melhor os possíveis impactos dos processos migratórios no comportamento reprodutivo, pois a migração é seletiva por nível de escolaridade. Dos resultados apresentados para as mulheres com maior nível educacional, não deveria se descartar que em sua intensidade na queda os projetos migratórios tenham algumas incidências, pois, de todas, são as que têm maiores possibilidades de migrar. Isso poderia ficar evidente no padrão etário de sua fecundidade, pois, dos três grupos, são as que apresentam a estrutura mais envelhecida, provavelmente como consequência de um possível adiamento ante as alternativas de sair do país. Sem embargo, com esses resultados é difícil avaliar, pois as

mulheres com escolaridade alta também frequentemente não entram à etapa da maternidade até que tenham levado a cabo os projetos educacionais.

Por fim, para saber com segurança até qué ponto a migração internacional impacta o comportamento reprodutivo das nativas seria necessário fazer as estimativas discriminando entre aquelas que emigraram ou que tenham alguma intenção de migrar. Pois, a partir desta informação, se poderia ter certeza se as mulheres adiam a fecundidade com o propósito de migrar e se assimilaram as normas de fecundidade no tempo que ficaram na sociedade de destino. Qualquer análise que se realiza sobre o impacto que poderiam ter os projetos migratórios no comportamento reprodutivo, sem levar em conta esse tipo de informação, não tem muito fundamento.

5.3 A fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana 1996-2010

A fecundidade entre 1995 e 2010 da população natural do Haiti, residente na República Dominicana, discriminando por variáveis sociogeográficas, é apresentada neste item. Para uma melhor análise e compreensão do impacto do projeto migratório no comportamento reprodutivo das haitianas, apresenta-se e faz-se a comparação com a fecundidade das residentes no Haiti e das não naturais procedentes de outros países.

Na parte final do marco teórico sugeriu-se que, para entender e explicar as incidências do projeto migratório no comportamento reprodutivo da migrante, é preciso vincular as principais propostas conceituais com o contexto dos países de origem e destino (GENEREUX, 2007). Tendo isso presente, antes de apresentar a fecundidade das haitianas e seus diferenciais em relação a outros grupos, será realizada primeiramente uma breve abordagem do contexto da transição da fecundidade no Haiti e da imigração haitiana para a República Dominicana. Também se apresentam o perfil da população imigrante natural do Haiti na República Dominicana e suas diferenças com relação à população residente no Haiti, para o ano de 2012.

5.3.1 Contexto da migração haitiana e perfil do migrante haitiano residente na República Dominicana

5.3.1.1 O contexto da transição da fecundidade no Haiti

O Haiti é um país onde grande parte de sua população é de origem africana, cuja história recente tem se caracterizado por instabilidade política. Esse desequilíbrio, junto a outros fatores estruturais e contextuais, tem levado o país a uma estagnação econômica, causando um incremento da pobreza.

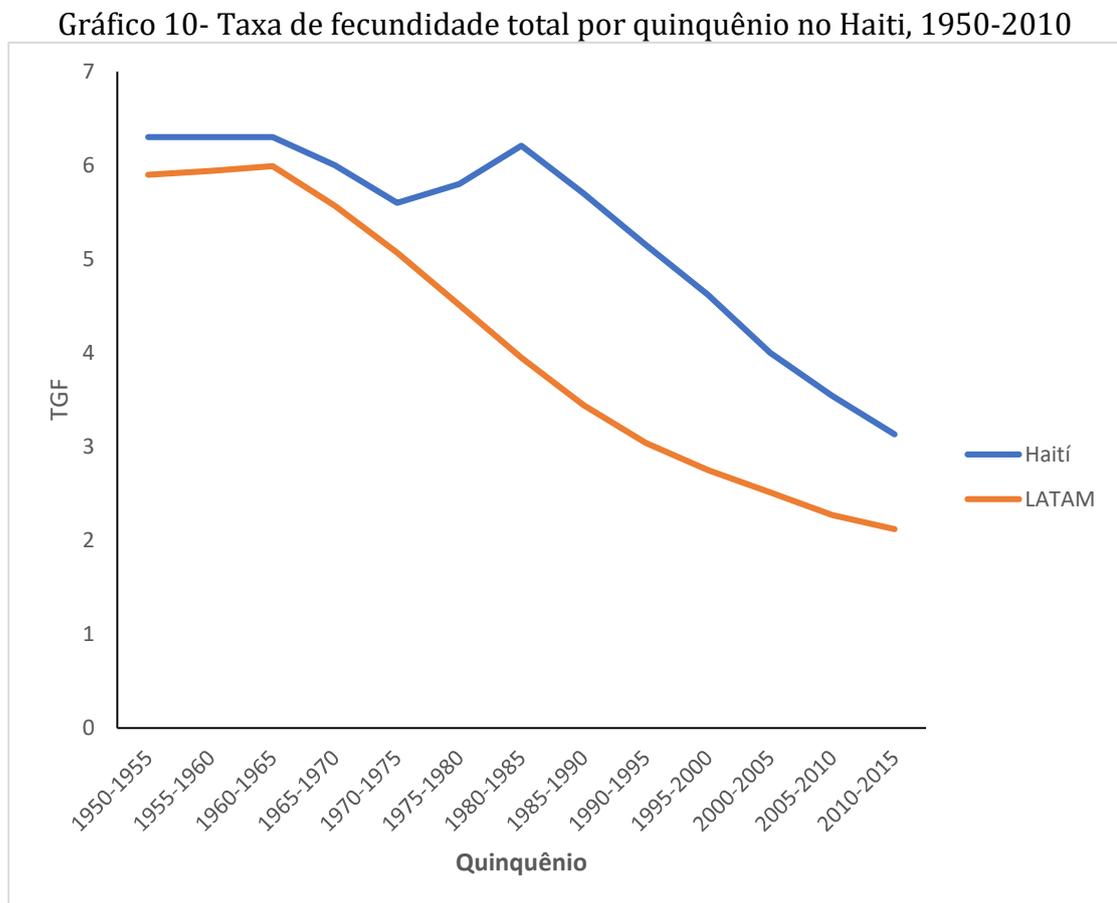
O Haiti representa um dos países da região no qual a transição demográfica tem sido menos intensa. A transição no país, como nos outros da América Latina, começou a partir da década de 1950, com a queda do nível de mortalidade. Passou de uma expectativa de vida, para ambos os sexos, de aproximadamente 38 anos em 1950 para 40 no período 1955-1960 e para 62 anos no quinquênio 2010-2015(CELADE, 2013).

A transição da fecundidade no Haiti começou a partir da segunda metade da década de 1960, depois de apresentar valores constantes em torno de 6,0 filhos por mulher nos quinquênios anteriores. Contudo, o seu processo de mudança não tem sido tão linear quanto em grande parte dos países latino-americanos, que passaram de altos a baixos níveis, sem ter etapas de aumento entre 1960 e 2000. No caso do Haiti, a queda da fecundidade entre 1965 e 1975 foi seguida de um incremento importante desde 1975 até 1985, chegando a níveis quase similares aos correspondentes à etapa pré-transicional. Depois do segundo quinquênio desse período, o processo de diminuição se intensificou até chegar a um nível menor que 3,3 filhos na TFT para o ano 2010, valor ainda muito maior ao da região para o mesmo ano, que era de 2,2 (Ver Gráfico 10). Com esse valor para a TFT e uma expectativa de vida ao nascer de 62 anos, o país situa-se na etapa moderada da transição demográfica, segundo a tipologia do CELADE.

A prevalência do uso de contraceptivos no Haiti foi limitada a uma minoria durante a etapa incipiente da transição. Isto porque grande proporção da população morava em áreas rurais, onde os níveis de pobreza eram exorbitantes e a escolaridade era baixa. Além disso, os programas de planejamento familiar encontravam-se numa etapa incipiente, já que não estavam massificados, devido à falta de políticas do setor público e privado. Entre 1975 e 1985, somente 5% das mulheres de 45 a 49 tinha usado algum método contraceptivo, sendo essa prevalência muito similar à existente antes de 1970. Portanto, no período 1975-1985,

devido a que a frequência de uso de contraceptivo não mudou em comparação com períodos anteriores, o aumento da fecundidade, depois de ter começado a transição em 1965, não deve ser relacionado com a abdicação das práticas contraceptivas. Esse incremento é atribuível à diminuição da idade de entrada para a primeira união, que também foi vinculada com a queda do timing do começo da maternidade (CHAHNAZARIAN, 1993).

Depois de 1980, a transição da fecundidade se intensificou graças à diminuição do tamanho ideal da família. Isso tem sido logrado pelo aumento das prevalências de contraceptivos modernos, devido aos programas de planejamento familiar levados a cabo por ONGs em consonância com o setor governamental (CHAHNAZARIAN, 1993).

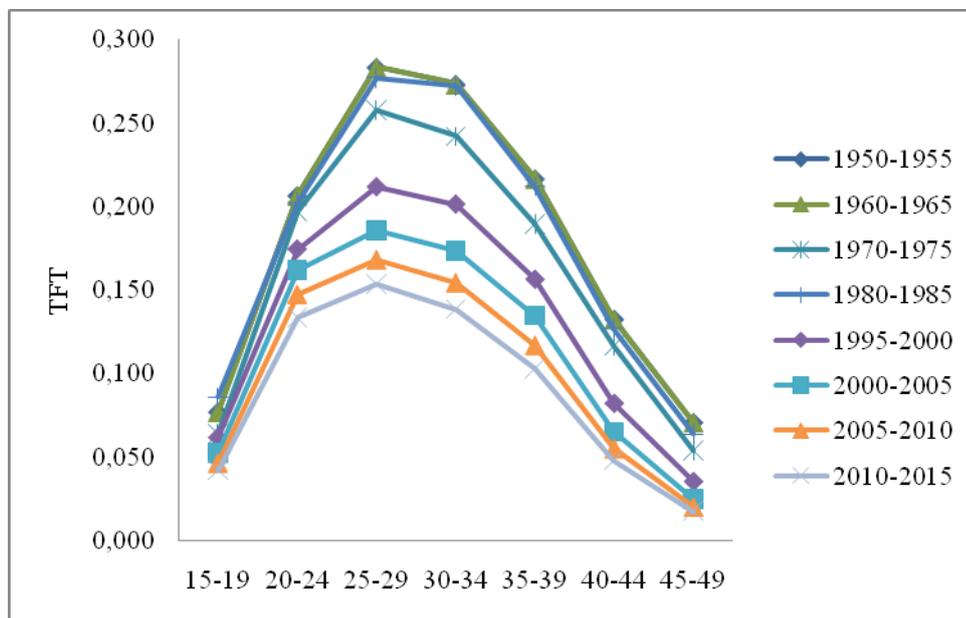


Fonte: CELADE, 2011

Com a transição, a estrutura etária da fecundidade teve pouca mudança. Aliás, ficou mais rejuvenescida, pois as TFE dos grupos mais jovens passaram a ter uma maior importância. Contudo, ao passar o Haiti à etapa moderada, a TFE dos grupos compreendidos entre os 20 e 29 anos apresentaram uma maior velocidade na queda do que os outros grupos. Por outro

lado, geralmente aqueles países com alto grau de pobreza apresentam níveis importantes na fecundidade das adolescentes e, entre as décadas de 1960 e 2000, tiveram períodos de declínio e de incremento. No Haiti não tem acontecido da mesma maneira, apesar de ser o país mais pobre e com o menor Índice de Desenvolvimento Humano da América, pois a fecundidade nas adolescentes tem mantido a tendência descendente desde o início da transição. Mas, entre 1990 e 2010, a diminuição tem sido importante em comparação com os tidos em outros períodos (Ver Gráfico 11).

Gráfico 11- Taxas específicas de fecundidade, por quinquênio, no Haiti, 1950-2010



Fonte: CELADE, 2013

Passando ao componente migratório, o Haiti é um emissor líquido de população desde várias décadas atrás. Para 1950, como consequência da emigração, a população do país decrescia em seis pessoas por cada 1000. Até o ano 2010, essa quantidade multiplicou por sete ao passar a 43 por 1000, segundo as estimativas e projeções do CELADE (2013).

Por fim, as mudanças nos três componentes básicos que determinam a dinâmica demográfica têm levado a uma transformação da estrutura etária haitiana. Em 1950, 39,6% da população tinha menos de 15 anos, 56,7% entre 15 e 64, e 3,7%, 65 anos ou mais. No entanto, para o ano de 2010, a porcentagem de menores de 15 anos de idades era menor, do que a porcentagem dos seguintes grupos etários.

5.3.1.2 Características da imigração haitiana

A consolidação da imigração haitiana para a República Dominicana tem mais de um século de existência. Esta tem duas etapas definidas pelo contexto econômico e político dos dois países. O padrão da primeira está vinculado com o auge da indústria do açúcar na República Dominicana e com a perda de competitividade da agricultura haitiana, caracterizada por ser de subsistência e autoconsumo no Século XX. Entanto que o da segunda está relacionado, por um lado com o auge do turismo, a indústria têxtil e a indústria da construção na República Dominicana, e, por outro lado, com as instabilidades políticas e a falta de oportunidades na área urbana para o povo haitiano desde final do Século XX (SILIE et al, 2002; WOODING et al, 2004).

A migração de haitianos para a República Dominicana esteve vinculada, em sua totalidade, a fatores econômicos, como consequência das desigualdades entre as duas nações. As crises econômicas no Haiti representam os fatores de expulsão de uma parte importante de sua força laboral, como parte inerente de um processo gerado pela dinâmica global do sistema capitalista, cujos atores fazem os investimentos contando com a disponibilidade de mão de obra barata para reduzir os custos, com o objetivo de maximizar seus ganhos. A partir desta lógica, a demanda de força de trabalho pela estrutura produtiva dominicana, especificamente na indústria açucareira, simboliza os fatores de atração. Não obstante, na nova imigração já não é somente o caráter econômico que predomina. Muitos haitianos chegaram em condições de refugiados devido às crises políticas da década de 1990. No que se refere ao século XXI, também têm se incrementado os fluxos de jovens que chegam para estudar nas universidades dominicanas (SILIE et al, 2002; WOODING et al, 2004).

Uma das características sobressalentes da imigração haitiana para a República Dominicana tem sido desenvolvida por as pessoas sem documentos de identidade (SILIE et al., 2002). Esta condição tem sido apoiada pelos governantes dos dois países. Por exemplo, na primeira etapa, os contratos dos “*braceros*” haitianos eram realizados entre os governos dos dois Estados, os quais estabeleciam que o Estado Dominicano devia pagar uma soma de dinheiro pelo total de trabalhadores. Contudo, na nova migração, grande parte dos haitianos não chega à RD por acordo subscrito entre as autoridades de ambos os países. Os imigrantes pagam diretamente e de forma clandestina para entrar às pessoas em contubernio com autoridades militares na fronteira domínico-haitiana. Outros ingressam sem ter nenhum intermediário que facilite o

processo. Pois a fronteira, caracteriza-se pela carência de controle (SILIE et al, 2002; WOODING et al, 2004).

A condição de ilegalidade que caracteriza a migração haitiana, como ocorre em outros lugares, representa um instrumento utilizado pelos empresários e patronos para subornar e se aproveitar dos imigrantes ao pagar-lhes um salário muito menor por seu trabalho, negar-lhes seus direitos como trabalhador, etc. Também a condição de ilegalidade, unida a outras razões de índole histórica e política, é um dos principais fatores definidores do preconceito e da segmentação do trabalho para os imigrantes haitianos. Isto porque alguns dominicanos consideram que os haitianos representam um grupo étnico com características diferenciadas ao comum dos dominicanos e com condições próprias para ser segregado cultural e economicamente (SILIE e al, 2002).

A segregação que caracteriza a imigração de haitianos para a República Dominicana, principalmente na etapa dominada pela importação de mão de obra para trabalhar na indústria açucareira, especificamente durante o século XX, tem sido tão forte que alguns consideravam aos *bateyes* como um país independente dentro do país (WOODING et al, 2004; MARTINEZ, 2014).

Os “*bateyes*”, no século XX, como sugere Wooding et al (2004), desenvolveram-se muito isolados do resto da sociedade dominicana nos contextos econômico e jurídico. A maior parte das pessoas que morava nesses lugares era de origem estrangeira e muitos destes contavam com serviços policiais, lojas, transportes, etc. No princípio, a moeda dominicana não circulava nos *bateyes* e o pagamento do salário dos trabalhadores era realizado com alguma ficha que só tinha validade nos *bateye*. Essa prática serviu para aumentar os ganhos dos donos das empresas de açúcar e para evitar o contato dos imigrantes com os comerciantes dominicanos.

No começo, o modelo de moradia nos *bateyes*, próprio da velha imigração, implicava pouca socialização dos imigrantes com os nativos dominicanos, fazendo com que a assimilação da cultura nativa fosse muito tênue. Com o decorrer do tempo, finalizando o século XX, os *bateyes* ficaram mais abertos e o número de famílias formadas por estes aumentou. A dinâmica econômica própria destes levou alguns dominicanos a morarem neles, muitos dos quais tiveram casamento com os migrantes. Contudo, apesar de os migrantes participarem das atividades próprias dos lugares, como atos culturais, religiosos, etc. comunicavam-se entre

eles em seu idioma materno. Também praticavam entre eles os elementos próprios de sua cultura de origem, como a cerimônia religiosa denominada *gagá* (ROSARIO e ULLOA, 2006).

A decadência da indústria açucareira, na década de 1980, levou a uma diminuição da população residente nos *bateyes*. Parte importante dos imigrantes haitianos residentes neles migrou para outras regiões do país para trabalhar em outra área da produção agropecuária, como o cultivo de arroz, cuidado de animais, entre outras. Também um grupo considerável foi empregado no setor da construção. Durante o período de declínio das atividades próprias do açúcar, começou a ter maior predomínio as nascentes atividades turísticas no país. Assim, muitos dos haitianos que trabalhavam nos *bateyes* emigraram para as áreas onde estão concentradas as atividades turísticas, como a *Región Este* e a *Región Norte* (ROSARIO e ULLOA, 2006).

O surgimento do turismo, a partir dos 1990s, como uma das principais atividades econômicas, a crescente participação do setor construção, a cada vez mais tênue indústria açucareira, a instabilidade política e a falta de oportunidades econômicas no Haiti deram início à nova imigração haitiana, entre o final do século XX e o início dos 2000, com um padrão espacial e sociodemográfico, tanto na origem quanto no destino, diferente ao da anterior. Nesta nova massa de imigrantes, já não são os típicos camponeses das áreas mais pobres os que migram para a República Dominicana. Ao contrário, muitos têm sido procedentes das áreas urbanas marginalizadas do Haiti e com níveis de escolaridade maior. Desde o começo desta fase, já não se concentram numa região e área específica, como acontecia anteriormente, senão que têm estado alocados em toda a geografia nacional, trabalhando nos setores de turismo, agricultura, construção, e, sobretudo, no mercado informal (SILIE et al., 2002; ROSARIO e ULLOA, 2006).

Uma das características mais sobressalentes da nova migração é o aumento do número de imigrantes femininas e a ligeira mudança do motivo para migrar. No velho padrão, a razão de sexo dos imigrantes era muito alta. Outra diferença era que no velho padrão migratório de haitianos, o limitado número de mulheres haitianas que imigravam para a RD o fazia para se unir ao parceiro. Actualmente, os motivos para elas migrarem são econômicos, já que muitas estão no mercado de trabalho. Assim, com o aumento da importância das atividades de serviços na economia dominicana, as mulheres procedentes do Haiti representam um núcleo

importante no setor informal. Muitas delas trabalham nos serviços domésticos e vendas independentes (SILIE et al., 2002; WOODING e MOSELY, 2004; ROSARIO e ULLOA, 2006).

O padrão geográfico de destino das haitianas que migram, no novo padrão, difere do padrão de seus conterrâneos migrantes masculinos. Diferentemente da população de imigrantes masculinos, a feminina está mais concentrada nas áreas urbanas e mantém maiores contatos com o Haiti, seja para visitar seus parentes, seja para comprar mercadorias e vendê-las na República Dominicana (SILIE et al., 2002).

O crescente aumento das imigrantes femininas tem trazido ao debate o tema de migração e gênero, principalmente entre as ONGs e outros tipos de organizações que oferecem apoio a esta população. Este tema foi pouco abordado durante o período de vigência do padrão antigo da migração, pois a participação das mulheres era pequena. Jansen e Millán (1991) citado por Wooding et al (2004) realizaram um trabalho sobre os *bateyes* e observaram que as mulheres cumpriam duas jornadas de trabalho, tanto nas tarefas de seu domicílio quanto no mercado de trabalho. Depois deste estudo, passou-se mais de uma década sem que fossem feitas pesquisas com este enfoque.

Num contexto no qual a maior proporção dos nacionais haitianos é indocumentada, sua inserção no mercado de trabalho informal é dominante; junto aos sentimentos de discriminação e campanhas negativas contra eles, os estudos sobre a migração haitiana na República Dominicana a partir da perspectiva de gênero tornam-se importantes. Isto porque as mulheres são mais vulneráveis à infração de seus direitos, trabalhistas, sexuais e reprodutivos. Também são mais propensas a serem vítimas de racismo, discriminação, etc. Entretanto, as mulheres migrantes possuem um elevado poder de decisão e se tornam as pessoas que sustentam economicamente suas famílias. Mas isto não garante que não sejam vítimas de atitudes negativas na sociedade destino. A privação ou não de seus direitos depende fortemente do tipo, da condição de legalidade e do contexto da migração.

Por outra parte, a República Dominicana é um dos países do Caribe cuja independência não partiu de uma nação europeia. O país tornou-se independente do Haiti em 1844, depois de 22 anos como colônia, entre 1822 e 1844. Esse fato histórico, junto aos traços culturais, raciais e econômicos do Haiti, tem levado a uma parte da população, a criar estereótipos contra a

população haitiana. Também uma parte da população dominicana vê os haitianos como uma ameaça para os traços próprios que definem a identidade da República Dominicana (SILIE et al., 2002; ROSARIO e ULLOA, 2006).

Em essência, a bandeira levantada por uma parte da população, desde o velho padrão migratório, é que os haitianos representam um grupo populacional inferior ao dominicano e que a identidade dominicana é sinônimo de *hispanidad*, enquanto que a haitiana é de africanização e de atraso. Em consequência, este grupo de pessoas tem inculcado na população que lutar pela *dominicanidad* é enfrentar a invasão de imigrantes haitianos, para evitar a contaminação racial (SILIE et al., 2002; ROSARIO e ULLOA, 2006).

Com a nova imigração, desde finais do século passado, também têm surgido esses estereótipos para os imigrantes haitianos por uma parte da população. As deportações massivas nos últimos anos e as disposições legais migratórias aplicadas depois da década de 1990 refletem este *anti-haitianismo*. Por exemplo, em 2013 o Tribunal Constitucional dominicano aprovou a Ley TC/0168/13 de 10 de julho de 2013 que estabelece, em sentido geral, que todos os filhos de imigrantes cujas condições eram indocumentados não são dominicanos, tendo caráter retroativo desde 1929. Ou seja, com essa sentença despoja-se da nacionalidade dominicana todos os descendentes de imigrantes de indocumentados desde o referido ano. Com esta lei, procura-se aplicar o regulamento da Constitución Dominicana de 2010, que determina que a nacionalidade dominicana somente seja outorgada pelo critério do “jus sanguinis” e por “jure”.

A irregularidade, que tem caracterizado tanto o velho quanto o novo padrão migratório de haitianos para a República Dominicana, junto com a atitudes negativas que tem alguns dominicanos contra a *haitianidade*, tem afetado negativamente a incorporação dos haitianos à sociedade dominicana. Isso tem se traduzido numa negação de seus direitos como pessoas, pois os imigrantes haitianos, principalmente os que antes trabalhavam nos cultivos de açúcar, estavam submetidos a jornadas laborais próprias de uma escravidão.

A concepção negativa de uma parte da população dominicana e o alto número de imigrantes haitianos indocumentados também tem conduzido a uma segregação étnica e racial de alguns tipos de trabalho. Os haitianos fazem trabalhos que os dominicanos consideram pejorativos para a dignidade humana, tanto pelos esforços físicos que requerem quanto pelos baixos

benefícios salariais. Como consequência, o alto nível de pobreza desta população minoritária é uma constante que tem persistido com o tempo (ROSARIO e ULLOA, 2006).

Conforme tem se abordado, no novo padrão de imigrantes procedentes do Haiti, os haitianos já não se concentram somente nas regiões *Sureste* e *Suroeste*. Agora, encontram-se alocados em todas as partes da geografia nacional e estão sujeitos a uma constante mobilidade espacial dentro do país devido ao caráter de indocumentados e ao tipo de trabalho informal que realizam. Por exemplo, muitos dos que trabalham no setor construção moram nos edifícios que constroem, depois que terminam a edificações mudam-se então para outros lugares dependendo de onde conseguirem um novo trabalho. Isso significa que os contatos com os dominicanos são mais diretos, fazendo com que a apreensão ou a assimilação de sua cultura torne-se mais factível. Silie et al (2002), apresentam que mais de 50% dos entrevistados socializavam, tanto no trabalho quanto fora deste, com dominicanos e haitianos.

Um sinal da assimilação dos imigrantes haitianos à cultura dominicana, como argumentam Rosario e Ulloa (2006), é que entre eles persiste o bilinguismo creole-espanhol como consequência do contato contínuo com a cultura dominicana. Além disso, alguns se negam a falar o creole, seu principal elemento de identidade, por sua condição de discriminados e por estarem submetidos a preconceito raciais e de nacionalidade.

Por outra parte, apesar da antiguidade da imigração, ignora-se o número de haitianos residentes na República Dominicana devido ao limitado número de pesquisas e pela falta de qualidade das que tem se realizado para investigar os temas migratórios. Essa falta de estudos confiáveis tem levado, na sociedade em geral, a uma percepção errada do estoque da população haitiana residente na República Dominicana. Há décadas, muitos têm falado que no país existem mais de um milhão de haitianos. Mas essa tergiversação do número exato tem sido motivada pelos grupos conservadores do país, representados pelos ultranacionalistas, que controlam muitos dos meios de comunicação (ONE, 2013).

Apesar de, desde o início da imigração haitiana, não se conhecer com precisão o estoque, algumas fontes como os censos de população e as pesquisas têm fornecido algumas aproximações. No Censo de 1920, primeiro censo realizado no país, registrou-se 28.258 haitianos. Para o de 1935, a cifra ascendeu para 52.637 residentes (MARTINEZ, 200?). O censo da década de 1980 apresentou 88.356 imigrantes, dos quais 60.162 eram naturais

haitianos. Enquanto que os de 2002 e 2010 registraram 61.863 e 360.000 respectivamente (CACERES et al., 2011).

5.3.1.3 Perfil do imigrante haitiano

Na parte anterior se apresentou, de maneira geral, uma caracterização histórica da imigração haitiana para a República Dominicana. A principal conclusão derivada é que com o tempo os padrões de segregação espacial, socioeconômicos e o perfil dos migrantes têm mudado. Se aborda também que essa mudança do padrão espacial tem levado os imigrantes haitianos a uma maior interação com os naturais dominicanos e, em decorrência disso, a uma maior apreensão de sua cultura. Tendo isso presente, nas seguintes linhas se faz uma caracterização sociodemográfica do estoque de naturais do Haiti residentes na República Dominicana em 2010 e 2012. Também se faz uma comparação com a população residente no Haiti para estes mesmos anos.

As evidências teóricas e empíricas sobre os padrões etários da migração sugerem que, quando a mudança de residência habitual é por motivo de trabalho, a estrutura por idade é jovem, tendo maior preponderância as correspondentes à população economicamente ativa, principalmente as compreendidas entre os 20 e 35 anos. Em decorrência disso, a estrutura etária da população imigrante tende a ser mais jovem do que a do país de destino e da origem, sempre que a fecundidade seja relativamente baixa. Do estoque de imigrantes do Haiti em 2010 e 2012, a maior proporção estava concentrada entre tais idades com uma participação na população total de imigrantes de origem haitiano de quase 50%, aproximadamente.

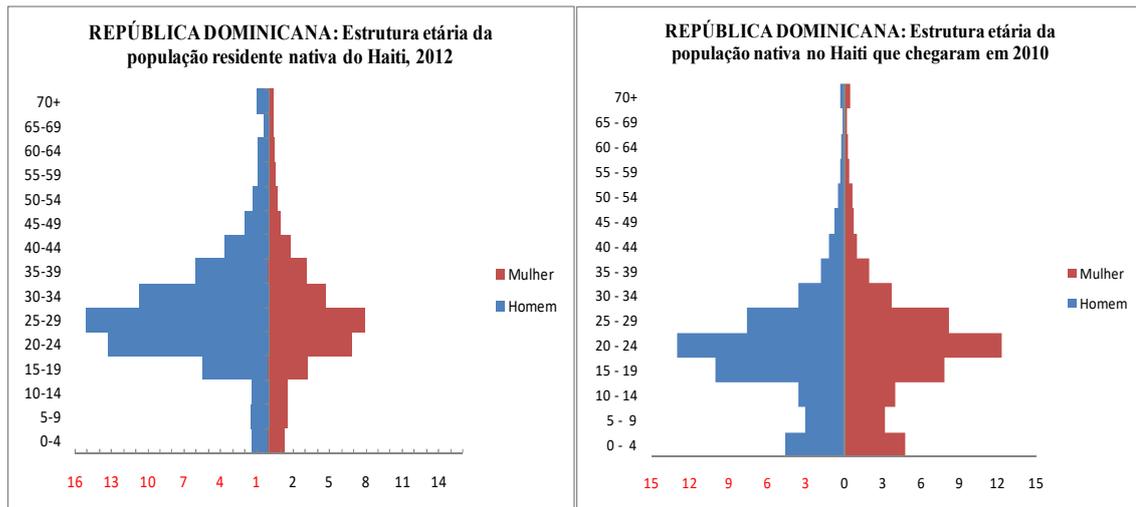
Uma das características principais da imigração haitiana para a República Dominicana tem sido sua masculinização desde o começo das redes. Do total de migrantes haitianos residente em 2012, a maior parte era do sexo masculino, como pode ser apreciado na pirâmide etária nos Gráficos 12^a e 12^b. Para esse ano, a participação percentual da população masculina era de 65,4% e, por seu lado, a feminina era de 34,6%. Entretanto, a população feminina nativa do Haiti que tem decidido mudar sua residência habitual para a República Dominicana, com o tempo, está ganhando mais importância, até o ponto que da população haitiana que chegou em 2010, 49,7% é feminina e 50,3% masculina. Porém, esse aumento relevante da população feminina para esse ano deve ter sido motivado pelo terremoto do ano 2010. Provavelmente,

um grupo importante de mulheres decidiu, para enfrentar a crise gerada por essa catástrofe, estabelecer sua residência na parte oriental da Ilha.

Gráfico 12-REPUBLICA DOMINICANA: Estrutura etária da população residente nativa no Haiti

Gráfico 12^a

Gráfico 12^b



Fonte: ONE, ENI-2012

Fonte: ONE, IXCNPV-2012

A população de naturais do Haiti na República Dominicana é praticamente urbana. Como temos reiterado em várias ocasiões, na atualidade, os migrantes haitianos já não se estabelecem nos *bateyes*, áreas predominantemente rurais, como tradicionalmente faziam, agora estão espalhados em toda a geografia nacional, especialmente em zonas urbanas. No estoque da população de 2002 e de 2010, de acordo aos censos realizados em esses anos, a que residia na área urbana representava 56,4% e 65,1%, respectivamente, superior ao 54,0% correspondente ao Haiti para o 2012.

A mudança de um padrão no qual a maioria concentrava-se em áreas rurais para outro em que a população se centraliza em área urbana tem significado também uma mudança no perfil do imigrante. Já não são exclusivamente os típicos camponeses esquecidos pelos governos, com baixa escolaridade e expropriado de sua terra, os que emigram para RD. Agora os imigrantes também procedem de vários estratos sociais, desde os que vivem marginalizados nas áreas urbanas haitianas com baixas oportunidades de empregos até aqueles que chegam com a intenção de estudar nas universidades dominicanas (LANDRY, 2013).

Com relação ao estado conjugal, mais da metade dos haitianos residente no país de 15 anos e mais? Em 2012 estavam unidos ou casados e 39,1%, solteiros. No concernente à população que chegou em 2010, de 15 anos e mais os que estavam unidos ou casados juntos somam mais de 40%, enquanto que os solteiros, 50%.

A inserção laboral da população de imigrantes é um indicador que reflete o grau de abertura da sociedade hóspede e sua adaptação ao sistema econômico e cultural. Aliás, essa inserção é diferenciada pelas características dos imigrantes. Na inserção laboral dos haitianos no país há uma diferença marcante por sexo. Em 2012, para cada 100 pessoas em idade de trabalhar (para o país está definida pela população compreendida entre os 10 e 65 anos) do sexo masculino, 81 estavam imersas no mercado laboral, enquanto que na população feminina eram apenas 49. Com respeito aos que chegaram em 2010, a taxa de participação feminina é muito baixa, pois somente 23% dos que constituem a PEA estava trabalhando ou procurava algum emprego. A maior parte da mão de obra haitiana no país está no mercado informal, principalmente a de mulheres, realizando tarefas de serviços domésticos ou vendas independentes. Em decorrência disso, é muito provável que as mulheres não considerem esses tipos de atividades como empregos. Por essa razão, possivelmente declararam na pesquisa que não estavam realizando nenhuma atividade laboral. Também a baixa participação laboral das mulheres haitianas no país poderia ser um reflexo das diferenças de gênero no mercado de trabalho

Apesar de a escolaridade dos imigrantes haitianos residentes no país ter melhorado, se compararmos com os de décadas anteriores, esta ainda é baixa. Mas, se compararmos com a dos residentes no Haiti, é maior, embora a diferença não seja tão marcante. Em 2012, quase 50% dos haitianos no país tinham como nível educacional o primário ou básico, enquanto que outras partes tinham educação média ou secundária (21%) e universitária (5,9%). Contudo, a porcentagem de haitianos que não têm instrução é relativamente alta para o total e para os que chegaram em 2010 (20,3% e 30,51%). Esses valores não distam muito do contexto haitiano, pois para o 2010 no Haiti 64,0% da população tinha apenas o nível acadêmico básico e 22,2% não tinha nenhuma instrução.

Por outro lado, a fala da língua espanhola é uma proxy clara do grau de aculturação que têm tido os haitianos da cultura dominicana. Isto porque este é o principal elemento de contato com a população do país, e, portanto, instrumento essencial para apreender os sistemas de

valores que definem a idiossincrasia cultural dominicana. Segundo os dados da Encuesta Nacional de Inmigración 2012, aproximadamente o 26,0% dos imigrantes haitianos residentes no país não falava espanhol, entanto que 74% tinham pelo menos algum conhecimento do idioma.

Assim como a língua, o tempo da residência influencia na assimilação da cultura porque para as pessoas cujas permanências têm sido maior, o grau de exposição às normas e valores que definem a cultura desse país é superior. Uma alta proporção das pessoas que residem na RD para o ano 2012, naturais do Haiti, chegou depois de 2000. Já que 28,1% têm menos de 1 ano morando no país desde o ato migratório e 24,8% têm entre 2 e 4 anos. A população que tem entre 5 e 9 anos representa 20,4%. Por fim, aquela cujo período de permanência é igual o superior a 10 anos representa 24,0% (Ver Tabela 6).

Tabela 6- Características sócio-demográficas da população residente no Haiti em 2012 e da imigrante haitiana em República Dominicana, em porcentagem

Características sociodemográficas	Stock de imigrantes 2012	Imigrantes que chegaram em 2010	Residentes no Haiti
Sexo			
Homem	65,400	50,300	51,000
Mulher	34,600	49,700	49,000
Area de residência			
Urbana	65,100	63,400	54,000
Rural	34,900	36,600	46,000
Estado conjugal			
Unido	39,900	32,600	32,300
Casado	13,100	7,600	15,250
Separado ou divorciado	6,700	8,100	5,450
Viúvo	1,100	1,300	1,100
Solteiro	39,100	49,600	45,600
Nível educativo			
Sem escolaridade	22,300	30,510	22,200
Inicial ou pré-escolar	1,100	5,450	
Básico ou primário	47,200	34,870	64,400
Médio ou secundário	21,700	22,310	14,400
Superior ou universitário	5,900	6,840	4,100
Conhecimento do idioma espanhol			
Muito bem	9,800		
Bem	25,900		
Regular	38,100		
Pouco ou nada	26,000		
Sem informação	0,200		
Taxa de participação laboral			
Homem	80,900	72,600	76,700
Mulher	48,900	23,000	51,700
Tempo de residência na RD			
Menos de 1 ano	28,200		
2-4	24,800		
5-9	20,400		
10-14	12,000		
15+	12,900		

Fonte: ONE, ENI-2012; IXCNPV 2010; MSPP, 2013

5.3.2 Fecundidade geral

Depois de apresentar um esboço contextual da imigração haitiana para a República Dominicana se apresenta a fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana e seus diferenciais no nível geral com suas conterrâneas residentes no Haiti, e com as nativas. Como referência se apresenta a fecundidade para as imigrantes não naturais no Haiti.

Entre o quinquênio 1996-2010 e o 2001-2005, as imigrantes haitianas experimentaram um declínio no nível da fecundidade, mas tiveram um aumento ao passar do quinquênio 2001-2005 para o 2006-2011. A TFT passou de 3,31 no primeiro período para 3,83 no quinquênio final, para um aumento de 15,805%, depois de ter uma diminuição no intermediário. Essa mesma tendência foi apresentada para o nível das imigrantes internacionais não procedentes

do Haiti, para as quais a taxa de fecundidade total mudou de 1,99 a 1,87 nesse lapso de tempo, uma queda de 6%, embora tenha tido um incremento entre o período intermediário e o final. A população de mulheres residentes no Haiti também apresentou uma intensa diminuição, com 23,266% de queda da TFT durante os últimos 14 anos (Ver Tabela 7).

A maior TFT em todos os períodos, entre os três grupos de residentes na República Dominicana, corresponde à população conformada pelas imigrantes haitianas. Comparada com a da nativa, para os três períodos, sua TFT está muito acima. Essa diferença aumenta com tempo, para o primeiro é apenas 1,568% maior, no entanto, para o último é de quase 62,848%. Quando comparadas com a de suas conterrâneas residentes no Haiti ocorre o contrário, a população imigrante haitiana na RD apresenta um valor em cada quinquênio menor, exceto para o último. No 1996-2000 e 2001-2005, a taxa total de fecundidade das haitianas na República Dominicana é 28,334% e 20,563% menor que a correspondente à residente no Haiti, mas, no quinquênio 2006-2011, o valor é significativamente superior, 8,156%.

Tabela 7- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais na República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010

Idade	Residentes na RD						Residentes no Haiti		
	Imigrantes Haitianas			Outras migrantes			1995-2000	2000-2005	2005-2010
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010			
15-19	0,053	0,059	0,112	0,024	0,022	0,020	0,062	0,053	0,046
20-24	0,115	0,111	0,156	0,067	0,063	0,056	0,175	0,162	0,148
25-29	0,146	0,140	0,162	0,123	0,108	0,096	0,212	0,186	0,168
30-34	0,140	0,133	0,141	0,113	0,103	0,114	0,201	0,174	0,155
35-39	0,109	0,104	0,103	0,053	0,051	0,063	0,156	0,135	0,117
40-44	0,066	0,059	0,061	0,015	0,014	0,019	0,082	0,066	0,055
45-49	0,033	0,029	0,031	0,004	0,003	0,007	0,035	0,025	0,020
TFT	3,310	3,178	3,834	1,992	1,821	1,872	4,619	4,000	3,545
IMF	31,008	30,705	29,284	29,516	29,587	30,555	30,772	30,457	30,278

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; CELADE, Projeções 2013

Para as imigrantes haitianas em 1996-2000 e 2001-2005 não há mudança em sua estrutura etária da fecundidade, pois a estrutura em ambos os quinquênios é praticamente a mesma. Para o 2006-2010, as haitianas tiveram uma leve mudança, apresentando um ligeiro rejuvenescimento. Isso não ocorre com suas conterrâneas no Haiti, para as quais a estrutura da fecundidade para os três quinquênios do estudo não apresentou nenhuma variação (Ver Gráficos 13, 14 e 15).

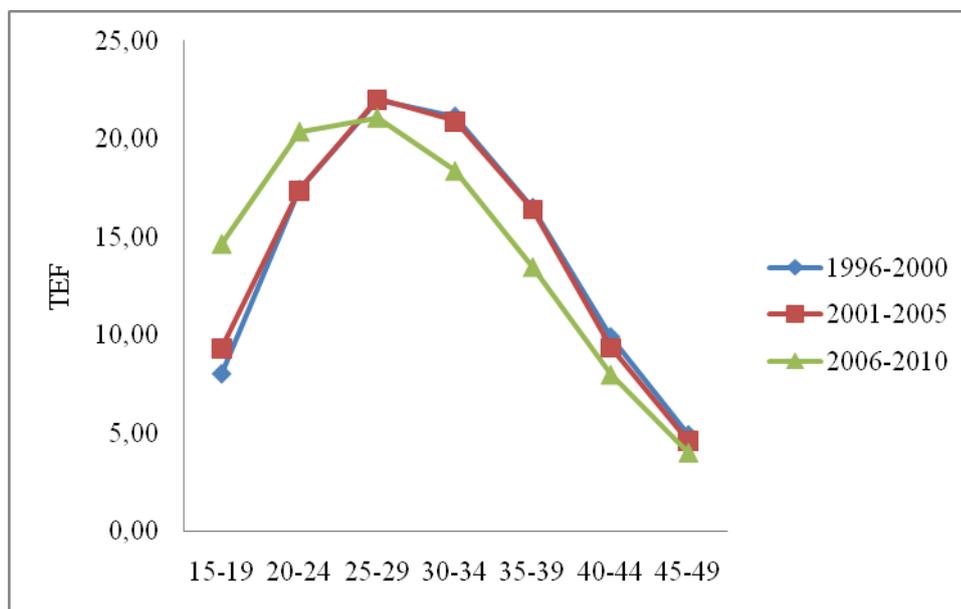
As imigrantes haitianas residentes na RD têm uma estrutura da fecundidade tardia que converge mais com a apresentada pelas suas conterrâneas residentes no Haiti do que com a estrutura das nativas nos dois primeiros períodos. As contribuições das TEF das mulheres nas idades igual ou maior que 30 anos têm um peso relativo considerável na TFT. Já no quinquênio 2006-2011 é diferente, a curva é muito mais jovem do que a correspondente a sua conterrânea e tende mais para o padrão dominicano. A característica tardia do padrão da fecundidade das haitianas também se evidencia na sua idade média da fecundidade, que oscilou entre 31,008 e 29,284 anos entre 1996 e 2010; enquanto para as residentes no seu país da origem, a idade média passou de 30,772 para 30,278 anos (Ver Tabela 7 e Gráfico 13 e 14).

É bom ter presente no caso das haitianas, tanto para as que residem na RD quanto para as que moram no Haiti, que sua curva da fecundidade tardia não quer dizer curva tardia como nos países desenvolvidos. Tardia na sua situação quer dizer que os grupos etários mais velhos apresentam altas TEF assim como os mais jovens. Ou seja, a transição da fecundidade haitiana, no que concerne a sua estrutura, ainda está em fase inicial, na qual a fecundidade das mulheres jovens e as da mais velhas tem um peso importante.

A população estrangeira não nativa do Haiti mostra, entre 1996 e 2010, uma estrutura etária que vai ficando ainda mais envelhecida com o passar do tempo, diferentemente das outras populações, nas quais acontece o contrário. Além de sua estrutura ter passado para uma idade modal na faixa de 30-34 anos, a idade média da fecundidade também mudou, de 29,516 anos no período 1996-2000 para 30,555 anos de idade em 2006-2010 (Ver Gráfico 15 e Tabela 7).

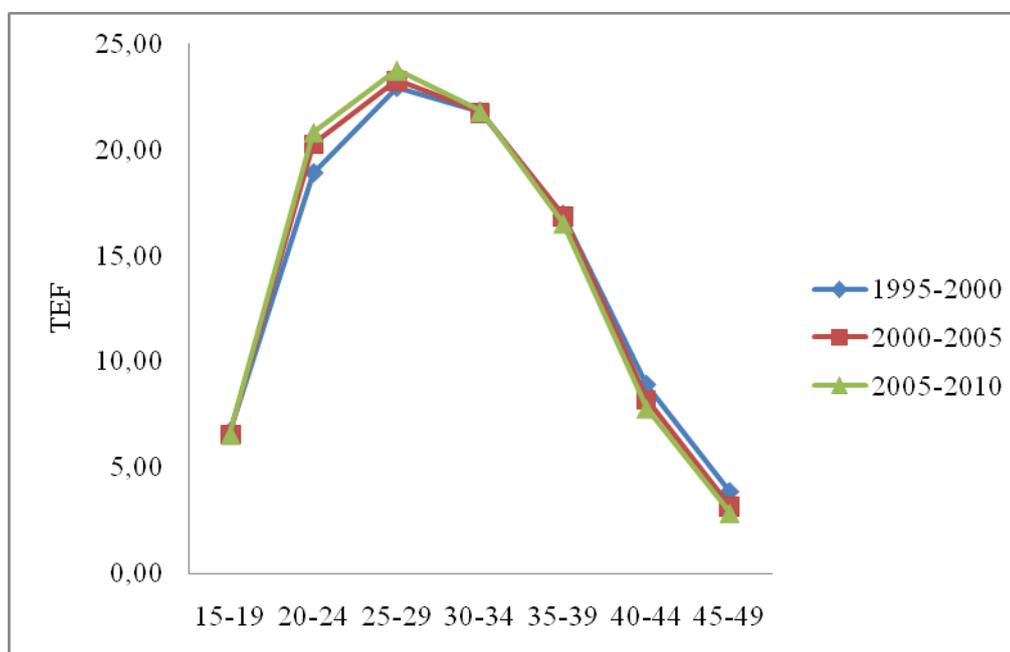
No concernente à fecundidade na adolescência, para o grupo das imigrantes haitianas, esta aumentou com o tempo, muito diferente da tendência descendente apresentada pelos outros grupos de idade. Entre os quinquênios 1996-2010 e 2006-2010, a taxa de fecundidade das adolescentes de elas passou de 0,053 para 0,112 (Ver tabela 10), um aumento percentual equivalente a 111,278. Comparada com a população de nativas, para o 1996-2000 y 2001-2005, a população de imigrantes haitianas tem uma taxa de fecundidade na adolescência 51,548% e 38,100% menor, respectivamente. Porém, quando comparada com as residentes no Haiti, somente no primeiro quinquênio sua taxa é menor, em 13,900%, já que para os dois períodos seguintes é 12,945% e 142,215% superior, consecutivamente.

Gráfico 13-Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana, 1996-2010



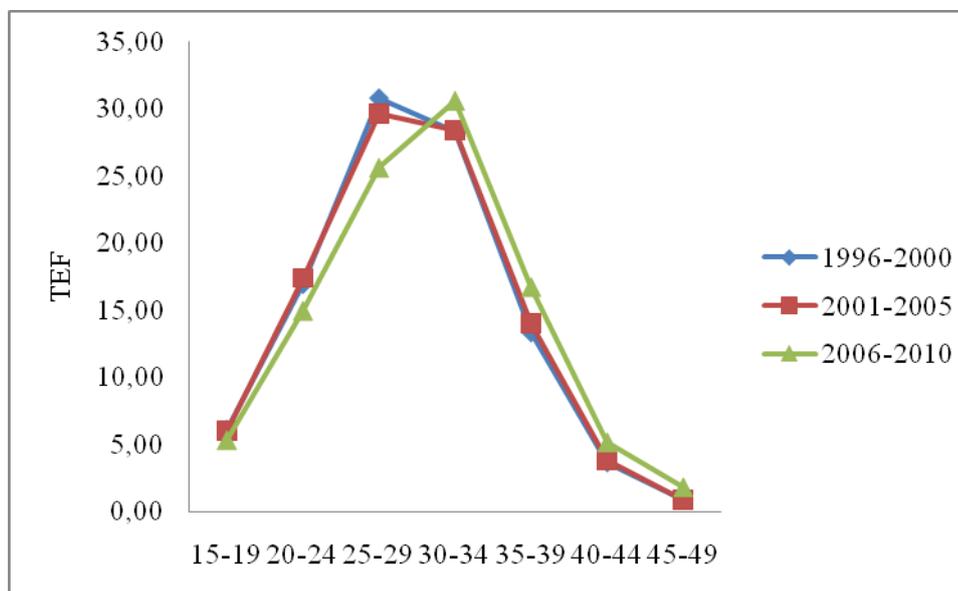
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico 14- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes no Haiti



Fonte: CELADE, Projeções de população 2010

Gráfico 15- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) das mulheres de qualquer outras nacionalidade diferente á haitianas residentes República Dominicana, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

O comportamento temporal e as diferenças no nível e na estrutura da fecundidade analisadas até agora refletem que as imigrantes haitianas, as outras imigrantes e as nativas são procedentes de populações que estão em diversas etapas da transição demográfica. As nativas apresentam um nível maior e uma estrutura mais jovem do que as estrangeiras de quaisquer outras nacionalidades não haitianas, provavelmente porque grande parte é procedente dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, os quais apresentam uma TFT abaixo do nível de reposição e uma estrutura etária envelhecida. Entretanto, as nativas dominicanas poderiam ter um nível menor e uma estrutura mais jovem do que as imigrantes haitianas, em cada período, porque estas procedem de um país que começou a transição da fecundidade posteriormente á República Dominicana.

O argumento da tendência para a convergência entre a fecundidade do país da origem e o país de destino poderia ser levado em consideração. Durante o período do estudo, o nível da fecundidade experimentou uma marcante queda e a estrutura ficou um pouco mais rejuvenescida no Haiti. No entanto, pelo fato de as haitianas residentes na República Dominicana apresentarem um nível menor do que as residentes no Haiti, mas com estrutura similar, para o 1996-2000 2001-2006, e uma taxa maior, mas com um padrão etário mais parecido ao dominicano, no 2006-2010, pode-se inferir que os canais através dos quais o

projeto migratório incide no comportamento reprodutivo dos migrantes estão jogando um papel importante. Estes resultados também podem indicar que tem havido uma mudança no tipo de migração e, além disso, no perfil das imigrantes, pois, possivelmente, em termo composicional, as novas imigrantes apresentam algumas características que fazem com que sejam mais propensas a ter uma fecundidade corrente mais alta no último período. Segundo a ENI-2012, das mulheres imigrantes haitianas que chegaram ao país entre 2006 e 2009, quase um 25% imigraram com a intenção de se unir a seu esposo. Com esse dado, podemos sugerir que o incremento da fecundidade nas imigrantes haitianas entre o 2006 e 2010 poderia ser explicado principalmente pela migração familiar. Pois, quando esse tipo de migração acontece, as mulheres pré-migração adiam a fecundidade para recupera-lá assim que chegam ao lugar de destino, levando a um aumento da fecundidade corrente por um efeito tempo (PARRADO, 2013; MUSSINO e ESTROZZA, 2012; ANDERSSON, 2004).

Devido ao fato de que, com os dados gerais, não é possível distinguir se o migrante teve o filho antes ou depois de migrarem ao país de destino, as taxas apresentadas no momento não permitem analisar e isolar se o comportamento da fecundidade das imigrantes haitianas, e sua divergência com a fecundidade das residentes no Haiti e das dominicanas, são produtos do efeito da migração. Por tanto, é muito importante apresentar a estrutura e o nível da fecundidade controlando por outras variáveis que permitam isolar o efeito da migração.

5.3.3 Fecundidade por área de residência

Devido à mudança na alocação geográfica interna dos migrantes não nativos que chegam à República Dominicana, principalmente os procedentes do Haiti, os quais tendiam a se concentrar em áreas predominantemente rurais, nesta parte se apresenta a fecundidade e os diferenciais por áreas de residências urbana e rural.

Entre as haitianas que moram na área urbana, a tendência temporal do nível não difere do comportamento temporal para o total, isto é, declinou entre o primeiro quinquênio e o intermediário, mas aumentou no final. A TFT passou de 2,855 em 1996-2000 para 2,696 em 2001-2005, equivalente a uma variação percentual de 5,583%. Enquanto, no período 2006-2010, a TFT apresentava um valor de 3,436, equivalente a um aumento percentual de 27,470%, em comparação com a apresentada em 2001-2006 (Ver Tabela 8). Essa tendência foi geral para todas as imigrantes internacionais não nativas na República Dominicana, pois a

TFT das outras estrangeiras não haitianas apresenta uma trajetória temporal similar. Esta diminuiu 8,809% entre 1996-2000 e 2001-2005, ao passar de 2,016 a 1,838, consecutivamente. Adicionalmente, cresceu 2,311% entre o 2001—2005 e o quinquênio 2006-2010(Ver Tabela 8).

Ao contrário das haitianas na RD que moram na parte urbana, as residentes no Haiti que moram também em área urbana experimentaram uma diminuição sustentada, sem ter aumento no período intermediário. Entre 2000 e 2012, a TFT do Haiti diminuiu 23,076%, ao passar de 3,380 no 2000 a 2,600 no 2012 (Ver Tabela 8).

A partir da Tabela 3 no item anterior e da Tabela 8, podem-se derivar informações importantes. Em primeiro lugar, que as divergências no nível entre as haitianas, as outras estrangeiras, as nativas de RD e as residentes no Haiti para a área urbana não são relativamente altas entre 1996-2000 e 2001-2005. No quinquênio 1996-2000, a TFT das haitianas residentes na parte urbana da República Dominicana foi 8,739% menor do que a correspondente às nativas; no quinquênio seguinte são quase similares, o das haitianas é apenas 0,890% menor e, para o 2006-2010, a diferença é exorbitante, já que as estrangeiras haitianas apresentam um nível 49,162% superior. Na comparação com as residentes na parte urbana do Haiti, somente para o primeiro quinquênio sua TFT é menor (15,533%), já que nos períodos seguintes é maior, essencialmente no quinquênio 2006-2010, com uma diferença de 32,158%.

Em segundo lugar, das duas tabelas pode-se inferir que a diferença da população total, a transição da fecundidade na área urbana do Haiti tem sido ligeiramente mais intensa do que na área urbana da República Dominicana. Entre 1996 e 2010, a velocidade de queda no Haiti foi superior se compararmos as TFT apresentadas durante esse período.

Tabela 8- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não nativas residentes na área urbana da República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010

Idade	Residentes na RD						Residentes no Haiti*		
	Imigrantes haitianas			Outras imigrantes			2000	2005	2012
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010			
15-19	0,045	0,049	0,097	0,024	0,021	0,019	0,066	0,050	0,053
20-24	0,099	0,095	0,137	0,067	0,063	0,055	0,112	0,116	0,103
25-29	0,130	0,124	0,145	0,125	0,108	0,095	0,137	0,114	0,120
30-34	0,123	0,115	0,130	0,117	0,107	0,115	0,178	0,127	0,120
35-39	0,094	0,086	0,094	0,054	0,053	0,064	0,138	0,080	0,079
40-44	0,052	0,047	0,057	0,014	0,014	0,020	0,044	0,039	0,039
45-49	0,029	0,023	0,027	0,003	0,003	0,008	0,001	0,008	0,006
TFT	2,855	2,696	3,436	2,016	1,838	1,881	3,380	2,670	2,600
IMF	30,948	30,529	29,446	29,556	29,692	30,704	30,772	30,457	30,278

*Valores obtidos da DHS para dos referentes anos

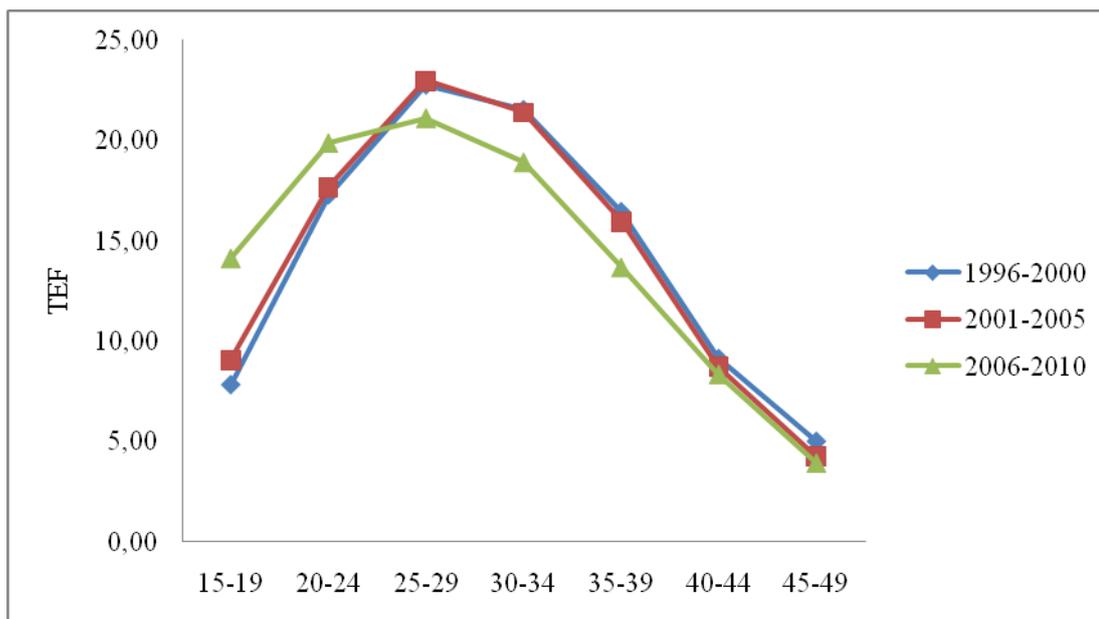
Fonte: ONE, IXCNPV 2010; USAID, DHS-00. DHS-05. DHS-12

Para as haitianas na área urbana da República Dominicana, depois de apresentar uma estrutura similar para os dois primeiros quinquênios, houve uma alocação da curva em 2006-2010 na qual evidencia-se que as taxas específicas de fecundidade das mulheres jovens têm uma maior preponderância na TFT. No caso da estrutura de suas conterrâneas acontece diferente, mudando de uma estrutura mais tardia no ano 2000, com a idade modal da fecundidade no grupo 30-34, para outra um pouco mais rejuvenescida em 2005 e 2012, devido ao aumento da importância relativa das TEF das menores de 30 anos na TFT. Para a população de mulheres estrangeiras não haitianas residente na área urbana, a estrutura permaneceu quase igual, com exceção no 2006-2010, no qual a TEF do grupo 30-34 foi o que teve a maior contribuição relativa no nível, o mesmo ocorreu para a estrutura da fecundidade para o total país, conforme abordamos no item anterior (Ver Gráficos 16, 17, 18).

Quanto aos diferenciais da estrutura etária das imigrantes haitianas na área urbana com relação aos outros grupos no período do estudo, não ocorre o mesmo que no nível, no qual se apresentam certa convergência, especialmente com as residentes no Haiti e as dominicanas. Isto porque, apesar de ter níveis similares nos dois primeiros quinquênios, tanto as haitianas residentes na parte urbana do Haiti quanto as residentes na área urbana da República Dominicana têm, nos três períodos, um padrão da fecundidade muito diferente ao das nativas. Nos grupos haitianos, as mulheres têm uma fecundidade tardia, embora com um ligeiro rejuvenescimento, principalmente no último período, enquanto para as nativas a estrutura é precoce, já que a participação percentual das TEF dos grupos menores de 30 anos para 1996-2000, 2001-2005 e 2006-2010 não supera 70,0% entre as nativas. Enquanto, para as haitianas

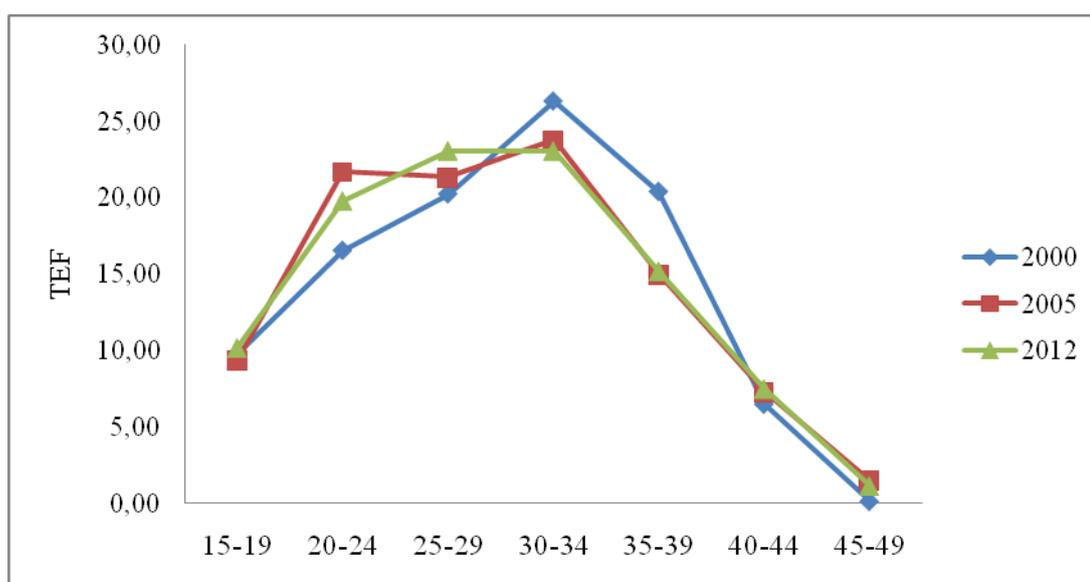
na República Dominicana, a importância relativa é de 47,9%, 49,7% e 55,1% respectivamente para cada quinquênio; e para as que moram no Haiti, 46,6%, 52,4% e 53,07%, para cada período (Ver Tabela 8 e Gráficos 7, 16, 17, 18).

Gráfico 16- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na área urbana da República Dominicana, 1996-2010



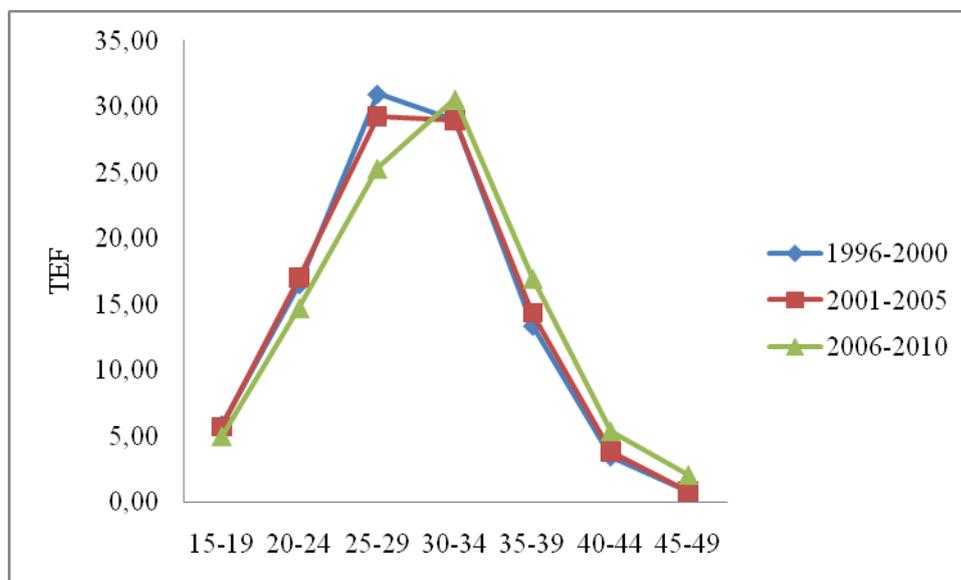
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico 17- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes na área urbana do Haiti, 2000-2010



Fonte: USAID, DHS-00. DHS-05. DHS-12

Gráfico 18- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na área urbana da República Dominicana, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Na Tabela 9 apresentam-se as taxas de fecundidade total correspondente à área rural para as imigrantes haitianas, as outras imigrantes não naturais do Haiti e as residentes no Haiti. A tendência temporal para todas as populações nesta área é similar à apresentada por sua contraparte na área urbana. Para as haitianas residentes na área rural da República Dominicana, aumentou 15,615% nos 14 anos, apesar de ter tido uma ligeira queda entre 1996-2000 e 2001-2005. Enquanto para as estrangeiras não haitianas, o nível também incrementou em 2,836% entre o quinquênio inicial e o final, embora tenha tido uma diminuição de 2,497% entre os dois primeiros.

Fazendo a comparação entre as que moram na área rural das imigrantes haitianas, com as nativas e as suas conterrâneas, percebe-se que as diferenças no nível são enormes, ao contrário do que sucede com as residentes em domicílios urbanos. As haitianas na RD apresentam um nível 2,907% superior ao das nativas no período 1996-2000, e passaram a ter, em 2006-2010, outro ainda maior, com 72,656% de diferença. Em relação às residentes na área rural do Haiti, para o 2000, apresentam uma TFT 34,661% menor que em 2005, no entanto a taxa de este último ano é de apenas 0,991% maior do que a taxa de 2012.

Comparando o nível da área rural com o da urbana de todos os grupos, intui-se que as divergências são importantes. As haitianas residentes na parte rural da República Dominicana

apresentam um nível de fecundidade, para cada período, acima do que apresentam suas contrapartes residentes na área urbana do país. Não obstante, a diferença vai diminuindo com o tempo, pelo que se espera que, no longo prazo, convirja. A TFT das haitianas residentes na parte rural da República Dominicana é 32,280% maior em 1996-2000 e 27,071% em 2006-2010 do que a TFT das haitianas residentes na área urbana no país para esses mesmos períodos. Mas, se comparamos com os diferenciais existentes entre as taxas da área rural e urbana existente para os anos 2000, 2005 e 2012 no Haiti não são tão alarmantes, pois, nesse país, as que residem na área rural têm, para os três anos, uma TFT pelo menos 70% superior à TFT das que moram na urbana. Também os diferenciais no nível por área de residência entre as imigrantes haitianas são muito mais altos do que os que apresentam as estrangeiras de outros países e as nativas.

Para as estrangeiras não haitianas, o nível de fecundidade das residentes na área rural dominicana é 12,550% inferior no primeiro quinquênio e 3,610% menor no último, em comparação ao nível das residentes na parte urbana de esse mesmo grupo. Este diferencial é praticamente atípico, pois frequentemente o nível da fecundidade na área urbana é menor do que na rural. Provavelmente, para essas imigrantes, o perfil das que chegaram à área rural seja diferente ao das que chegaram à urbana. Ou poderia ser por problema de subenumeração no Censo 2010 de suas crianças, o que, por sua vez, faz com que as estimativas do nível da fecundidade pelo método dos filhos estejam subestimadas. Essa última razão poderia ter mais validade do que a primeira, porque a TFT ajustada com o método P/F de Brass para este grupo, a partir dos dados, é maior na área rural (2,1) do que na urbana (1,8), (Ver Tabela A14).

Tabela 9- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais residentes na área rural da República Dominicana, por país de nascimento, e das residentes no Haiti, 1996-2010

Idade	Residentes na RD						Residentes no Haiti*		
	Imigrantes haitianas			Outras imigrantes			2000	2005	2012
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010			
15-19	0,066	0,076	0,136	0,034	0,033	0,035	0,108	0,086	0,077
20-24	0,137	0,130	0,189	0,078	0,073	0,062	0,247	0,211	0,187
25-29	0,160	0,157	0,187	0,099	0,108	0,100	0,255	0,224	0,200
30-34	0,154	0,148	0,153	0,075	0,070	0,105	0,251	0,218	0,176
35-39	0,122	0,120	0,111	0,047	0,033	0,049	0,176	0,166	0,158
40-44	0,080	0,071	0,064	0,019	0,012	0,011	0,094	0,081	0,064
45-49	0,037	0,036	0,034	0,001	0,004	0,000	0,025	0,015	0,020
TFT	3,777	3,682	4,366	1,763	1,662	1,813	5,780	5,005	4,410
IMF	30,916	30,638	28,875	28,695	28,255	28,933	30,772	30,457	30,278

*Valores obtidos da DHS para dos referentes anos

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; USAID, DHS-00. DHS-05. DHS-12

Em termos de estrutura etária, como se apresenta no Gráfico 19, a fecundidade das imigrantes haitianas residentes na área rural caracteriza-se por ser relativamente envelhecida nos dois primeiros quinquênios, enquanto mais jovem no último. Para 1996-2000 e 2001-2005, a participação relativa das taxas específicas de fecundidade das menores de 30 anos na TFT não supera 30%. Esses valores fazem com que tenham uma idade média da fecundidade para esses períodos superior aos 30 anos. No caso do 2006-2010, a idade média da fecundidade é menor (28, 875 anos) e, conseqüentemente, a participação percentual das TEF das jovens na TFT é maior, 58,596%.

Nos dois primeiros períodos, a estrutura da fecundidade das imigrantes na área rural tende a se parecer com a estrutura das suas conterrâneas do Haiti, enquanto, para o 2006-2010, é mais semelhante à estrutura das nativas. Na área rural do Haiti, a estrutura é envelhecida, o que faz com que a participação percentual das TEF dos grupos jovens na TFT tenha um valor um pouco acima de 52% e a idade média da fecundidade seja 30,772, 30,457 e 30,278 anos, sucessivamente, para todos os períodos. Já entre as nativas da área rural, a fecundidade é muito precoce, com uma idade média da fecundidade inferior aos 26 anos e com mais de 70% da TFT concentrada entre as menores de 30 anos (Ver Tabela 9 e Gráficos 8, 19, 20).

Para as demais imigrantes internacionais residentes na área rural, a estrutura também é envelhecida, embora muito menos do que entre as haitianas, principalmente no quinquênio 2006-2010. Enquanto para os quinquênios 1996-2000 e 2001-2005 a participação relativa das

TEF nas idades menores de 30 anos no nível, é maior que 60% e a idade média da fecundidade é de 28,7 e 28,3 anos, respectivamente (Ver Tabela 9 e Gráfico 21).

Comparando os Gráficos 18 e 21, e as Tabelas 8 e 9, que apresentam a idade média da fecundidade para cada área de residência, infere-se que não há diferença na estrutura da fecundidade apresentada por área de residência para as imigrantes não haitianas. Já que, para os três quinquênios, a contribuição porcentual das TEF das menores de 30 anos na TFT é quase a mesma, embora as residentes na área rural tenham uma idade média da fecundidade menor em tais períodos.

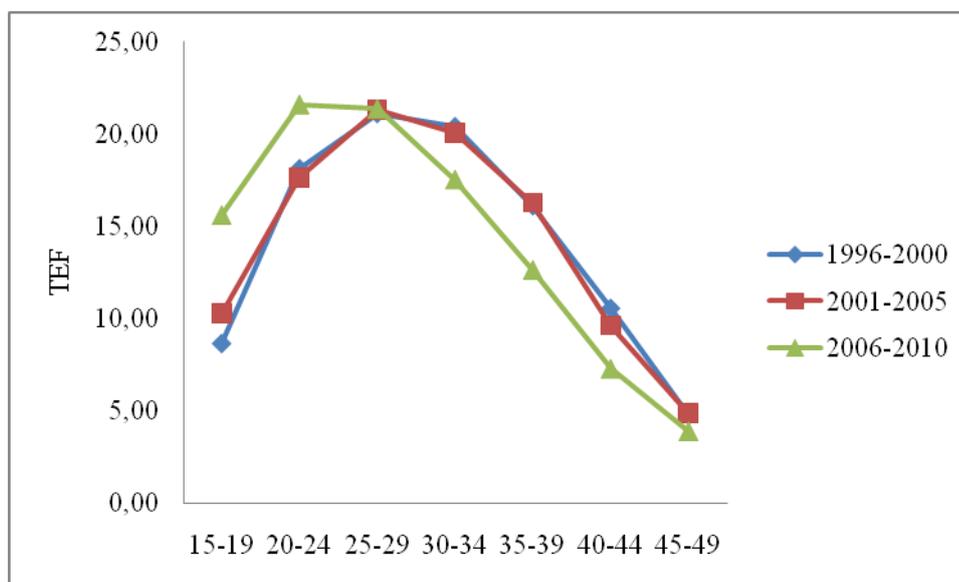
Os diferenciais de fecundidade entre as adolescentes que residem na parte urbana e aquelas que moram na rural são elevados. A TEF das adolescentes haitianas imigrantes que moram na área rural é 46,428% maior do que a TEF das residentes na área urbana, em 1996-2000, e 54,918% maior no segundo. Enquanto, para o 2006-2010, é 40,473% maior. Essas diferenças são muito menores que as prevalentes no Haiti, para o qual a fecundidade das adolescentes residentes no domicílio rural é 63,636% maior em 2000, 72,000% em 2005, e, no período final, 45,283% maior do que na área urbana.

A alta divergência entre a fecundidade das adolescentes da área rural e a daquelas residentes na urbana parece que é algo generalizado em todos os grupos de imigrantes não nativos na República Dominicana. Entre as estrangeiras não haitianas, a diferença entre a fecundidade das adolescentes que moram na área rural e a TEF pertencente às que moram na urbana é de 42,616% em 1996-2000, de 55,238% em 2001-2005, e, no período final, de 85,638%.

No que se refere aos diferenciais na taxa específica de fecundidade das adolescentes por área de residência, a TEF das haitianas residentes na área rural da República Dominicana é 54,189% e 41,801% inferior, nos dois primeiros quinquênios, em relação à TEF das adolescentes nativas residentes na área rural, porém, no último quinquênio é 38,056% superior. Entre as adolescentes haitianas residentes na área urbana, a TEF é menor nos quinquênios 1996-2000 e 2001-2008, 54,189% e 41,801% consecutivamente, e superior em 38,056% em 2006-2010 do que as TEF das adolescentes nativas da RD para os mesmos períodos. Similarmente, as adolescentes imigrantes haitianas residentes no país apresentam uma TEF, para cada área de residência, inferior nos dois primeiros quinquênios e superior no terceiro, com relação à TEF que têm suas conterrâneas no Haiti.

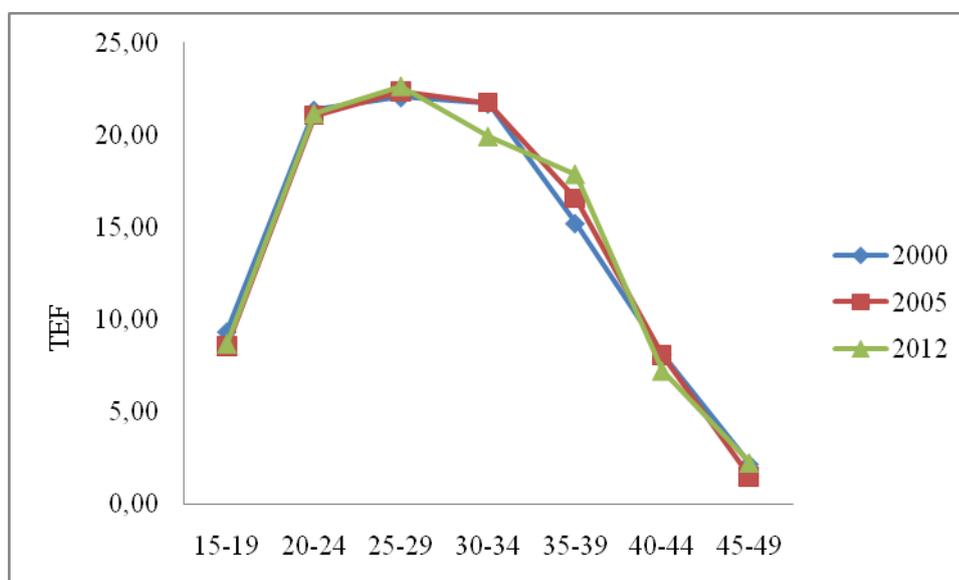
Apesar de o Haiti ter um desenvolvimento humano relativamente menor do que a República Dominicana e uma transição mais incipiente, sua fecundidade entre as adolescentes tem sido menor desde o começo da transição. Aliás, essa divergência tende a desaparecer com o tempo porque a fecundidade entre as menores de 20 anos para o país deve continuar em descenso, embora que seu ritmo de declínio seja menor em comparação com os outros grupos de idade.

Gráfico 19- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na área rural da República Dominicana, 1996-2010



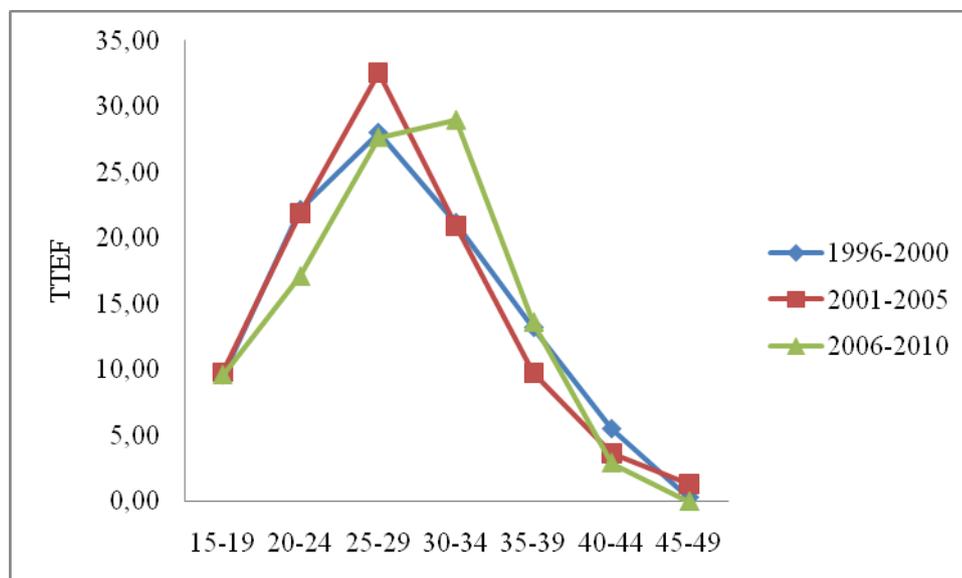
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico 20- Contribuição relativa de cada TEF na TFT (em porcentagem) das residentes na área rural do Haiti, 1996-2010



Fonte: USAID, DHS-00. DHS-05. DHS-12

Gráfico 21- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na área rural da República Dominicana, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Um possível sinal da mudança do padrão da migração do Haiti para a República Dominicana é a mudança no diferencial entre a taxa de fecundidade total daquelas que se concentram na área urbana e a daquelas que se estabelecem na rural. No velho padrão, as que moravam na área urbana, conforme se argumenta na parte da caracterização da migração haitiana, constituíam um grupo seletivo que também procediam da área urbana do Haiti. Aquelas que tinham como destino a parte rural dominicana representavam um grupo com um status socioeconômico desfavorável e procediam também da área rural haitiana. Com o novo padrão, as que chegam para se estabelecer na parte urbana dominicana representam um grupo menos seletivo. A trajetória dos diferenciais das taxas que apresentam por áreas de residência sugere isso. Para os primeiros quinquênios, as diferenças são grandes, sendo o nível das imigrantes haitianas significativamente inferior em cada um destes. Entretanto, para 2006-2010, a divergência diminuiu. O fato da TFT das que moravam na área urbana no primeiro período ser menor do que o nível das residentes no Haiti e do que a TFT das nativas na parte urbana, sugere que constituíam um grupo seletivo, pelo que é possível que a hipótese da seletividade estivesse operando nesse momento (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; FELICIANO, 2005). Ao contrário, o incremento da fecundidade entre as imigrantes haitianas residentes na parte urbana, para 2006-2010, poderia significar que as novas imigrantes procedentes do Haiti são negativamente selecionadas ou menos seletas. Além disso, o aumento pode ser também devido à mudança do tipo de migração, conforme se sugere no

capítulo anterior. É possível que, para uma parte importante das que chegaram entre 2006-2010, o tipo de migração seja familiar, isso poderia se sustentar com os resultados da ENI-2012, segundo estes, quase 25% das mulheres procedentes do Haiti, que estabeleceram sua residência habitual na República Dominicana nos últimos cinco anos, migraram para se unir com seu esposo.

O fato no que o nível de fecundidade das imigrantes haitianas, principalmente nos dois primeiros, encontra se entre o nível que têm as suas conterrâneas haitianas e o nível das nativas, também poderia indicar que as imigrantes haitianas estabelecidas na área rural dominicana poderiam estar se adaptando ao comportamento reprodutivo das nativas.

Para as outras estrangeiras não haitianas, residentes na área urbana, o baixo nível da fecundidade em cada quinquênio, mais do que aos canais através dos quais a migração impacta na fecundidade, deveria ser atribuído ao efeito composicional por nível educacional, já que a maior parte tem ao menos educação secundária. No entanto, o ténue incremento no último quinquênio pode ser atribuído também à migração por união familiar (PARRADO, 2013; MUSSINO e ESTROZZA, 2012; ANDERSSON, 2004) ou produto de uma recuperação depois de ter uma ruptura de seu comportamento reprodutivo causada por o projeto migratório. Não obstante, como não sabemos o tempo em que chegaram ao país, não é possível comprovar isso.

Finalmente, as taxas apresentadas por área de residência só têm validade para o último ano, porque é provável que, nos anos anteriores, as pessoas tenham mudado de área de residência. Ainda mais se são naturais do Haiti, pois a mobilidade laboral interna desse grupo populacional é bastante alta. Entretanto, para que as taxas dos outros quinquênios tenham validade se pressupõe, na parte metodológica, que entre 1996 e 2010 as estrangeiras não mudaram de área de residência.

5.3.4 Fecundidade por nível educacional

Devido à importância da educação como característica socioeconômica, para explicar muitas das mudanças nos fenômenos demográficos no nível macro e micro, neste subitem se apresenta e analisa a fecundidade das imigrantes haitianas e seus diferenciais em relação às nativas e às residentes no Haiti, controlando pelo nível educacional. Também se apresenta, de

maneira sucinta, a fecundidade das estrangeiras não haitianas, discriminando pela mesma variável. Primeiro, se faz uma descrição da taxa total e específica, e depois uma análise que vincula os resultados obtidos, para cada grupo de mulheres imigrantes, com as teorias sobre o efeito do ato migratório na fecundidade.

Na população de mulheres imigrantes haitianas, para as três categorias, manifestam-se dois momentos no comportamento temporal do nível da fecundidade entre 1996 e 2010, eles se apresentam na taxa para o total e por domicílio de residência. No primeiro momento, ocorre uma diminuição entre o primeiro e o segundo quinquênio, enquanto que no outro acontece um aumento entre o segundo e o último período (Ver Tabela 10). Para as imigrantes haitianas com educação básica ou menos, entre 1996-2000 e 2001-2005, a TFT diminuiu 4,125%, enquanto entre o 2001-2005 e 2006-2010, se incrementou em 20,842%.

Entre aquelas imigrantes haitianas com ao menos ensino secundário, a diminuição foi de 2,775%, entre o 1996-2000 e 2001-2005, e 22,784% de aumento entre 2001-2005 e 2006-2010. Para as que não tinham nenhum nível de instrução, a diminuição entre 1996-2000 e 2001-2005 foi mais tênue, em comparação com a que tiveram os outros dois grupos, 0,119%. Mas, o aumento entre o segundo e o terceiro quinquênio foi muito marcado, de 32,092% aproximadamente.

Para as haitianas na República Dominicana, a educação é uma variável discriminatória no nível da fecundidade em uma dimensão maior do que para as nativas. Tomando as que têm ensino básico ou menos como grupo comparativo, as mulheres imigrantes haitianas com educação ao menos secundária têm uma TFT, nos três quinquênios, 26,165%, 25,126% e 21,751% menor do que estas. Enquanto que as que não têm nenhum nível de ensino apresentam um nível 1,561%, 5,723% e 7,902% maior para 1996-2000, 2001-2005 e 2006-2010, sucessivamente, do que as mulheres com ensino básico ou menos do mesmo grupo.

A taxa obtida para o quinquênio 2006-2010 com o MFP-Censo e a ajustada com o P/F, para as imigrantes haitianas, são coerentes entre si, já que a diferença entre elas não é superior a 3% para cada nível, exceto para a taxa correspondente às que têm ensino secundário ou mais, na qual a do MFP é 14% maior. Apesar desta diferença, a do MFP poderia ser mais confiável porque a estimativa do P/F pode estar distorcida, devido a sua sensibilidade quando o número

de caso é pequeno. Nesse caso, o número de haitianas residente em RD não é grande nesse nível.

No concernente às estrangeiras não haitianas, as mulheres com educação básica ou menos experimentaram um maior declínio no nível do que aquelas com ao menos ensino médio. Pois nestas últimas, depois de ter um ganho na diminuição da TFT entre 1996-2000 e 2001-2005, experimentaram um aumento importante entre 2001-2005 e 2006-2010 (Ver Tabelas 10 e 11). Entre as estrangeiras não haitianas com ensino básico ou menos, a queda entre o período inicial e o intermediário foi de 3,522%, e entre o 2001-2005 e o 2006-2010 foi de 18,657%. Enquanto que, para as mulheres com ao menos ensino secundária, a diminuição foi de 8,434%, entre os dois primeiros períodos quinquenais, e o aumento foi de 3,654%, entre o intermediário e o final.

As taxas apresentadas pelas estrangeiras não haitianas com ao menos educação secundária, para 1996-2000 foram 15,461% inferiores à TFT daquelas com ensino básico ou menos e 19,765% para o 2001-2005. No entanto, para 2006-2010, sua taxa é um pouco maior, 2,242%. Esse resultado não é coerente com o esperado, pois, frequentemente, entre as mulheres com um grau de educação maior, a fecundidade é relativamente menor. Isso se poderia atribuir, conforme se aborda nas situações similares apresentadas anteriormente, a uma subenumeração importante de crianças menores de cinco anos. Isto porque a estimativa do nível realizada, para as demais imigrantes internacionais, com o método P/F, é 54% menor do que a TFT obtida pelo MFP para o quinquênio 2006-2010. Entretanto, o nível obtido pelo método P/F para as mulheres com ensino básico ou menos também está muito sobreestimado devido ao viés causado pelo baixo número de pessoas estrangeiras não haitianas com esse nível educacional (Ver Tabela A14).

Fazendo agora a comparação das imigrantes haitianas com as mulheres dos outros grupos por nível educacional, para cada quinquênio, pode-se perceber, a partir das Tabelas 5, 10 e 11, que existe uma diferença destacável. A TFT das imigrantes haitianas com educação básica ou menos é maior para todos os quinquênios, do que a TFT das nativas com esse mesmo nível de instrução. No entanto, para as que têm ao menos ensino secundário ocorre diferente, já que seu nível é menor para o 1996-2001 e 2001-2005. Aliás, para o terceiro quinquênio, a TFT das haitianas com ao menos secundário é 34,563% maior do que a TFT das dominicanas com esse grau de ensino.

A TFT imigrantes haitianas sem nenhuma instrução é, aproximadamente, 19,031% maior do que a TFT das dominicanas sem ensino em 2001-2005 e em 2006-2010 também é maior, aproximadamente em 82,04%. Entretanto, conforme se aborda anteriormente, para as nativas sem instrução, a TFT está subestimada para cada quinquênio.

Comparado com o nível das residentes no Haiti por grau de instrução, o nível das haitianas residentes na República Dominicana têm sido inferior em cada quinquênio, com algumas exceções. Para as mulheres com instrução básica ou menos, a TFT das imigrantes haitianas é 35,453%, 23,723% e 7,826% menor para os três períodos, consecutivamente. Enquanto que, para as que têm ao menos educação secundária, somente para 1996-2010 é menor, sendo que para o 2001-2005 e 2006-2010 as haitianas residentes no Haiti com igual nível tem uma taxa menor.

Por fim, a TFT das outras estrangeiras residentes no país é menor do que a TFT das nativas para cada nível de instrução. Para as que têm instrução básica ou menos, sua TFT é 30,487% menor em 1996-2000, 17,731% em 2001-2005 e 32,487% inferior para o 2006-2010. Enquanto que, para as que têm ao menos ensino secundário, o nível das mulheres estrangeiras não haitianas com ao menos ensino secundário é de 35,254% para 1996-2000, 32,516% em 2001-2005 e 18,266% para 2006-2007, menor do que o nível das dominicanas com igual grau educacional.

Tabela 10- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana e no Haiti, por nível educacional, 1996-2010

Idade	Sem instrução			Básica ou menos			Ao menos secundário		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,0654	0,0775	0,1397	0,060	0,066	0,112	0,0299	0,0317	0,0594
20-24	0,1228	0,1264	0,1856	0,126	0,123	0,171	0,0887	0,0747	0,1008
25-29	0,1457	0,15	0,1801	0,157	0,140	0,168	0,1252	0,1243	0,1337
30-34	0,1445	0,1373	0,1503	0,135	0,132	0,138	0,1267	0,1214	0,1372
35-39	0,109	0,1095	0,1048	0,118	0,105	0,105	0,0869	0,0836	0,0943
40-44	0,0711	0,0582	0,0613	0,063	0,069	0,066	0,0328	0,039	0,0739
45-49	0,0363	0,0345	0,0335	0,026	0,021	0,032	0,015	0,0164	0,0209
TFT	3,474	3,467	4,277	3,421	3,281	3,963	2,526	2,456	3,101
IMF	30,864	30,294	28,744	30,528	30,395	29,281	30,572	30,891	30,817
Haiti TFT*	6,100	5,900	5,400	5,300	4,300	4,300	2,700	2,400	2,600

*Valores obtidos da DHS para dos referentes anos

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; USAID, DHS-00. DHS-05. DHS-12

Tabela 11-Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais no Haiti residentes na República Dominicana por nível educacional, 1996-2010

Idade	Básica ou menos			Ao menos secundário		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,083	0,074	0,049	0,023	0,020	0,019
20-24	0,108	0,154	0,096	0,066	0,060	0,054
25-29	0,134	0,135	0,095	0,122	0,108	0,096
30-34	0,094	0,053	0,060	0,114	0,106	0,117
35-39	0,038	0,028	0,045	0,054	0,052	0,064
40-44	0,009	0,007	0,019	0,015	0,014	0,020
45-49	0,003	0,004	0,005	0,004	0,003	0,007
TFT	2,348	2,266	1,843	1,985	1,817	1,884
IMF	26,833	25,742	27,914	29,649	29,781	30,695

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Para as mulheres da comunidade haitiana com educação básica ou menos, a estrutura só apresentou mudança em 2006-2010, ao se rejuvenescer um pouco mais, em comparação com a estrutura que apresentam nos dois quinquênios anteriores. As contribuições das TEF das mulheres menores de 30 anos na TFT, nesse quinquênio, tiveram um incremento e, além disso, a idade média da fecundidade foi menor, 29,281 anos. Para os dois primeiros períodos, esse indicador tinha um valor superior aos 30 anos (Ver Tabela 10 e Gráfico 22^b). Algo similar ocorre com a estrutura das mulheres sem instrução, que por sua vez têm, para os três quinquênios, um padrão similar, embora um pouco mais envelhecido para 1996-2000 e 2001-2005, pois a contribuição relativa de cada TEF das mulheres de 30 anos o mais na TFT era

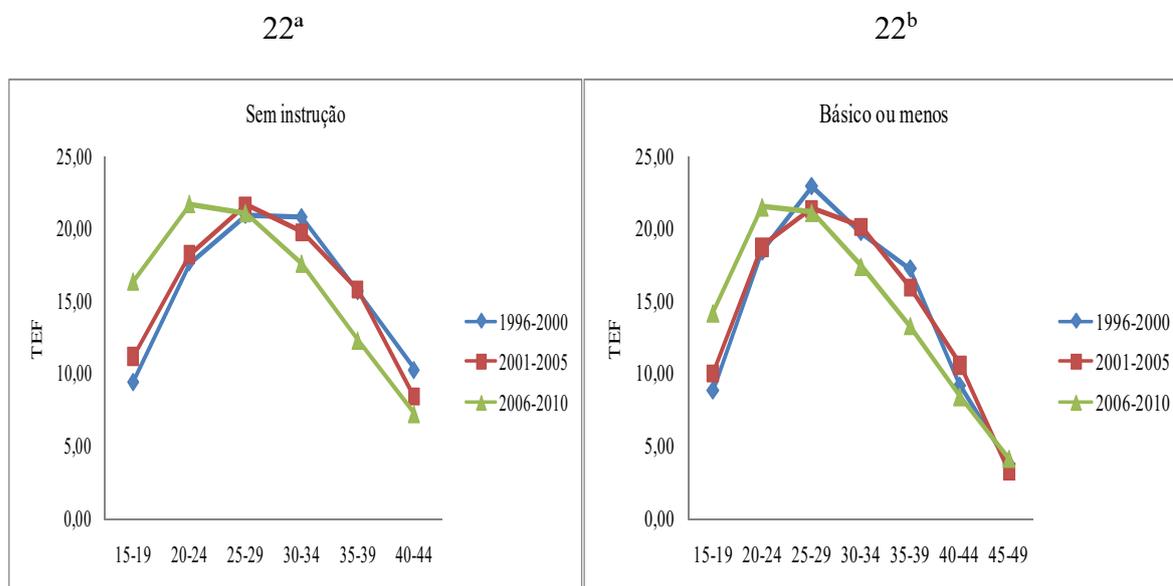
maior do que a contribuição na TFT de 2006-2010. Nesse grupo, a contribuição das TFT das menores de 30 anos em 1996-2000 é 48,080% e 51,028% em 2001-2000. No entanto, no último período houve um deslocamento da curva, na qual a idade modal da fecundidade passou a estar no grupo 20-25 anos, e, por sua vez, a contribuição relativa das jovens mudou para 59,090% (Ver Gráfico 22^a).

Diferentemente das mulheres dos grupos anteriores, a estrutura daquelas imigrantes haitianas com um nível de educação de ao menos secundário não teve mudança considerável entre os quinquênios, sendo ligeiramente mais envelhecida, pois a participação percentual das TEF das jovens na TFT, em nenhum dos três quinquênios supera os 48,250% e a idade média da fecundidade aproxima-se aos 31,00 anos em cada um (Ver Tabela 10 e Gráfico 22^c).

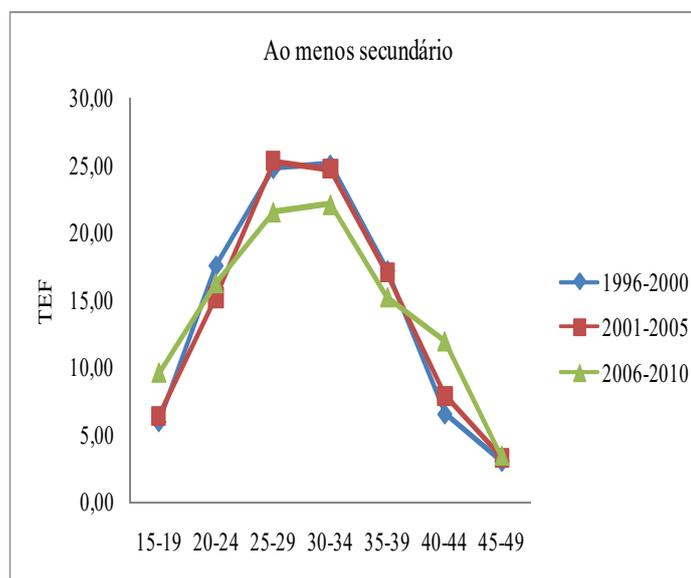
Diferentemente da tendência temporal da população nativa, a TEF das adolescentes haitianas na República Dominicana, em todos os níveis educacionais, aumenta entre os três quinquênios. Entre as que têm ensino básico ou menos, o indicador incrementou-se em 85,927%, aproximadamente, entre 1996-2000 e 2006-2010. Entre as de ao menos ensino secundário, o aumento foi ainda maior entre esses períodos, com uma porcentagem de incremento equivalente a 98,662% entre 1996 e 2010. Enquanto que, para as sem ensino o aumento foi de 113,608%.

A TEF das imigrantes haitianas adolescentes com ao menos instrução secundária é inferior que a a TFT das que tem ensino básico ou menos nos três quinquênios, 50,496% em 1996-2000, em 2001-2005 um 51,603% e 47,106% em 2006-2010. No entanto, a taxa específica das que não têm instrução é, ao contrário, 8,278% superior em 1996-2000, 18,320% em 2001-2005 e 24,398% maior, no último período que a TEF das que têm ao menos ensino básico.

Gráfico 22- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por nível de instrução, 1996-2010



22^c



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

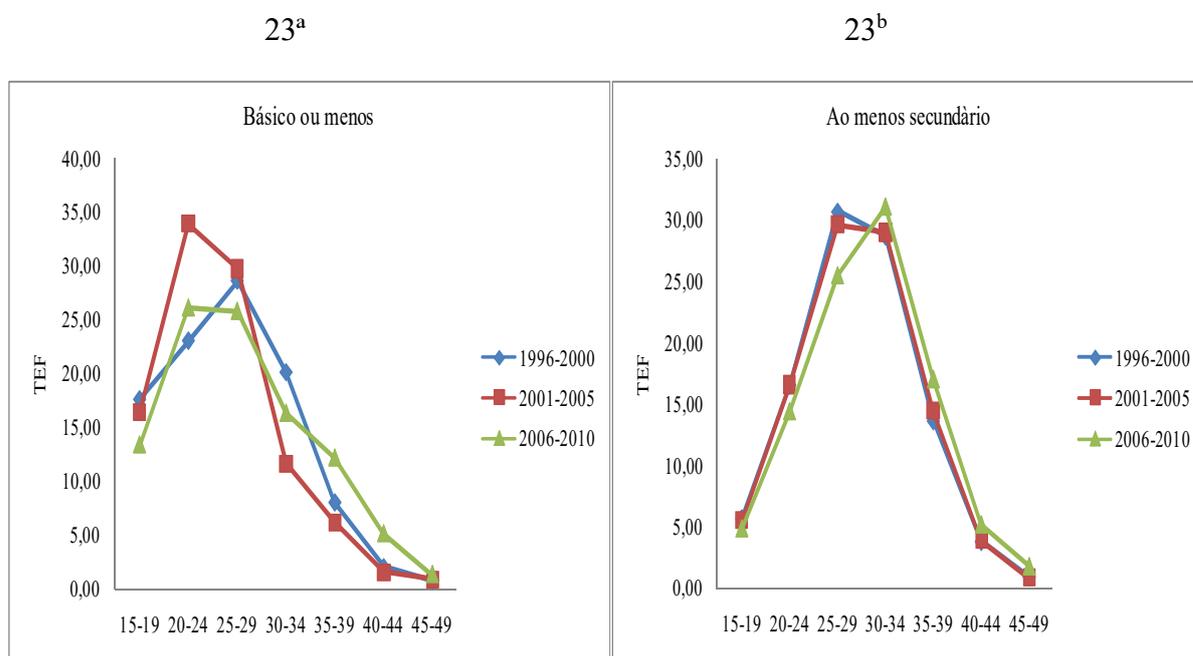
Como se mostra no Gráfico 23, para as mulheres imigrantes não haitianas, o nível educacional faz muita diferença na estrutura etária. Embora não tenha um comportamento temporal tão regular, ao apresentar primeiro uma curva tardia no quinquênio 1996-2000, outra precoce em 2001-2005 e uma tardia no 2006-2010, para as mulheres com educação básica ou menos, a estrutura é muito mais jovem do que a estrutura pertencente ao grupo com ao menos instrução

secundária. Devido à importância relativa das TEF dos grupos jovens na TFT, a idade média na fecundidade para as não imigrantes haitianas com ensino básico o menos também é menor para 1996-2000, 2001-2005 e 2006-2010, sendo, em cada quinquênio 26,833, 25,742 e 27,914, sucessivamente. No entanto, para as imigrantes não haitianas de ao menos ensino secundário, o padrão da fecundidade quase não teve mudança, principalmente nos dois primeiros quinquênios, para os quais a curva é um pouco mais jovem, com a idade modal na faixa 25-29 anos e uma contribuição das TEF das jovens na TFT maior se comparamos com a sua contribuição em 2006-2010, no qual a idade modal da fecundidade passa a estar no grupo de 30-34 anos. Também a idade média da fecundidade do grupo passou de 29,648, em 1996-2000, para 30,694 em 2006-2010(Ver Tabela 11).

Apesar de ter uma curva de fecundidade mais jovem no quinquênio 2001-2005, a fecundidade das adolescentes estrangeiras não haitianas, com educação básica ou menos, experimentaram uma importante queda nos últimos 14 anos ao diminuir sua taxa em 40,435% entre 1996 e 2010.

Entre as imigrantes não haitianas que têm ao menos ensino secundário, o ganho na diminuição foi menor, com 18,141% em todo o período deste estudo. Entretanto, ainda assim, sua taxa é muito menor, para os três quinquênios, do que a TEF das adolescentes com instrução básica ou menos, com uma diferença percentual de 72,639% em 1996-2000, 73,180% em 2001-2005 e 62,398% em 2006-2010, consecutivamente.

Gráfico 23- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana, por nível de instrução, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Mais uma vez, as haitianas residentes no país têm uma estrutura da fecundidade, para todos os períodos, mais tardio do que a estrutura das nativas, para todos os níveis educacionais. Isso porque, além de ter uma idade média da fecundidade maior, a participação relativa das TEF das jovens na TFT é geralmente menor do que as dominicanas. Entretanto, no quinquênio 2006-2010, com exceção das que têm ao menos nível de educação secundário, a diferença se atenua um pouco, devido ao rejuvenescimento da curva das haitianas, que apresenta uma elevação da contribuição relativa das taxas das menores de 30 anos na TFT, o que, por sua vez, leva a uma queda da idade média da fecundidade.

A taxa específica de fecundidade das adolescentes haitianas, por nível educacional, também é menor do que a taxa das dominicanas. Não obstante, a diferença fica menor de um quinquênio para outro, devido ao aumento da TEF para as adolescentes haitianas e, ao mesmo tempo, pela diminuição da TEF das adolescentes dominicanas. Entre as que têm educação básica ou menos, a taxa das adolescentes haitianas é menor em termo percentual em 64,763% em 1996-2000, um 63,324% em 2001-2005 e 46,604% em 2006-2010. Entre as que têm ao menos secundária, a TEF das adolescentes haitianas com esse nível de ensino é inferior do que a TEF das dominicanas em 61,581% para o 1996-2000, 55,352% em 2001-2005 e 3,257% em 2006-2010. Enquanto que, entre as sem instrução, somente para 1996-2000 e 2001-2005 a

taxa específica de fecundidade das adolescentes haitianas é menor, 56,631% e 39,669%, consecutivamente.

Nos resultados por níveis educacionais, previamente apresentados, há várias situações a partir das quais se poderia inferir que o processo migratório deve estar impactando o comportamento reprodutivo das imigrantes não naturais residentes na República Dominicana. Por um lado, o fato de as mulheres haitianas com ao menos nível secundário apresentarem uma taxa de fecundidade total, para o primeiro quinquênio, inferior ao das nativas e ao das residentes no Haiti, permite ponderar que essas mulheres constituem um grupo seletivo, que tem um comportamento reprodutivo diferente. Em decorrência disso, poderia ser concluído que a hipótese da seletividade migratória estaria agindo (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; FELICIANO, 2005). Entretanto, com o aumento da TFT ao longo do tempo, para este grupo, principalmente no último quinquênio, até chegar ao ponto de ser superior à TFT das residentes no Haiti e à das dominicanas, essa hipótese poderia ficar invalidada.

A partir da observação de que a TFT das imigrantes haitianas sem instrução e das que têm educação básica ou menos estão situadas entre a TFT das residentes no Haiti e a TFT das nativas, em todos os quinquênios, pode-se pensar que essas mulheres estão experimentando um processo de adaptação às normas socioculturais da República Dominicana. Também o fato de que as TEF das adolescentes haitianas se tornam similares às TEF das adolescentes dominicanas desses grupos, com o decorrer do tempo, e que sua estrutura etária fique mais jovem, suporta esta hipótese. No entanto, o incremento da TFT nos três níveis educacionais no último quinquênio, causado provavelmente por um processo de migração do tipo familiar ou de uma recuperação depois de uma ruptura do comportamento reprodutivo, devido ao processo migratório, poderia invalidar a hipótese da adaptação.

As imigrantes não haitianas apresentam menores TFT do que as nativas e as procedentes do Haiti, para todos os quinquênios, em cada nível educacional. Entretanto, a diminuição experimentada pelas que têm educação básica ou menos nesse grupo, nos dois primeiros quinquênios, pode ser atribuído, por alguma ruptura do comportamento reprodutivo causada pelo processo migratório. A diminuição apresentada no último quinquênio, mais que ao processo migratório, poderia ser atribuída ao problema de subenumeração de crianças, como se discute anteriormente. Em outra ordem, a estrutura etária mais jovem apresentada por este grupo é mais parecida com a estrutura das nativas do que com a estrutura das mulheres com

ao menos educação secundária. Isso poderia ser um sinal de adaptação ao comportamento reprodutivo das dominicanas. Mas, também poderia ser por efeito de composição, já que a maioria das mulheres imigrantes estrangeiras não haitianas é jovem.

Os argumentos apresentados sobre os possíveis efeitos da migração sobre a fecundidade das imigrantes discriminando pelo nível educacional, por agora, não são tão válidos por várias razões:

1. Porque não se sabe se as mulheres tiveram o filho no país da origem ou no país de destino.
2. Para provar a hipótese de adaptação, assimilação, ruptura e da migração familiar é preciso discriminar principalmente pelas variáveis de exposição à cultura do país de origem e à cultura pertencente ao país de destino, como o tempo de residência e ciclo de chegada.
3. As estimativas do método dos filhos próprios, controlando pelo nível educacional, são válidas para o ano da pesquisa, porque é possível que as mulheres tenham outro nível de educação em anos anteriores, já que a educação é uma variável tempo-dependente. Entretanto, se pressupõe-se que o nível educacional da mulher não mudou nos últimos 14 anos, as taxas de fecundidade obtidas, para todos os quinquênios, poderiam ser representativas. Este pressuposto não é de todo forçado, pois quando uma mulher tem filho, a probabilidade de que sua educação mude é relativamente menor do que a da mulher que tem tido filho.

Finalmente, a partir da comparação realizada entre a fecundidade das adolescentes haitianas e a fecundidade das adolescentes nativas, se infere que, para estas últimas, provavelmente seja maior devido a normas e fatores culturais. Isso porque, para todos os níveis educacionais, a TEF das dominicanas menores de 20 anos é maior.

5.3.5 Fecundidade por estágio do ciclo de vida ao migrar

O momento da vida em que a pessoa migra também é importante para adaptação às normas culturais e socioeconômicas do lugar de destino. Segundo a teoria, espera-se que o processo de inserção seja diferente entre aquelas que chegaram antes e as que chegaram depois do

começo do período reprodutivo. Tendo isso presente, nesta parte se apresenta e analisa a fecundidade das haitianas segundo a etapa da vida em que chegaram. Também se faz o mesmo, brevemente, para as estrangeiras procedentes de outros países.

Na Tabela 12, apresenta-se a taxa total de fecundidade, controlando pelo momento no qual chegaram as haitianas à República Dominicana. Para aquelas que chegaram depois dos 14 anos, a tendência temporal de sua TFT é a mesma que a apresentada anteriormente discriminando por nível educacional e área de residência. Entre o primeiro e o segundo quinquênio, o nível diminui, mas, ao passar do segundo para o terceiro, experimenta um considerável aumento. Entre 1996-2000 e 2001-2005, sua TFT diminuiu 3,154%, no entanto, entre o segundo período e 2006-2010, a TFT aumentou 23,240%.

O nível das haitianas que chegaram antes do começo de seu período reprodutivo, de modo contrário às anteriores, diminuiu em todos os períodos (Ver Tabela 12). Entre o quinquênio 1996-2000 e 2001-2005, sua taxa total de fecundidade declinou 14,229%, enquanto, entre o período 2001-2005 e 2006-2010, a queda experimentada foi de 9,059%.

Nos três quinquênios, a taxa total de fecundidade daquelas que chegaram depois de ter 14 anos de idade é 37,701%, 29,657% e 4,674% inferior em cada período, consecutivamente que a taxa das haitianas que chegaram antes de ter cumprido 15 anos de vida. Com esses resultados infere-se que para as imigrantes haitianas na República Dominicana, o estágio do ciclo de vida em que se encontravam ao migrar faz muita diferença no seu nível de fecundidade. No entanto, de modo contrário ao frequentemente esperado, as que chegaram antes de começar sua vida reprodutiva apresentam um nível de fecundidade muito superior ao nível daquelas que ingressaram depois de tê-lo começado nos três quinquênios.

Tabela 12- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010

Idade	>14 anos			<15 anos			Desonhecido		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,043	0,050	0,102	0,162	0,130	0,144	0,050	0,058	0,107
20-24	0,106	0,103	0,154	0,232	0,208	0,196	0,107	0,102	0,146
25-29	0,138	0,137	0,164	0,235	0,204	0,175	0,142	0,129	0,151
30-34	0,140	0,133	0,143	0,186	0,164	0,131	0,126	0,122	0,138
35-39	0,111	0,107	0,106	0,105	0,120	0,090	0,106	0,092	0,096
40-44	0,070	0,062	0,064	0,079	0,037	0,049	0,048	0,060	0,056
45-49	0,033	0,030	0,031	0,030	0,021	0,018	0,033	0,032	0,034
TFT	3,206	3,105	3,826	5,146	4,414	4,014	3,055	2,973	3,631
IMF	31,486	31,094	29,557	28,456	28,228	27,770	30,807	30,827	29,364

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

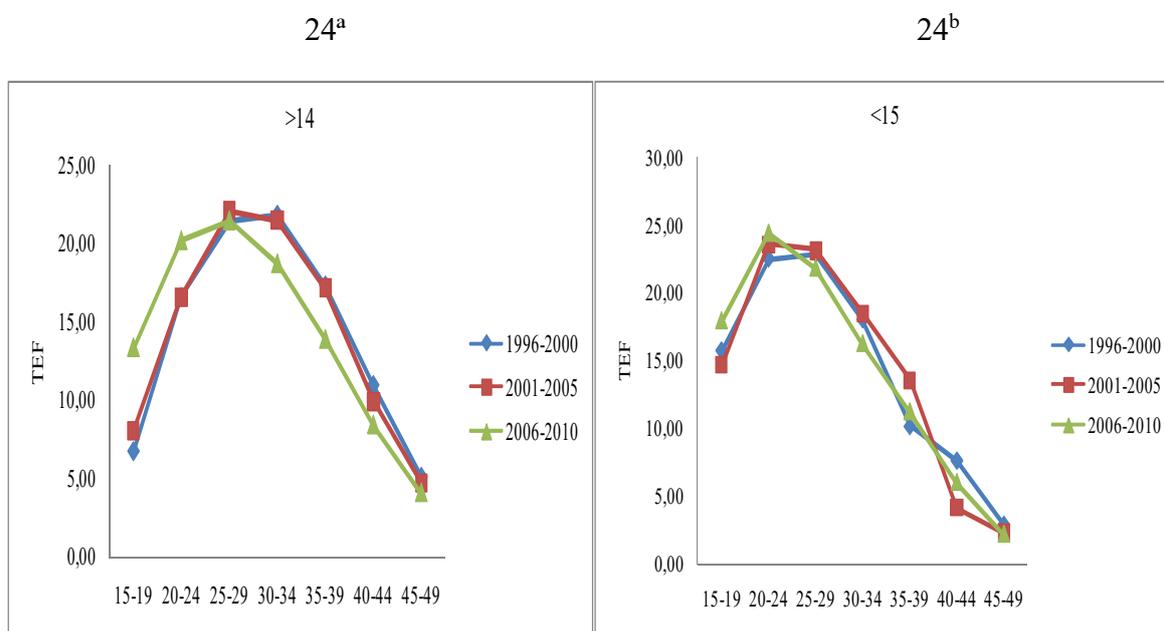
O ciclo de vida em que chegaram as haitianas não incide apenas no nível, mas também no padrão. Entre aquelas que ingressaram antes de seus 15 anos de idade, a estrutura variou notavelmente nos últimos 14 anos. Nos quinquênios 1996-2000 e 2001-2005, caracterizam-se por ter uma curva do tipo tardia, na qual uma parte importante dos nascimentos ocorre entre os grupos 20-24 e 25-29. Também nesses períodos, a contribuição percentual das TEF das mulheres desse grupo com 30 anos ou mais na TFT tem muita preponderância. No entanto, em 2006-2010, a estrutura é muito diferente das estruturas dos dois primeiros quinquênios. Nesse período, as haitianas que chegaram quando ainda não estavam no período reprodutivo apresentam uma estrutura praticamente precoce, com uma idade modal da fecundidade no grupo etário 20-24 (Ver Gráfico 24). A partir da idade média da fecundidade, apresentada na Tabela 12, nota-se a diferença da estrutura da fecundidade do período 2006-2010 em relação à estrutura dos dois quinquênios anteriores. Nesses dois quinquênios, a idade média na qual as mulheres haitianas tinham filhos foi 28,456 e 28,228 anos, consecutivamente. Sem embargo, no último quinquênio, 2006-2010, diminuiu para 27,770 anos de idade.

Para aquelas haitianas que migraram depois dos 14 anos, as estruturas dos dois primeiros períodos também são similares, mas diferem substancialmente da estrutura apresentada em 2006-2010. Para esses dois quinquênios, a estrutura etária da fecundidade é muito envelhecida, pois grande parte da fecundidade está concentrada nas mulheres com 30 anos ou mais e a idade média da fecundidade é de 31,486 anos em 1996-2000, e em 2001-2005 é de

31,094 anos de idade. No terceiro período, 2006-2010, a maior proporção da fecundidade efetua-se antes dos 30 anos e a IMF correspondente é de 29,557 anos.

Passando agora para a comparação entre as mulheres haitianas correspondentes a cada grupo, segundo o ciclo de vida, a partir dos Gráficos 24^a e 24^b nota-se que as que chegaram antes dos 15 anos têm uma estrutura etária da fecundidade substancialmente mais jovem, em todos os períodos, do que a estrutura daquelas que começaram a viver no país em idades maiores. A diferença é ainda mais acentuada em 1996-2000 e 2001-2005, sendo que, no quinquênio 2006-2010, a divergência fica menor devido ao maior rejuvenescimento experimentado pelas que ingressaram depois dos 14 anos, em comparação com o que tiveram as que iniciaram sua moradia antes de iniciar a etapa reprodutiva.

Gráfico 24- Contribuição de cada TFT na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Para as mulheres imigrantes não haitianas de cada grupo, segundo ciclo de vida no qual chegaram, o comportamento temporal de seu nível não difere do apresentado pelas haitianas (Ver Tabela 13). Para as estrangeiras residentes desde antes de 15 anos de idade, o nível entre 1996-2000 e 2001-2005 declinou 10,510%. No entanto, essa queda experimentada é quase compensada com o aumento de 10,00% tido entre os quinquênios 2001-2005 e 2006-2010. Para aquelas estrangeiras que ingressaram no país depois dos 14 anos de idade, a TFT diminuiu entre 1996 e 2010, 21,598%.

Conforme se percebe na Tabela 13, as mulheres imigrantes não haitianas que migraram antes dos 15 anos, para todos os períodos, têm um nível de fecundidade abaixo do nível das que começaram a residir desde os 15 anos ou mais, sendo isso coerente com o frequentemente esperado (JALAL e MCDONALD, 2000; ADSERÀ et al., 2012). A TFT das imigrantes não haitianas que chegaram depois do começo do período reprodutivo é, em comparação das que chegaram antes dos 15 anos de idade, 25,413% superior para 1996-2000, no período seguinte 24,055% maior, e, no período 2006-2010, é maior em apenas 7,701%.

A diferença no nível entre as imigrantes haitianas e as procedentes de outros países, controlando pelo ciclo de vida ao entrar no país, é grande para todos os períodos das estimativas. Entre as que chegaram antes de seus 15 anos, o nível das haitianas, com essa mesma condição, passou de ser 66,547% maior em 1996-2000 a 101,926%, no quinquênio 2006-2010. Enquanto que, entre as que estabeleceram sua residência habitual depois de ter iniciado a sua vida fértil aquelas naturais do Haiti apresentam uma TFT, com relação às imigrantes não haitianas, 99,399% maior no período 1996-2010 e ao menos 95% superior, para os quinquênios 2001-2005 e 2006-2010. Essas divergências mais uma vez refletem as diferenças entre o contexto socioeconômico e demográfico dos haitianos e o daqueles países dos quais são procedentes as outras estrangeiras. Também indicam suas diferenças socioeconômicas dentro da República Dominicana e seu grau de inserção à sociedade dominicana.

Tabela 13- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010

Idade	>14 anos			<15 anos			Desonhecido		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,023	0,016	0,022	0,027	0,029	0,018	0,028	0,024	0,023
20-24	0,068	0,053	0,053	0,053	0,089	0,060	0,075	0,070	0,057
25-29	0,111	0,108	0,098	0,180	0,120	0,097	0,125	0,099	0,088
30-34	0,112	0,099	0,116	0,158	0,135	0,149	0,091	0,098	0,086
35-39	0,054	0,051	0,065	0,090	0,067	0,062	0,036	0,042	0,056
40-44	0,014	0,014	0,020	0,002	0,014	0,021	0,019	0,012	0,017
45-49	0,003	0,003	0,006	0,007	0,000	0,005	0,005	0,003	0,010
TFT	1,925	1,723	1,895	2,581	2,268	2,053	1,893	1,738	1,674
IMF	29,586	29,996	30,580	30,075	29,326	30,643	28,946	29,118	30,258

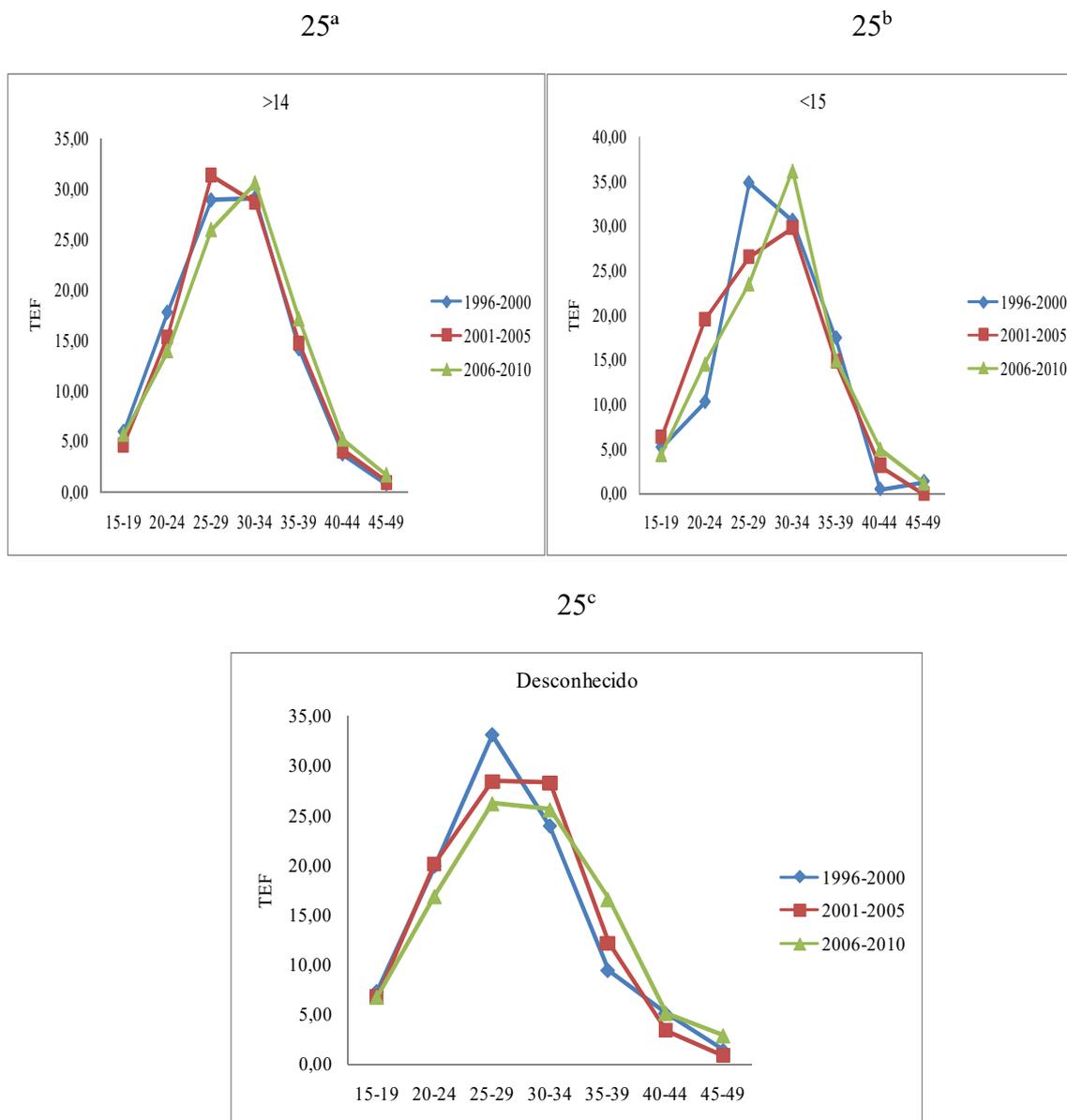
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

A partir do Gráfico 25, percebe-se que o momento do ciclo de vida no qual chegaram não faz muita diferença na estrutura etária das imigrantes não haitianas. Isso porque, tanto as que

chegaram antes de começar seu período reprodutivo, quanto aquelas que começaram a residir depois dos 14 anos, apresentam um padrão da fecundidade envelhecido em todos os quinquênios. Para os dois grupos, a idade média da fecundidade é superior aos 30 anos e a maior parte da fecundidade ocorre nas mulheres que estão entre os 30 e 49 anos. Mas as que chegaram antes dos 15 anos têm uma estrutura mais tardia do que as que ingressaram depois de ter iniciado seu período reprodutivo nos quinquênios 1996-2000 e 2006-2010. Em 2001-2005, as que chegaram a partir dos 15 anos têm uma idade média da fecundidade maior e uma participação relativa da TEF das menores de 30 anos inferior na TFT (Ver Tabela 13 e Gráfico 25).

A pouca diferença no padrão etário da fecundidade entre as que chegaram em idade fértil e as que estabeleceram sua residência habitual antes dos 15 anos é contraditório com o frequentemente esperado. Evidências de alguns autores mostram que as mulheres que chegam mais jovens costumam se adaptar ao padrão reprodutivo do país hóspede, enquanto as mulheres que migram mais velhas tendem a apresentar o comportamento de seu país de origem. O fato de as estrangeiras não haitianas que chegaram antes de seus 15 anos apresentarem uma estrutura ligeiramente mais envelhecida também contradiz tais evidências.

Gráfico 25- Contribuição de cada TEF na TFT (em porcentagem) das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de vida em que chegaram, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

A teoria da adaptação e/ou assimilação afirma que, além do tempo de residência, o lugar onde é tomada a decisão sobre o número ideal de filhos influencia na fecundidade dos migrantes (KAHN, 1988 citado por JALAL e MCDONALD, 2000). Por essa razão, se a decisão da fecundidade é tomada antes de entrar no período reprodutivo, é de esperar que as pessoas que migraram antes dos 15 anos apresentem um comportamento reprodutivo mais parecido ao das nativas do que aquelas que migraram depois dos 15 anos. Isto porque sua condição psicológica e social é mais sensível para a apreensão da cultura da sociedade de destino. No

caso das haitianas ocorre o contrário ao frequentemente esperado pela teoria, pois as mulheres que estabeleceram a residência habitual na República Dominicana antes de começar o período fértil apresentam uma TFT maior do que a TFT das que migraram a partir dos 15 anos (RODRIGUEZ, 2012; JALAL e MCDONALD, 2000). Mas, supondo que os dados são de boa qualidade, as mulheres que migraram antes dos 15 anos apresentam um nível alto porque repetiram o ideal de fecundidade de seus parentes, pois provavelmente migraram com eles. Estes, possivelmente, tinham um ideal de família alto, já que nas circunstâncias em que migraram a fecundidade no Haiti era elevada e, além disso, o grau de socialização com as nativas também era limitado. Por outro lado, possivelmente, as que chegaram a partir dos 15 anos apresentam um nível menor para cada período por constituir um grupo mais seletivo, com maior nível educacional (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1982).

Em relação à estrutura da fecundidade, é evidente que o impacto da migração sobre o projeto reprodutivo, através da apreensão das normas e valores dominicanos, é mais forte entre as que chegaram antes dos 15 anos do que entre aquelas que imigraram com 15 anos ou mais. Assim, seu padrão etário da fecundidade é muito jovem e parecido com o das nativas, para todos os períodos, enquanto que para as que chegaram com ao menos 15 anos, o padrão é envelhecido e similar ao haitiano.

Mais uma vez, as inferências sobre os possíveis impactos da migração sobre a fecundidade, para as mulheres que chegaram depois dos 14 anos, não são tão válidas. Porque não é possível identificar se a fecundidade corresponde ao período pré-migratório ou pós-migratório, o que não ocorre com as que migraram antes dos 15 anos, pois tiveram todos os seus filhos na República Dominicana. Entretanto, na parte seguinte, em que se discute a fecundidade por tempo de residência, as conclusões sobre os possíveis efeitos da migração sobre o comportamento reprodutivo são concretas para todas as mulheres imigrantes, porque pode-se distinguir a fecundidade antes e depois de migrar.

5.3.6 Fecundidade por tempo de residência

Conforme se argumenta na referência bibliográfica e no capítulo da metodologia, as teorias apontam à duração da residência como uma das variáveis essenciais para estudar o efeito do projeto migratório no comportamento reprodutivo das migrantes. Isso porque representa o indicador básico do grau de exposição ao *modus operandi* da sociedade de destino, ou seja, a

seus códigos e normas culturais e econômicas. Por essas razões, nesta parte se apresenta a fecundidade das haitianas e os diferenciais, controlando pelo tempo de permanência na República Dominicana. Também se apresenta, embora de forma menos aprofundada, a fecundidade das imigrantes não haitianas.

As imigrantes haitianas, segundo tempo de residência, apresentam situações diferentes na trajetória temporal de seu nível de fecundidade (ver Tabela 14). Aquelas com menos de um ano de residência apresentam um nível de fecundidade muito baixo e descendente nos dois primeiros quinquênios, que são os pré-migratórios. Entre 1996-2000 e 2001-2005, sua taxa diminuiu 5,691%. Aliás, depois do ato migratório, tiveram uma grande recuperação, ao apresentar, no quinquênio 2006-2011, uma taxa acima de 2.0, para um aumento de 55,500%, se compararmos com o 2001-2005. Para as que têm entre 1 e 4 anos de residência a situação é a mesma, em 1996-2000 e 2001-2005, períodos nos quais ainda estavam morando no Haiti, sua TFT está abaixo do nível de reposição, embora tenha aumentado 7,955% ao passar de um quinquênio a outro. Sem embargo, depois de migrar, a fecundidade desse grupo duplicou-se a partir do período em que começou a morar na República Dominicana, chegando a um nível igual a 3,982.

Para aquelas mulheres com 5-9 anos, a TFT aumentou com o tempo e, no quinquênio 1996-2000, no qual ainda estavam residindo em seu país de origem, é muito menor do que a TFT que apresentam nos dois quinquênios em que estavam morando na República Dominicana (Ver Tabela 14). Entre 1996-2000 e 2001-2005, seu nível apresenta uma recuperação de 50,946%, e, ao passar para último período, foi de 41,453%. Por fim, para aquelas com mais de 10 anos morando no país, embora seja muito alto, o nível declinou em todos os períodos, chegando a uma queda acumulada de 14,577% nos 14 anos do estudo.

A Tabela 14 mostra também que o tempo de residência no país de destino faz muita diferença na fecundidade das imigrantes. Mas, ao contrário do esperado, para as haitianas há uma evidente relação proporcional entre o tempo de residência e a taxa de fecundidade total. De maneira que quanto maior o tempo de residência na República Dominicana, maior tende a ser a TFT das haitianas. Isso significa que as mulheres que têm menor tempo de residência no país são as que têm a menor taxa, enquanto as que têm o maior tempo, por sua vez, mostram o maior nível. A TFT das mulheres com menos de 1 ano é 231,040% inferior à TFT daquelas

com ao menos 10 anos de residência, para 1996-2000, 235,110% menor no 2001-2005, e 93,873% mais baixa para 2006-2010.

Tabela 14- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010

Idade	<1			1-4			5-9			10+		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,023	0,018	0,048	0,026	0,033	0,114	0,041	0,080	0,157	0,118	0,136	0,144
20-24	0,047	0,044	0,075	0,056	0,061	0,156	0,082	0,119	0,190	0,193	0,189	0,188
25-29	0,064	0,056	0,095	0,067	0,075	0,165	0,093	0,137	0,181	0,209	0,204	0,171
30-34	0,067	0,058	0,084	0,076	0,080	0,144	0,087	0,128	0,165	0,185	0,169	0,134
35-39	0,049	0,051	0,063	0,067	0,061	0,105	0,071	0,108	0,127	0,133	0,125	0,099
40-44	0,023	0,029	0,046	0,047	0,047	0,071	0,047	0,072	0,083	0,083	0,062	0,056
45-49	0,018	0,017	0,013	0,018	0,028	0,042	0,021	0,026	0,043	0,038	0,030	0,026
TFT	1,448	1,365	2,123	1,782	1,924	3,982	2,214	3,342	4,727	4,793	4,576	4,095
IMF	31,136	31,766	30,207	31,902	31,766	29,707	30,769	30,383	29,278	29,705	28,942	28,286

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Para as mulheres imigrantes haitianas com menos de um ano de residência, não há grande divergência entre o padrão que exibem antes migrar para a República Dominicana e o que apresentam depois de ter realizado o ato migratório. Entretanto, fica um pouco mais jovem depois de migrar no quinquênio 2006-2010. Isso é evidenciado no fato de que, nos dois primeiros quinquênios (pré-migratório), menos de 45% da fecundidade total ocorre entre as menores de 30 anos, e, por sua vez, a idade modal da curva nos dois quinquênios encontra-se no grupo 30-34 anos. Enquanto, no período no qual chegaram, a contribuição da fecundidade das menores de 30 anos na TFT supera 50% e o grupo com a maior frequência de nascimento é o de 25-29 anos (Ver Gráfico 26^a). Para aquelas com tempo de residência entre 1 e 4 anos, o comportamento do padrão da fecundidade antes e depois do momento da migração é parecido ao daquelas que ainda não tinham completado um ano. Mas o rejuvenescimento da estrutura depois de migrar é muito maior, ao apresentar uma participação das TEF daquelas maiores de 30 anos na TFT muito maior nos períodos pré-migratórios, como se pode apreciar no Gráfico 26^b. Isso também se evidencia no diferencial da sua idade média da fecundidade para cada período. Para 1996-2000 e 2001-2005, a IMF aproxima-se a 32 anos, enquanto no período em que já residiam no país, 2006-2010, é de 29,707 anos (Ver Tabela 14).

Para as imigrantes haitianas que têm entre 5 e 9 anos de residência na RD, no seu primeiro quinquênio pós-migração, a estrutura quase não difere da estrutura que apresentam no período

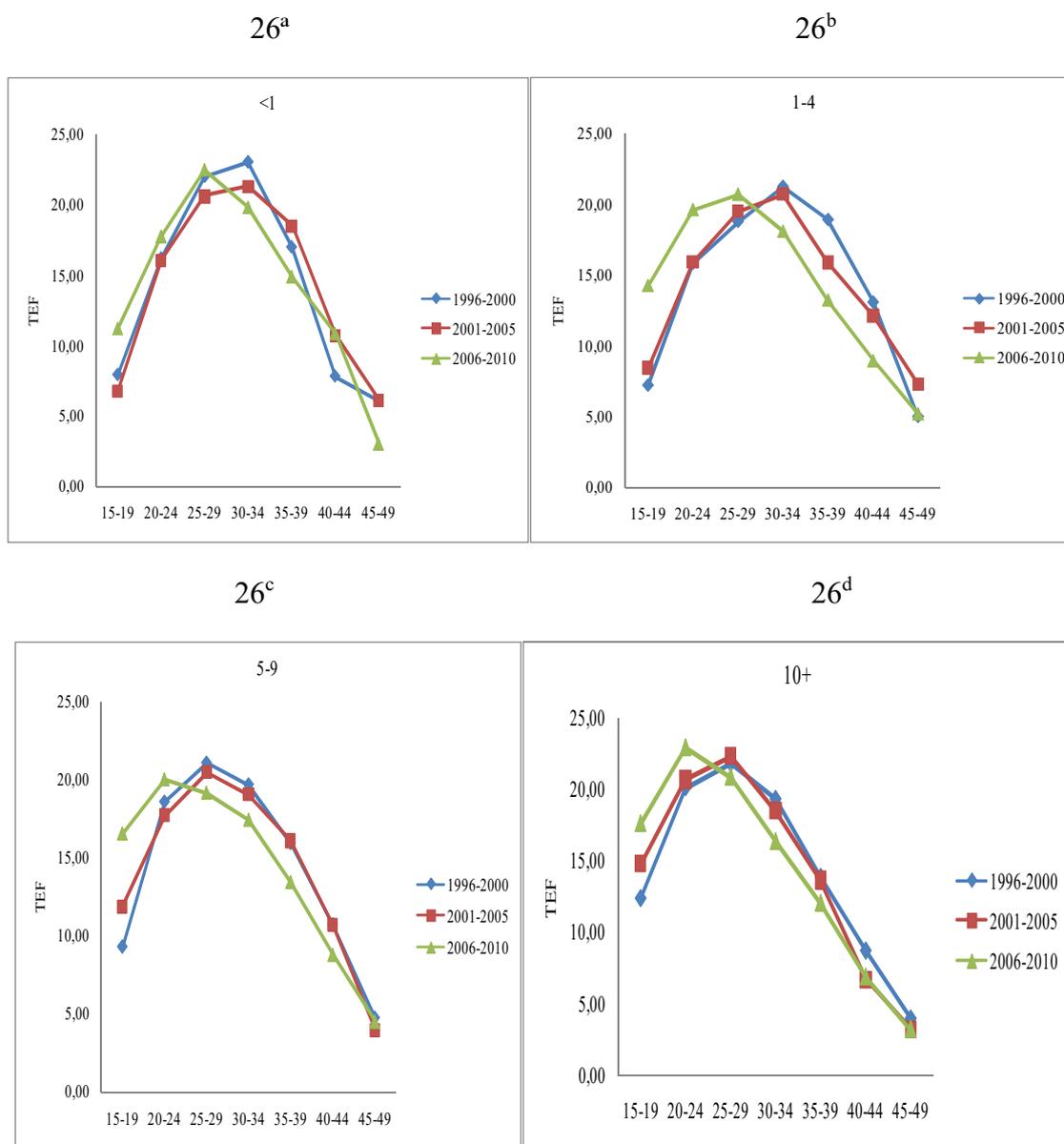
pré-migratório. Em ambos é tardia, com alta importância relativa das TEF das mulheres com ao menos 30 anos na TFT e com uma IMF equivalente a 30,769 anos em 1996-2000 e 30,383 anos em 2001-2005. Sem embargo, no segundo quinquênio morando na República Dominicana, 2006-2010, a estrutura se desloca com relação às anteriores e fica mais rejuvenescida, apresentando uma idade modal da fecundidade no grupo 20-24 e uma idade média de 29,278 anos (Ver Gráfico 26^c e Tabela 14).

Por fim, o Gráfico 26^d apresenta que, para as mulheres com o maior tempo de residência na República Dominicana, a estrutura fica mais jovem ao passar de um quinquênio para outro. Em 1996-2000, quando uma parte das mulheres ainda não havia migrado, é que se observa a estrutura mais envelhecida. Isso porque a importância relativa da TEF das jovens na TFT é a menor entre os três períodos, e, ao mesmo tempo, também a idade média, com 29,705 anos. No entanto, a estrutura mais rejuvenescida da fecundidade se manifesta no 2006-2010, em que o pico da curva está no grupo 20-24 e a idade média da fecundidade é de 28,286 anos (Ver Tabela 14).

Assim como no nível, a amplitude do tempo de residência faz muita diferença na estrutura da fecundidade. Os quatro grupos, de maneira similar, apresentam uma estrutura tardia nos quinquênios pré-migração. Depois de estabelecidas na República Dominicana, sua estrutura experimenta uma marcante tendência ao rejuvenescimento, especialmente no último período. Porém, o grau desse rejuvenescimento depende do tempo de residência no país. Aquelas com maior tempo de moradia são as que apresentam, em 2006-2010, a estrutura mais jovem e, por sua vez, as que têm menos tempo são as que experimentam menor grau de rejuvenescimento.

Com relação à fecundidade das adolescentes, também, o número de anos de residência é importante. Em todos os grupos, as menores de 20 anos apresentam uma TEF menor antes de emigrar, mas quando já estabelecidas na República Dominicana, esta incrementa consideravelmente (Ver Tabela 14).

Gráfico 26- Contribuição da TEF na TFT (em porcentagem) das haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

A Tabela 15 mostra que a fecundidade segundo o tempo de residência para as estrangeiras não haitianas tem o mesmo padrão apresentado pela fecundidade das haitianas antes e depois de migrar para a República Dominicana, com exceção daquelas que têm menos de um ano. Para essas mulheres, entre 1996-2000 e 2001-2005, períodos antes de migrar, a taxa de fecundidade diminui 7,346%. Depois de migrar para a República Dominicana, a taxa diminuiu ainda mais, sendo 10,100% menor a TFT de 2006-2010 do que a TFT do período pré-migratório 2001-2005. Isso não ocorre com as mulheres que têm entre 1-4 anos, para as

quais o nível de fecundidade é muito menor em seu período pré-migratório (2001-2005) do que no período a partir do qual começaram a morar no país (2006-2010).

Para as estrangeiras não haitianas que têm entre 5 e 9 anos, o nível que apresentam antes de migrar é menor do que o nível que têm depois de ter feito a mudança de residência habitual à República Dominicana. No quinquênio antes de se estabelecer no país (1996-2000), a TFT é 1,542, porém, já residindo, aumenta para 1,624 em 2001-2005 e para 2,268 em 2006-2010. Finalmente, para as de 10 anos ou mais de residência, das quais grande parte nos três períodos do estudo residia na República Dominicana, a TFT diminuiu 19,936% entre o 1996 e 2010.

Mais uma vez, assim como para as imigrantes haitianas, a magnitude do nível da fecundidade das outras estrangeiras também poderia depender do tempo de residência. O menor valor da TFT é apresentado por aquelas que têm menos de um ano de residência, seguida pelas mulheres do grupo que tem entre 1 e 4 anos de residência na República Dominicana. Enquanto os maiores valores, correspondem às mulheres com 10 anos ou mais, com exceção do quinquênio 2006-2010, no qual apresentam um valor muito menor do que o valor correspondente às mulheres com 5-9 anos para tal período (Ver Tabela 15).

Tabela 15- Taxas de fecundidade total, taxas de fecundidade específicas e idade média da fecundidade das não naturais não haitianas residentes na República Dominicana, por tempo de residência, 1996-2010

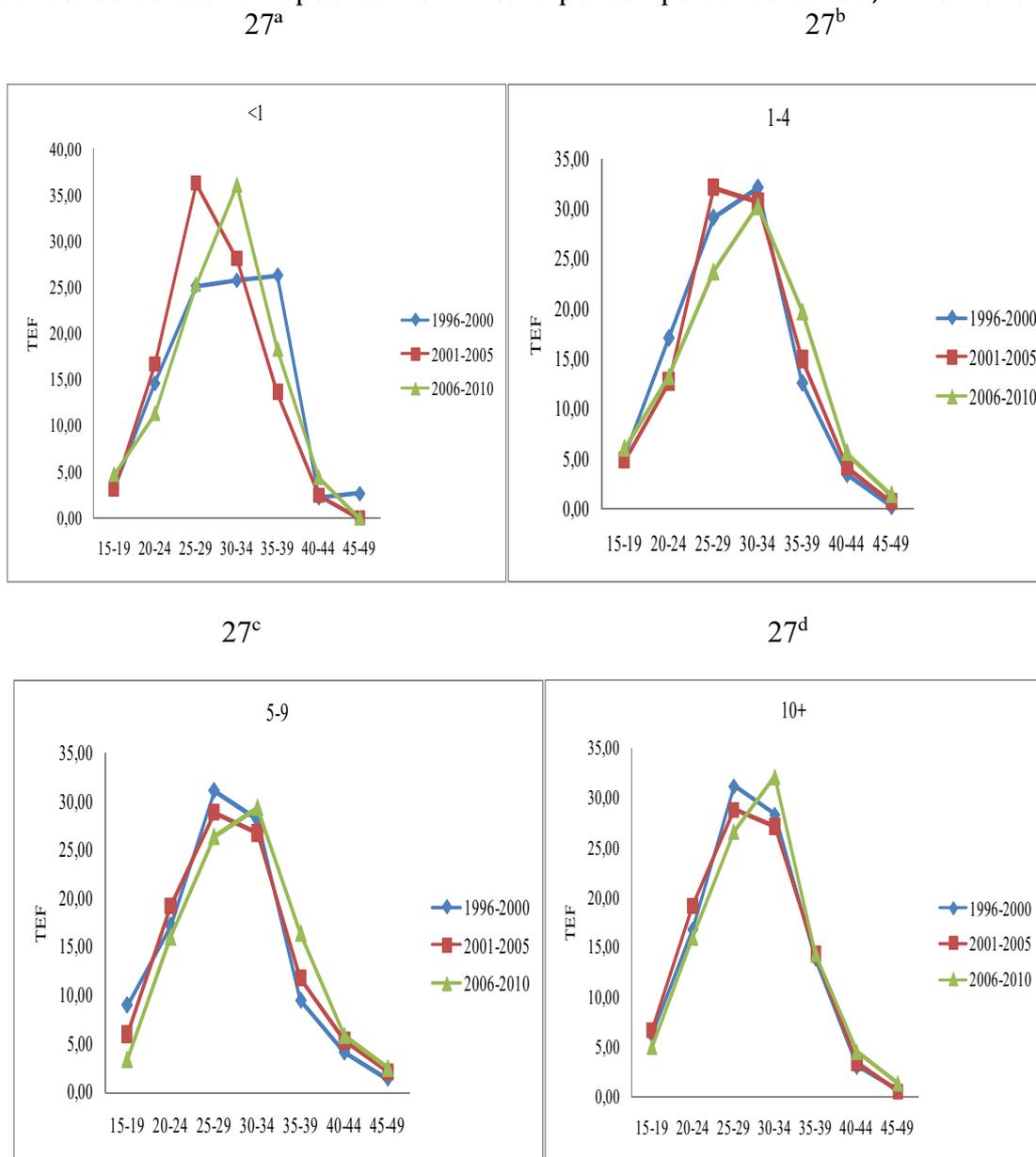
Idade	<1			1-4			5-9			10+		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	0,012	0,010	0,014	0,018	0,014	0,022	0,028	0,020	0,016	0,030	0,031	0,020
20-24	0,053	0,056	0,034	0,059	0,036	0,048	0,053	0,062	0,073	0,082	0,088	0,063
25-29	0,091	0,121	0,076	0,100	0,092	0,087	0,096	0,094	0,120	0,152	0,132	0,104
30-34	0,093	0,094	0,108	0,110	0,088	0,111	0,087	0,087	0,133	0,138	0,125	0,126
35-39	0,095	0,046	0,055	0,043	0,043	0,072	0,029	0,038	0,075	0,068	0,066	0,056
40-44	0,008	0,008	0,013	0,012	0,012	0,020	0,013	0,017	0,027	0,015	0,015	0,018
45-49	0,010	0,000	0,000	0,001	0,002	0,005	0,004	0,007	0,012	0,003	0,003	0,005
TFT	1,804	1,671	1,502	1,712	1,435	1,825	1,542	1,624	2,268	2,441	2,295	1,955
IMF	31,230	29,492	30,750	29,555	30,163	30,838	28,976	29,686	30,858	29,423	29,284	30,191

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Para as estrangeiras não haitianas, diferentemente das imigrantes haitianas, a amplitude da residência na República Dominicana não se traduz num rejuvenescimento da estrutura etária da fecundidade, pois, pelo contrário, fica mais envelhecida, embora para as de alguns grupos, como as que têm menos de um ano, seja muito irregular para cada quinquênio devido ao

número reduzido de casos. O Gráfico 27 mostra que as estruturas etária da fecundidade das estrangeiras não haitianas segundo o tempo de residência são similares às estruturas que apresentam tanto para o total, sem discriminar por nenhuma variável, quanto por área de residência, educação e ciclo de vida em que chegaram. Mas, independentemente do tempo de moradia no país, têm uma estrutura mais jovem no quinquênio pré-migratório do que a estrutura mostrada nos períodos nos quais já residiam no país. Isso também se evidencia no valor correspondente à idade média da fecundidade. Para as mulheres dos quatro grupos, segundo o tempo de residência no país, a IMF aumenta depois de se estabelecerem na República Dominicana (Ver Tabela 15).

Gráfico 27- Taxas específicas de fecundidade (em porcentagem) das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Com base nos resultados apresentados anteriormente sem controlar por nenhuma variável, controlando por nível educacional e por área de residência, se argumentou que com eles não é possível determinar, com segurança, se o projeto migratório tem um impacto no comportamento reprodutivo das migrantes, porque não se sabe se os filhos nasceram antes ou depois de migrar. No entanto, a partir das estimativas com o método dos filhos próprios por tempo de residência, se podem realizar inferências sobre as incidências da migração sobre a fecundidade, levando em conta o arcabouço conceitual. Desse modo, é possível fazer a distinção entre a fecundidade no momento pré-migratório e a correspondente ao lugar de

destino. Nos resultados apresentados e analisados para as haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência, há várias situações que evidenciam que o projeto migratório possivelmente tem impactado seu comportamento reprodutivo. Isso porque a fecundidade que têm no Haiti, tanto em termos de nível quanto em termos de estrutura etária, é muito diferente da fecundidade que apresentam quando estabelecidas na República Dominicana.

O fato de que, para as que têm menos de um ano residindo na República Dominicana, o nível da fecundidade esteja abaixo do nível de reposição nos períodos pré-migratórios, quando ainda estavam no Haiti, e mostre-se superior a dois depois de migrar, é um sinal de que, provavelmente, muitas delas tinham a migração como projeto de vida, motivo pelo qual adiaram o timing da maternidade para depois de migrar. Mas a o baixonível antes de migrar e a alta recuperação depois de chegar à República Dominicana poderiam ser consideradas evidências de migração do tipo familiar.

O menor valor nos quinquênios em que ainda moravam no Haiti e a recuperação apresentada já residindo na República Dominicana, no caso das mulheres com 1-4 anos de permanência, pode-se interpretar que o projeto migratório causou uma ruptura do comportamento reprodutivo dessas migrantes. Pois, segundo essa hipótese, a migração provoca um estresse na fecundidade no momento pré-migratório e no imediato pós-migração (Ng e Nault, 1997; GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1982). Mas o comportamento da TFT nos dois momentos pode ser, mais uma vez, devido à migração do tipo familiar, na qual as mulheres apresentam um nível mais baixo de fecundidade antes de migrarem, devido à separação do esposo, porém, depois que chegam ao país de destino, aumentam sua fecundidade ao se unir a este (Mussino e Strozza, 2012; Andersson, 2004).

A fecundidade ascendente das mulheres do grupo de 5-9 anos de residência, entre o período pré-migratório e os pós-migratórios, poderia ser atribuível ao diferencial entre a condição econômica que tinham no Haiti e na República Dominicana. Essas mulheres migraram no período 2000-2005, quando o Haiti passava por uma severa crise política, a qual teve um impacto negativo nas atividades econômicas (BERTELSMANN STIFTUNG, 2012). Devido a isso, é muito provável que elas adiaram a maternidade esperando que a situação econômica de seu país melhorasse. Mas, como ocorreu o contrário, decidiram migrar para a República

Dominicana e, como provavelmente sua situação econômica melhorou um pouco, retomaram novamente seus projetos reprodutivos.

Levando em conta o nível de fecundidade por tempo de residência, o projeto migratório possivelmente não impacta o comportamento reprodutivo das haitianas através da adaptação das normas e valores da sociedade dominicana. Segundo esta teoria, na medida em que o tempo de exposição à cultura da sociedade de destino aumenta, o valor de seu nível tende a convergir com o nível da sociedade hóspede. Entretanto, no caso das haitianas ocorre de forma diferente, as coortes que têm maior tempo de residência no país são as que apresentam os maiores níveis de fecundidade.

Da situação na qual as mulheres com ao menos de 10 anos residindo no país têm o nível mais alto, poderia se considerar que outra hipótese poderia estar agindo. É provável que grande parte delas seja filha de imigrantes correspondentes ao velho padrão de migração, no qual a socialização das haitianas com os nativos era menor. A partir disso, se poderia inferir que as migrantes com ao menos de 10 anos provavelmente assumiram o comportamento reprodutivo de seu grupo, assim, a denominada hipótese “*minority status*” é a mais coerente para explicar tal situação (GOLDSCHIEDER e UHLENBERG, 1969). Além disso, se levarmos em consideração que, devido à proximidade dos dois países, as migrantes se mantêm em frequente contato com seus parentes a alta fecundidade poderia também ser atribuída à não desvinculação das normas e valores que definem o comportamento reprodutivo do Haiti.

A tendência temporal do nível das estrangeiras não haitianas, controlando pelo tempo de residência, é similar ao das haitianas, em todas as coortes, com exceção da coorte mais velha. Todos os grupos experimentaram uma ruptura do comportamento reprodutivo como consequência da migração, já que cada um tem, tanto no período pré-migração quanto no seguinte depois de ter migrado, uma ligeira queda na TFT. No caso específico das que têm entre 5 e 9 anos, o aumento que apresentam no último quinquênio poderia ser sinal de um começo da adaptação ao comportamento reprodutivo das dominicanas, pois a maior parte dessas migrantes, conforme tem se reiterado, é procedente de países com níveis de fecundidade abaixo do nível de reposição. Elementos de adaptação ao comportamento reprodutivo das nativas também são apresentados pelas mulheres que têm ao menos 10 anos de residência no país. As mulheres deste grupo, apresentam valores muito próximos aos das nativas para os três períodos. Entretanto, isso não ocorre se considerarmos a estrutura, já que,

independentemente do tempo, a estrutura das estrangeiras não haitianas é envelhecida, não tendendo ao padrão precoce dominicano.

Os resultados apresentados sugerem que as conclusões sobre a incidência da migração sobre a fecundidade, tendo presente as propostas conceituais, dependem muito dos indicadores e da metodologia utilizado no estudo (Ng e Nault, 1997; PARRADO,2012). Também dependem da procedência da população de imigrantes, pois, conforme se argumenta anteriormente para as haitianas, a partir do nível não foram encontrados sinais de adaptação ao comportamento reprodutivo das nativas, mas utilizando a estrutura etária sim. No caso das estrangeiras não, a situação é inversa, a partir do nível concluiu-se que quanto maior o tempo de residência mais convergente sua TFT com a TFT das nativas, enquanto levando em consideração a estrutura não há indício de adaptação.

Na parte seguinte fica mais evidente que as conclusões sobre a incidência da migração sobre a fecundidade dependem do tipo de dados e da metodologia utilizada.

5.4 A fecundidade recente: nascimento de filho vivo no último ano

A segunda parte dos resultados deste trabalho corresponde à apresentação dos modelos logísticos binários sobre os diferenciais dos riscos de ter um filho no último ano, compreendido entre dezembro de 2009 e a data de começo da enumeração do Censo 2010, 30 de novembro de 2010. Esta parte está dividida em três subitens: 1) incidência do país da origem na chance de ter um filho na data especificada; 2) impacto do período de chegada ou amplitude do tempo de residência na República Dominicana, e, por fim, 3) o efeito do ciclo de chegada. Antes da análise dos resultados dos modelos, nas linhas seguintes consta uma descrição de cada população segundo algumas características sociodemográficas, que, por sua vez, constituem as variáveis de controle utilizadas para isolar o efeito de composição nos resultados.

A base de dados do Censo 2010 tem 2.519.141 mulheres entre os 15 e 49 anos de idade. Desse total, 2.408.207(95,600%) corresponde à população nativa, 93.491(3,700%) à natural do Haiti e 17.443(0,690%) à estrangeira procedente de outros países. Na Tabela 16 apresenta-se a alocação das três populações, segundo a origem e características sociodemográficas. A partir dessas informações, percebe-se que as três populações são divergentes. Em termos de

estrutura etária, a natural do Haiti está muito mais concentrada entre os 20 e 35 anos do que as outras populações. As mulheres haitianas em tais grupos representam 65,872%, aproximadamente, enquanto as dominicanas e outras estrangeiras representam 45,737% e 45,434 %, aproximadamente, para cada uma respectivamente. Quanto ao atributo educacional, a população estrangeira não haitiana é a que tem maior grau de escolaridade, 93,734% têm ao menos ensino secundário, no caso da nativa esta proporção é de 66,761%. A população haitiana é a menos escolarizada, com apenas 25,773% em tal nível. A Tabela 16 também apresenta que a maior proporção de mulheres no período reprodutivo unidas é apresentada pela população natural do Haiti, com 72,651%, entanto que, entre a nativa e as demais estrangeira a proporção é de 53,389% e 47,933%, respectivamente. Por outro lado, estas duas últimas são as que têm a maior proporção de mulheres solteiras, com 26,190% e 43,158%, respectivamente. A proporção de mulheres solteiras representa 16,097% de seu total.

Tabela 16- População feminina no período reprodutivo residente na República Dominicana, segundo nacionalidade da origem e características sócio-demográficas, 2010
(Distribuição relativa em porcentagem)

Caraterísticas socio-demográficas	Dominicana	Haitiana	Outra estrangeira
Idade			
15-19	19,777	12,350	23,184
20-24	17,005	24,830	17,233
25-29	14,738	25,030	15,376
30-34	13,994	16,011	12,825
35-39	12,750	10,197	11,827
40-44	11,621	7,035	10,961
45-49	10,116	4,547	8,594
Nível educativo			
Sem instrução	4,169	36,114	1,479
Menos de Básica	29,070	38,114	4,787
Ao menos secundária	66,761	25,773	93,734
Estado conjugal			
Separada	17,080	9,930	5,074
Divorciada	1,969	0,294	3,279
Viuda	1,372	1,028	0,556
Unida	53,389	72,651	47,933
Solteira	26,190	16,097	43,158

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

5.4.1 A incidência do lugar de origem

Iniciando com o impacto que poderia ter a nacionalidade de origem no risco relativo de ter um filho no último ano, na Tabela 17 são apresentados os três modelos correspondentes, tendo como população de comparação a nativa na República Dominicana. O primeiro modelo não está ajustado por nenhum atributo sociodemográfico, enquanto que o segundo tem como variável de controle a idade, e, o terceiro, a idade, o estado conjugal e o nível de educação.

No modelo sem variável de controles identifica-se claramente que o maior risco relativo de ter um filho nos últimos 12 meses é o das mulheres originárias do Haiti. Em comparação com as dominicanas, a chance de ter um nascimento recente é 180% maior. Entretanto, para as mulheres de outros países, diferentemente das haitianas, o risco relativo de ter um filho é menor do que o das nativas, em 33,700%.

Os riscos do modelo não ajustado provavelmente têm vieses por efeito composição. As haitianas apresentam, neste modelo, maior chance porque em sua população em idade reprodutiva os grupos nos quais a frequência de nascimentos é maior têm uma maior preponderância no total do que nas outras duas populações, o mesmo ocorre com as dominicanas em relação às estrangeiras de outras nacionalidades. No entanto, quando ajustado pela idade, as diferenças diminuem, mas continuam altas, já que a porcentagem de diminuição não é considerável.

No terceiro modelo, ajustado pelo estado conjugal, pela educação e pela idade, as diferenças são muito menores do que nos outros dois modelos. A possibilidade de ter um nascimento recente, nesse modelo, para as haitianas, é 51,100% maior do que para as dominicanas, as quais, por sua vez, têm um risco relativo maior do que as demais estrangeiras. Mas, o risco é muito menor, conforme falamos, do que nos dois primeiros modelos, porque neste o risco relativo das demais estrangeiras com relação às *dominicanas* é 14.100%.

Dos resultados analisados, conclui-se que as diferenças no risco entre os três grupos poderiam ser produto das heterogeneidades sociodemográficas entre eles (ROIG e CASTRO, 2007). As haitianas têm um risco mais alto do que as dominicanas porque têm uma população mais concentrada entre os 20 e 35 anos, com menor nível de instrução e com uma maior prevalência de mulheres unidas. No caso das demais estrangeiras, estas apresentam um menor

risco relativo do que as dominicanas porque a proporção de mulheres no grupo 20-34 é menor, são mais educadas e têm menor proporção de mulheres unidas. Também por suas divergências econômicas, já que, entre as haitianas a prevalência da pobreza é maior do que entre as dominicanas e, entre estas, a prevalência é maior do que entre as demais estrangeiras.

Tabela 17- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem (Odd-ratios)

País de nascimento	Nascimento no último ano		
	No ajustado	Ajustado ^a	Ajustado ^b
(República Dominicana)	(1,000)	(1,000)	(1,000)
Haitiana	2,180 [†]	2,115 [†]	1,511 [†]
Demais estrangeiras	0,663 [†]	0,623 [†]	0,859 [†]

† p<0,000

a. Ajustado pela idade

b. Ajustado pelo estado conjugal, nível educacional e idade

5.4.2 O impacto do período de chegada ou amplitude do tempo de residência

Não há discussão, entre os principais autores, sobre a importância do tempo de permanência do imigrante na sociedade hospede no estudo de seu comportamento reprodutivo, conforme se aborda na revisão bibliográfica, porque através dele pode-se identificar o momento no qual o processo migratório causa um estresse na fecundidade (hipótese da ruptura). Também pode-se analisar o nível de adaptação e/ou assimilação dos imigrantes às normas culturais do país de destino, já que os dois processos são diretamente proporcionais ao tempo.

Para estudar a incidência que poderia ter o tempo de residência na fecundidade recente, na Tabela 18 são apresentados os três modelos (sem ajuste e ajustados), que comparam o risco relativo de ter um filho, desde dezembro de 2009 e novembro de 2010, por país de origem, segundo tempo de permanência na República Dominicana. O tempo de residência no país é captado a partir da variável coorte ou período de chegada. A categoria de comparação é representada pelas mulheres que estabeleceram a residência habitual antes de 1990.

Para as imigrantes haitianas, ao parecer, o tempo de permanência influi no risco relativo de ter um nascimento no último ano anterior ao censo de população 2010. No modelo sem ajuste, quanto mais jovem a coorte de chegada maior o risco relativo de ter um filho. As haitianas das coortes de chegada de 2000-2005 e de 2005-2010 têm uma chance 170,400% e 220,210%

maior do que aquelas pertencentes à coorte que estabeleceu sua residência habitual antes de 1990. Para as demais estrangeiras, não existe um padrão muito claro, aquelas pertencentes à coorte que ingressou ao país entre 1990-1999 têm um risco relativo de ter um filho no último ano anterior ao Censo de População 2010 muito menor do que aquelas da coorte que imigrou antes de 1990. Para a coorte 2000-2005 a chance é 18,900% menor, em tanto que para as da coorte 2005-2010 é 6,000% maior.

No modelo que controla pela idade, apresenta o mesmo padrão que apresenta o modelo sem ajustar. No entanto, para as duas populações, os resultados são mais diferentes em termos de magnitude, pois a diferença em ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 entre as coortes diminui. A partir disso, intui-se que, no modelo sem ajustar, as mulheres das coortes mais jovens apresentam um risco muito mais alto do que as mais velhas, especialmente entre as haitianas, por terem uma estrutura etária mais jovem. Com o ajuste da idade, o risco de ter um nascimento recente das haitianas que chegaram no quinquênio 2005-2010 é 86,000% maior do que as mulheres haitianas que ingressaram ao país antes de 1990. Se ressalta que na medida em que se passa para outra coorte mais velha a diferença no risco, com relação à categoria de comparação, diminui.

Com relação às demais estrangeiras, no modelo ajustado, todas as coortes apresentam um risco relativo menor do que aquelas de mulheres do mesmo grupo que chegaram antes do ano 1990; mas a diferença decresce na medida em que se passa para uma coorte mais jovem. As mulheres que imigraram na década de 1990 têm uma chance de ter um filho 48,600% menor do que as mulheres da coorte mais velha. Enquanto, naquelas do período 2005-2010, o risco é 2,200% inferior.

No modelo ajustado pela idade, educação e estado conjugal, os riscos relativos de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 não diferem notavelmente dos do segundo modelo para as duas populações de imigrantes. A maior variação se apresentou entre as mulheres da coorte 2005-2010 do grupo das demais estrangeiras, as quais passaram de uma chance relativa 2,200% menor do que aquelas que chegaram antes de 1990, no modelo ajustado pela idade, a outra 25,800% menor, no modelo ajustado pelas três variáveis. A pouca mudança do segundo para o terceiro modelo reflete a homogeneidade existente entre as coortes de imigrantes, tanto para as haitianas quanto para as estrangeiras.

Tabela 18- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem segundo coorte de chegada à República Dominicana (Odd-ratios)

Período de chegada	Nascimento no ano anterior	
	Haitiana	Demais estrangeiras
Sem ajustar		
Ante 1990	(1,000)	(1,000)
1990-1999	2,087 [†]	0,598 [†]
2000-2005	2,740 [†]	0,811
2005-2010	3,221 [†]	1,060
Não declarado	2,533 [†]	0,810 ^{***}
Ajustado ^a		
Ante 1990	(1,000)	(1,000)
1990-1999	1,530 [†]	0,514 [†]
2000-2005	1,776 [†]	0,750 ^{**}
2005-2010	1,860 [†]	0,978
Não declarado	1,593 [†]	0,728 [*]
Ajustado ^b		
Ante 1990	(1,000)	(1,000)
1990-1999	1,452 [†]	0,610 [†]
2000-2005	1,629 [†]	0,711 [*]
2005-2010	1,849 [†]	0,724 [*]
Não declarado	1,606 [†]	0,632 [†]

† p<0,000; *p<0,01; **p<0,05; ***p<0,10

a. Ajustado pela idade

b. Ajustado pelo estado conjugal, nível educacional e idade

Quando combinados a nacionalidade de origem e o período de chegada, os resultados são consistentes com os modelos anteriores, que levam em conta somente a coorte de chegada por país de nascimento. Começando com as haitianas, no modelo sem ajustar, a chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010, com relação às dominicanas, aumenta ao passar de uma coorte para outra de maneira ascendente. Por exemplo, o risco relativo de ter um filho no ano anterior ao censo é 20% menor para as que chegaram antes de 1990 do que as mulheres dominicanas. Na coorte 2005-2010, o risco relativo das haitianas terem um filho é 157,900% maior (Ver Tabela 19).

A respeito das demais estrangeiras, no modelo sem ajustar, o risco de ter um filho entre dezembro de 2009 e dezembro de 2010 diminui ao passar da coorte de mulheres que

chegaram antes de 1990 para a daquelas que chegaram entre 1990-2000, mas depois cresce a partir das coortes de mulheres desses grupos que chegaram a partir de 2000. Enquanto isso, o risco de ter um filho no período de referência para as mulheres da primeira e segunda coorte é 22,500% e 53,700% menor do que para as nativas, respectivamente. Entretanto, para aquelas da coorte 2005-2010, a chance de ter nascimento recente é 17,800% menor.

Nos modelos ajustados, o padrão é o mesmo do modelo sem ajustar, somente diferindo em termos de magnitude. De maneira que, quanto mais antiga a coorte, mais as chances das mulheres terem filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 se aproximam às chances das dominicanas. Somente para as que chegaram antes de 1990 (no modelo ajustado pela idade) e para as que estabeleceram sua residência entre 2005 e 2010, das demais estrangeiras, o risco relativo não é estatisticamente significativo.

Tabela 19- Modelo de regressão logístico para a chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010, segundo país de origem e coorte de chegada (Odd-ratios)

País de nascimento-período de chegada	Nascimento no último ano		
	Sem ajustar	Ajustado ^a	Ajustado ^b
(República Dominicana)	(1,000)	(1,000)	(1,000)
Haiti(<1990)	0,800 [†]	1,502 [†]	1,465 [†]
Haiti(1990-2000)	1,671 [†]	2,000 [†]	1,525 [†]
Haiti(2000-2005)	2,194 [†]	2,218 [†]	1,513 [†]
Haiti(2005-2010)	2,579 [†]	2,216 [†]	1,542 [†]
Haiti(Não declarado)	2,028 [†]	1,957 [†]	1,446 [†]
Demais estrangeiras(<1990)	0,775 [*]	1,072	1,383 [§]
Demais estrangeiras(1990-2000)	0,463 [†]	0,353 [†]	0,650 [†]
Demais estrangeiras(2000-2005)	0,628 [†]	0,621 [†]	0,890
Demais estrangeiras(2005-2010)	0,822 [†]	0,828 [§]	0,918
Demais estrangeiras(Não declarado)	0,628 [†]	0,563 [†]	0,767 [§]

† p<0,000; § p<0,001; *p<0,01

a. Ajustado pela idade

b. Ajustado pelo estado conjugal, nível educacional e idade

Os resultados dos modelos, segundo a coorte de chegada, e os que combinam a coorte de chegada com o país da origem, mostram que as imigrantes haitianas e as de outros países poderiam estar experimentando um processo de adaptação às normas culturais da sociedade dominicana. Já que, no caso das haitianas, à medida que o tempo de permanência é

maior, o risco relativo de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 aproxima-se mais ao risco das nativas. No caso das demais estrangeiras, as que chegaram antes de 1990 apresentam uma chance maior do que as dominicanas, o que também poderia apoiar a hipótese da adaptação. Mas o fato de as mulheres da coorte 2005-2010, no modelo ajustado apenas pela idade, terem um risco relativo mais alto do que as coortes mais velhas, com exceção das que ingressaram antes de 1990, é um sinal de que a migração é de reunificação familiar. Entretanto, para testar essas hipóteses seriam necessários dados mais completos, como os de história de vida.

5.4.3 A influência do ciclo de chegada

O ciclo de vida no qual chegaram as mulheres é outra variável importante para analisar em que medida o processo migratório impacta o seu comportamento reprodutivo, conforme se argumenta no referencial teórico. Isso porque aquelas que migram antes dos 15 anos são mais sensíveis a se adaptar e assimilar as normas culturais do país destino. Na Tabela 20 se apresentam os modelos segundo o ciclo de vida de chegada à República Dominicana, por país de nascimento. No modelo sem ajustar, as mulheres haitianas que ingressaram antes dos 15 anos têm um risco relativo de ter filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010, 0,6% maior do que aquelas que chegaram depois de seus 14 anos, mas não é estatisticamente significativo. No caso das demais estrangeiras, o risco das que chegaram antes dos 15 anos é 23,700% menor.

Quando controlamos pela idade, no segundo modelo, e pela educação, pelo estado conjugal e pela idade, no terceiro, o risco de ter um filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 das que estabeleceram sua residência na República Dominicana antes dos 15 anos é menor do que o risco daquelas que chegaram depois dos 14 anos. Entretanto, para as demais estrangeiras, o risco não é estatisticamente significativo no terceiro modelo, em nenhum dos dois grupos. Nesse modelo, o risco das haitianas que ingressaram antes de começar sua vida reprodutiva é 19,000% menor, enquanto, para as demais estrangeiras, é 3,500% maior

Tabela 20- Modelo de regressão logístico da chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010 por país da origem segundo ciclo de chegada à República Dominicana (Odd ratio)

Ciclo de chegada	Nascimento no ano anterior	
	Haitiana	Demais estrangeiras
Sem ajustar		
Depois dos 14 anos	(1,000)	(1,000)
Ante dos 15 anos	1,006	0,763 [§]
Desconhecido	0,911 [†]	0,842 ^{**}
Ajustado ^a		
Depois dos 14 anos	(1,000)	(1,000)
Ante dos 15 anos	0,778 [†]	0,614 [†]
Desconhecido	0,867 [†]	0,750 [§]
Ajustado ^b		
Depois dos 14 anos	(1,000)	(1,000)
Ante dos 15 anos	0,810 [†]	1,035
Desconhecido	0,911 [†]	0,887

† p<0,000; § p<0,001; **p<0,05

a. Ajustado pela idade

b. Ajustado pelo estado conjugal, nível educacional e idade

Ainda combinando o ciclo de vida no qual migraram as mulheres com o país de origem, os resultados são coerentes com os anteriores, conforme apresentamos na Tabela 21. No modelo sem ajustar, para as haitianas que chegaram antes dos 15 anos, o risco de ter um filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 é 123,700% maior do que o risco das nativas, enquanto, para aquelas que chegaram depois ter iniciado o período reprodutivo, o risco é 122,400% superior. Para as demais estrangeiras, a chance é muito menor para as que chegaram antes dos 15 anos do que a chance daquelas que ingressaram depois dos 14 anos, em relação às dominicanas.

Quando passamos ao modelo ajustado pelas três variáveis, o risco de ter um filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 é 13,300% e 44,300% maior para à que chegaram antes dos 15 e depois dos 14 anos, consecutivamente, em relação as dominicanas. Nesse modelo ajustado por essas três variáveis, a chance de ter um filho com relação às dominicanas é menor do que os apresentados no modelo sem ajustar e o modelo ajustado só pela idade. No referente às demais estrangeiras, não se encontrou evidência estatisticamente

significativa para as que chegaram depois dos 14 anos, mas para aquelas que ingressaram antes dos 15 anos, o risco é 26,300% menor do que o risco das nativas dominicanas.

Tabela 21- Modelo de regressão logístico para a chance de ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro 2010, segundo país de origem e ciclo de chegada (Odd-ratios)

País de nascimento-período de chegada	Nascimento no último ano		
	Sem ajustar	Ajustado ^a	Ajustado ^b
(República Dominicana)	(1,000)	(1,000)	(1,000)
Haiti(Depois dos 14 anos)	2,224 [†]	2,285 [†]	1,626 [†]
Haiti(Ante dos 14 anos)	2,237 [†]	1,678 [†]	1,133 [†]
Haiti(Desconhecido)	2,028 [†]	1,958 [†]	1,443 [†]
Demais estrangeiras(Depois dos 14 anos)	0,745 [†]	0,953	0,992
Demais estrangeiras(Ante dos 14 anos)	0,569 [†]	0,392 [†]	0,737 [†]
Demais estrangeiras(Desconhecido)	0,628 [†]	0,563 [†]	0,767 [§]

† p<0,000; § p<0,001

a. Ajustado pela idade

b. Ajustado pelo estado conjugal, nível educacional e idade

Mais uma vez, os resultados obtidos considerando o ciclo de chegada apoiam as hipóteses da adaptação e assimilação, embora esta última ocorra a partir da segunda geração de imigrantes (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 1983; WILSON e RUDSTEN, 2014). No entanto, o processo é mais evidente entre as haitianas do que entre as demais estrangeiras. Pois, tanto nos modelos que levam em conta só o ciclo de chegada quanto naqueles que combinam a variável ciclo de chegada com país de origem, o risco relativo de ter um filho nascido vivo entre dezembro de 2009 e novembro de 2010 para as mulheres que chegaram antes é menor e se aproxima mais ao risco das dominicanas. No caso das demais estrangeiras, a chance é muito menor para as mulheres que estabeleceram sua residência habitual antes de começar seu período reprodutivo do que a chance daquelas que imigraram ao país depois dos 14 anos. Em algumas ocasiões, a decisão sobre a fecundidade é tomada desde antes dos 15 anos, sendo assim é muito provável que essas mulheres que chegaram ao país antes dos 15 años de idade tenham tomado essa decisão no país de origem (JALAL e MCDONALD, 2000).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Determinar as possíveis incidências dos projetos migratórios no comportamento reprodutivo da população residente de uma área específica, conforme nos propusemos neste estudo, não é um trabalho fácil. Pelo contrário, é uma tarefa que está definida entre a escolha do arcabouço pertinente, da utilização dos dados e metodologias adequadas, do contexto econômico e demográfico, do tipo de migração, etc. Levando em conta esses fatores de maneira relacionada, é possível isolar as mudanças no contexto da transição demográfica, os efeitos do tipo de migração, e os efeitos puros do projeto migratório.

De maneira geral, nossos resultados mostram que o nível de fecundidade das nativas dominicanas, durante os 14 anos abrangidos neste trabalho, continuou sua tendência decrescente, observada desde 1965. Embora esse declínio seja próprio do estágio da transição da fecundidade em que se encontra o país, não pode se descartar que a migração tenha algum grau de incidência, através do adiamento da fecundidade, sendo este adiamento resultado de um possível projeto migratório. Estes potenciais efeitos, embora de pequena magnitude, não podem ser ignorados, pois a transição da fecundidade do país tem sido coincidente com o auge da migração internacional.

Durante as três primeiras décadas da transição, ocorreu uma forte migração para os Estados Unidos. Embora esta tenha sido predominantemente masculina, provavelmente que tenha influenciado a intensidade da queda da TFT, já que muitas mulheres tiveram que se separar de seus esposos.

No período de nosso estudo, 1996-2010, o país apresentou a maior proporção de mulheres que emigraram para os países da Europa. Além disso, houve uma alta migração de retorno, como resultado da crise econômica das nações desenvolvidas. Esses dois fatos poderiam ter tido impacto ainda maior no comportamento reprodutivo, principalmente no último quinquênio, o qual apresenta a maior intensidade de queda, entre os três períodos deste estudo. Mas, se levamos em consideração a trajetória do padrão etário da fecundidade das nativas, o impacto da migração para e dos países desenvolvidos poderia ser descartado, pois durante os três quinquênios foi praticamente a mesma, do tipo precoce. Isto corrobora a ideia de que a tendência da fecundidade é própria da etapa da transição demográfica na que estava o país nesse momento. Devido a que um possível impacto da migração poderia se traduzir em uma

estrutura da fecundidade um pouco mais envelhecida. Isso não significa que, para o total país, deve-se descartar completamente o impacto da migração na estrutura etária, pois é possível que as migrantes haitianas contribuam com o aumento da precocidade da curva, especialmente no quinquênio 2006-2010. Apesar de representar apenas 5% das mulheres em idade reprodutiva no país, a alta TEF das jovens haitianas, em comparação com as nativas, nesse período, poderia impactar, embora minimamente, no aumento da precocidade da estrutura de fecundidade da República Dominicana.

Na fecundidade das nativas apresentadas por área de residência, é destacável a redução no diferencial entre os níveis da parte urbana e rural. Apesar da área urbana ter iniciado primeiro a transição, a diferença entre a sua TFT e a correspondente à rural é pequena nos últimos anos. Isto porque a intensidade da queda da fecundidade na área rural foi maior do que a registrada na área urbana entre 1996 e 2010. Não coincidentemente, esta queda tem ocorrido paralelamente à migração interna de retorno, devido à perda de atração das cidades. Isso significa que a convergência da fecundidade da área rural com a pertencente à área urbana pode ser produto, em um grau importante, da mobilidade de sua população, especialmente através da difusão das normas próprias do comportamento reprodutivo da área urbana.

Quando controlamos pela educação, o mais destacável entre as nativas é a convergência da TFT de todos os grupos educacionais. Enquanto ao padrão da fecundidade, as nativas não experimentaram uma mudança considerável na estrutura para cada nível. Tanto entre as sem instrução quanto entre as mulheres com ensino básico ou menos; para 1996-2000, 2001-2005 e 2006-2010, a curva é precoce. Enquanto, para o grupo de mulheres com ao menos ensino secundário, o padrão caracteriza-se por ser mais tardio.

Considerando a seletividade do processo de migração por nível educacional, há um grupo da população de nativas no qual o projeto migratório, provavelmente, tem tido maior incidência, sendo este grupo o correspondente às mulheres nativas com ao menos ensino secundário, pois são as mais propensas a migrar. Seu menor nível em relação aos outros grupos e sua estrutura da fecundidade tardia, como resultado do adiamento poderiam certificar isto. Mas, o fato que as mulheres adiam o timing da maternidade para levar a cabo os mesmos projetos educacionais pode induzir à não consideração deste possível impacto, embora sua existência seja real. Para comprová-lo, seria necessário distinguir entre as nativas que migraram ou que, pelo menos, tenham tido a intenção de migrar. Como as fontes de dados utilizadas neste

trabalho não têm essa informação, não podemos ter segurança sobre até que ponto o projeto migratório tem afetado a fecundidade das nativas entre 1996 e 2010. Mas, para as mulheres não nativas, é possível isolar melhor este possível impacto, devido a sua condição de migrantes internacionais.

A imigração haitiana para o país efetua-se num contexto excepcional. Em primeiro lugar, os dois países ainda não completaram a transição demográfica, embora a República Dominicana esteja em uma etapa muito mais avançada. Em segundo lugar, os dois países são economicamente subdesenvolvidos e ainda persistem as normas tradicionais sobre os papéis das mulheres na sociedade. Finalmente, a migração haitiana realiza-se numa situação em que as duas repúblicas têm mantido uma histórica relação de conflitos, que, em certo sentido, afeta negativamente a inserção dos haitianos à sociedade dominicana. Esses contextos, em certo sentido, são marcadores do possível impacto do processo migratório no comportamento reprodutivo das haitianas residentes no país, podendo incidir no tipo de migração, nos canais através dos quais o processo migratório incide na fecundidade, etc.

Nos resultados gerais que apresentamos e discutimos, para as haitianas, percebemos que a trajetória do nível da fecundidade tem dois momentos, um de queda entre 1996-2000 e 2001-2005, e o outro de aumento, entre o segundo quinquênio e 2006-2010. Na comparação, fica evidente que a TFT das estrangeiras haitianas é menor para os dois primeiros períodos do que a TFT das suas conterrâneas que residem no Haiti e maior do que a das nativas, nos três quinquênios. Esta divergência no nível entre os grupos poderia ser um sinal de assimilação do comportamento reprodutivo destas últimas. Entretanto, com a recuperação ocorrida no último período, a hipótese da assimilação poderia ser inválida.

Provavelmente as haitianas apresentam um nível maior para o último período devido a uma mudança no tipo de migração e no perfil das migrantes. Este fato é comprovado com os resultados da ENI-2012, segundo aos quais quase 25% das mulheres do Haiti que chegaram entre 2006 e 2010, migrou para se unir a seu esposo. No entanto, no comportamento do padrão também há evidência de alguma assimilação, especialmente no último quinquênio, pois nos dois primeiros sua curva é envelhecida como a de suas conterrâneas residentes no Haiti. Mas, no quinquênio 2006-2010, tende para o padrão dominicano, que se caracteriza por ser precoce.

É bom ter presente que, no caso das haitianas, tanto para as que residem na RD quanto para as que moram no Haiti, sua curva de fecundidade envelhecida não significa uma curva tardia como nos países desenvolvidos. Envelhecida, neste caso, significa que os grupos etários mais velhos apresentam altas TEF, assim como os mais jovens.

No caso das estrangeiras procedentes de outros países, seu nível é menor e sua estrutura é mais envelhecida do que das nativas, para todos os períodos. Esses resultados, mais do que ao impacto do projeto migratório, são atribuíveis à composição desses migrantes, por país de origem. Isto porque muitos são procedentes de nações desenvolvidas que já completaram o processo da transição demográfica. Entretanto, não pode se rejeitar totalmente o impacto da migração, já que a recuperação no nível, observado no último período, poderia ser resultante de uma recuperação da fecundidade por uma possível ruptura ou por assimilação do comportamento reprodutivo das nativas. Sem embargo, com estes resultados é impossível ter certeza disso, porque seria necessário conhecer o tempo de residência.

Por área de residência, apresentamos que, além de apresentar uma tendência decrescente entre o primeiro e o segundo período, e outra crescente entre 2001-2005 e 2006-2010, a diferença no nível entre as haitianas residentes na parte urbana e as que moram na área rural é substancial. Entretanto, para o último quinquênio, esta divergência é muito menor.

Na comparação com a fecundidade das residentes no Haiti e das nativas, para o primeiro período, as migrantes haitianas apresentam uma TFT menor do que a TFT destes dois grupos. Isso corrobora que as haitianas que antes estabeleciam-se na área urbana constituíam um grupo muito seletivo. Mas, o aumento substancial no período 2006-2010 suporta a ideia de que as novas imigrantes que se estabelecem na área urbana são negativamente selecionadas, pois, provavelmente, procedem dos estratos socioeconômicos mais pobres da parte urbana do Haiti. Aliás, uma parte importante desta recuperação deve-se, possivelmente, à migração do tipo familiar, como bem temos ressaltado.

Na área rural do país, as haitianas apresentam um nível de fecundidade, para os três quinquênios, compreendido entre o nível de suas conterrâneas residentes no Haiti e o das nativas para a mesma zona. Essa convergência para a TFT das dominicanas, levando em conta o arcabouço conceitual, constitui evidência de um provável processo de adaptação, o qual poderia ficar corroborado com o rejuvenescimento da curva da fecundidade por grupo de

idades, para as duas áreas, no último quinquênio. Mas, o fato de o nível de fecundidade ter aumentado no quinquênio 2006-2010 poderia invalidar a hipótese de um processo de assimilação.

As estrangeiras não haitianas apresentam valores na TFT menores do que as nativas, para as duas áreas. Mas, como ressaltamos anteriormente, as mulheres desses grupos têm um nível de escolaridade superior tanto ao das haitianas quanto ao das dominicanas, já que a grande maioria tem ao menos nível secundário. Disso, infere-se que as estrangeiras de outros países têm um nível de fecundidade mais baixo do que as nativas por efeito de composição. Sem embargo, com o aumento no último período, não pode se ignorar a incidência do processo migratório através dos canais básicos, ou pelo tipo de migração. Para corroborar isso seria necessário conhecer o tempo de chegada das imigrantes.

A migração é seletiva por nível educacional, conforme se argumenta no referencial teórico, pois frequentemente as pessoas que mudam de residência habitual são aquelas com maior grau de escolaridade, quando comparadas àquelas que não migram e permanecem no lugar de origem. No entanto, geralmente os haitianos que ingressam à RD são negativamente selecionados porque em sua maioria não têm instrução ou têm apenas o nível básico ou menos. Mas, nos últimos anos, o número de haitianas com educação superior tem aumentado significativamente.

Em termos de tendência, a TFT por nível de instrução não difere para as haitianas nos três grupos. Para os dois primeiros períodos, a TFT diminui e, ao passar para o quinquênio 2006-2010, aumenta. Aliás, em termos de magnitude, as divergências são significativas, especialmente entre as que têm ensino básico ou menos e nenhuma instrução, em relação às mulheres com ao menos o ensino secundário. Isto porque a fecundidade destas últimas é muito menor.

A fecundidade das migrantes haitianas com a maior escolaridade é ligeiramente menor à de suas conterrâneas residentes no Haiti, para o primeiro quinquênio, similar no segundo, mas consideravelmente maior no terceiro. Comparada com as nativas com a mesma educação, seu nível é inferior para 1996-2001 e 2001-2005, porém maior em 2006-2010. O fato da fecundidade das imigrantes haitianas ser menor, no primeiro período, do que a fecundidade das nativas e das suas conterrâneas residentes no Haiti representa uma evidência para a

hipótese da seletividade migratória. A recuperação que tiveram e a estrutura envelhecida nos três períodos, esse canal poderia ser rejeitado. Embora, o aumento do valor da TFT no último período poderia ser atribuível a deficiência de técnica MFP utilizada.

O nível da fecundidade das haitianas com educação de básica ou menos e sem instrução é menor do que a TFT de suas conterrâneas dos mesmos grupos residentes no Haiti, em todos os quinquênios, porém é maior do que a TFT das nativas. Embora as diferenças com relação às dominicanas sejam ainda altas entre 1996-2000 e 2001-2005, estas se reduziram ao passar de um quinquênio a outro, o que pode ser resultante de uma possível adaptação. Também com o rejuvenescimento da estrutura em cada grupo poderia-se sustentar essa hipótese. No entanto, com a recuperação do nível em 2006-2010 é possível que a migração do tipo familiar, conforme salientamos em outras situações, seja a principal razão pela qual as haitianas com menor nível de educação e as sem instrução apresentem tal comportamento reprodutivo.

Para as estrangeiras não haitianas, apresentamos que o diferencial entre elas por nível educacional não é considerável para o último quinquênio, pois, devido à omissão de crianças em 2006-2010, as mulheres com ensino básico ou menos mostram um nível muito abaixo do nível de reposição. Sem embargo, nos dois primeiros períodos, sua TFT é significativamente superior à TFT das mulheres com ao menos o ensino secundário. A partir disso, poderia-se deduzir que, geralmente, uma parte importante das demais estrangeiras apresenta uma taxa total de fecundidade menor à TFT das dominicanas por efeito composição, já que a maior proporção de sua população tem ao menos ensino secundário. Aliás, como o nível da fecundidade das demais estrangeiras, para cada quinquênio, é inferior ao das dominicanas com os mesmos graus de escolaridade, evidencia-se que elas são originárias de países que completaram o processo da primeira transição demográfica.

O fato de que as estrangeiras não haitianas com ensino básico ou menos apresentarem uma estrutura mais jovem, um pouco parecida com o padrão dominicano, poderia denotar um processo de adaptação ao comportamento reprodutivo das nativas. No caso das que têm educação secundária ou mais, a recuperação no nível observado no último quinquênio pode ter várias causas explicativas: 1) a retomada da fecundidade depois de um processo de ruptura causado pelo processo migratório; 2) pela adaptação às normas do país ou por uma migração de tipo familiar; 3) por debilidade do método MFP. Para comprovar as duas primeiras das

causas, seria necessário analisar o comportamento reprodutivo levando em consideração o tempo de permanência.

As conclusões inferidas a partir dos resultados apresentados para as mulheres das duas populações de imigrantes internacionais poderiam carecer de validade porque, ao não se conhecer o período de chegada à República Dominicana, não se sabe se a fecundidade corresponde ao período pré-migratório ou ao pós-migratório. Da mesma forma, para os três grupos, as análises realizadas com as taxas por área de residência e nível educacional só são válidas para o último quinquênio porque, provavelmente, nos períodos anteriores, as mulheres tinham outros graus de ensino, pois a educação e o lugar de residência são variáveis que mudam com o tempo. Sem embargo, se for assumido o pressuposto de que nenhum dos dois atributos mudou nos últimos 14 anos, os resultados apresentados e analisados podem ser válidos.

Os autores consultados argumentam que para estudar o comportamento reprodutivo das migrantes é importante considerar o tempo de exposição às normas e valores da sociedade de destino e, também, o contexto no qual se desenvolveram antes de migrar. A partir disso, concluímos que as análises apresentadas a nível geral, por educação e área de residência, não são mais do que puras especulações sobre os possíveis impactos que o processo migratório poderia ter sobre o comportamento reprodutivo das três populações.

Nos resultados discutidos e analisados do nível de fecundidade, controlando pelo ciclo de chegada, não foram encontradas evidências de uma provável assimilação do comportamento reprodutivo das dominicanas por partes das haitianas, pois os valores contradizem o que é frequentemente esperado pela teoria. As haitianas que chegaram antes de começar o período reprodutivo, apesar de apresentarem uma trajetória decrescente, em todos os quinquênios, têm um nível de fecundidade superior ao das que emigraram depois dos 14 anos. Esse comportamento da TFT das que migraram antes dos 15 anos possivelmente se explica pela denominada hipótese do status da minoria. Isso porque muitas delas são filhas dos migrantes correspondentes ao velho padrão de migração, os quais caracterizavam-se por socializar muito pouco com os nativos e ter um nível de fecundidade relativamente alto. Desta maneira, ao ter uma reduzida interação com as dominicanas, é provável que elas acabassem tomando sua decisão de fecundidade somente em função do comportamento reprodutivo de seu grupo.

Os resultados no nível da fecundidade encontrados para as haitianas, discriminando por ciclo de chegada, são coerentes com os encontrados por Rodrigues (2012) para as cubanas residentes na Flórida. Neste estudo, a TFT das cubanas que chegaram antes dos 15 anos era inferior à TFT das que migraram depois de ter iniciado o período reprodutivo. A autora esperava que as imigrantes que chegaram mais jovens apresentassem um nível de fecundidade maior do que o nível das que migraram mais velhas porque a TFT em Cuba é muito menor do que a TFT da Flórida. Resultados similares também foram obtidos por Jalal e McDonald (2000), para as migrantes provenientes da Holanda na Austrália entre 1977 e 1991.

Para os três quinquênios, as que chegaram antes dos 15 anos apresentam um padrão quase similar ao dominicano, do tipo precoce. Ao contrário das que migraram depois dos 14 anos, que têm uma estrutura envelhecida, similar à do Haiti. Isso poderia indicar que as mulheres que migraram antes do período fértil adaptaram-se mais ao comportamento reprodutivo da sociedade de destino do que as que migraram depois dos 14 anos.

Diferentemente das haitianas, encontramos que as estrangeiras não haitianas que chegaram antes dos 15 anos possivelmente tendem a assimilar o comportamento reprodutivo das dominicanas, levando em consideração o nível. Isso porque a TFT dessas mulheres, para os três quinquênios, diverge menos da TFT das nativas do que a correspondente às que chegaram depois de ter iniciado o período reprodutivo. Mas, levando em conta a estrutura etária, não há evidência de possível assimilação porque para as mulheres dos dois grupos a curva da fecundidade é envelhecida, comparada com a curva das nativas.

Controlando pelo tempo de residência, comparada com ciclo de chegada, se poderia determinar melhor os possíveis impactos do projeto migratório no comportamento reprodutivo das migrantes. É factível fazer distinção, para todas as mulheres, a fecundidade que corresponde ao momento quando estavam no país da origem e a fecundidade pertencente ao período pós-migratório.

Levando em consideração a TFT por tempo de residência, para as haitianas, não existe evidência de possível adaptação às normas e contexto econômico que definem o comportamento reprodutivo das dominicanas, porque a TFT daquelas mulheres que têm maior tempo de residência, como as dos grupos 5-9 e 10 anos ou mais, apresentam uma tendência crescente e os maiores valores no nível depois de terem migrado. Sem embargo, se

considerarmos que, em todos os grupos, com exceção das de 10 ou mais anos, as mulheres adiam a fecundidade, nos períodos pré-migratórios, e a recuperam no primeiro quinquênio pós-migratório, poderíamos concluir que, além dos canais básicos através dos quais a migração impacta o comportamento reprodutivo das migrantes, a migração do tipo familiar é possivelmente um dos principais fatores para explicar parte desse comportamento. Já que, quando as mulheres migram por razões familiares, antes da migração sua fecundidade diminui, como consequência da separação, e a retomam imediatamente ao se reunir com o esposo no lugar de destino. O estudo de Mussino e Estrozza (2012) também considera a hipótese da migração familiar para explicar o aumento da fecundidade das migrantes de origem africana na Itália no período pós-migratório. Similarmente, Parrado (2013) investiga a fecundidade das mexicanas nos USA, e Andersson (2004) a das imigrantes internacionais na Suécia desde a década de 1960 até a década de 1990.

Esperava-se que o nível de fecundidade das haitianas com 10 ou mais fosse o que mais poderia tender ao valor das nativas, por serem as que mais estiveram expostas às normas dominicanas. No entanto, ocorreu o contrário, pois, apesar de exibir uma trajetória decrescente, a TFT das mulheres deste grupo é a mais alta para todos os quinquênios. Esses resultados são similares aos que encontraram Frank e Heuveline (2005) para as nativas mexicanas nos USA, em que as mulheres que tinham maior tempo de residência apresentaram a maior parturição. Os autores atribuíram esses valores ao fato de que as novas imigrantes mexicanas serem negativamente selecionadas. A população haitiana com o maior tempo de permanência na República Dominicana é pertencente ao velho padrão de migração, no qual a interação com a população nativa era menor. A partir disso, infere-se que, devido a esse isolamento, as mulheres com 10 anos ou mais de permanência no país acabaram provavelmente conservando o comportamento reprodutivo que trouxeram da origem. Nessa situação, a hipótese do status da minoria é a mais adequada para explicar o seu comportamento reprodutivo. Mas, se considerarmos a estrutura etária de sua fecundidade, a hipótese da adaptação não é rejeitável, por ficar esta mais jovem em cada período e ser a mais parecida com a estrutura das nativas.

Para as mulheres dos outros grupos de mulheres imigrantes não haitianas, com exceção das que têm menos de um ano de permanência, a partir da estrutura etária, também não se poderia descartar a hipótese da adaptação porque a estrutura que apresentam nos períodos pré-migratórios é similar com a estrutura haitiana, enquanto a correspondente aos períodos pós-

migratórios converge com o padrão dominicano. Mas o rejuvenecimento da estrutura da fecundidade na estimativa do último quinquênio pode ser próprio da deficiência do MFP.

Nas estimativas da fecundidade por tempo residência para as estrangeiras não haitianas existem situações que poderiam suportar a hipótese da adaptação e da ruptura. As mulheres dos quatro grupos experimentaram uma depressão do nível de fecundidade nos períodos pré-migratório e pós-migratório. Mas, depois do quinquênio pós-migratório, retomaram novamente o nível da fecundidade, especificamente as que têm 1-4 anos, sendo isso uma evidência clara da hipótese da ruptura. No caso das mulheres com 5-9 e 10+ anos, também se tem evidência de possível adaptação ao comportamento reprodutivo das nativas. No caso das primeiras, sua TFT é quase similar com a TFT das dominicanas para o último quinquênio. Enquanto, entre as de 10 ou mais anos, observa-se alguma divergência em relação ao valor das nativas. Entretanto, a tendência decrescente observada, chegando abaixo do nível de reposição para o quinquênio 2006-2010, poderia não apoiar a hipótese.

Com base nos resultados da estrutura etária da fecundidade por tempo de permanência, não encontramos evidência da adaptação para as estrangeiras não haitianas, diferentemente das imigrantes haitianas. Isso porque, para todos os grupos em cada quinquênio, a curva é envelhecida, muito distante do padrão dominicano.

Conforme analisamos, para as haitianas não foram encontradas situações que suportam a hipótese da adaptação e da ruptura, quando levado em consideração o nível, mas, quando considerada a estrutura etária, sim. No entanto, para as estrangeiras não haitianas ocorre o contrário, foram encontrados indícios que apoiam a hipótese da adaptação e ruptura, levando em consideração o nível, porém, com a estrutura da fecundidade, não. Com os resultados dos modelos probabilísticos, isso fica ainda mais comprovado.

Na segunda parte dos resultados se realizaram vários modelos logísticos binários para estimar os diferenciais no risco de uma mulher ter um filho entre dezembro de 2009 e novembro de 2010. Estes foram estimados sem ajustar e controlando pela idade, educação e estado conjugal, com o intuito de isolar os vieses causados pelo efeito composição.

Dos primeiros modelos, que captam os diferenciais no risco relativo de ter um nascimento por países da origem, concluímos, depois de controlar pela educação, pelo estado conjugal e pela

idade, que as haitianas têm um risco mais alto do que as dominicanas porque têm uma população mais concentradas nos grupos 20-34, que, por sua vez, tem menos escolaridade e uma maior proporção de casadas ou unidas. O mesmo ocorre com as estrangeiras de outros países, que apresentam um risco menor do que as nativas por estarem mais concentradas nas idades mais velhas, por terem uma maior proporção no nível de ao menos ensino secundário e menor proporção de mulheres casadas ou unidas.

Para as haitianas, o tempo da residência incide no risco relativo de ter um filho no último ano. Nos modelos que só consideram a amplitude da permanência, quanto mais velha é a coorte de chegada, menor o risco relativo. Esses resultados são consistentes com a hipótese da adaptação às normas, valores e contexto econômico que determinam o comportamento reprodutivo das nativas. Esses resultados também são coerentes com os obtidos com os modelos que combinam a coorte de chegada com país da origem. Assim, quanto mais antiga é a coorte de haitianas, mais o risco relativo equipara-se ao risco das nativas.

Para as estrangeiras não haitianas, nos modelos que levam em conta a amplitude da residência, também foram encontrados elementos que poderiam suportar a hipótese da adaptação. O fato das mulheres da coorte que chegou antes de 1990 apresentarem maior risco relativo, tanto nos modelos que só consideram a coorte de chegada, quanto nos que combinam o país de origem com a coorte de chegada, confirmam a adaptação. Mas, para explicar o aumento do risco relativo com relação à categoria de comparação (coorte de chegada antes de 1990), ao passar de uma coorte mais antiga a outra mais nova, a hipótese da ruptura ou da migração familiar poderiam ser as mais convenientes.

As estimativas realizadas apenas com o ciclo de vida no momento da chegada também comprovam a hipótese da assimilação e/ou adaptação para as haitianas. Coerentemente com o esperado, o risco relativo é menor para as mulheres que migraram antes de ter começado o período reprodutivo, em comparação com as que estabeleceram sua residência habitual na RD depois dos 14 anos. Os modelos que combinam o ciclo de vida na chegada com a nacionalidade da origem também comprovam essa hipótese. Desse modo, as haitianas que ingressaram ao país antes dos 15 anos têm um risco relativo mais convergente com o risco das dominicanas.

Diferentes com as haitianas, levando em consideração o ciclo de vida de chegada como variável explicativa, para as outras estrangeiras não acharam se evidências que poderiam confirmar a adaptação porque as que migraram depois dos 14 anos apresentam um risco relativo maior em todos os modelos. Como em ocasiões a decisão de fecundidade toma se antes dos 15 anos, é provável que essas mulheres tenham tomado a decisão reproductiva antes de migrar.

Em síntesis, nas estimativas para as haitianas com o MFP, encontramos situações que apoiam as hipóteses da adaptação, ruptura, seletividade e da migração familiar, embora com certo grau de especulação. Entanto que, a partir dos modelos logísticos, foi possível avaliar, também com especulação, a hipótese da adaptação. No caso das outras estrangeiras, foi possível ponderar as hipóteses da adaptação, ruptura e da migração do tipo familiar, tanto nas estimativas do método dos filhos próprios, quanto nas estimativas dos modelos de regressões que levam em consideração a amplitude da permanência.

Apesar de o trabalho não ter como propósito testar nenhuma das hipóteses sugeridas pelo arcabouço conceitual básico, fica claro, com as avaliações e especulações que realizamos, a partir das situações que mais as ratificam, que estas não são mutuamente exclusivas. Ao contrário, existem situações em que as hipóteses são complementares, podendo ser utilizadas conjuntamente para explicar o comportamento reprodutivo das imigrantes. Pois, frequentemente, na realidade, apenas um grupo específico tem a oportunidade de migrar (seletividade). As mulheres desse grupo têm que se preparar para o ato migratório. Por essa razão, frequentemente, adiam o timing da maternidade e do casamento. Se a migração ocorre para se unir ao esposo, essas mulheres podem recuperar a fecundidade assim que chegam à sociedade de destino (migração do tipo familiar), mas, quando tem outro objetivo, como laboral, retomar a vida reprodutiva pode tomar-lhes os primeiros anos depois de ter migrado (ruptura). Depois de muito tempo de permanência, dependendo de suas características pessoais e do contexto do país de origem e de destino, começam a apreender as normas e os valores da sociedade hóspede, o que faz com que o comportamento reprodutivo tenda a ser mais parecido ao da população de nativas.

Finalmente, este trabalho não está isento de limitações, principalmente devido ao tipo de dados, a qualidade destes, a limitações do MFP e as medidas de períodos utilizadas, que, com frequência podem ser distorcidas. Não obstante, esta pesquisa oferece um panorama

aprofundado dos impactos que poderia ter o projeto migratório no comportamento reprodutivo da população residente, segundo o país de nascimento.

Com os resultados observados e discutidos, poderiam surgir outros estudos mais aprofundados que comparem o comportamento reprodutivo das imigrantes nativas de retorno, das nativas que nunca migraram e das que estão residindo em outros países. No caso das imigrantes haitianas, poderia-se comparar sua fecundidade com a daquelas que são residentes em outros países de destino migratório da população do Haiti. Também seria oportuno realizar um estudo de história de vida, isolando os efeitos contextuais e os de períodos. De esse modo, seria possível identificar, com mais segurança, o verdadeiro impacto do projeto migratório na vida reprodutiva das migrantes.

Este trabalho é pioneiro no estudo da relação entre migração e fecundidade para o contexto dominicano, representando um ponto de partida para pesquisas que façam abordagens mais amplas. Além disso, os resultados deste trabalho contribuirão para a investigação sobre possíveis determinantes e impactos do comportamento reprodutivo das migrantes internacionais dominicanas nos principais países ou regiões de destino. Esta pesquisa também pode dar início ao estudo do comportamento reprodutivo das migrantes internas, tema também com pouca abordagem no país.

Finalmente, a relevância deste trabalho também se faz presente nas suas contribuições com relação às evidências empíricas apresentadas para as relações teóricas entre migração e fecundidade, contextualizada para a República Dominicana, um país com muitas singularidades. Sendo assim importante este trabalho, no debate sobre o comportamento reprodutivo das imigrantes em países em desenvolvimento.

BIBLIOGRAFÍAS

- ABBASI-SHAVAZI, Mohammad Jalal. An assessment of the own-children method of estimating fertility by birthplace in Australia. **Journal of the Australian Population Association**, v. 14, n. 2, p. 167-185, 1997.
- ABBASI-SHAVAZI, Mohammad Jalal; MCDONALD, Peter. Fertility and multiculturalism: Immigrant fertility in Australia, 1977-1991. **International Migration Review**, p. 215-242, 2000.
- ABU-WARDA, Najib. Las migraciones internacionales. **'Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones**, 2008, p. 33-50.
- ADSERÀ, Alicia et al. Fertility Patterns of Child Migrants Age at Migration and Ancestry in Comparative Perspective. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 643, n. 1, p. 160-189, 2012.
- ALLEMAN-VELEZ, Patty, **Latin American Immigrant Fertility in the United States: A review of methodology and literature**, 2004.
- ANDERSSON, Gunnar, Childbearing after Migration: Fertility Pattern so Foreign-born Women in Sweden, **International Migration Review**, v, 38, n, 2, p, 747-774, 2004.
- ARIZA, Marina. Obreros, sirvientas Y prostitutas. Globalización, familia Y mercados de trabajo en República Dominicana. **Estudios sociológicos**, p. 123-149, 2004.
- ARIZA, Marina. Vida familiar transnacional en inmigrantes de México y República Dominicana en dos contextos de recepción. **Si Somos Americanos**, v. 12, n. 1, p. 17-47, 2012.
- BANCO MUNDIAL, **Informe de pobreza de la República Dominicana**, Santo Domingo, 2011.
- BERTELSMANN, Stiftung. **BTI-2012 Haiti Country Report**. Gütersloh: Bertelsmann Stiftung. 2012.
- BISSAINTHE, Jean Ghasmann. Migración transnacional: dominicanos en New York City. **Ciencia y sociedad**, 2003.
- BLAU, Francine D, The fertility of immigrant women: Evidence from high-fertility source countries, In: **Immigration and the Workforce: Economic Consequences for the United States and Source Areas**, University of Chicago Press, 1992, p, 93-134.
- CÁCERES, Francisco I. et al. La otra migración: estudio sobre las corrientes de inmigración de procedencia extra-insular. En: Ministerio de Economía Planificación y Desarrollo de la República Dominicana. **Movimientos Migratorios Desde y Hacia La República Dominicana, Tomo II**. Santo Domingo: Alfa y Omega, 2011. P. 243-279.

CACERES, Francisco, **República Dominicana: Cambios en el tamaño de la población durante los últimos 90 años**, Conferencia en la UASD, Santo Domingo, nov, 2012.

CACERES, Francisco, **El IX Censo Nacional de Población y vivienda 2010: Mejoras en la medición de la inmigración internacional**, Conferencia presentada en El Encuentro inter-institucional, Santo Domingo, Diciembre, 2013.

CALDWELL, John C. Toward a restatement of demographic transition theory. **Population and development review**, p. 321-366, 1976.

CARTER, Marion. Fertility of Mexican immigrant women in the US: A closer look. **Social science quarterly**, v. 81, n. 4, p. 1073-1086, 2000.

CEARA HATTON, Miguel. **Causas del decrecimiento económico dominicano frente al estancamiento haitiano**. Acento, Santo Domingo, 10 dez. 2014. Disponible en: <<http://acento.com.do/2014/opinion>>. Acceso en: 10 dez. 2014.

CEDEÑO, Carmen; LOZANO, Wilfredo. La cuestión haitiana en Santo Domingo: Migración internacional, desarrollo y relaciones inter-estatales entre Haití y República Dominicana. **Instituciones Educativas**, 1993.

CELADE. Demografía I. **PROLAP-IISUNAM**, México, 1997.

CELADE, **La fecundidad en América Latina: ¿transición o revolución?**, Serie Seminarios y conferencias, n. 36, 2004.

CELADE, **Proyecciones de población a largo plazo**, Santiago de Chile, 2011.

CELADE, **Proyección de poblaciones, Revisión 2013**, Santiago de Chile, 2012.

CHACKIEL, Juan; MACCIÓ, Guillermo. **Evaluación y corrección de datos demográficos**. Centro Latinoamericano de Demografía, 1978.

CHACKIEL, Juan. La transición de la fecundidad en América Latina 1950-2000. **Papeles de población**, v. 10, n. 41, p. 9-58, 2004.

CHACKIEL, Juan, América Latina, ¿Hacia una población decreciente y envejecida?, **Papeles de población** núm. 2006.

CHATTOPADHYAY, Arpita; WHITE, Michael J. ; DEBPUR, Cornelius, **Migration and fertility selection in Ghana: Going beyond rural-urban migration**.

CHO, Lee-Jay; RETHERFORD, Robert D.; CHOE, Minja Kim. **The own-children method of fertility estimation**. 1986.

CLELAND, John; WILSON, Christopher. Demand theories of the fertility transition: An iconoclastic view. **Population studies**, v. 41, n. 1, p. 5-30, 1987.

COLEMAN, David. Why we don't have to believe without doubting in the "Second Demographic Transition"—some agnostic comments. **Vienna yearbook of population research**, p. 11-24, 2004.

DAVIS, Kingsley. The world demographic transition. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, p. 1-11, 1945.

DE HAAS, Hein. Migration transitions: a theoretical and empirical inquiry into the developmental drivers of international migration. **International Migration Institute**, v. 24, 2010.

DE HAAS, Hein. Migration and development: a theoretical perspective. **International Migration Review**, v. 44, n. 1, p. 227-264, 2010.

DESPRADEL, Carlos. **40 años de economía dominicana: hacia dónde vamos**. Ed. Búho, 2006.

DI CESARE, Mariachiara. Patronos emergentes en la fecundidad y la salud reproductiva y sus vínculos con la pobreza en América Latina y el Caribe, **Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE)-División de Población de la CEPAL**, 2007.

DIAZ, Antonio; TRAPP, Asley; FIELMAND, Annie. **Haiti Background Report 2008**. Lehigh University, 2008.

DUBUC, Sylvie. Immigration to the UK from High-Fertility Countries: Intergenerational Adaptation and Fertility Convergence. **Population and Development Review**, v. 38, n. 2, p. 353-368, 2012.

ESTEVE, Albert; LESTHAEGHE, Ron; LÓPEZ-GAY, Antonio. The Latin American cohabitation boom, 1970–2007. **Population and development review**, v. 38, n. 1, p. 55-81, 2012.

FRANK, Reanne; HEUVELINE, Patrick. A crossover in Mexican and Mexican-American fertility rates: Evidence and explanations for an emerging paradox, **Demographic Research**, v. 12, n. 4, p. 77-104, 2005.

GENEREUX, Anne. A review of migration and fertility theory through the lens of African immigrant fertility in France. **Max Planck Institute for Demographic Research, Working Paper 2007**, v. 8, 2007.

GUILMOTO, Christophe Z.; SANDRON, Frederic. The internal dynamics of migration networks in developing countries. **Population: An English Selection**, p. 135-164, 2001.

GOLDSCHIEDER, Calvin; UHLENBERG, Peter R. Minority group status and fertility, **American Journal of Sociology**, p. 361-372, 1969.

GOLDSTEIN, Sidney; GOLDSTEIN, Alice, **Techniques for analysis of the interrelations between migration and fertility**, Rand Corporation, 1982.

GOLDSTEIN, Sidney; GOLDSTEIN, Alice, **Migration and fertility in peninsular Malaysia: an analysis using life history data**, 1983.

GOMES, Marília Miranda Forte; DIAS, T. S.; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Fecundidade de mulheres migrantes e não migrantes no Distrito Federal: uma análise com base nas informações do Censo 2010. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais: transformações na população brasileira: complexidades, incertezas e perspectivas, 2012.

HARBISON, Sarah F, Migration and fertility: empirical findings, theoretical relationships and policy implications, **Economic Research Associates**, 1980.

HERVITZ, Hugo M, Selectivity adaptation or disruption? A comparison of alternative hypotheses on the effects of migration on fertility: the case of Brazil, **International Migration Review**, v, 19, n, 2, p, 293-317, 1985.

HILL, Laura E.; JOHNSON, Hans P. Fertility Changes Among Immigrants: Generations, Neighborhoods, and Personal Characteristics. **Social Science Quarterly**, v. 85, n. 3, p. 811-827, 2004.

ISA-CONTRERAS, Pável. La Inserción de la República Dominicana a la Economía Internacional. Reseña Histórica y Perspectiva Analítica. **Centro de Investigación Económica para el Caribe (CIECA)-Intermón OXFAM**. Santo Domingo, 2007

JAVIQUÉ, Daylin Cecília Rodriguez. **A migração internacional e o comportamento reprodutivo das mulheres cubanas: as singularidades da transição demográfica em Cuba e seu impacto na fecundidade das migrantes**. 2011.

JENSEN, Eric; AHLBURG, Dennis, Why does migration decrease fertility? Evidence from the Philippines, **Population Studies**, v, 58, n. 2, p, 219-231, 2004,

KAHN, Joan R, Immigrant selectivity and fertility adaptation in the United States, **Social Forces**, v, 67, n,1, p, 108-128, 1988.

KISER, C, Fertility rates by residence and migration, International Population Conference, Vienna 1959, pp, 273–286, **Vienna: International Union for the Scientific Study of Population**.

KRISHNAN, Vijaya; KROTKI, Karol J. Immigrant fertility: an examination of social characteristics and assimilation. **Sociological Focus**, v. 25, n. 1, p. 27-38, 1992.

KULU, Hill, Migration and fertility: competing hypotheses re-examined, **European Journal of Population/Revue européenne de Démographie**, v, 21, n, 1, p, 51-87, 2005.

LANDRY, Véronique. Feminización y urbanización de la migración haitiana en República Dominicana: una aproximación hacia su caracterización. **Revista Pueblos y fronteras digital**, 2013, vol. 8, no 15, p. 201-224.

LEE, Ronald. The demographic transition: three centuries of fundamental change. **The Journal of Economic Perspectives**, v. 17, n. 4, p. 167-190, 2003.

LESTHAEGHE, Ron J. **Value Orientations, Economic Growth and Demographic Trends: Toward a Confrontation?** Vrije Universiteit Brussel, 1985.

Lesthaeghe, Ron, and Dirk Van de Kaa. "Twee demografischetransities." *Bevolking: groei en krimp* (1986): 9-24.

LESTHAEGHE, Ron. The unfolding story of the second demographic transition. **Population and Development Review**, v. 36, n. 2, p. 211-251, 2010.

LINDSTROM, David P.; SAUCEDO, Silvia Giorguli, The short-and long-term effects of US migration experience on Mexican women's fertility, **Social Forces**, v, 80, n, 4, p, 1341-1368, 2002.

LIZARDO, Magdalena; GUZMÁN, Rolando M, **Crecimiento económico, acumulación de factores y productividad en la República Dominicana**, Inter-American Development Bank, 2003.

LIZARDO, Jeffrey et al. Equidad de Género en la República Dominicana: Resultados del Informe Sobre la Pobreza. <<http://siteresources.worldbank.org>>. Santo Domingo, 2007.

LOZANO, Wilfredo. Migración e informalidad en República Dominicana. **Ciencia y sociedad**, 1993.

LUTZ, Wolfgang; SCHERBOV, Sergei, Can immigration compensate for Europe's low fertility, **European Demographic Research Papers Working Paper, Vienna: Vienna Institute of Demography**, 2002.

MAJELANTLE, R. G.; NAVANEETHAM, K. Migration and Fertility: A Review of Theories and Evidences. **J Glob Econ**, v. 1, n. 101, p. 2, 2013.

MASON, Karen Oppenheim. Explaining fertility transitions. **Demography**, v. 34, n. 4, p. 443-454, 1997.

MASSEY, Douglas S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and development review**, p. 431-466, 1993.

MARTIN, Susan Forbes. Women and migration. **documento presentado en la Reunión consultiva sobre migración y movilidad y sus efectos sobre las mujeres, Naciones Unidas, Malmo**, v. 2, 2004.

MARTINEZ, Leonardo. **Análisis del contexto sociodemográfico de la base poblacional** Batey. Disponible: http://copresida.gob.do/bateyes/recursos/analisis_sociodemografico_Batey.pdf. Acceso em: sept 2014.

MAYER, Jochen; RIPHAHN, Regina T. Fertility assimilation of immigrants: Evidence from count data models. **Journal of Population Economics**, v. 13, n. 2, p. 241-261, 2000.

MEDINA, Margarita; FONSECA, M. do C. Trayectoria de paradigmas que explican la fecundidad. **Desarrollo y sociedad**, v. 55, p. 57-100, 2005.

MILEWSKI, Nadja. Immigrant fertility in West Germany: Is there a socialization effect in transitions to second and third births? **European Journal of Population/Revue européenne de Démographie**, v. 26, n. 3, p. 297-323, 2010.

MINISTÈRE DE LA SANTÉ PUBLIQUE ET DE LA POPULATION, **EnquêteMortalité, Morbidité et Utilisation des Services EMMUS-V Haiti 2012**. Disponible en: <<http://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR273/FR273.pdf>>. Acceso em: nov 2014.

MORILLO, Antonio, **Transición de la fecundidad en la República Dominicana y sus factores determinantes**, CONAPOFA, 2000.

MORILLO PÉREZ, Antonio; GUERRERO ARIAS, A.; ALCANTARA ROSARIO, Y., **Focalización de la Pobreza en República Dominicana 2005**, Santo Domingo 2005.

MUSSINO, Eleonora; STROZZA, Salvatore. The Fertility immigrant after arrival: The Italian case. **Demographic Research**. V. 26, p. 99-130. 2012.

MUSSINO, Eleonora; VAN RAALTE, Alyson A. Immigrant fertility: A comparative study between Italy and Russia. **International Migration**, v. 51, n. 2, p. 148-164, 2013.

MYERS, George C.; MACISCO, John J, Revised bibliography on migration and fertility, **International Migration Review**, v, 9, n, 2, p, 221-231, 1975.

NG, Edward; NAULT, Francois, Fertility among recent immigrant women to Canada, 1991: An examination of the disruption hypothesis, **International Migration**, v, 35, n,4, p, 559-580, 1997.

NOTESTEIN, Frank W. **Population: the long view**. 1945.

OFICINA NACIONAL DE ESTADISTICA, **IX Censo Nacional de Población y Vivienda 2010**, ONE, Santo Domingo, 2012.

OFICINA NACIONAL DE ESTADISTICA. **ENI-2012, Informe general**. Santo Domingo, 2013.

OMONDI, Charles Ochola; AYIEMBA, E. Migration and fertility relationship: A case study of Kenya, 2003.

ORGANIZACION INTERNACIONAL DE LAS MIGRACIONES, **Informe mundial sobre las migraciones**, Ginebra, 2010

ONU, **Manual X**, New York, 1986.

PARRADO, Emilio A. How high is Hispanic/Mexican fertility in the United States? Immigration and tempo considerations. **Demography**, v. 48, n. 3, p. 1059-1080, 2011.

PEDRAZA, Silvia. Women and migration: The social consequences of gender. **Annual review of sociology**, p. 303-325, 1991.

PERSSON, Lotta; HOEM, Jan M. Immigrant fertility in Sweden, 2000-2011: A descriptive note. **Demographic Research**, v. 30, p. 887-897, 2014.

PNUD, **Informe Nacional De Desarrollo Humano República Dominicana 2005**, Hacia una inserción mundial incluyente y renovada, Editora Corripio C, por A, Santo Domingo, 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2013**. Disponível Em: <<http://www.pnud.org.br/HDR>>. Acesso em: nov 2014.

RAMÍREZ, Nelson. República Dominicana: población y desarrollo 1950-1985. 1988.

REHER, David S. The demographic transition revisited as a global process. **Population, space and place**, v. 10, n. 1, p. 19-41, 2004.

ROSARIO, Reina; ULLOA, Jorge. Algunos aspectos socioculturales de la inmigración haitiana hacia la República Dominicana. **Ciencia y sociedad**, v. 31, n. 1, p. 64-124, 2006.

SILIÉ, Rubén; SEGURA, Carlos Cornielle; CABRAL, Carlos Dore. **La nueva inmigración haitiana**. Flacso, 2002.

SOBOTKA, Tomás, Overview Chapter 7: The rising importance of migrants for childbearing in Europe, **Demographic Research**, v. 19, 2008.

TACTUK, Pablo, et al. Determinantes, niveles y tendencias de la fecundidad en la República Dominicana. **Population Council**, 1990.

THOMAS, Duncan; MUVANDI, Ityai. The demographic transition in Southern Africa: Another look at the evidence from Botswana and Zimbabwe. **Demography**, v. 31, n. 2, p. 185-207, 1994.

UNITED NATIONS.DEPARTMENT OF ECONOMIC. **World Population Prospects: The 2012 Revision**.United Nations Publications, 2013.

VAN DE WALLE, Etienne; KNODEL, John. Europes fertility transition: new evidence and lessons for todays developing world. **Population Bulletin**, v. 34, n. 6, p. 3-44, 1980.

VILA, Marta Roig; MARTÍN, Teresa Castro. **Immigrant Mothers, Spanish Babies. Childbearing Patterns of Foreign Women in Spain**.Fundación BBVA, 2007.

WALLER, Lorraine; BERRINGTON, Ann; RAYMER, James.Understanding recent migrant fertility in the United Kingdom. **CPC Working Papers**, n. 27, 2012.

Wilson, Bem e Rudsten, Wendy S.A conceptual framework for migrant fertility, **The London School of Economics and Political Science**, EPC 2014.

WOODING, Bridget et al. **Inmigrantes haitianos y dominicanos de ascendencia haitiana en la República Dominicana**. Cooperación Internacional para el Desarrollo (CID), 2004.
WORLD BANK. **Data of Haiti**. Disponible em: <<http://data.worldbank.org/country/haiti>>. Acceso em: sept 2014.

YOUNG, Christabel M. Changes in the demographic behaviour of migrants in Australia and the transition between generations. **Population Studies**, v. 45, n. 1, p. 67-89, 1991.
ZELINSKY, Wilbur. The hypothesis of the mobility transition. **Geographical review**, p. 219-249, 1971.

SINGLEY, Susan G.; LANDALE, Nancy S. **Incorporating origin and process in migration-fertility frameworks: the case of Puerto Rican women**. **Social Forces**, v. 76, n. 4, p. 1437-1464, 1998.

ZELINSKY, Wilbur. The hypothesis of the mobility transition. **Geographical review**, 1971, p. 219-249.

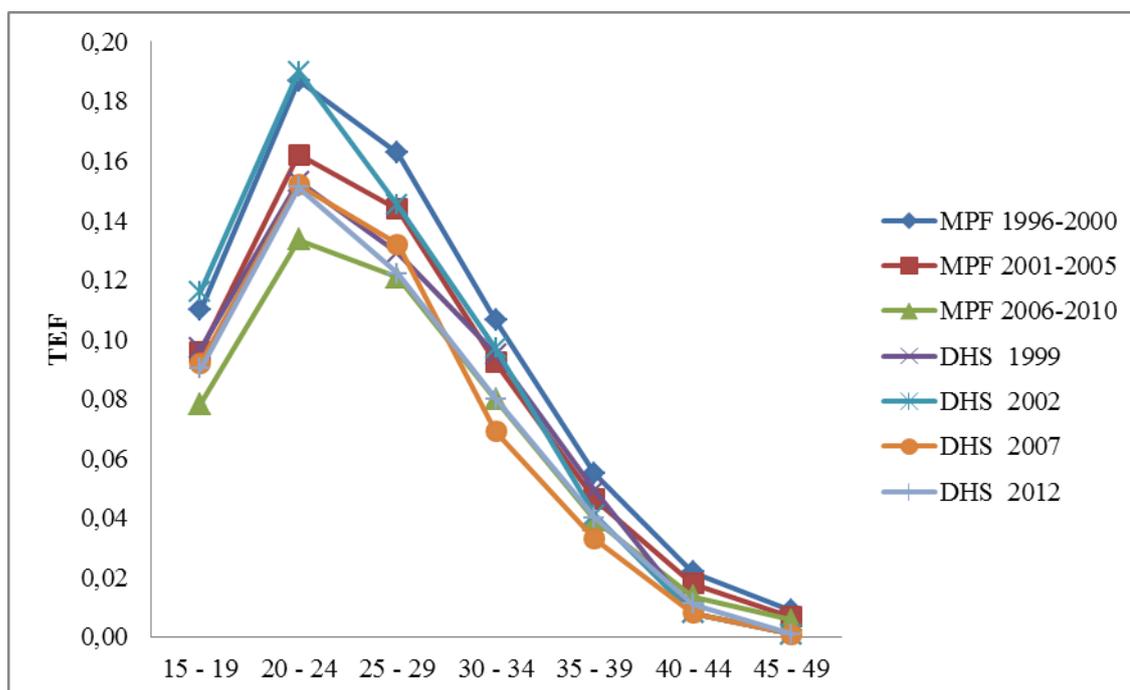
ZHOU, Min. Segmented assimilation: Issues, controversies, and recent research on the new second generation. **International Migration Review**, V. 31, n. 4, p. 975-1008, 1997.

ANEXOS

COMPARATIVAS DAS TAXAS DE FECUNDIDADE ENTRE AS FONTES DE ESTIMATIVAS

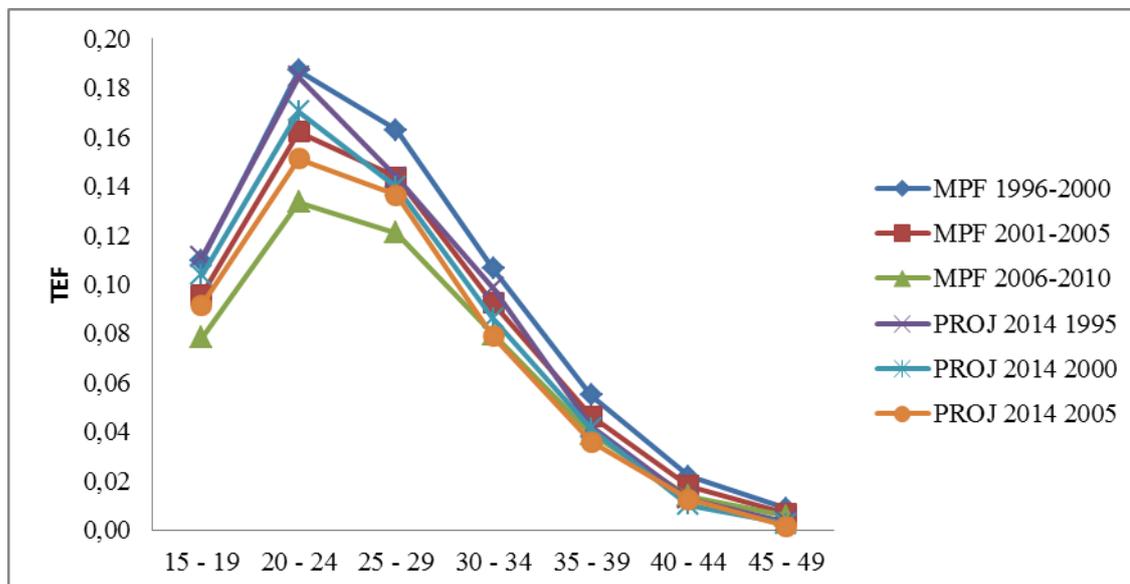
1-Nativas na República Dominicana

Gráfico A1- Taxas específicas de fecundidade das nativas na República Dominicana estimada com o método dos filhos próprios e com as DHS, 1996-2012



Fonte: ONE, IXCNPV 2010; USAID, DHS1999, DHS 2002, DHS 2007, DHS 2012

Gráfico A2- Taxas específicas de fecundidade das nativas na República Dominicana estimada com o método dos filhos próprios e das projeções de população Revisão 2014 , 1996-2012



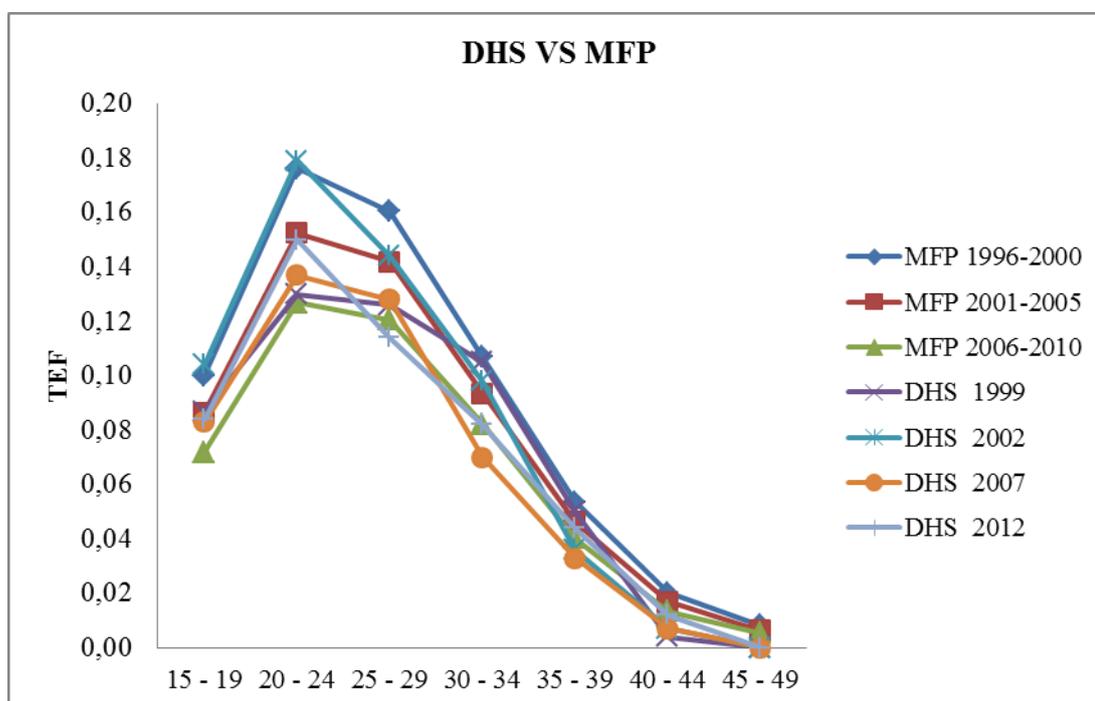
Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ONE, Revisión 2014

Tabela A1- Relação percentual das taxas específicas de fecundidade e das taxas de fecundidade total da República Dominicana entre as diferentes fontes de estimativa, 1995-2010

Idade	MPF/DHS			MFP/PROJ 2014			DHS/PROJ 2014		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1995	2000	2005	1995	2000	2005
15 - 19	113,196	82,586	85,000	98,919	92,293	85,371	87,387	111,753	100,437
20 - 24	122,222	85,316	87,763	101,410	95,129	88,228	82,972	111,502	100,529
25 - 29	126,202	99,103	91,591	113,370	102,937	88,636	89,833	103,868	96,774
30 - 34	112,105	95,155	115,507	107,903	107,326	101,142	96,251	112,791	87,563
35 - 39	112,041	112,683	118,485	130,095	111,594	108,914	116,114	99,034	91,922
40 - 44	273,750	223,750	171,250	172,441	175,490	109,600	62,992	78,431	64,000
45 - 49	890,000	680,000	570,000	261,765	261,538	356,250	29,412	38,462	62,500
Total	122,530	94,438	96,678	109,372	101,939	92,681	89,262	107,942	95,866

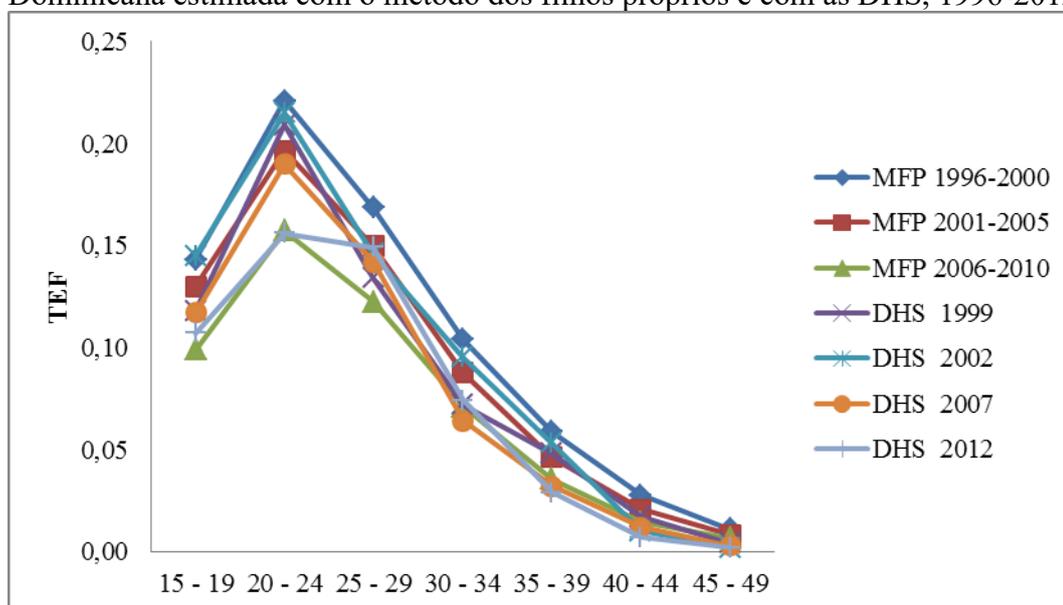
Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ONE, Revisión 2014; USAID, DHS 1999, DHS 2002, DHS 2007, DHS 2012

Gráfico A3- Taxas específicas de fecundidade das nativas na área urbana da República Dominicana estimada com o método filhos próprios e com as DHS, 1996-2012



Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ONE, Revisión 2014; USAID, DHS 1999, DHS 2002, DHS 2007, DHS 2012

Gráfico A4- Taxas específicas de fecundidade das nativas na área rural da República Dominicana estimada com o método dos filhos próprios e com as DHS, 1996-2012



Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ONE, Revisión 2014; USAID, DHS 1999, DHS 2002, DHS 2007, DHS 2012

Tabela A2- Relação percentual entre as estimativas do MFP e das DHS das taxas específicas e total de fecundidade das nativas na República Dominicana por área de residência, 1996-2010

Idade	Urbana			Rural		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15 - 19	114,943	83,077	86,747	121,356	89,586	84,444
20 - 24	135,615	85,140	92,555	105,742	91,442	82,737
25 - 29	127,381	98,542	94,141	125,821	102,534	86,197
30 - 34	101,714	95,510	117,429	144,444	92,316	110,781
35 - 39	107,200	128,611	121,818	122,083	86,981	110,938
40 - 44	505,000	242,857	192,857	161,765	206,000	120,833
45 - 49	275,000	410,000	216,667
Total	124,637	95,768	100,594	121,924	95,922	90,318

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ONE, Revisión 2014; USAID, DHS 1999, DHS 2002, DHS 2007, DHS 2012

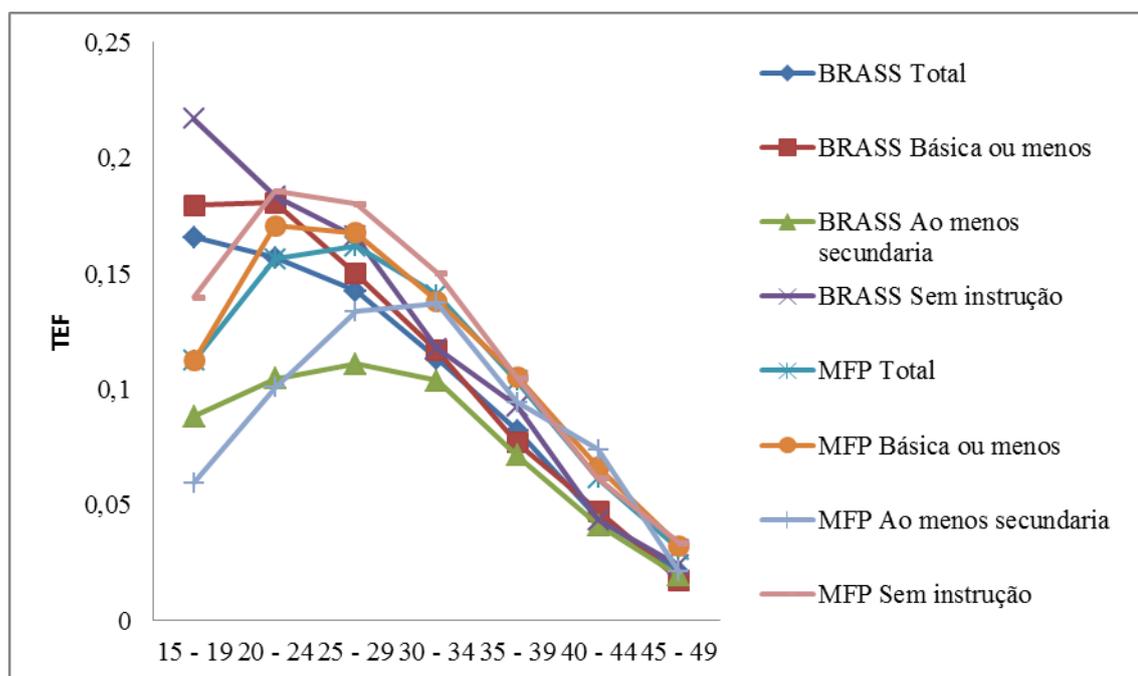
Tabela A3- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas na República Dominicana por nível educativo

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010			
	Total	Básica ou menos	Ao menos secundaria	Sem instrução
15 - 19	67,762	63,408	75,082	48,755
20 - 24	87,454	76,107	92,992	72,011
25 - 29	92,759	79,827	100,964	72,059
30 - 34	96,980	84,511	106,086	82,711
35 - 39	101,940	93,768	108,887	81,426
40 - 44	129,776	132,535	128,683	112,428
45 - 49	288,984	291,102	286,026	212,147
Total	88,609	75,883	97,207	68,263

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

2-Haitianas residentes na República Dominicana

Gráfico A5- Taxas específicas de fecundidade ajustada por P/F e estimada com o MFP das nativas no Haiti residente na República Dominicana por nível de instrução, 2010



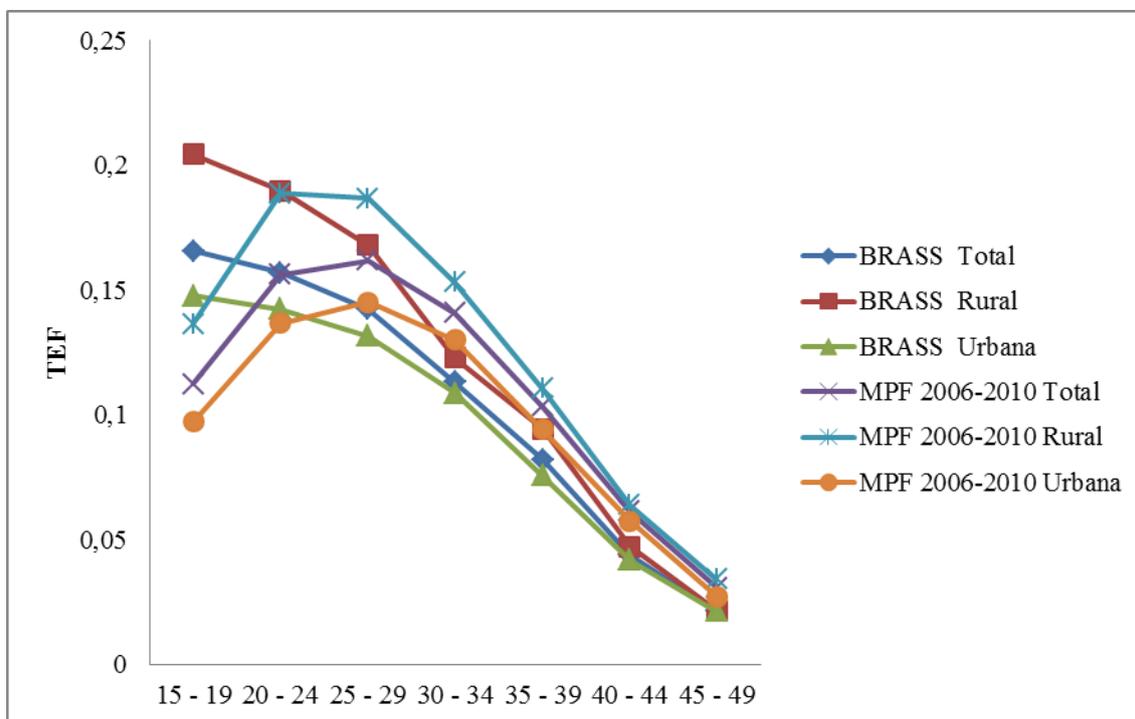
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A4- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por nível educativo

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010			
	Total	Básica ou menos	Ao menos secundária	Sem instrução
15 - 19	67,890	62,562	67,417	64,377
20 - 24	99,614	94,441	96,497	101,163
25 - 29	113,529	111,800	120,476	108,491
30 - 34	124,662	118,072	132,118	127,813
35 - 39	125,799	136,982	132,165	113,096
40 - 44	139,722	140,349	178,943	140,931
45 - 49	144,389	187,322	107,433	141,405
Total	105,719	103,163	114,974	101,354

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A6- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F segundo área de residência, 1996-2010



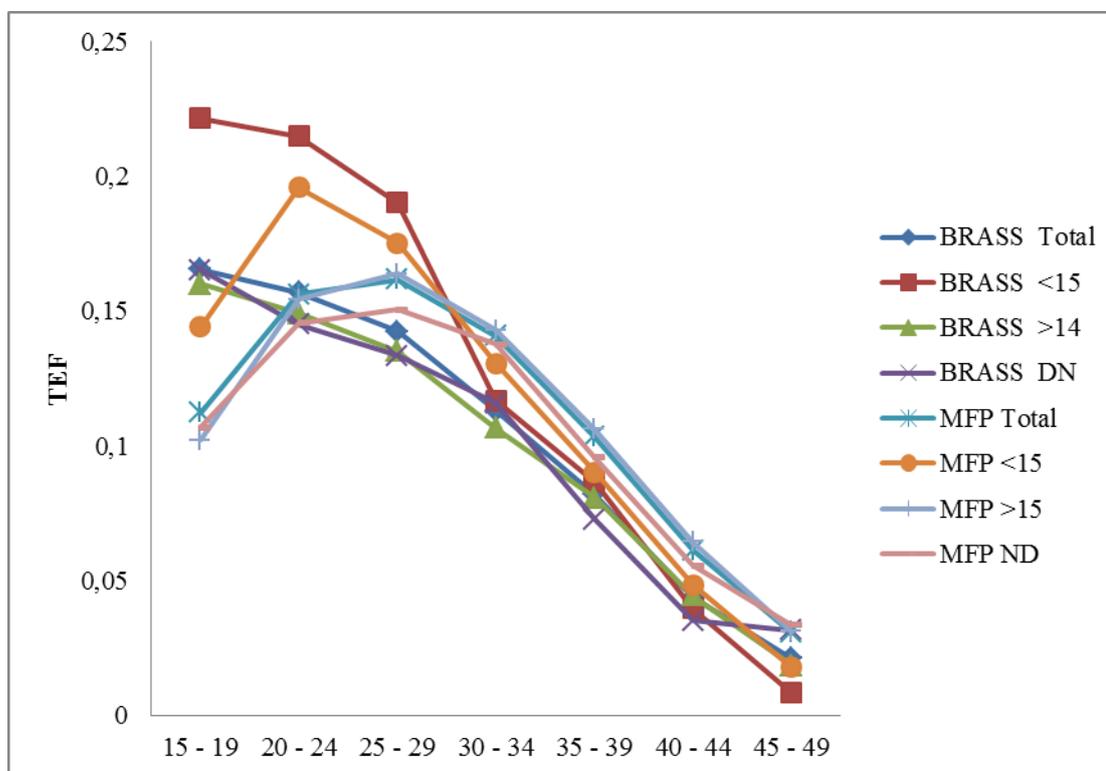
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A5- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por área de residência

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010		
	Total	Rural	Urbana
15 - 19	67,890	66,717	65,793
20 - 24	99,614	99,367	95,939
25 - 29	113,529	111,077	110,266
30 - 34	124,662	124,660	119,642
35 - 39	125,799	117,127	124,462
40 - 44	139,722	134,853	137,216
45 - 49	144,389	158,303	126,974
Total	105,719	102,936	102,749

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A7- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F por ciclo de chegada, 2006-2010



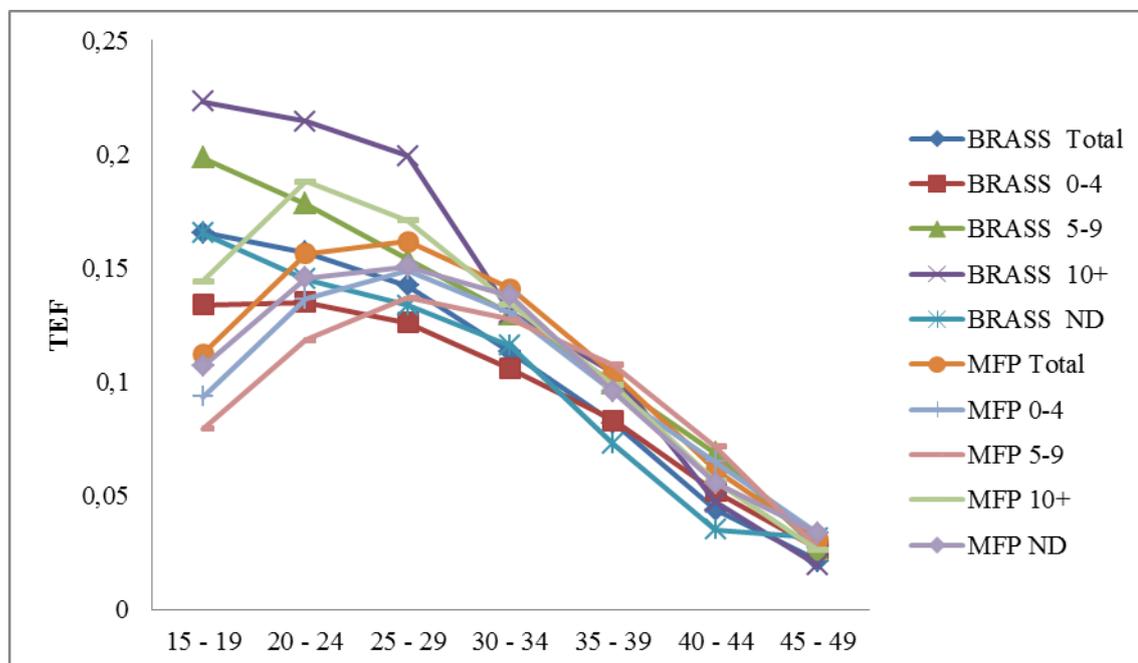
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A6- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por ciclo de chegada

Idade	BRASS			
	Total	Ante dos 14 anos	Depois dos 14 anos	Desconhecido
15 - 19	67,890	65,049	63,791	64,715
20 - 24	99,614	91,185	103,489	100,297
25 - 29	113,529	92,141	121,396	112,826
30 - 34	124,662	111,743	134,115	118,947
35 - 39	125,799	104,066	131,401	131,778
40 - 44	139,722	122,184	144,980	158,186
45 - 49	144,389	211,420	168,494	105,856
Total	105,719	91,351	110,174	103,811

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

GRÁFICO 8A- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F por tempo de residência, 2006-2010



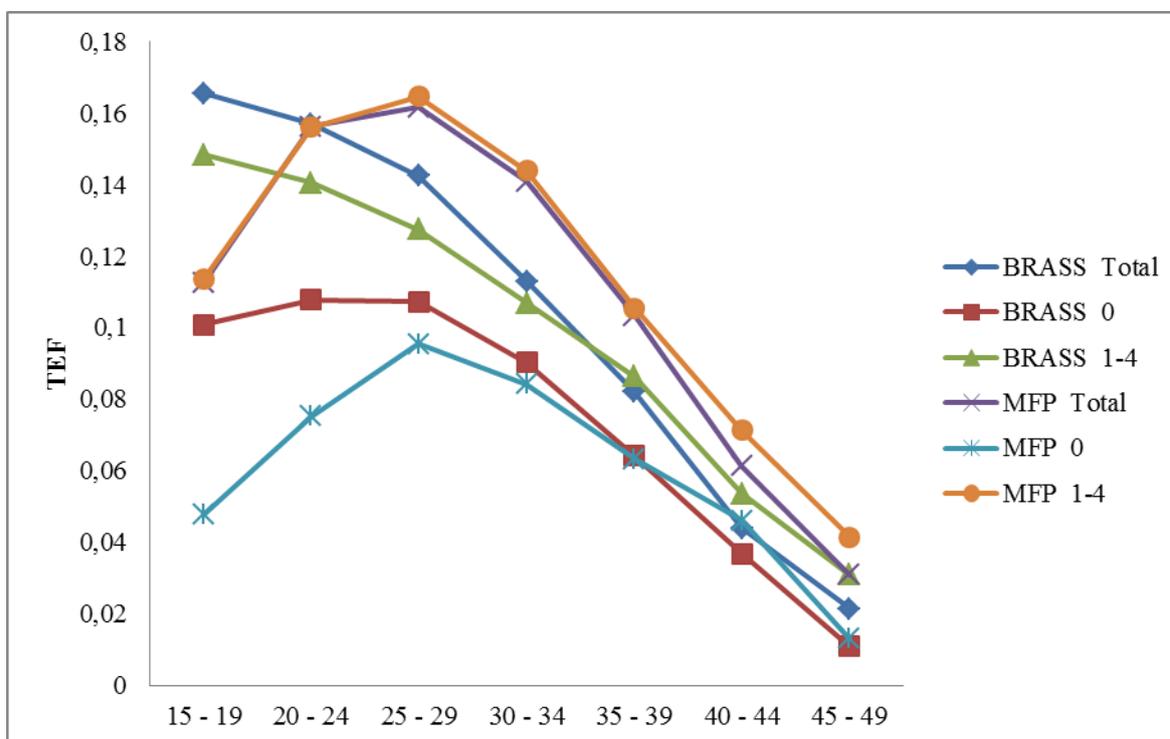
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A7- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por tempo de residência

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010				
	Total	0-4	5-9	10+	Desconhecido
15 - 19	67,890	69,895	40,046	64,726	64,715
20 - 24	99,614	101,060	66,582	87,633	100,297
25 - 29	113,529	118,473	89,106	85,854	112,826
30 - 34	124,662	123,364	98,451	103,037	118,947
35 - 39	125,799	115,195	108,314	95,118	131,778
40 - 44	139,722	125,295	103,989	119,238	158,186
45 - 49	144,389	126,286	100,171	135,009	105,856
Total	105,719	106,316	78,220	87,350	103,811

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A9- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F por tempo de residência, 2006-2010



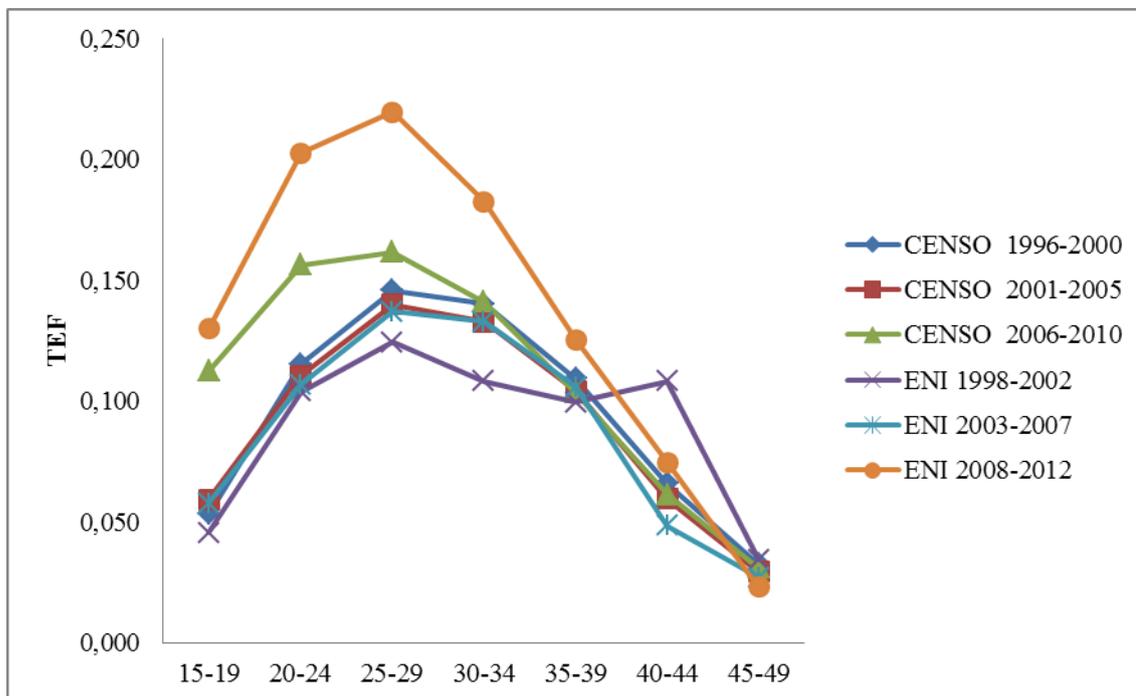
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A8- Relação percentual entre a estimativado MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por tempo de residência

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010		
	Total	0	1-4
15 - 19	67,890	47,221	76,483
20 - 24	99,614	69,827	111,078
25 - 29	113,529	88,911	129,277
30 - 34	124,662	93,240	134,657
35 - 39	125,799	98,481	122,186
40 - 44	139,722	125,665	132,951
45 - 49	144,389	119,507	134,208
Total	105,719	82,010	114,750

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

GRÁFICO A10- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios, 1996-2012



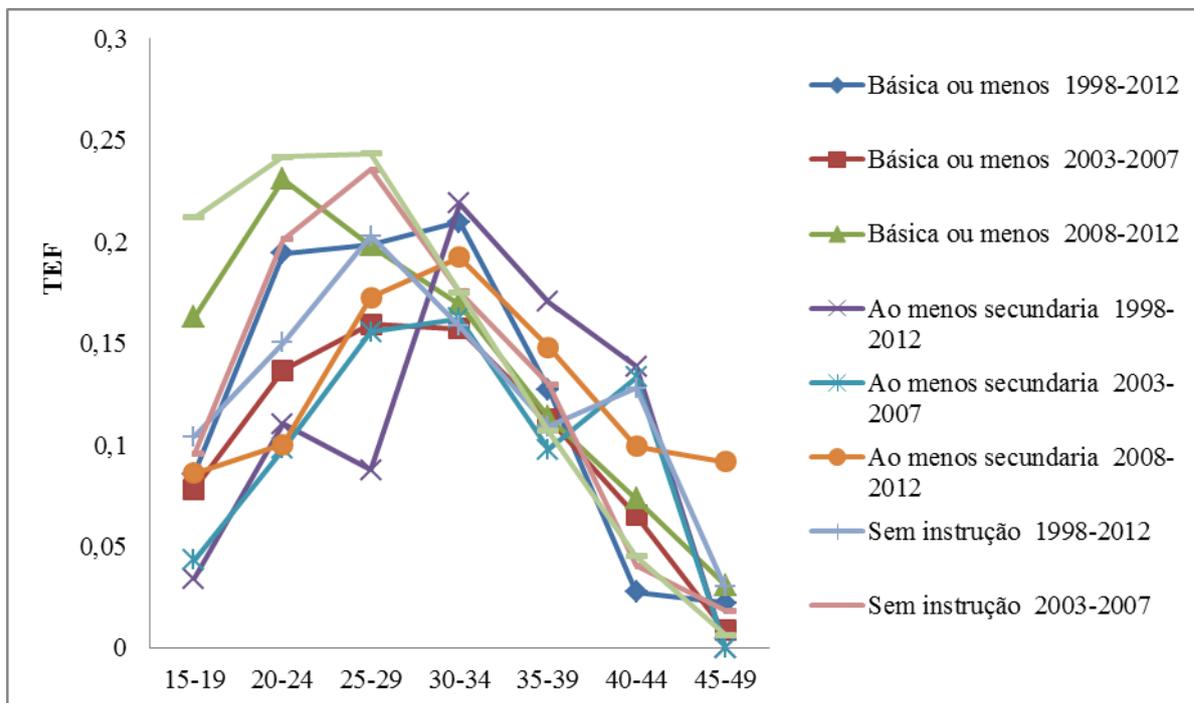
Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

Tabela A9- Relação percentual entre as estimativas do Censo 2010 e das ENI-2012 com o método dos filhos próprios para as nativas do Haiti residentes na República Dominicana, 1996-2012

Idade	CENSO-2010/ENI-2012		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	117,181	103,130	86,528
20-24	111,068	103,368	77,147
25-29	117,122	102,115	73,634
30-34	129,482	99,925	77,163
35-39	109,960	98,582	82,376
40-44	60,665	122,981	82,282
45-49	94,767	108,955	134,498
TFT	106,089	103,273	80,072

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

Gráfico A11- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos nível de por instrução, 1998-2012



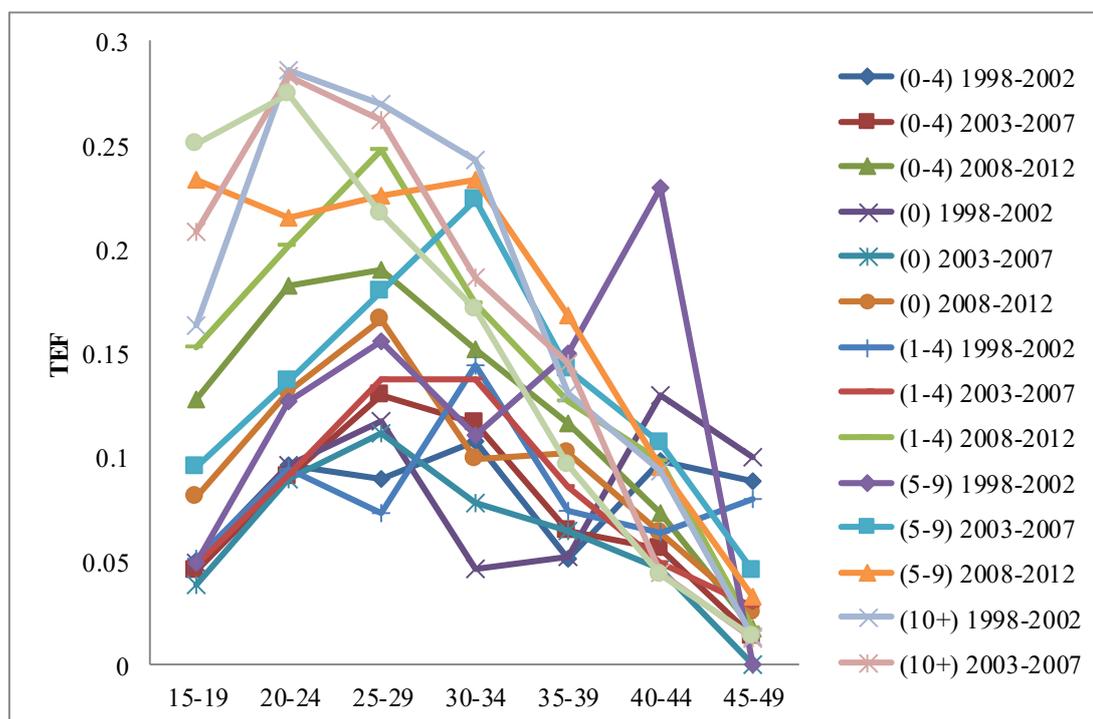
Fonte: ENI-2012

Tabela 10A- Relação percentual entre as estimativas do Censo 2010 e da ENI-2012 com o MFP das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por nível educativo

Idade	MFP CENSO-2010/MFP ENI-2012									Total		
	Básica u menos			Ao menos secundária			Sem instrução					
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	70,314	83,653	68,896	87,427	73,380	69,070	62,885	81,067	65,865	117,181	103,130	86,528
20-24	64,830	90,044	73,949	80,344	76,224	100,599	81,649	62,823	76,726	111,068	103,368	77,147
25-29	79,022	87,962	84,646	143,086	79,936	77,507	71,880	63,694	73,993	117,122	102,115	73,634
30-34	64,364	84,214	81,501	57,907	74,846	71,273	91,225	78,278	85,837	129,482	99,925	77,163
35-39	92,616	92,560	92,619	50,968	85,481	63,673	99,908	84,361	98,219	109,960	98,582	82,376
40-44	226,812	106,279	90,463	23,648	29,279	74,346	55,590	144,417	135,619	60,665	122,981	82,282
45-49	114,798	245,349	104,854							94,767	108,955	134,498
TFT	79,054	91,342	80,969	66,452	71,201	69,668	78,729	77,379	82,983	106,089	103,273	80,072

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

Gráfico A12- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios por tempo de residência, 2006-2010



Fonte: ENI-2012

Tabela A11- Relação percentual entre as estimativas com o Censo 2010 e a ENI-2012 a través do MFP das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2012

Idade	MFP CENSO-2010/MFP ENI-2012								
	0-4			0			1-4		
	1998-2002	2003-2007	2008-2012	1998-2002	2003-2007	2008-2012	1998-2002	2003-2007	2008-2012
15-19	54,447	44,024	86,188	46,735	47,301	58,693	50,591	68,344	74,426
20-24	53,610	56,496	87,717	48,651	48,993	57,175	59,640	67,398	77,316
25-29	57,020	54,588	92,441	54,444	50,766	57,574	92,022	54,778	66,545
30-34	65,948	65,157	97,171	144,685	74,903	85,035	52,497	58,048	82,806
35-39	95,392	71,168	109,101	94,253	78,660	62,327	91,204	71,663	83,452
40-44	82,174	120,520	135,983	17,398	62,796	73,175	73,502	96,091	72,829
45-49	97,253	324,324	302,727	17,618		51,190	22,222	102,545	235,795
TFT	66,782	66,455	99,635	49,038	63,863	63,660	61,509	66,945	78,272

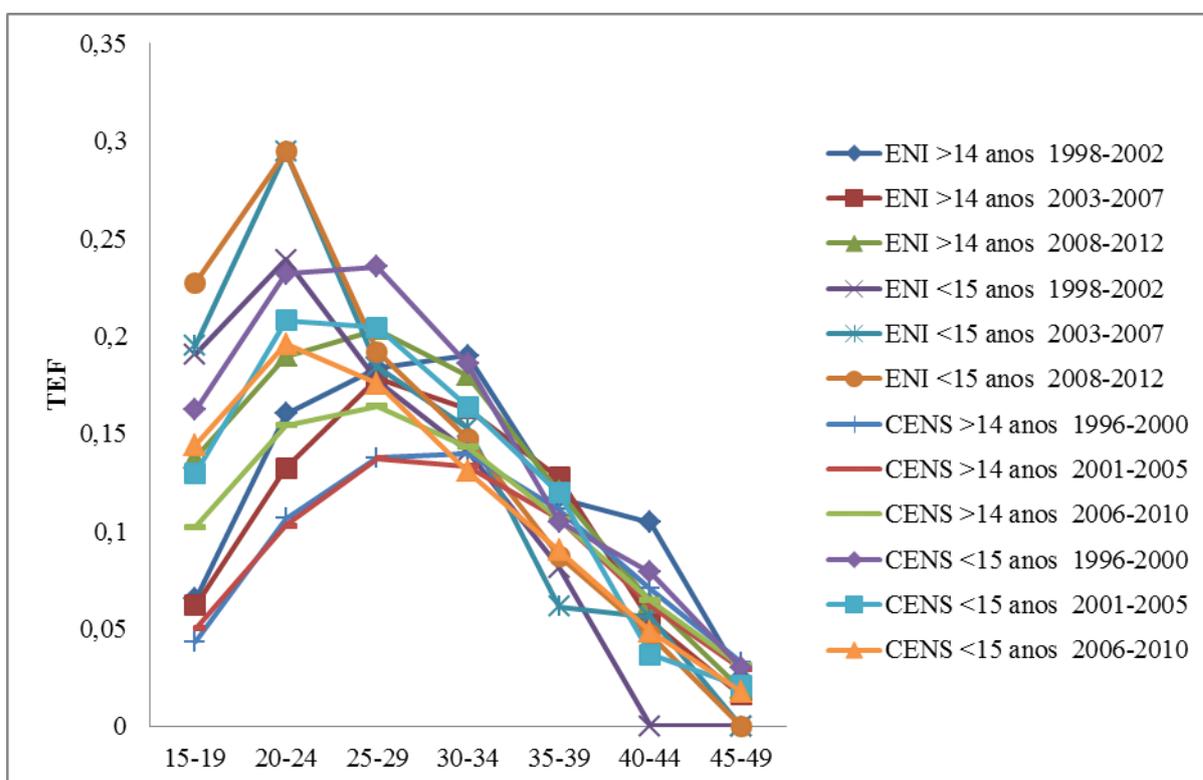
Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-20

Tabela A11- Relação percentual entre as estimativas com o Censo 2010 e a ENI-2012 a través do MFP das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por tempo de residência, 1996-2012

Idade	MFP CENSO-2010/MFP ENI-2012					
	5-9			10+		
	1998-2002	2003-2007	2008-2012	1998-2002	2003-2007	2008-2012
15-19	84,221	83,949	67,196	0,072	0,065	0,058
20-24	65,008	87,014	88,304	0,067	0,067	0,068
25-29	59,987	76,238	80,479	0,078	0,078	0,079
30-34	78,771	57,041	70,712	0,076	0,091	0,079
35-39	47,189	75,935	75,805	0,102	0,086	0,103
40-44	20,654	67,389	87,474	0,090	0,138	0,129
45-49		58,407	131,481	0,281	0,246	0,198
TFT	53,955	72,073	78,677	0,080	0,080	0,077

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

Gráfico A13- Taxas específicas de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios por ciclo de chegada, 1996-2012



Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

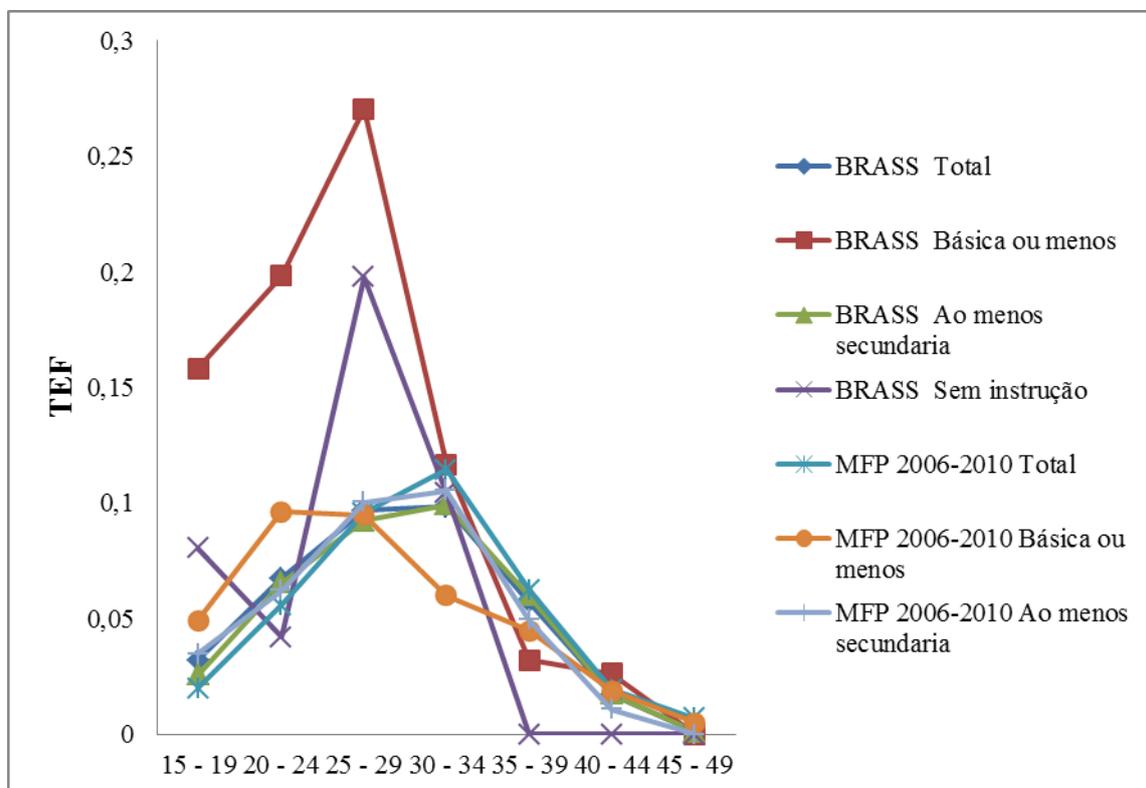
Tabela A12- Relação percentual entre as estimativas com o Censo 2010 e a ENI-2012 a través do MFP das taxas específicas e total de fecundidade das nativas no Haiti residentes na República Dominicana por ciclo de chegada, 1996-2012

Idade	CENSO-2010/ENI-2012					
	>14 anos			<15 anos		
	1996-2000	2001-2005	2006-2010	1996-2000	2001-2005	2006-2010
15-19	66,513	80,775	74,255	85,055	66,359	63,468
20-24	66,438	77,853	81,339	96,947	70,662	66,553
25-29	74,850	76,979	80,590	133,070	111,087	91,402
30-34	73,593	81,768	79,533	131,867	106,998	88,610
35-39	95,034	83,673	88,270	129,223	194,951	103,678
40-44	67,273	114,684	101,099		65,714	103,412
45-49	131,727	182,099	161,658			
TFT	75,862	84,758	83,746	124,178	93,491	80,669

Fonte: ONE, IXCNPV 2010; ENI-2012

3-Estrangeiras naturais de outros países diferentes ao Haiti

Gráfico A14- Taxas específicas de fecundidade ajustada por P/F das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por nível de instrução, 2006-2010



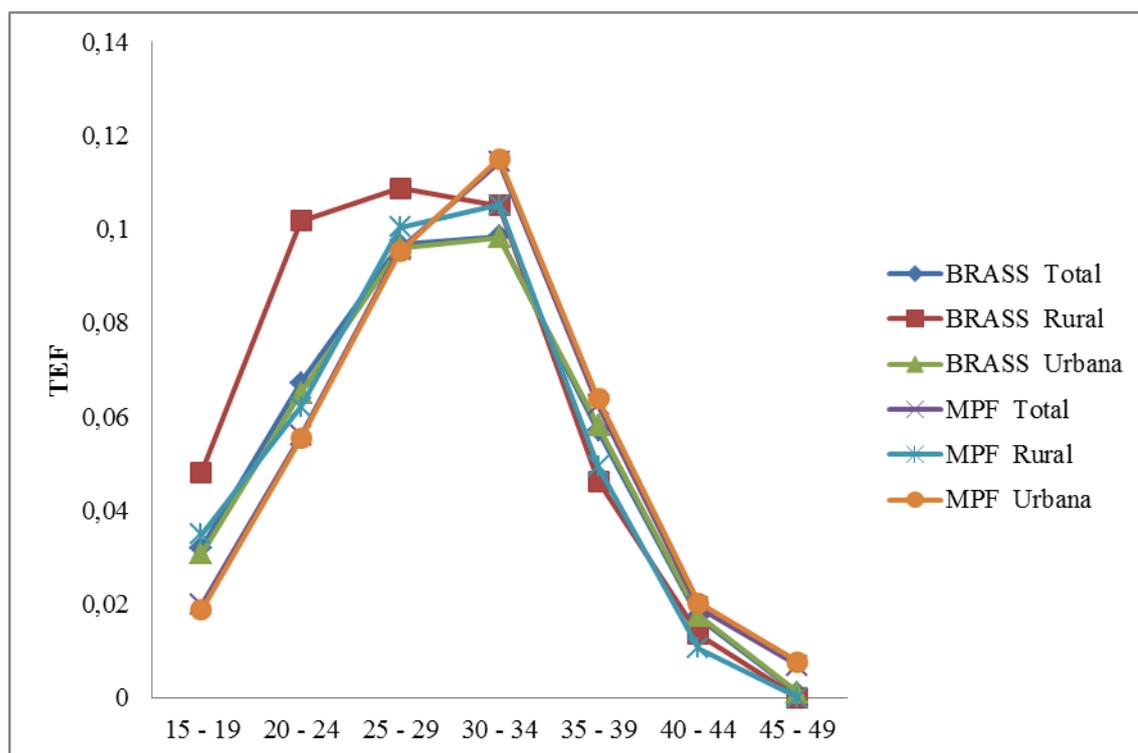
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A13- Relação percentual entre a estimativa de MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por nível educativo

Idade	MFP-2006-2010/BRASS		
	Total	Básica ou menos	Ao menos secundaria
15 - 19	62,182	31,099	136,282
20 - 24	83,083	48,440	94,704
25 - 29	98,904	35,086	108,827
30 - 34	116,158	51,422	106,006
35 - 39	109,553	139,721	82,413
40 - 44	113,005	71,888	61,241
45 - 49	721,790		0,000
Total	101,303	45,954	100,457

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A15- Taxas específicas de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F segundo área de residência, 1996-2010



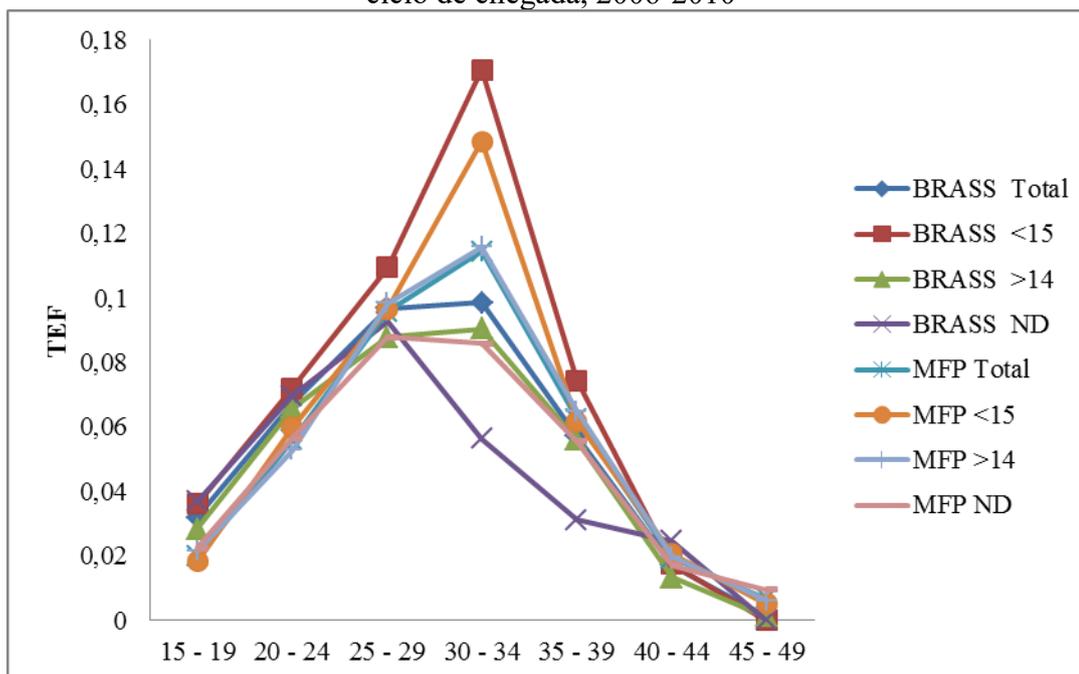
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A14- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por área de residência

Idade	MFP 2006-2010/BRASS CENSO 2010		
	Total	Rural	Urbana
15 - 19	62,182	72,592	61,149
20 - 24	83,083	61,031	85,107
25 - 29	98,904	92,312	99,219
30 - 34	116,158	100,161	117,151
35 - 39	109,553	106,975	109,783
40 - 44	113,005	78,200	115,538
45 - 49	721,790		724,522
Total	101,303	85,649	102,557

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A16- Taxas específicas de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F ciclo de chegada, 2006-2010



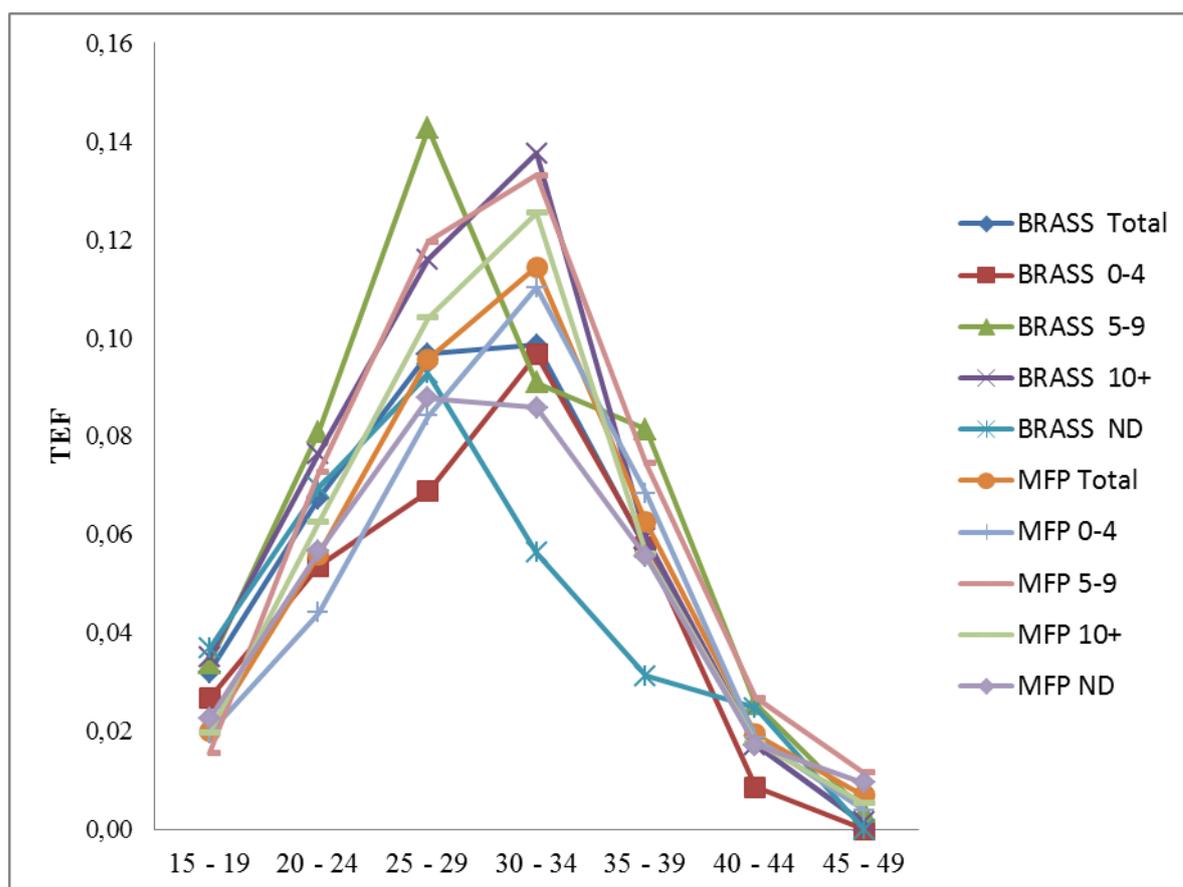
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A15- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por ciclo de chegada

Idade	MFP-2006-2010/BRASS			
	Total	<15	>14	Desconhecido
15 - 19	62,182	50,566	75,865	61,147
20 - 24	83,083	83,188	80,186	81,207
25 - 29	98,904	88,256	111,908	94,773
30 - 34	116,158	87,056	128,047	152,565
35 - 39	109,553	82,766	115,900	178,151
40 - 44	113,005	119,010	147,527	69,446
45 - 49	721,790		511,547	
Total	101,303	85,565	110,504	107,630

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A17- Taxas específicas de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F por tempo de residência, 2006-2010



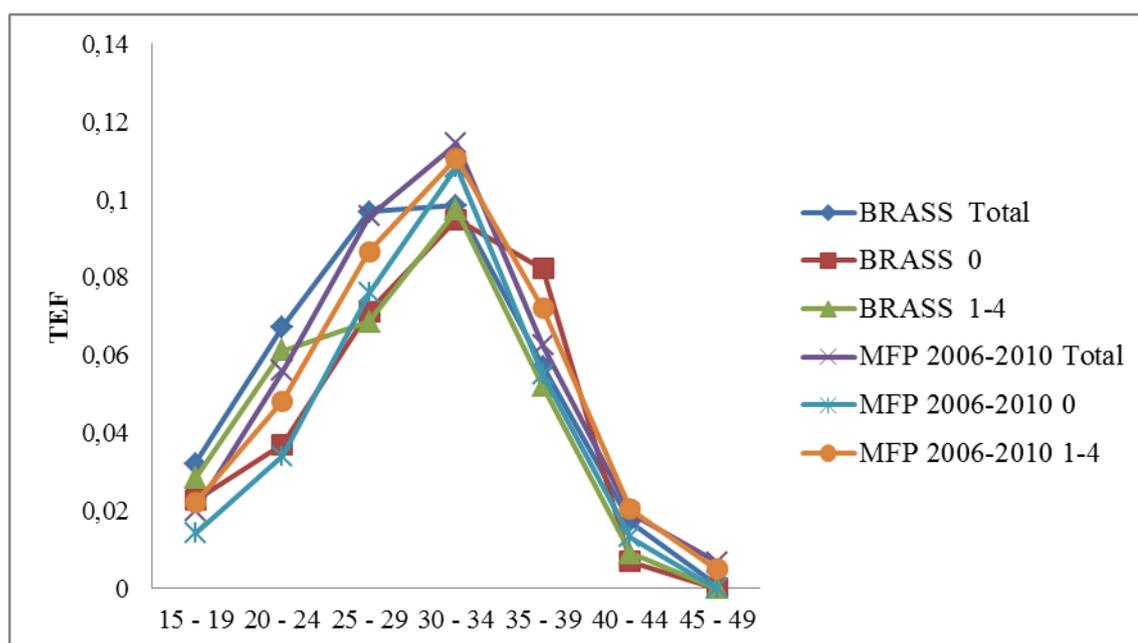
Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A16- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência

Idade	MFP-2006-2010/BRASS				
	Total	0-4	5-9	10+	Desconhecido
15 - 19	62,182	73,143	46,082	58,272	61,147
20 - 24	83,083	82,183	89,732	77,249	81,207
25 - 29	98,904	122,349	83,846	72,980	94,773
30 - 34	116,158	114,208	146,407	138,047	152,565
35 - 39	109,553	118,838	91,620	68,992	178,151
40 - 44	113,005	217,078	105,000	69,607	69,446
45 - 49	721,790		317,616	146,379	
Total	101,303	111,868	98,927	85,264	107,630

Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Gráfico A18- Taxas específicas de fecundidade das estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana estimadas com o método dos filhos próprios e as ajustadas com o P/F por tempo de residência, 2006-2010



Fonte: ONE, IXCNPV 2010

Tabela A17- Relação percentual entre a estimativa do MFP para o período 2006-2010 e das ajustadas com o método P/F das taxas específicas e total de fecundidade estrangeiras não haitianas residentes na República Dominicana por tempo de residência

Idade	MFP-2006-2010/BRASS		
	Total	0	1-4
15 - 19	62,182	62,013	77,856
20 - 24	83,083	91,864	78,744
25 - 29	98,904	106,833	126,570
30 - 34	116,158	114,303	113,746
35 - 39	109,553	66,835	138,518
40 - 44	113,005	190,968	227,028
45 - 49	721,790		
Total	101,303	95,474	115,433

Fonte: ONE, IXCNPV 2010